



**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

**O FUTEBOL COMO CARREIRA, A ESCOLA COMO OPÇÃO: O DILEMA DO
JOVEM ATLETA EM FORMAÇÃO**

HUGO PAULA ALMEIDA DA ROCHA

Rio de Janeiro, 2017

HUGO PAULA ALMEIDA DA ROCHA

**O FUTEBOL COMO CARREIRA, A ESCOLA COMO OPÇÃO: O DILEMA DO
JOVEM ATLETA EM FORMAÇÃO**

Tese de Doutorado Apresentada
como Requisito Parcial à Obtenção do Título de
Doutor em Educação
Programa de Pós-graduação em Educação
Faculdade de Educação
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientador: Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares

Rio de Janeiro, 2017



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

A Tese intitulada "O Futebol como Carreira, a Escola como Opção: o dilema do jovem atleta em formação"

Doutorando(a): **Hugo Paula Almeida da Rocha**

Orientador(a) pelo(a): **Prof. Dr. Antônio Jorge Gonçalves Soares (UFRJ)**

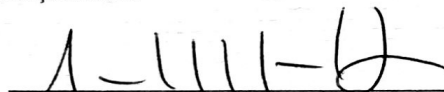
E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa, como requisito parcial à obtenção do título de

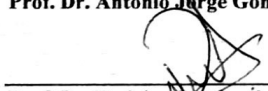
DOUTOR EM EDUCAÇÃO


Rio de Janeiro, 28 de março de 2017.

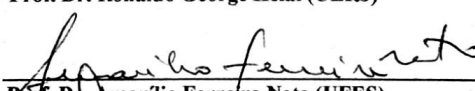
Banca Examinadora:


Presidente:


Prof. Dr. Antônio Jorge Gonçalves Soares (UFRJ)


Prof. Dr. Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato (UFRJ)


Prof. Dr. Ronaldo George Helal (UERJ)


Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto (UFES)


Prof. Dr. Marco Antônio Santoro Salvador (PEDRO II)

CIP - Catalogação na Publicação

R672f Rocha, Hugo Paula Almeida da
 O Futebol como Carreira, a Escola como Opção: o
 dilema do jovem atleta em formação / Hugo Paula
 Almeida da Rocha. -- Rio de Janeiro, 2017.
 289 f.

 Orientador: Antonio Jorge Gonçalves Soares.
 Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
 de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós
 Graduação em Educação, 2017.

 1. Educação. 2. Dupla Carreira. 3. Esporte e
 Escola. 4. Trabalho e Escola. 5. Escolarização. I.
 Soares, Antonio Jorge Gonçalves, orient. II. Título.

SUMÁRIO

ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	6
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	7
LISTA DE TABELAS	8
LISTA DE GRÁFICOS	9
LISTA DE QUADROS	10
LISTA DE SIGLAS.....	11
AGRADECIMENTOS	12
RESUMO	13
ABSTRACT.....	14
RESUMEN	15
 CAPÍTULO I: O PROBLEMA	 16
1. INTRODUÇÃO	17
1.1 A HISTÓRIA DO PROJETO DE PESQUISA E AS CONSEQUÊNCIAS DA DUPLA CARREIRA	22
1.2 CLUBE FORMADOR: A QUESTÃO DA LEGALIDADE E LEGITIMIDADE DO PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO DE JOVENS ATLETAS	37
<i>1.2.1 O Clube Formador: uma ferramenta legal</i>	<i>42</i>
1.3 PROBLEMA	54
1.4 OBJETIVOS.....	60
<i>1.4.1 Objetivo Geral.....</i>	<i>60</i>
<i>1.4.2 Objetivos Específicos</i>	<i>60</i>
 CAPITULO II: FORMANDO A HIPÓTESE, APRESENTANDO AS QUESTÕES E OS MÉTODOS.....	 61
2. APRESENTAÇÃO	62
2.1 AS CARACTERÍSTICAS DO FUTEBOL: SEDUÇÃO E ILUSÃO	63
<i>2.1.1 O futebol seduz no espetáculo</i>	<i>71</i>
2.2 PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO: IGUALDADE, JUSTIÇA E OPORTUNIDADES ESCOLARES	77
<i>2.2.1 Desigualdades de Oportunidades Escolares.....</i>	<i>82</i>
2.3 HIPÓTESE E QUESTÕES.....	90

2.4 OBJETO DE ESTUDOS, INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS E PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	92
2.5 MODELO HIPOTÉTICO, TIPOS IDEAIS E PERFIL DOS ATLETAS.....	95
<i>Os tipos ideais na dupla carreira.....</i>	<i>98</i>
<i>Perfil dos sujeitos.....</i>	<i>99</i>
2.6 CONCEITOS E OPERAÇÕES.....	110
 CAPÍTULO III: OS RESULTADOS.....	 112
3. APRESENTAÇÃO.....	113
3.1 A CONCILIAÇÃO DAS ROTINAS NO FUTEBOL E NA ESCOLA.....	114
<i>3.1.1 Tempo de Permanência na Escola versus Tempo de Treinamento.....</i>	<i>121</i>
3.2 O PAPEL DO CLUBE NA MEDIAÇÃO DA DUPLA CARREIRA.....	132
3.3 O FUTEBOL COMO CARREIRA.....	145
<i>3.3.1 O projeto individual de carreira do jovem atleta.....</i>	<i>154</i>
3.4 A ESCOLA COMO OPÇÃO.....	186
<i>3.4.1 Os jovens atletas e as expectativas de escolarização.....</i>	<i>190</i>
 CAPÍTULO IV: DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 213
4. APRESENTAÇÃO.....	214
4.1 DISCUTINDO A DUPLA CARREIRA.....	221
4.2 DISCUTINDO A ATUAÇÃO DOS JOVENS ATLETAS DIANTE DAS OPORTUNIDADES NA DUPLA CARREIRA.....	232
<i>4.2.1 Contexto de escolhas e atuação diante das oportunidades.....</i>	<i>237</i>
4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	244
 REFERÊNCIAS.....	 257
ANEXOS.....	274
ANEXO I – QUESTIONÁRIO SURVEY.....	275
ANEXO II – ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS ATLETAS.....	282
ANEXO III – NOVO SURVEY.....	284

ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	p. 152
Ilustração 2	p. 153

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Cor de pele	p. 101
Tabela 2. Estimativa de Renda Familiar por Corte de Classe	p. 103
Tabela 3. Escolaridade dos Pais	p. 105
Tabela 4. Expectativa de Estudos dos Atletas	p. 108
Tabela 5. Relação de Jovens Atletas Matriculados na Escola	p. 115
Tabela 6. Índice de Matrícula	p. 116
Tabela 7. Índice de Frequência	p. 117
Tabela 8. Índice de Jornada	p. 118
Tabela 9. Índice de Permanência na Escola	p. 119
Tabela 10. Reprovações e Evasão Escolar na Categoria Sub-15	p. 187
Tabela 11. Reprovações e Evasão Escolar na Categoria Sub-17	p. 189

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Salário dos Jogadores em 2016	p. 69
Gráfico 2. Salário dos Jogadores em 2016: Percentual	p. 69
Gráfico 3. Transferências no Futebol Brasileiro	p. 73
Gráfico 4. Valores das Transferências	p. 74
Gráfico 5. Ano de Nascimento	p. 100
Gráfico 6. Cor de Pele	p. 102
Gráfico 7. Estimativa de Nível Socioeconômico	p. 103
Gráfico 8. Escolaridade da Mãe e do Pai	p. 105
Gráfico 9. Expectativa de Atividade Após o Ensino Médio	p. 107
Gráfico 10. Jornada Escolar vs. Tempo de Permanência na Escola	p. 120
Gráfico 11. Tempo de Deslocamento	p. 122
Gráfico 12. Turno Escolar	p. 123
Gráfico 13. Jornada de Treinamento	p. 124
Gráfico 14. Jornada Escolar vs. Jornada de Treinamento	p. 125
Gráfico 15. Jornada Semanal: Escola vs. Futebol	p. 126
Gráfico 16. Jornada de Treinamento vs. Tempo de Permanência na Escola	p. 127
Gráfico 17. Jornada Semanal: Futebol vs. Tempo de Permanência na Escola	p. 128
Gráfico 18. Atleta/Ano Escolar na Sub-15 em 2015	p. 187
Gráfico 19. Atleta/Ano Escolar na Sub-17 em 2015	p. 188

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação Candidato/Vaga no Futebol

p. 67

LISTA DE SIGLAS

ABEP – Associação Brasileira de Empresas e Pesquisas
CBF – Confederação Brasileira de Futebol
CCF – Certificado de Clube Formador
CLT – Consolidação das Leis do Trabalho
COORDINFÂNCIA – Coordenadoria Nacional de Combate à Exploração do Trabalho de Crianças e Adolescentes
DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
EJ – Estatuto da Juventude
EPT – Escola de Profissionais do Turfe
FERJ – Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IF – Índice de Frequência
IJ – Índice de Jornada
ILO – International Labour Organization
IM – Índice de Matrícula
IPE – Índice de Permanência na Escola
JR – Jornada de Referência
LABEC – Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LP – Lei Pelé
MPT – Ministério Público do Trabalho
ONU – Organização das Nações Unidas
PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego
PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
TPE – Tempo de Permanência na Escola
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família pelo apoio incondicional e irrestrito dispensado a mim. Aos meus pais, sobrinhos, irmãos, tios e primos, meu sincero “muito obrigado”.

Agradeço ao Professor Doutor Antonio Jorge Gonçalves Soares pela paciência e pela amizade nessa trajetória acadêmica.

Agradeço ao supervisor da categoria de base e aos funcionários do clube onde realizei a investigação. O acolhimento foi fundamental para o resultado dessa pesquisa.

Aos professores Rodrigo Rosistolato e Ronaldo Helal, agradeço as colocações sempre pertinentes na qualificação dessa tese. E ao professor Marco Antonio Carneiro Silva por todo auxílio no campo de pesquisa.

Agradeço aos professores do PPGE pelas disciplinas ministradas, de grande importância à minha formação. À Solange Rosa, deixarei muito mais que um agradecimento: o PPGE não seria o mesmo sem você.

Agradeço aos meus colegas de trabalho por toda paciência que tiveram: Miguel, Marcela, Dora, Nathalia, Luiz e Andreza, obrigado. Ao professor Venício, agradeço, também, o excelente trabalho de revisão feito nessa tese.

Às bolsistas e orientandas, agradeço a disposição para o trabalho. Larissa e Mariana, obrigado.

Agradeço aos amigos do LABEC pelas discussões, orientações e a amizade: Fabio Brandolin, Leo Melo, André, Romão e Carlus.

Aos meus velhos amigos, mais uma vez, meu afastamento não foi por desinteresse. Agradeço a confiança: Pedro Ivo, Natália Lacerda, Christina, Stélio, Stelma, Rafael, Dorian, Thiago, Eduardo, Leandro, Raisal e os demais.

Finalmente, agradeço à Isabella pelo companheirismo e a pouca paciência, porém, necessária para acompanhar essa trajetória juntos. Um enorme beijo.

RESUMO

ROCHA, H. P. A. da. O Futebol como Carreira, a Escola como Opção: o dilema do jovem atleta em formação. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

A escolarização de atletas é tema recorrente nas pesquisas do Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC) e uma preocupação latente em estudos internacionais. Tais investigações partem da premissa de que o esporte pode ser empecilho para a escolarização básica de jovens que investem nessa dupla carreira. A intenção dessa tese é a de contextualizar o processo de investimento no esporte a partir da análise de dados sobre a conciliação e o projeto individual de carreira de jovens atletas de futebol. O Objetivo central desse trabalho foi de analisar como os jovens atletas observam as oportunidades de profissionalização através do esporte e da escola, atuando e estruturando seu planejamento para o curso de vida. Partimos da hipótese de que esporte e escola são variáveis que são influenciadas pelas mesmas condições de contexto a que os jovens atletas estão inseridos, a saber: o contexto socioeconômico, de oportunidades e afetivo. Para responder às questões do estudo, realizamos o preenchimento de um questionário do tipo survey, com 62 jovens atletas, e uma série de 10 entrevistas semiestruturadas com jovens atletas de um clube tradicional de futebol do Rio de Janeiro. Destacamos que esses jovens participantes da pesquisa eram residentes no alojamento do próprio clube. Além disso, fizemos entrevistas com dois funcionários responsáveis pelo departamento que faz a mediação da dupla carreira do jovem atleta dentro do clube. Os resultados nos permitiram desconstruir a ideia de que o futebol pudesse atrapalhar a performance acadêmica dos jovens atletas no quesito tempo de permanência na escola. Vimos que o tempo de permanência na escola diminuía conforme os atletas migravam para o ensino noturno, porém, mostramos que essa variação poderia acontecer por desestruturação da escola. Somado a esses dados, observamos que a dupla carreira possuía entraves para a conciliação para todos os atores envolvidos, como clube, escola e o próprio atleta. Por fim, demonstramos que os jovens atletas de futebol que investigamos investiam no futebol por perceberem oportunidades de profissionalização mais exequíveis que na formação escolar. Além disso, sugerimos que o maior investimento no futebol poderia também ser reforçado por conta do desinvestimento que a instituição escolar fazia no projeto de escolarização para os jovens atletas.

Palavras-chave: Educação, Futebol, Escolarização, Jovens Atletas.

ABSTRACT

Football as a career, school as an option: the dilemma of the young athlete in training

The schooling of athletes is a recurrent theme in the researches of the Body Education Research Laboratory (BERL) and a latent concern in international studies. Those investigations start from the premise that sport can be an obstacle to the basic schooling of young people who invest in this double career. The intention of this thesis is to contextualize the investment process in sport from the data analysis on the conciliation and the individual career design of young soccer athletes. The main objective of this work is to analyze how the young athletes observe the opportunities of professionalization through sport and school, acting and structuring their planning for life. We start from the hypothesis that sports and school are variables that are influenced by the same conditions of context in which the young athletes are inserted, namely: the socioeconomic, opportunity and affective context. To answer the questions of the study, we completed a survey questionnaire with 62 young athletes and a series of 10 semi-structured interviews with young athletes from a traditional soccer club in Rio de Janeiro. We emphasize that these young participants in the survey were residents of the club's own accommodation. In addition, we conducted interviews with two department officials responsible for mediating the young athlete's dual career within the club. The results allowed us to deconstruct the idea that football could disrupt the academic performance of young athletes in terms of time spent in school. We saw that the length of time spent in school decreased as the athletes migrated to the night school; however, we showed that this variation could happen due to the restructuring of the school. In addition to these data, we observed that the double career had obstacles to conciliate for all the actors involved, such as club, school and the athlete himself. Finally, we show that the young soccer players that we investigated, had invested in soccer. Because they perceived more feasible opportunities of professionalization than in school education. In addition, we suggest that the greater investment in soccer could also be reinforced because of the disinvestment that the school institution did in the schooling project for the young athletes.

Keywords: Education, Football, Schooling, Young Athletes.

RESUMEN

El fútbol como una carrera, la escuela como una opción: el dilema del joven atleta en el entrenamiento

La escolarización de atletas es un tema recurrente en el Laboratorio de Investigación en Educación del Cuerpo (LIBEC) y una preocupación latente en estudios internacionales. Tales investigaciones parten de la premisa de que el deporte puede ser obstáculo para la educación básica de jóvenes que se dedican en esta doble carrera. La intención de esta tesis es contextualizar el proceso de dedicación en el deporte mediante el análisis de datos sobre la conciliación y el proyecto individual del joven en la carrera de jugador de fútbol. El objetivo central de este estudio fue analizar cómo los atletas jóvenes observan oportunidades profesionales a través de los deportes y de la escuela, actuando y estructurando su planificación para el curso de la vida. Nuestra hipótesis es que el deporte y la escuela son variables que son influenciados por las mismas condiciones de contexto que los atletas jóvenes se insertan, a saber: contexto socio-económico, de las oportunidades y afectivo. Para responder a las preguntas de la investigación, hicimos un cuestionario con 62 atletas jóvenes y una serie de 10 entrevistas semiestructuradas con los atletas jóvenes de un club de fútbol tradicional en Rio de Janeiro. Destacamos que los participantes de la investigación eran jóvenes residentes en el establecimiento del club. Además, hicimos entrevistas con dos agentes encargados del departamento que media la doble carrera del joven atleta en el club. Los resultados nos han permitido deconstruir la idea de que el fútbol podría obstaculizar el rendimiento académico de los jóvenes atletas en lo que se refiere al tiempo en que han pasado en la escuela. Hemos visto que el tiempo pasado en la escuela disminuyó a medida que los atletas migraron a la escuela nocturna, sin embargo, muestran que este cambio podría ser debido a que la escuela era disfuncional. Además de estos datos, se observa que la doble carrera tuvo obstáculos para la reconciliación de todos los actores involucrados, como club, la escuela y el propio atleta. Por último, demostramos que los jóvenes jugadores de fútbol que investigamos se dedican al fútbol por aprovechar las oportunidades de profesionalización más factibles a diferencia de la enseñanza escolar. Además, se sugiere que la mayor dedicación en el fútbol también podría reforzarse a causa de falta de dedicación que las escuelas hicieron en proyecto de la escuela para los atletas jóvenes.

Palabras clave: Educación, Fútbol, Escolarización, Los Jóvenes Atletas

CAPÍTULO I: O PROBLEMA

1. INTRODUÇÃO

O Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LABEC/UFRJ), vem se dedicando a investigações sobre a escolarização de jovens atletas desde o ano de 2007. Esse tema ganhou fôlego nas pesquisas do LABEC, pois se tratava de um problema de pesquisa que pouco vinha sendo abordado nos trabalhos da área da educação e da educação física no Brasil. Os textos produzidos a partir de nossas investigações refletiam uma preocupação latente em relação aos casos dos jovens que almejavam a profissionalização na carreira esportiva, em concomitância com a dedicação aos bancos escolares, a saber: nas pesquisas iniciais, havia uma tendência de que os jovens atletas investissem tempo e dedicação no esporte em detrimento do acompanhamento das obrigações escolares (SOUZA et. al. 2008; MELO, 2010, 2014, 2016; ROCHA et. al., 2011; ROCHA, 2013; SOARES, ROCHA, COSTA, 2012; CORREIA, 2014; COSTA E SILVA, 2016).

A linha argumentativa das pesquisas realizadas pelo LABEC não se diferenciava do que a literatura internacional indicava acerca da formação esportiva e escolar, quando essas aconteciam simultaneamente. Os dados dos estudos internacionais colocavam o esporte e a escola em um patamar de competição pelo mesmo público-alvo, deixando, sob a responsabilidade dos atores envolvidos nessa disputa, toda a mediação necessária à conciliação da dupla carreira (MËTSA-TOKILA, 2002). Mesmo com as alternativas de conciliação à dupla carreira, arranjadas pelos países europeus, o que geralmente acontecia era um maior apelo do jovem atleta para uma dessas duas carreiras. O destaque que coloca a condição brasileira em contraponto aos países europeus é justamente o fato de existir um investimento em instituições ou políticas internacionais preocupadas em fazer a mediação da dupla carreira do jovem atleta.

Embora tenhamos destacado semelhanças e uma diferença entre a condição do jovem atleta brasileiro em comparação com os mesmos casos internacionais, faz-se necessário demonstrar alguns exemplos das pesquisas citadas a fim de que se tenha uma imagem de como o processo de conciliação da dupla carreira acontece no nosso e em outros países. Por exemplo, na pesquisa realizada por Melo (2010), o autor apontou que os jovens atletas de futebol no estado do Rio de Janeiro buscavam estratégias de conciliação que podiam variar desde a flexibilização das normas regulares da escola até a troca de instituições escolares no sentido de favorecer a sua permanência no esporte. Apesar de a jornada escolar desses jovens atletas ser muito similar ao tempo de permanência na escola dos alunos não atletas do estado do Rio de Janeiro, Melo (2010) indicou que essa condição de adesão ao estudo era conquistada à custa de mecanismos de favorecimento aos jovens atletas na escola.

A relação dos atletas de futebol dos clubes do estado do Rio de Janeiro apresentava uma situação um tanto complexa. Variáveis como a jornada escolar e o fluxo dos jovens atletas eram tidas como semelhantes, ou até melhores do que as dos alunos não atletas. Porém, ao mesmo tempo em que isso era uma verdade para Melo (2010), também era observado que os jovens atletas buscavam migrar para o ensino noturno ou, até mesmo, trocar de instituição de ensino, para a qual ele pudesse estabelecer um vínculo mais harmonizado na conciliação da dupla carreira. Isso, para Melo (2010), poderia significar que esses jovens atletas, ao se depararem com a migração para o ensino noturno ou com a troca de escola, estariam sofrendo algum tipo de prejuízo educacional se tivessem a pretensão de seguir carreiras no trabalho que dependessem mais do investimento na formação escolar.

Essa preocupação com a formação escolar do jovem atleta não é só uma questão pertinente ao cenário nacional. Nos estudos internacionais, era indicado que as tentativas de conciliação da dupla carreira de jovens atletas não conseguiam atingir mais do que a flexibilização do currículo ou da jornada escolar a fim de manter o jovem atleta em uma situação na qual ele conseguiria conciliar a rotina no esporte e na escola. Exemplo disso foi o que mostrou Mëtsa-Tokila (2002) ao analisar a formação de atletas e sua relação com a escola em países da antiga União Soviética. Para o autor, a conciliação da jornada de treinamento com a jornada escolar era conquistada a partir de mecanismos que invariavelmente colocava as questões escolares em segundo plano. Apesar disso, os programas de conciliação forjados pelos governos dos países estudados apenas faziam a previsão de que essa flexibilização dos afazeres escolares seria necessária para que o jovem atleta continuasse investindo na dupla carreira. Neste instante, torna-se pertinente pensar que a construção do argumento da conciliação da dupla carreira no esporte e na escola gira em torno de medidas que tenham como objetivo uma escola alternativa para a formação do jovem atleta.

A tendência das pesquisas sobre escolarização de jovens atletas é a de encarar esporte e escola como instituições concorrentes, com rotinas quase que incompatíveis para uma conciliação. Foi possível perceber que os estudos acerca desse tema se preocupavam em buscar uma relação de dependência entre as duas rotinas, a esportiva e a escolar. Explicamos essa orientação dos estudos realizados até o momento como uma tentativa de isolar o esporte das questões que envolvam o aparato social e de colocá-lo como um elemento supostamente negativo à dedicação à escola. Dessa forma, ao encarar o esporte como variável independente que afetaria de alguma maneira a rotina escolar, essas investigações podem ter estabelecido uma espécie de viés interpretativo, indicando que a maneira de conciliar a dupla carreira no esporte e na escola passaria pela flexibilização do currículo e das obrigações escolares.

Ao ser colocado o esporte como variável que afetaria a dedicação à escola, haveria o risco de ignorar as condições para que o investimento acentuado na carreira esportiva fosse estabelecido. Ademais, seria destacada a premissa de que os jovens atletas em dupla carreira buscariam alcançar um projeto de carreira voltado para a profissionalização no esporte. Porém, o desenrolar das pesquisas no LABEC começaram a mostrar que tal premissa não poderia ser vista como verdadeira em casos nos quais a modalidade esportiva não apresentava um mercado profissional cujas oportunidades não seriam oferecidas a todos os atletas. Isso, também, não colaboraria a fim de explicar casos europeus nos quais os jovens desistiam e desistem da carreira esportiva em função da formação acadêmica.

Os indícios, segundo os quais as pesquisas sobre escolarização de jovens atletas estariam voltando-se para uma hipótese pouco sustentável, começaram a aparecer. Por esse motivo, foi deixada de lado a ideia de que o esporte seria tratado de modo isolado, tendo em vista que tanto o esporte quanto a escola são instituições e têm caminhos de profissionalização, influenciados por um mesmo conjunto de variáveis associadas às origens sociais, econômicas e afetivas do jovem atleta. No presente estudo, será abordada e defendida a hipótese de que o investimento no esporte e na escola sofrem os mesmos tipos de assessoramento no âmbito da sociedade.

Essa mudança de perspectiva hipotética pode colaborar para o processo de compreensão sobre como os jovens atletas decidem pelo investimento na dupla carreira e em qual caminho profissional ele pretende acomodar-se. A partir daí, tornar-se-á possível explicar como a estrutura social, econômica e afetiva desse jovem atleta pode contribuir para a escolha de uma carreira em detrimento da outra.

O presente trabalho foi desenvolvido no sentido de demonstrar, em pequena escala, sob que condições os jovens atletas elaboraram seus projetos individuais de carreira e como variáveis sociais, econômicas e afetivas podem ter sido importantes para a conformação das metas profissionais estabelecidas pelos jovens atletas.

Realizamos o estudo com jovens atletas residentes no alojamento de um clube de futebol tradicional do Rio de Janeiro. Todas as entrevistas e o preenchimento dos questionários foram feitos pelo pesquisador e autor da tese, obedecendo aos critérios éticos de pesquisas com seres humanos. Obtivemos autorização para permanência nas instalações do clube por mais de um ano, fazendo visitas semanais ao centro de treinamento. O modelo hipotético que pretendemos demonstrar foi usado como base para pensarmos as entrevistas e os questionários a serem respondidos pelos atletas. E o resultado dessa pesquisa poderia auxiliar-nos na elaboração de um modelo de investigação em escala maior.

O tratamento dos dados levou em consideração alguns conceitos fundamentais, a saber: projeto individual de carreira (VELHO, 1997, 2003, 2010); escolha racional (ELSTER, 1994, 2009; e rede social (BOTT, 1976). A associação desses conceitos nos ajudaram a elaborar a interpretação dos dados que nos levaram a concluir que o investimento no esporte dependia de características econômicas, sociais e afetivas do jovem atleta. A ideia da consolidação de um projeto de carreira construído no seio de uma sociedade complexa e contemporânea implica a compreensão de que as escolhas realizadas nesse contexto resultam de um conflito constante entre o desejo pessoal e a intensidade dos estímulos e das oportunidades reconhecidas nessa sociedade. As redes de sociabilidade são tão importantes para a percepção das oportunidades de carreira quanto as características de origem social e econômica. Assim, as teorias que endossam esses conceitos foram diluídas ao longo do texto da tese para dar sentido ao argumento sustentado no trabalho.

O texto da tese foi pensado para ter uma sequência lógica para a construção do objeto de pesquisa, trazendo ao leitor a linha de raciocínio do autor. Em termos de organização, o capítulo I da tese apresentará o problema do estudo e de que modo pode ser diferenciado o indivíduo jovem atleta do aluno regular da escola. Indicamos a trajetória de pesquisas realizadas pelo LABEC e pontos estratégicos das pesquisas internacionais. Em seguida, caracterizamos o Certificado de Clube Formador, que é um certificado institucional concedido pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) às entidades que obedecem aos critérios de formação profissional de atletas, os quais estão listados no adendo da Lei Pelé, oficializado em 2011 (BRASIL, 1998, 2011). Ademais, finalizamos o capítulo indicando os objetivos e as questões da pesquisa.

O capítulo II foi reservado para caracterização do perfil das instituições de esporte e escola no Brasil. Foram indicadas as dificuldades de profissionalização no futebol, a ideia do mercado futebolístico e as oportunidades escolares. Imaginamos que a apresentação das características desses cenários poderia produzir simulação acerca do como seria possível pensar em uma escolha ou investimento na dupla carreira no esporte e na escola. Após essa descrição do cenário de escolhas dos jovens atletas, apresentam-se os métodos usados para coleta e análise dos dados, bem como o perfil dos jovens atletas participantes da pesquisa. A apresentação desses cenários e do perfil dos atletas contribuiu para a consolidação do nosso modelo hipotético que também faz parte da finalização do capítulo II.

O capítulo III é a parte do texto a que destinamos a descrição dos dados da pesquisa. Eles são apresentados em um sentido cumulativo, sendo destacados, pois, em cada seção do capítulo, pontos importantes que nos levaram à discussão e às considerações finais no capítulo IV da presente tese.

Nesse capítulo, buscamos traçar os problemas das investigações sobre a dupla carreira no esporte e na escola e indicamos que o modelo hipotético que tentamos demonstrar na tese poderia fazer sentido e ser aplicado em larga escala para definirmos outros rumos das pesquisas sobre dupla carreira no esporte e na escola.

Por fim, sugerimos no final do capítulo IV um novo questionário estruturado, apresentado nos anexos, baseado nas considerações apresentadas na presente tese. Esse instrumento de coleta de dados foi elaborado de modo que pudéssemos tanto pensar em uma pesquisa em larga escala quanto para definirmos a forma como as variáveis sugeridas no modelo hipotético empregado influenciariam na priorização de uma carreira no esporte e na escola.

1.1 A HISTÓRIA DO PROJETO DE PESQUISA E AS CONSEQUÊNCIAS DA DUPLA CARREIRA

“Entram em campo os artistas do espetáculo...”. Com as palavras da vinheta da Rádio Globo começamos a contar como chegamos a delinear esse campo de pesquisa. O enredo inicia quando alguns adolescentes praticavam futebol em uma escolinha localizada no Aterro do Flamengo. Jovens com muito talento e sonhos de seguir carreira no esporte bretão. O treinador, um senhor já com idade avançada, cuja conduta rigorosa chamava a atenção, tinha uma enorme dedicação a esse trabalho que muita alegria lhe trazia. Mais ainda, a forma como aqueles jovens respondiam aos comandos era um grande destaque: distribuía-se em campo de modo invejável, assim como ocupavam os espaços e trabalhavam o jogo com toques na bola, buscando seus companheiros desmarcados. Essa não é uma visão muito comum quando se observa esportes coletivos com adolescentes e jovens (SOUZA *et al.*, 2008).

O que chamou a atenção em um dia de treinamento, revelou que não éramos nós os únicos a ficarmos interessados no desempenho e organização dessa escolinha. O rendimento dos jovens no dia a dia de treinos despertou o interesse também de um clube holandês, o Feyenoord, que teria firmado um acordo de exclusividade para submeter os jovens dessa escolinha de futebol aos testes nas suas categorias de base. O treinador, com ar saudoso, contou-nos sobre dois meninos que ali tinham iniciado sua carreira e seguiram o caminho da Holanda para fazer os testes de proficiência no futebol. Com mais ou menos a mesma idade, esses jovens foram levados a um país estrangeiro, de onde não conheciam sequer o idioma. Lá, começaram a treinar com os demais jogadores do clube e o futebol deixou de ser exclusividade. A rotina desses jovens foi preenchida por um período de seis horas de aula por dia, somadas à vivência com a língua nativa com professores particulares. A disciplina para cumprir todas as tarefas era uma exigência do clube e a adaptação ao país estrangeiro era mais uma barreira a ser enfrentada (SOUZA *et al.*, 2008).

A experiência na Holanda foi proporcionada pelo futebol, mas, talvez como previsse o treinador da escolinha, nem todos os meninos submetidos ao teste no Feyenoord teriam a paciência e a disciplina necessárias para interagir com as novidades que lhes eram impostas. Desses dois meninos, de quem contamos a história, um permaneceu no futebol holandês, atingindo o sucesso na carreira esportiva. O outro sucumbiu à pressão e às necessidades de adaptação não só no esporte, como no dia a dia. Voltou para o Brasil e foi com ele que conseguimos realizar entrevistas, acompanhando sua memória pelo projeto de carreira que não deu certo.

O jovem já não era mais tão jovem, o futebol já não era projeto de vida e a carreira estava limitada a profissões que não dependiam de diplomas acadêmicos ou formação técnica profissional. Da história no futebol, nada se aproveitou. Da experiência na Holanda, só o fato de ter feito uma viagem internacional lhe trazia boas lembranças. Quando voltou para o Brasil, ele ainda tentou fixar-se em equipes de terceira e quartas divisões do futebol nacional. Não obteve êxito. A dedicação ao esporte o havia afastado da escola, pois pensava que quanto mais treinasse mais oportunidades teria no campo esportivo. Não deu certo. E assim esse ex-jogador de futebol foi perdendo seu espaço tanto no esporte, quanto no mercado formal de trabalho, transitando por diversas outras profissões de pouco prestígio e com renda aquém das suas intenções como futebolista (SOUZA *et al.*, 2008).

Surgiu, assim, o questionamento sobre a conciliação da carreira esportiva com a rotina escolar. A história do jovem aspirante a jogador de futebol que não atingiu o objetivo que almejava com seus sonhos e chegou à idade adulta sem uma definição dos planos de carreira ilustrou essa indagação e endossou os preconceitos do senso comum de que o jovem atleta não tem tempo para estudar. Embora esse tenha sido um projeto de pesquisa e uma preocupação pertinente sobre o que fazemos com os nossos jovens, devemos problematizar se o caso de adultos com pouca ou nenhuma definição de carreira no Brasil está longe de ser exceção. A questão que levantamos foi a que indicava uma relação de dependência entre o esporte e a escola, a qual levava a escola a perder espaço diante das necessidades do esporte.

A hipótese de que a rotina de treinamento e competições se tornava árdua o suficiente para afastar os jovens da escola foi testada e defendida em 2010, quando Leonardo Melo apresentou sua dissertação de mestrado (MELO, 2010). Mantivemos o futebol como foco das nossas investigações por se tratar do esporte com maior visibilidade no Brasil e a pesquisa de Leonardo Melo levantou dados com 417 atletas em cerca de 19 clubes em todo território do estado do Rio de Janeiro. O tempo de dedicação ao esporte e à escola foi uma das medidas usadas como parâmetro para trabalharmos a hipótese testada. E, de fato, conforme os atletas progrediam nas categorias de base no futebol, mais tempo investiam nos treinamentos. Em consonância com o que disseram os pesquisadores, o tempo semanal de treinamento na categoria sub-17, do recorte feito somente com os clubes do município do Rio de Janeiro, atingiu um total de, aproximadamente, 15 horas e 20 minutos. Na categoria sub-20, o tempo de treinamento atingido na semana foi de 14 horas e 57 minutos. Se adicionarmos o desvio padrão, o tempo de dedicação aos treinamentos nas duas categorias são praticamente os mesmos (MELO, 2010; MELO *et al.*, 2016).

A jornada escolar desses mesmos atletas de ambas as categorias também foi levantada e totalizou, na categoria sub-17, um valor igual a 17 horas e 56 minutos na semana; e, na categoria sub-20, o tempo da jornada escolar semanal foi de 17 horas e 25 minutos. Esses dados são de serventia para os clubes do município do Rio de Janeiro e nos mostrou que o tempo da escola e do esporte são bem parecidos (MELO, 2010; MELO *et al.*, 2016). Melo (2010) deixou claro que, conforme os jovens se aproximavam da categoria de profissionalização no futebol, mais tempo se exigia deles para o esporte. Pensemos, portanto, que nas categorias inferiores, o tempo de dedicação ao futebol é menor. Porém, não deixemos de evidenciar que, ainda assim, representava cerca de 75% da carga horária total destinada à escola (MELO, 2010; SOARES *et al.*, 2013).

Melo (2010) fez uma abordagem apenas sobre a declaração da jornada escolar dos jovens atletas. O que não incluía, portanto, os índices de matrícula (sendo o cálculo feito a partir da quantidade de jovens atletas matriculado em uma instituição de ensino e a divisão pelo universo de jovens atletas) e o índice de frequência às aulas (calculado na razão de dias letivos frequentados pelo jovem atleta e a quantidade de dias letivos no ano escolar). Talvez, se o tivesse feito, teríamos um panorama ainda mais alarmante sobre a proporção entre o tempo de treinamento e o tempo escolar¹. Todavia, o tempo acentuado de dedicação ao esporte já mostrava que os atletas de futebol das categorias de base tenderiam a migrar para o ensino noturno conforme avançavam rumo à profissionalização. O autor destacou que essa migração para o ensino noturno poderia sugerir um prejuízo no acúmulo de conhecimentos escolares, dada a precariedade dessa modalidade de ensino no estado do Rio de Janeiro.

Outro dado importante trazido pela pesquisa de Melo (2010) tratou do perfil educacional dos jovens atletas investigados. Esse tema ajudou a desvendar querelas apresentadas pela hipótese inicial de que os jovens atletas tinham pouco tempo para se dedicar aos estudos e abandonavam a escola. A dedicação aos bancos escolares variava quando se fazia um controle pela renda familiar. Por exemplo, entre os jovens atletas mais pobres, o índice de abandono escolar era mais alto comparado ao mesmo indicador nas faixas de renda familiar mais altas (MELO, 2010; MELO, SOARES, ROCHA, 2014). Mas o índice de abandono escolar na pesquisa foi muito baixo: apenas 26 dos 417 atletas deixaram de estudar sem concluir o ensino médio, menos de 7% do total. E foi esse indício que nos fez pensar que a hipótese de que os atletas não estudavam não se confirmava inteiramente.

¹ Entendemos a dificuldade de produzir tais índices a partir da declaração dos sujeitos da pesquisa. Essa pode ser uma sugestão para futuros trabalhos acadêmicos que envolvam a temática da escolarização de jovens atletas.

Havíamos visto, até então, que os atletas tinham um índice de abandono escolar muito baixo; a sua jornada escolar estava dentro dos padrões estimados para os alunos gerais do estado do Rio de Janeiro; o fluxo dos atletas nas séries escolares possuía uma retenção menor que a dos alunos do mesmo estado. Esses dados levar-nos-iam a crer que a hipótese central do trabalho de Melo (2010) estaria refutada e, poder-se-ia pensar que o fato de praticarem esporte com fins de profissionalização possibilitaria a ampliação da relação do aluno com a escola. Todavia, o que se apresentava por trás desses dados positivos demonstrava que a rotina escolar dos atletas era garantida com tanta positividade, porque eles recebiam privilégios que os diferenciavam dos alunos regulares, como: permissão para se ausentar e chegar atrasado, remarcação de provas e trabalhos, entre outros mecanismos de afrouxamento das normas regulares da escola. Além disso, quando não obtinham esses benefícios nas escolas que frequentavam, os atletas buscavam transferência para outras instituições que lhes garantissem maiores condições de conciliação das rotinas escolares e do esporte.

O cenário descrito pela pesquisa de Melo (2010) apontava para uma relação concorrente entre esporte e escola, fazendo com que os jovens atletas tivessem que tramar projetos de conciliação das duas carreiras. O problema apresentado pelo pesquisador foi que, em geral, os jovens atletas buscavam o sucesso nas vias esportivas e, então, acabavam por tornar a escola um projeto secundário. Dessa forma, para o caso do futebol, o jovem atleta não tem um panorama muito favorável para a profissionalização no esporte. Os dados mostram que menos de 1% dos jovens que buscam as categorias de base do futebol, através dos processos seletivos conhecidos como “peneiras”, atingem o objetivo (TOLEDO, 2002); daqueles que já estão nas categorias de base, pouquíssimos chegarão aos profissionais; e, dentre os profissionais, a maior parte não atingirá os salários astronômicos que almejam, além de se vincularem a clubes com poucas perspectivas de competições por ano, tornando-se jogador profissional apenas durante três ou quatro meses no ano (4ª DIVISÃO, 2009).

Sabemos que a escola também não apresenta um cenário muito mais favorável que o futebol e que a escolha pelo esporte não é tão menos arriscada que a decisão de seguir os prêmios oferecidos pela instituição de ensino. Entendemos aqui que a decisão de ir pelo caminho da profissionalização no futebol não se trata de uma escolha irracional, mas de uma estratégia de projetar ganhos inimagináveis para um jovem que busca sucesso pela escola por exemplo. Tanto as vias escolares quanto as do esporte são acidentadas e passíveis de insucesso. Porém, o dilema sobre essas vias ocorre, pois, tratar de escola é dialogar com um ideal normativo presente na nossa sociedade.

A pesquisa de Melo (2010) foi importante para compreendermos a dinâmica dos atletas de futebol na sua relação com a escola. Dizer que a hipótese foi refutada parcialmente, uma vez que vimos não haver um prejuízo imediato em relação aos bancos escolares, foi um importante impulso para pesquisarmos outras modalidades esportivas que exigem tanta dedicação quanto o futebol. Costa (2012) ao analisar o futsal feminino em Santa Catarina, pensou que pudesse encontrar semelhança nos resultados sobre a conciliação do esporte com a escola. Enganou-se. O futsal feminino tinha suas particularidades quanto ao perfil educacional das atletas e das pretensões das mesmas com o esporte.

As atletas de futsal feminino de Santa Catarina buscavam, através do esporte, alcançar patamares escolares mais avançados. Algumas atletas pretendiam receber bolsas de estudos nas universidades a partir do seu rendimento no esporte. Essa expectativa se diferenciava, e muito, das perspectivas dos atletas de futebol do estado do Rio de Janeiro. Talvez pudéssemos pensar que o horizonte de ganhos no futsal feminino é muito pequeno e que isso desestimularia qualquer expectativa de profissionalização na via esportiva. Mas as meninas mostraram outro enquadramento das oportunidades que o esporte poderia oferecer (COSTA, 2012).

Sobre o processo de conciliação das rotinas de treinamento e de estudos, as atletas de futsal feminino de Santa Catarina confirmaram algumas das informações que Melo (2010) havia apresentado. Um exemplo disso é o cansaço físico motivado pelo tempo de treinamento que afetaria negativamente na concentração para os estudos. Talvez essa seja uma das poucas semelhanças entre os dois campos investigados e essa carência de similaridade levantou outro questionamento sobre o tema da escolarização de atletas no LABEC: o campo esportivo varia e, como tal, poderia haver variação também no processo de conciliação entre o esporte e a escola? A resposta vem sendo construída junto com o caminhar das nossas pesquisas e a tendência é que digamos sim para essa pergunta. Todavia, não nos apressemos.

As contribuições de Melo (2010) e Costa (2012) nos trouxeram mais perguntas que respostas sobre a temática trabalhada. Se, por um lado, acreditávamos que o esporte não trazia prejuízos imediatos à escolarização dos atletas, talvez apenas perdas indiretas, por outro, vimos que o esporte pode ser o caminho para uma maior expectativa de escolarização em outros casos. O espectro de variação passou a tender ao infinito e as possibilidades de pesquisas cresceram exponencialmente, quiçá, sem as mesmas condições de darmos as respostas pretendidas. Assim, buscamos dar outro foco às investigações e ampliamos as questões trabalhadas para o subjetivo, para as questões que motivavam o jovem a investir no esporte como oportunidade de carreira.

Rocha (2013) escreveu sobre a rotina dos jovens atletas praticantes de turfe do estado do Rio de Janeiro. A experiência na discussão sobre o tema “escolarização de jovens atletas”

fez com que o autor inclinasse seu viés investigativo para o projeto de carreira do jovem atleta. A pesquisa foi realizada com a totalidade de atletas em formação profissional nesse esporte no estado do Rio de Janeiro. O autor indicou que o turfe é uma modalidade que permite que os atletas atinjam ganhos financeiros muito cedo. Logo após ingressarem como alunos na Escola de Profissionais do Turfe (EPT), esses jovens passam por um período de treinamento que pode durar de três meses a um ano e meio. A partir daí, já estão aptos a participar de competições que lhes conferem ganho pecuniário.

A rotina de treinamento para as competições se iniciava antes mesmo do nascer do sol e se estendia até o café da manhã. Os jovens atletas estudavam a noite e nem sempre frequentavam a escola, porque o horário em que competiam conflitava com o dos estudos. O contexto do turfe foi o que mais chamou a atenção dos membros do LABEC. Sim, pensamos haver um prejuízo escolar causado pela rotina de treinamento e competições conforme mostrou Soares, Rocha e Costa (2011), indicando que o tempo de permanência² desses jovens na escola não passava de cerca de 2 horas e meia por dia na instituição de ensino. Mas Rocha (2013) apontou que as trajetórias escolares dos jovens atletas do turfe já vinham acidentadas e irregulares, antes mesmo deles ingressarem no esporte, e que, talvez, o fato de estarem matriculados e frequentando precariamente a escola já poderia ser diferente de todo o processo de escolarização que eles poderiam ter caso não estivessem no turfe.

Parece-nos óbvio que devemos questionar a frequência precária ocasionada pela necessidade de competir no esporte. Todavia, Rocha (2013) relatou que o abandono escolar era tido como certo para alguns atletas pesquisados e que eles só não tinham executado esses planos ainda, pois o clube exigia a matrícula e a frequência escolar. Não estamos aqui no sentido de proteger o clube e eximi-lo da sua responsabilidade como empregador de garantir os direitos fundamentais dos jovens atletas. A intenção talvez seja a de problematizar as exigências feitas aos responsáveis pela garantia dos direitos fundamentais dos jovens atletas, insinuando sua deficiência.

Rocha (2013) trouxe a hipótese de que o turfe era um esporte que premiava muito cedo seus atletas e que esses ganhos financeiros poderiam ser decisivos na intenção de

² O cálculo que levou Soares, Rocha e Costa (2011) a essa conclusão incluiu os índices de jornada escolar, de matrícula e de frequência à escola. Esses índices são baseados na pesquisa de Neri (2009a) intitulada “Tempo de Permanência na Escola”. Os cálculos de referência para a jornada escolar levam em consideração uma jornada média de 5 horas diárias; o índice de matrícula é a razão dada pelo número de jovens matriculados pelo universo de jovens na idade escolar; e o índice de frequência leva em consideração o número de dias frequentados dividido pelo total de dias letivos em um período determinado no ano.

profissionalização nessa via esportiva. Mais uma vez a hipótese inicial não se confirmou por completo. O autor indicou a influência da história familiar e da rede de sociabilidade dos atletas na formação do seu projeto de carreira. Além disso, não descartou a ideia de os ganhos financeiros inclinarem a decisão dos jovens atletas para a profissionalização precoce no esporte, mas indicou que a conformação do contexto do campo esportivo comparado ao da escola exerceria forte apelo para a formação do projeto individual de carreira. A escolha pelo turfe dependeria, assim, das oportunidades percebidas pelos jovens atletas para a profissionalização no esporte, o apoio e a história familiar no esporte em questão e os laços afetivos com o esporte que construiria ao longo da vida.

A pesquisa realizada com o turfe aprofundou o debate sobre a escolarização de jovens atletas. A formação do projeto de carreira ajudou-nos a entender os meandros que levariam os jovens atletas a preferirem o esporte à escola em muitos momentos. Porém, o texto final não nos permitiu encontrar uma resposta satisfatória sobre a implicação do esporte na rotina escolar dos atletas. Nada diferente do que já havíamos demonstrado foi encontrado na pesquisa com os jovens atletas do turfe. Os mesmos argumentos sobre o cansaço físico para baixa frequência e adesão à escola foram usados como justificativa quando solicitada a resposta sobre a forma de conciliação dessas duas carreiras.

O fato é que os problemas levantados junto ao turfe nos trouxeram mais questões que conclusões definitivas sobre o entrave acadêmico que enfrentamos. Na mesma linha de investigação, Correia (2014) buscou revelar o projeto de carreira de jovens atletas que frequentavam uma escola localizada nas instalações de um clube esportivo no município do Rio de Janeiro. Esse modelo de escola dentro do clube esportivo nos chamou a atenção e pensamos que poderíamos encontrar algo diferente na relação esporte e escola para os seus alunos.

A escola dentro do clube tinha uma organização comum às demais escolas. Tinha horários e turnos pré-definidos, além de professores e diretores engajados no projeto pedagógico da escola. Esse modelo de escola poderia ser um exemplo de melhor conciliação das demandas esportivas e escolares, uma que vez que os alunos dessa instituição de ensino praticavam o esporte quase sempre no mesmo local onde estudavam. Quando o treinamento era afastado da sede do clube, era disponibilizado transporte para o deslocamento dos atletas. Ademais, essa escola era exclusivamente voltada para o público praticante de esportes vinculado ao mesmo clube esportivo onde ela se localizava.

O problema encontrado na pesquisa de Correia (2014) foi o de que, mesmo a escola tendo essas especificidades e contribuísse para uma melhor conciliação das rotinas de treinamento e escolar, a escola seguia um padrão direcionado mais fortemente para a formação

do atleta que para a formação escolar do jovem. Por exemplo, foi comum encontrarmos relatos de atletas que recebiam benefícios como abono da ausência em aulas, possibilidade de chegarem atrasados ou saírem mais cedo delas e, por vezes, seria possível até trocar de turno escolar na mesma semana, dependendo dos horários de treinamento dos jovens atletas. Além disso, o destaque ainda maior foi para o procedimento da escola para quando o jovem atleta fosse dispensado do clube. Se isso acontecesse, ele também receberia dispensa da escola sem mesmo se considerar a etapa do ano letivo em que estariam.

As pesquisas no LABEC seguiram rumos bipartidos. Não abandonamos o problema da conciliação entre esporte e escola. Por exemplo, Costa e Silva (2016), quando investigou esse tema com jovens atletas beneficiados pelo Programa Bolsa Atleta do Governo Federal, mostrou que os resultados confirmavam tanto os achados de Melo (2010), como de Costa (2012): dificuldade de conciliação motivada pelo cansaço físico, secundarização do projeto escolar, abandono da escola, afrouxamento das normas escolares e o uso do esporte como incentivo para galgar bolsas nas universidades são exemplos de respostas encontradas pelo pesquisador. As características dos esportes praticados pelos beneficiados pelo Programa Bolsa Atleta também variavam, mostrando que o campo esportivo é um nicho abundante para as investigações.

A dissertação defendida por Costa e Silva (2016) mostrou, também, a importância do projeto familiar na construção da carreira do jovem atleta. No caso, a partir das biografias de atletas consagrados, o autor indicou disparidades como as projeções familiares para André Agassi (tenista) e Sócrates (jogador de futebol). No primeiro caso, a família de Agassi elaborou estratégias mirabolantes para que o jovem atleta se tornasse um jogador profissional de tênis. A começar por seu pai, quem adquiriu um terreno na cidade onde morou com dimensões suficientes para construir uma quadra de tênis no quintal de casa. A rotina de treinamento era sacrificante para o jovem atleta, porém, conforme alcançava os resultados positivos no esporte, Agassi se afastava da escola. O distanciamento da escola também se consolidou por projeto familiar. Na biografia do tenista, ele informou que seu curso à distância foi concluído por sua mãe, quem fazia todas as tarefas e avaliações escolares, enquanto Agassi já obtinha resultados expressivos no esporte.

Sócrates não teve as mesmas chances e exigências de Agassi. Ao contrário, o projeto de sua família era de que ele cursasse medicina. Sócrates foi jogador da Seleção Brasileira de Futebol e um dos principais ídolos do Sport Club Corinthians Paulista. Membro atuante no

clássico elenco de futebol que fundou a famosa “Democracia Conrinthiana”³. Mas, para alcançar suas conquistas no esporte, Sócrates não pôde abandonar a escola como fez Agassi. Filho de uma família com muitos médicos, Sócrates viu seu sonho de ser jogador de futebol ser adiado pelo tempo em que cursou e concluiu o curso de medicina. Tornou-se profissional no esporte muito tempo depois da média de idade de atletas na sua época. Satisfez a vontade de seu pai de ter um filho formado em medicina, embora jamais tenha exercido essa profissão. Superou os desafios do futebol por ser considerado como fora de série, alguém fora da média.

As histórias dos esportistas de sucesso servem como um recurso comparativo com aquilo que vínhamos observando nas pesquisas do LABEC. Costa e Silva (2016) apresentou-nos que nem sempre os projetos individuais de carreira embarcam nos projetos familiares para os jovens. Todavia, o fato é que as dificuldades de conciliação das rotinas do esporte e da escola estão presentes em qualquer que seja a circunstância. No mesmo sentido, as conclusões de Rocha (2013) e Correia (2014) sobre projeto de carreira também não mostraram diferenças diante do já explorado pelas pesquisas do LABEC. A relação de dependência do projeto de carreira no esporte às variáveis que o precedia ficava cada vez mais forte. O projeto escolar também sofria as mesmas pressões, demonstrando que a relação esporte e escola poderia ter uma raiz comum que influenciaria as decisões dos jovens atletas.

O tema sobre escolarização de jovens atletas não é novidade e nem exclusividade das pesquisas realizadas pelo LABEC. O problema relacionado à dupla carreira no esporte e na escola já vem sendo tratado por pesquisas internacionais há algum tempo. Exemplo disso é o estudo de Mëtsa-Tokila (2002), no qual foi investigado o modo como a ex-União Soviética, Finlândia e Suécia se esforçavam para manter os jovens atletas em um processo de conciliação da dupla carreira de modo a não prejudicar nenhuma das duas. Os dados dessa pesquisa apontaram para o fato de que os jovens atletas tinham dificuldades para cumprir com todas as obrigações e exigências da escola ao mesmo tempo em que buscavam a formação profissional no esporte. Assim, dado esse contexto em que havia tal empecilho para a conciliação desse tipo de dupla carreira, os países investigados por Mëtsa-Tokila (2002) buscaram estratégias para intervir e proporcionar uma melhor compatibilização das rotinas de treinamentos, competições e estudos. O efeito desses programas de conciliação da dupla carreira sugeriu uma maior

³ No período de 1981 a 1985, os jogadores do Sport Club Corinthians Paulista exerceram a chamada “Democracia Corinthiana”, como foi batizada pelo publicitário Washington Olivetto a conduta adotada pelo clube de São Paulo, que consistia em deixar ao encargo dos jogadores e demais membros da comissão técnica e do clube as decisões pertinentes ao futebol. Todas as decisões eram tomadas a partir de uma votação dos membros envolvidos, desde as contratações até os locais de concentração dos atletas antes dos jogos.

flexibilização do currículo escolar para que os jovens atletas conseguissem concluir suas tarefas rotineiras de modo a não ter nenhum prejuízo.

Na mesma linha investigativa, Christensen e Sørensen (2009) comentaram sobre o modo como a Dinamarca buscou solucionar a relação dos jovens atletas com a dupla carreira: eles criaram uma instituição que seria responsável por fazer a gestão das rotinas de dupla carreira dos jovens atletas de elite no país. A *Team Danmark*, nome dado a essa instituição, cuidava da organização das rotinas dos jovens atletas vinculados a ela. Os autores da pesquisa mencionaram alguns dos problemas atrelados ao modelo de gestão da dupla carreira proposto por essa organização. Por um lado, a *Team Danmark* não atendia todos os atletas em formação profissional na Dinamarca, tecendo a crítica de que não era um programa de gestão da dupla carreira para todos. Por outro lado, o modelo de organização das rotinas da dupla carreira de jovens atletas pensado por essa instituição levava-os a ter alguns benefícios, como a possibilidade de ter faltas abonadas ou um calendário de avaliações diferente dos demais alunos.

A *Team Danmark* obteve uma importante participação na gestão da dupla carreira dos jovens atletas dinamarqueses vinculados à instituição. Além de conseguir abono de faltas e um calendário de avaliações adaptados às necessidades dos jovens atletas, essa instituição propôs ainda uma reforma no currículo dos jovens atletas, na qual eles teriam menos horas/aula diariamente, porém, estenderiam o tempo de estudos no ensino médio em mais um ano. Assim, em vez de fazerem o ensino médio em 3 anos, os jovens atletas completariam essa etapa do ensino em 4 anos. Ressalta-se que essa adaptação indicada pela instituição responsável por gerir a dupla carreira de jovens atletas de elite significava um parâmetro semelhante ao que vimos na pesquisa de Mëtsa-Tokila (2002). Em ambos os casos, a ideia principal para a conciliação da dupla carreira era a de flexibilizar o currículo escolar para atender melhor as demandas geradas pela dedicação à profissionalização no esporte.

Outras pesquisas internacionais também chegaram à conclusão de que a conciliação da dupla carreira seria importante para a formação do jovem atleta. Todavia, o modelo de pesquisa quase que exclusivamente adotado por essas investigações apontam os mesmos resultados apresentados anteriormente: esse tipo de conciliação só seria possível com a flexibilização das obrigações escolares. O problema talvez esteja no modo como as pesquisas estão sendo encaradas. Guidotti, Cortis e Capranica (2015) realizaram uma profunda revisão de literatura nas pesquisas europeias que tratavam sobre a conciliação da dupla carreira no esporte e na escola. As autoras apontaram que a maior parte dos modelos propostos pelas pesquisas eram equivalentes e que seriam necessárias novas abordagens investigativas a fim de poder ampliar as variáveis respostas sobre a relação da dupla carreira de jovens atletas.

Concordamos com as considerações de Guidotti, Cortis e Capranica (2015) e buscamos empreender uma maneira diferente de encarar a relação da profissionalização no esporte com as demandas educacionais. Estamos investindo em uma forma de lidar com esse problema de pesquisa que insinua o investimento no esporte e na escola como tendo uma raiz comum, sofrendo influências sociais, econômicas e afetivas com base na origem dos jovens atletas. Acreditamos que essa maneira de fazer a leitura do contexto da dupla carreira no esporte e na escola poderá auxiliar-nos a elaborar um modelo para investigação em larga escala, cuja meta seja a de identificar como o investimento no esporte e na escola são afetados pelas condições de origem dos jovens atletas.

Os resultados apresentados pelas pesquisas narradas anteriormente nos auxiliaram a problematizar o tema escolarização de jovens atletas no campo da educação. Deixemos evidente que estamos lidando com uma parcela da juventude que encara simultaneamente dois projetos de carreira, sendo um voltado para o esporte e o outro para o cumprimento legal associado à escola. Consideremos que essas duas carreiras são distintas e exigem tempo e investimento do jovem atleta. As demandas específicas apresentadas pelos dados sobre os jovens atletas nos mostraram que essas nem sempre são atendidas pela escola. Discutimos sobre as consequências dessa dupla carreira na escolarização dos jovens atletas e pensamos que o tratamento dado aos escolares carece de apoio de políticas públicas ou interinstitucionais que visem a mediar essa relação.

Acreditamos e dissemos que a escola não está preparada para atender à variedade de projetos individuais que surgem com o avançar dos anos, com a ampliação de atendimento no sistema educacional e os emergentes campos de atuação profissional. Mas, também, entendemos que a escola não pode individualizar o atendimento aos escolares por inviabilidade da execução da proposta. O fato é que a falta de mediação padronizada por políticas públicas ou interinstitucionais na relação de dupla carreira traz aos indivíduos a necessidade de negociação para melhor conciliar a relação entre a escola e o esporte, a escola e o trabalho, por exemplo.

A educação brasileira já sofre com muitas críticas sobre sua qualidade e equidade, o que nos leva a crer que as condições desfavoráveis podem ser potencializadas se estiver em uma situação de dupla carreira. As pesquisas educacionais apontam para um aumento da distribuição de credenciais educacionais, causando também uma disputa mais acirrada para ocupação das vagas no mercado de trabalho (SALATA; SANT'ANNA, 2010). Os autores comentaram sobre as dificuldades que os jovens vêm enfrentando nos dias de hoje para conquistarem uma mobilidade educacional e de *status* ocupacional quando comparado a seus pais. Esses

obstáculos seriam justificados tanto pelo aumento da oferta de vagas no sistema educacional, quanto pelo arrocho no mercado de trabalho. Dessa forma, a tendência é que os jovens de hoje teriam que estudar cada vez mais para obterem os mesmos resultados que a geração anterior.

A afirmação de que os jovens devem permanecer por mais tempo se dedicando aos desafios do sistema educacional nos traz a reflexão sobre a qualidade dessa permanência na escola. Os jovens atletas do futebol mostrados por Melo (2010) ficavam mais tempo na escola que os demais alunos não-atletas do estado do Rio de Janeiro. Mas essa insistência no sistema educacional não significava a melhor qualificação no mesmo. O autor indicou que a migração para uma modalidade de ensino com qualidade questionável era a realidade para a maioria dos atletas. O mesmo acontecia com os jôqueis pesquisados por Rocha (2013): a permanência na escola era uma exigência do clube, porém, os atletas não tinham o desejo de obter as credenciais prometidas pela escola.

Estudar pode ser encarado como uma obrigação chata e desinteressante para uma parcela da juventude. Podemos entender o paradoxo entre a vontade de permanecer ou não na escola e o desinteresse em cumprir uma obrigação como uma exigência para qualquer jovem em idade escolar. Essa é a verdade apresentada pela pesquisa de Neri (2009b), quando tratou dos paradoxos da educação. O autor indicou que um montante significativo de jovens entre 15 e 17 anos que abandonara a escola respondeu exatamente que o projeto de escola não atendia às suas expectativas, tornando-o desinteressante. Neri (2009b) concluiu que, talvez, essa parcela da juventude que desacredita na proposta de escolarização, fá-lo por ignorar os benefícios de uma trajetória escolar de sucesso e por considerar que essas vantagens estão muito distantes do seu horizonte de perspectiva.

Pensemos, então, nas razões e explicações apresentadas para a desistência do investimento no projeto escolar: desinteresse dos jovens, tempo de investimento na educação e demora no retorno das vantagens oferecidas. Temos, portanto, um problema no sistema educacional que atinge as expectativas dos jovens sobre sua escolarização. Embora muitos estejam tendo mais chances de ingresso e permanência na escola, o modelo ainda apresentado pelo nosso projeto de educação não garante a mesma proporção de satisfação das expectativas desses jovens. E, talvez, por essas razões muitos jovens estão preferindo ingressar no mercado de trabalho precocemente.

O conflito permanente entre a necessidade de satisfazer seus desejos imediatos e as expectativas para o futuro deixam os jovens em uma situação de intensa pressão. A entrada no mercado de trabalho torna a rotina diária mais cansativa, e a tendência é o afastamento gradativo das obrigações escolares. Embora essa afirmação não seja uma regra, esse é um fato que não

podemos ignorar. Sposito e Galvão (2004) comentaram que a busca precoce por exercer uma profissão limita as projeções de melhores ocupações futuramente. Somado a isso, vemos as expectativas educacionais variarem de acordo com a estrutura econômica e social de cada família.

O projeto familiar atua para a educação tanto quanto para outras modalidades profissionalizantes. Porém, embora compreendamos que a educação seja um ideal normativo e encarado como necessário no seio de nossa sociedade, concordamos com a ideia de que as diferenças econômicas e sociais tramam os objetivos que cada família tem com o projeto educacional. Autores como Paixão (2005) e Barbosa e Sant'Anna (2010) atentam para a perspectiva educacional de famílias de diferentes estratos sociais. Para esses autores, famílias de estratos menos favorecidos tenderiam a atribuir um valor mais instrumental à educação, pensando nela como uma ferramenta para buscar melhores ocupações no mercado de trabalho. Por outro lado, as famílias de estratos mais abastados olhariam o projeto educacional como uma oportunidade de realizações pessoais, uma orientação mais simbólica da educação.

O modo como os diferentes estratos sociais encaram a educação poderia nos ajudar a interpretar o investimento nela quando os jovens são submetidos a situações nas quais tenham que fazer escolha. Hipoteticamente, a partir da informação anterior, uma pessoa que atribua um valor instrumental a algum bem poderia trocá-lo se obtivesse o mesmo valor vindo de outra via. O mesmo não aconteceria com aqueles que veem a educação como um projeto para satisfazer seus sonhos pessoais, um projeto de realização de vida. Talvez, por isso, o mercado de trabalho ou o esporte exerça uma importante atração em jovens dos estratos médios e menos favorecidos da sociedade.

Entendemos que as demandas educacionais de jovens flutuam entre as oportunidades que têm no presente e as expectativas que projetam para o futuro, entre o desejo de ter condições para viver as idiossincrasias juvenis e o de ser jovem, o de possuir e o de viver. Para Dayrel (2007), a juventude para muitos brasileiros só será experimentada se houver mínimas condições de consumo, lazer, estudo e trabalho. Que o projeto laboral e o de educação não sejam encarados como concorrentes, mas que possam sofrer variação no investimento dada a necessidade de vivenciar as diferentes condições juvenis.

As ênfases mostradas nos diferentes projetos da juventude dependem das suas diferentes condições sociais, históricas e econômicas. O que queremos levantar aqui é a necessidade de encarar um corpo social como a juventude na sua multiplicidade, nas suas variações e nas suas necessidades específicas. Peregrino (2011) destacou a necessidade de observarmos os jovens a partir da ótica das suas diferentes tribos e os riscos que corremos ao destinarmos uma visão

global para um grupo tão distinto como o dos jovens. O autor comentou que ao tratarmos igualmente aqueles que são diferentes, tendemos a frustrar a maior parte das expectativas, sejam elas educacionais, sociais, econômicas, históricas etc.

A fala de Peregrino (2011) converge para um problema macrosocial que enfrentamos no sistema educacional brasileiro. O percalço insinuado por Schwartzman (2011) apontou um viés acadêmico presente no nosso projeto de educação. Esse viés acadêmico desconsideraria justamente a multiplicidade de projetos de vida da nossa juventude, deixando todos em uma única via de escoamento. Dessa forma, associada à falta de oferta de vagas nos níveis mais altos do sistema educacional, estaríamos levando nossos jovens a uma experiência de frustração no tocante às expectativas educacionais: seja por conta de tratar igualmente os desiguais, seja por não garantirmos a todos os prêmios prometidos pela escola.

A educação brasileira possui um conjunto de problemas estruturais que são difíceis de resolver, como as desigualdades sociais que continuam sendo meios fortemente impactantes nas pesquisas sobre trajetórias e rendimentos escolares. Por mais que possamos entender o efeito-escola como um mecanismo para compreendermos trajetórias escolares surpreendentes, pode-se sugerir que as condições de origem respondem pela maior parte das consequências sobre a trajetória escolar do alunado. Ao destacarmos o problema do viés acadêmico, não deixamos de lado os dados que nos mostram como o nosso sistema educacional vem perpetuando as desigualdades educacionais. Os trabalhos de Ribeiro (2009; 2011) mostraram justamente como jovens das camadas menos favorecidas na pirâmide social têm menos chances de progredir nos níveis educacionais comparados a outros jovens que têm pais com maior escolaridade, maior nível socioeconômico e com *status* ocupacional melhor.

Reforçamos a informação a partir do estudo de Cardoso (2013), que buscou investigar, nos dados do Censo de 2000 e de 2010, a relação das condições de permanência na escola e/ou o ingresso no mercado de trabalho como o nível socioeconômico. O autor levantou e apresentou informações significativas, dentre elas, a de que os jovens que estão entre os 10% mais pobres na população brasileira aumentaram em quase 800%, comparando os Censos de 2000 e 2010, as suas possibilidades de se encaixar nas categorias de quem não estuda, não trabalha e/ou não procura emprego. Isso nos faz sugerir que o sistema educacional brasileiro, apesar da contínua expansão, não assegura aos seus ingressantes as condições tanto de permanência nele, quanto de qualificação para acesso ao mercado de trabalho após a saída da escola.

Os dados apresentados sobre os problemas que enfrentamos na educação brasileira e nas pesquisas do LABEC nos ajudaram a discutir as questões da dupla carreira no esporte e na escola. Pensamos em um somatório de forças que abrangem tanto a formação esportiva quanto

a formação escolar, para concluirmos sobre as demandas dos jovens atletas e sua relação com a escola. Podemos sugerir que para aqueles jovens atletas que optaram por deixar a escola em segundo plano, o esporte poderia oferecer-lhe oportunidades imediatas para satisfazer seus desejos, sejam eles financeiros ou sociais. Por outro lado, observamos, também, jovens atletas que escolheram a permanência no esporte para aumentar suas chances de alcançar níveis educacionais mais altos.

Independentemente do valor que atribuem à educação, seja instrumental ou simbólico, e dos seus projetos para a educação e para o esporte, esses jovens atletas enfrentam todos os problemas educacionais já citados. Além deles, somam-se as exigências para a formação no esporte. Tais demandas da dupla carreira mostraram afetar a rotina diária dos jovens em questão, o que poderia tornar a sua condição juvenil mais complexa e conturbada comparada a outros jovens que não encaram os mesmos problemas. E é diante desse quadro que reiteramos a necessidade de uma formalização de políticas públicas ou interinstitucionais que contemplem as necessidades de jovens em dupla carreira, em especial, os jovens atletas.

Defendemos a ideia de que o jovem não está passivo na relação de dupla carreira. Pensando no cenário de escolhas, podemos estabelecer uma relação entre o jovem atleta e as estratégias que adotam para permanecer investindo na dupla carreira. A racionalidade dos projetos individuais de carreira voltados para o esporte, ou usando o esporte como ferramenta para atingir níveis educacionais mais elevados, está presente no conjunto de ações empreendidas pelos jovens atletas vistos nas pesquisas do LABEC. É diante dessas questões que traremos nessa tese o debate sobre a dupla carreira, discutindo como acontece o processo de investimento no esporte, podendo secundarizar o projeto escolar.

1.2 CLUBE FORMADOR: A QUESTÃO DA LEGALIDADE E LEGITIMIDADE DO PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO DE JOVENS ATLETAS

O argumento construído até aqui baseou-se na elaboração das pesquisas realizadas pelo LABEC. Indicamos a necessidade de mediação via políticas públicas ou interinstitucionais da relação entre a formação esportiva e escolar para os jovens brasileiros. Destacamos que os mecanismos apresentados como solução para os problemas gerados na relação dessas duas carreiras são formas individuais de negociação das demandas dos clubes, das escolas e dos próprios jovens atletas investigados. Essa forma de mediação poderia trazer prejuízos imediatos ou indiretos tanto para a formação escolar, quanto para a formação esportiva desses jovens inseridos nessas duas instituições formativas.

Elaboramos a ideia de que o investimento na carreira pode envolver o uso efetivo do tempo e a possibilidade de gerar renda, quer seja para usufruto próprio, quer seja para auxiliar a família. Assim, as características apresentadas pelo esporte de alto rendimento e as expectativas geradas pelos jovens atletas no seu processo de profissionalização definem a qualidade do esporte como uma carreira que envolve custos e benefícios para os seus praticantes. Por essa descrição, podemos encarar a carreira no esporte como uma espécie de trabalho que recruta meninos e meninas em idade na qual, em tese, deveriam estar dedicando-se prioritariamente aos bancos escolares.

A afirmação que a carreira esportiva como espaço direcionado à formação para o mercado do esporte e como um tipo de trabalho para o jovem aprendiz parece fazer sentido, sobretudo, para aquelas modalidades que remuneram e formalizam contratos para os atletas em processo de formação. Todavia, não é desta forma que o processo de profissionalização no esporte vem sendo encarado nas pesquisas sobre educação e trabalho, por exemplo. Em suma, os levantamentos de dados sobre juventude, trabalho e educação não entram no mérito da discussão sobre a carreira esportiva. A invisibilidade desse tipo de mercado que recruta jovens torna relevante o tema de estudo, tanto como demarcação de um campo de investigação, quanto do ponto de vista sociológico ao propormos um tipo de leitura que encara a formação no esporte como uma carreira que ocorre em paralelo à formação escolar.

A disposição dos mecanismos legais para definição da categoria trabalho infantil segue orientações tanto nacionais quanto internacionais. A *International Labour Organization* (ILO), órgão vinculado à Organização das Nações Unidas (ONU), compreende 187 países parceiros, representados pelos seus governos, empregadores e trabalhadores, com a missão de deliberar sobre ações relativas ao trabalho humano, estabelecendo normas, sugerindo políticas públicas

e promovendo programas para a organização e garantia de relações de trabalho mais adequadas e decentes para todos. Para a ILO, o exercício de atividades econômicas deve iniciar-se a partir dos 15 anos de idade, e qualquer indivíduo abaixo dessa idade, que exerça algum tipo de atividade remunerada, é considerado adolescente ou criança trabalhadora.

A decisão de se estabelecer a idade mínima para exercer trabalho remunerado partiu da convenção número 138 da ILO em 1973. Para a *International Labour Organization*, foi definida a idade de 15 anos como o piso para o início da carreira laboral, pois essa seria a média de idade requerida pelos países parceiros para a conclusão da escolaridade obrigatória. Resguardar-se-ia, para tanto, as exceções, conforme explicam no segundo artigo da deliberação quando descreveram que nos países onde a escolaridade obrigatória viesse a se estender até os 16 anos, a idade mínima para o início das atividades econômicas deveria obedecer também essa mesma faixa etária; por outro lado, nos países em desenvolvimento, poder-se-ia considerar os 14 anos de idade para esse piso de ingresso no mercado de trabalho, ressalvando que o piso deveria ser aumentado progressivamente até a média estabelecida anteriormente. Por fim, para os países industrializados, o início da carreira no trabalho deveria ser, desde sempre, aos 15 anos de idade (ILO, 2015).

Há particularidades admitidas pela *International Labour Organization* para os países em desenvolvimento. A ILO, na mesma convenção número 138, permitiu que esses países em desenvolvimento enquadrassem a categoria de aprendiz para jovens que iniciassem algum tipo de atividade econômica a partir dos 14 anos de idade, desde que sejam assegurados os seus direitos fundamentais e humanos. Na categoria aprendiz, o adolescente deve exercer a atividade laboral como mecanismo para apreensão de conhecimentos acerca da mesma, além de não ter sua condição de estudante obstruída pelo exercício dessa função. Ademais, as mesmas condições para exercício de funções remuneradas aplicar-se-iam a jovens com idade entre 12 e 14 anos, desde que as atividades sejam rápidas e não ofereçam riscos à integridade e aos direitos fundamentais e humanos desses indivíduos (ILO, 2015).

As definições para o início da carreira no trabalho procuram estabelecer limites que protejam a condição das crianças e adolescentes no exercício de funções remuneradas. A ideia é a de que sejam evitados prejuízos aos seus direitos fundamentais e humanos, como o lazer, a saúde, o convívio com a família e a escolarização. Porém, ainda há uma indicação na convenção número 138, que dispõe sobre carreiras específicas como as da indústria do entretenimento e das artes. Nos dispositivos definidos na convenção número 138, da ILO, é proposta a regularização do trabalho pelos órgãos competentes e legislação do país, mesmo para

indivíduos com menos de 15 anos de idade, desde que as condições desse trabalho sejam analisadas e estabelecidas previamente pelas partes envolvidas (ILO, 2015).

Os dispositivos apresentados para a garantia dos direitos fundamentais e humanos de pessoas menores de 15 anos, economicamente ativas, são propostas aos países parceiros da ILO. O Brasil, como parte integrante da equipe, não poderia se eximir da responsabilidade de estabelecer normas que visem a cumprir tais dispositivos sugeridos. A Constituição de 1988 traz em seus dispositivos legais as recomendações expressas pela convenção número 138, da *International Labour Organization*. O previsto pela constituinte indica que a idade mínima para o exercício do trabalho é a de 16 anos. No entanto, pode exercer atividade remunerada o adolescente a partir dos 14 anos, na condição de aprendiz (BRASIL, 1988). O Brasil ainda possui outros mecanismos de proteção às crianças e aos adolescentes, mas retomaremos esse tema mais a frente quando será discutida a condição do jovem atleta.

Devemos assumir que as condições previstas pelos organismos internacionais e nacionais para o exercício do trabalho estabelecem critérios a serem cumpridos pelos empregadores para que não haja nenhum abuso ou violação dos direitos de todos. A norma é estruturante de um modelo ideal, disciplinadora das possibilidades de empregabilidade nos mercados. Todavia, o cumprimento irrestrito da norma é sempre dependente das ações individuais⁴ (BECKER, 2008). Assim, em primeiro lugar, pensemos nos meios que levam os indivíduos a buscarem uma ocupação econômica, para, em seguida, discutirmos as consequências dessa alocação do seu tempo no trabalho. As razões para esses dois casos podem nos trazer elementos para explicarmos se e quando as normas estabelecidas são integralmente obedecidas ou não.

Ao tratarmos de crianças, adolescentes e jovens, pensamos que a escolha por dividir o tempo destinado à escola e ao trabalho não é uma decisão tomada individualmente. Os contextos sociais, econômicos, históricos e familiares podem exercer grande influência na tomada de decisão do indivíduo. Todavia, imaginamos que a escolha por exercer alguma atividade laboral em concomitância com a escolarização básica não é feita considerando os efeitos da dupla carreira na formação escolar. Acreditamos que as consequências desse tipo de escolha podem somente ser sentidas no decorrer dessa experiência.

⁴ Becker (2008) citou exemplos que sugeriam que pequenos desvios das normas poderiam ser admitidos ou ignorados se esses não gerassem grandes prejuízos. Na verdade, a aplicabilidade das leis sobre as normas dependeria de ações que circundavam desde o agente desviante até aquele que pudesse ter algum interesse em denunciar tal desvio. A denúncia desencadearia o processo punitivo do desviante para o enquadramento na norma.

Brito (2009) acredita que a relação do indivíduo com a família acontece de modo simbiótico quando se trata da escolha pela divisão e alocação do tempo útil nas tarefas do dia a dia. O autor argumentou que a família funciona como uma espécie de filtro entre as condições do contexto social e histórico em que o indivíduo se insere, auxiliando-o a elaborar estratégias e contribuindo para a definição do seu curso de vida. Da mesma forma, as mudanças nas estruturas sociais, econômicas e mercadológicas também seriam responsáveis pela construção e conformação do projeto de vida que o indivíduo jovem colocará em curso⁵. O problema destacado pelo autor foi o da entrada precoce no mercado de trabalho, fazendo com que os indivíduos dividam seu tempo diário entre a escola e o trabalho. Isto faz com que os jovens aumentem as suas chances de exercer ocupações de baixo *status* econômico na vida adulta. Além disso, essa decisão pode reduzir as oportunidades desse indivíduo experimentar a mobilidade econômica, comparando-se com a geração anterior, criando um quadro pessimista de reprodução das desigualdades sociais.

O sistema de Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), publicou, em 2009, no seu Boletim Informativo, que cerca de grande parte dos jovens brasileiros, de seis regiões metropolitanas, se encontravam empregados no comércio. O mesmo documento indicou que o comércio é a primeira oportunidade de entrada dos jovens, com idade entre 16 e 24 anos, para o mercado de trabalho. E os dados apresentados informaram que esses mesmos jovens se distribuíam nos seguintes percentuais pelas regiões pesquisadas: Belo Horizonte, 27,3% dos jovens entrevistados estavam exercendo função remunerada no comércio; o Distrito Federal tinha 26,4% dos jovens na mesma condição; São Paulo, 26,2%; Porto Alegre, 25,2%; Salvador, 22,6%; e Recife, 19,1%, segundo os dados da pesquisa (DIEESE, 2009).

Embora a proporção de jovens empregados no comércio seja considerada alta pelo próprio informativo do DIEESE, outros dados do mesmo Boletim destacam-se pela presença massiva e predominante dos jovens pertencentes às famílias com menores rendas na posição de ocupação no comércio. O Boletim do DIEESE publicou que a média de jovens pertencentes às famílias com menores rendimentos econômicos assumia percentuais acima dos 60% em todas as regiões metropolitanas investigadas, chegando ao maior percentual em Recife, com 78,4% dos respondentes da pesquisa. Não obstante, os salários previstos nos dados dessa pesquisa são considerados baixos (DIEESE, 2009). Como se não bastasse, a iniciação precoce no mercado

⁵ Não podemos ignorar o protagonismo do jovem ao tomar a decisão de investir na dupla carreira. Pensamos que o jovem não está passivo nessa relação.

de trabalho aumentaria as chances de ocupação em profissões de baixo *status* futuramente – como sugeriu Brito (2009). Os jovens trabalhadores do comércio, por exemplo, são pertencentes, em sua maioria, às famílias com menores rendimentos no grupo investigado.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir da comparação dos dados do Censo Demográfico dos anos de 2000 e 2010, revelou que houve uma redução do contingente de indivíduos com idades entre 10 e 17 anos ocupando-se em uma atividade econômica. O total de pessoas nessa faixa etária que compunham o quadro de trabalhadores no ano 2000 chegou a, aproximadamente, 3,9 milhões, caindo para um montante de 3,4 milhões de pessoas nas mesmas condições no Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2012). No Rio de Janeiro, quando separados por faixa etária, o IBGE mostrou que, em 2010, o número de jovens com idade entre 10 e 15 anos de idade, exercendo algum tipo de trabalho, chegou a atingir um valor de cerca de 57 mil indivíduos. Já, para a faixa etária entre 16 e 17 anos, o total foi por volta de 81 mil jovens em situações de trabalho (*idem*).

Os números de crianças, adolescentes e jovens trabalhadores sofreram uma pequena baixa comparando-se os dados dos dois últimos Censos Demográficos. Além disso, a publicação do Portal Brasil a respeito da condição das crianças, adolescentes e jovens trabalhadores indicou uma mudança no perfil dessa categoria. Se por um lado, o final da década de 1990 tinha como a imagem característica do trabalho infantil a presença de crianças menores de 10 anos exercendo funções em situação perigosa, em 2016, predominam os trabalhadores (80%) na faixa etária entre 14 e 17 anos, sendo a maioria do sexo masculino (65,5%). A mudança atribuída no perfil da criança, adolescente e jovem trabalhador teria sido pela estratégia focada nos Programas de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) e Programa Bolsa Família que, segundo o Portal Brasil, contribuiu para que famílias com pouco potencial econômico mantivesse seus filhos longe das atividades laborais (PORTAL BRASIL, 2016).

O perfil da criança, adolescente ou jovem trabalhador pode ter mudado nas últimas décadas. Os números absolutos da população economicamente ativa na faixa etária até os 17 anos também podem ter reduzido. E nós não estamos aqui para discutir as razões para essa mudança. Os dados apresentados nos indicam que ainda há uma parcela da população até os 17 anos idade que busca exercer atividades remuneradas e que lhes tomam tempo durante o dia. O incômodo nessa relação de trabalho e estudo não está no interesse em exercer uma função no mercado de trabalho, mas, sim, nas consequências que a divisão do tempo diário entre a escola e o trabalho pode trazer para esse grupo em situação de dupla carreira.

Se pensarmos na condição de jovem e trabalhador, imaginamos que ela traga consequências direta ou indiretamente para o processo de escolarização do indivíduo.

Corrochano (2013), ao analisar as aspirações de jovens trabalhadores para o acesso ao ensino superior, concluiu que o ingresso no ensino superior fazia parte do conjunto de projetos desses jovens. Todavia, essas expectativas eram sufocadas pelas necessidades imediatas; ou as esperanças eram a de atingir esse objetivo, porém, em um futuro muito distante e dependente de uma ocupação atual mais favorável. O que podemos perceber é que os projetos de continuidade dos estudos para a parcela de jovens trabalhadores possuem um grande obstáculo a ponto de frear as suas expectativas de conciliar a carreira no trabalho e no estudo, de modo a possibilitar maiores intenções de acesso ao ensino superior.

A discussão de Corrochano (2013) levantou questões sobre as expectativas de jovens trabalhadores sobre o seu futuro também na condição de estudantes. Não podemos ignorar o fato de que esse tipo de aspiração será freado pelas próprias características da condição de estudante e trabalhador. Ainda que haja todo um aparato legal para mediar a relação do estudante com o trabalho formal, temos fatos que nos revelam que as garantias legais não são suficientes para as demandas geradas por esse grupo distinto. Ainda trouxemos a ideia de que os estudantes que trabalham têm maior probabilidade de ocupar uma posição de baixo *status* no mercado de trabalho futuramente (BRITO, 2009).

Temos, portanto, um somatório de forças que restringem as oportunidades educacionais e de ocupação de posições melhores no mercado de trabalho para aqueles estudantes que, no momento atual, dividem seu tempo de escola com o tempo de trabalho. Por conseguinte, o nosso esforço limita o foco a outra parcela de estudantes que encaramos como trabalhadores do esporte, mais especificamente do futebol. Para esses, parece que as consequências de uma dupla carreira estão distantes dos seus horizontes, tanto pelo desconhecimento, quanto pelas paixões relacionadas às expectativas no esporte. A seguir, trataremos da discussão das características específicas dos determinantes legais para a área do esporte e as legitimações dos atores do campo, definindo nosso problema de pesquisa.

1.2.1 O Clube Formador: uma ferramenta legal

Encaramos até aqui as condições que os jovens atletas do esporte em geral e os estudantes trabalhadores enfrentam na relação de dupla carreira. Porém, passaremos a delimitar nosso campo de estudo a apenas uma modalidade esportiva e não por acaso.

O futebol é o esporte com maior visibilidade no cenário nacional. Admirado e criticado pelos brasileiros, tem sua face mais briosa apresentada como um espetáculo. Divide o horário nobre nas emissoras de televisão de sinal aberto e ocupa maior parte da programação dos jornais

esportivos. O futebol é um fenômeno de popularidade no Brasil. Dada a especificidade das suas características, o futebol convence um grande número de jovens a participar do seu recrutamento voluntário. O futebol mexe com as paixões, emoções, crenças de jovens que entendem esse esporte como possibilidade de mobilidade econômica e social.

O espetáculo futebolístico formou ao longo dos anos um mercado profissional altamente especializado, capaz de transformar força de trabalho em produto do próprio espetáculo. A formação profissional no futebol é regulada por uma legislação intrínseca ao esporte em tela e, obviamente, submetidas às leis de um país. Mas havemos de considerar que todo o processo de formação do jogador de futebol requer tempo e dedicação. O estudo de Damo (2005, 2007) revelou a necessidade de quase 5 mil horas de trabalho para se formar um jogador de futebol. No Rio de Janeiro, Melo (2010) indicou um total de mais de 6 mil horas, entre treinamentos e competições, ao longo de 9 anos de formação nas categorias de base do futebol. Todo esse tempo de investimento no esporte, conforme mostramos anteriormente, tende a concorrer com o tempo de dedicação e investimento na escola.

A concorrência entre o tempo destinado à escola e ao esporte não é o único problema enfrentado no decorrer da formação do atleta de futebol. O Ministério Público do Trabalho (MPT) vem investigando casos de violação dos direitos fundamentais de crianças e adolescentes que buscam a profissionalização no futebol. Barreto (2012) mostrou a ação do MPT no estado de Minas Gerais, quando 11 adolescentes foram encontrados sobrevivendo em condições sub-humanas, sem acesso à educação, ao convívio com a família e condições de salubridade no alojamento. Barreto (2012) afirma que,

Em Formiga, os menores não tinham acesso fácil às famílias, não frequentavam a escola e não tinham sequer autorização dos pais, por escrito, para estarem alojados nas dependências do clube. Estavam, ainda, sem cuidados básicos de higiene e saúde ou a proteção de um adulto. Os dados são do site oficial do MPT de Minas Gerais (p. 42).

A violação dos direitos da criança e do adolescente não é premissa de todos os clubes de futebol, mas não devemos ignorá-la. Uma rápida busca na internet faz com que prontamente verifiquemos várias outras notícias similares ao caso relatado por Barreto (2012). Por exemplo, em Goiás, em setembro de 2014, a ESPN noticiou uma ação em conjunto do Ministério Público do Trabalho com outros órgãos da justiça, por meio da qual foram resgatados 30 menores de 18 anos de idade sobrevivendo em condição destacada como “deplorável”. Esses mesmos adolescentes e jovens faziam parte de uma equipe de futebol de Santa Bárbara de Goiás e, para além da condição insalubre de sobrevivência, eles ainda faziam um pagamento para permanecer no alojamento improvisado. O diretor do clube defendeu-se argumentando que “era o que

podiam oferecer” aos jogadores que ali estavam. Mas o procurador Tiago Rainieri de Oliveira denunciou:

"Os adolescentes, menores de 18 anos, precisam de um contrato e formação profissional, mesmo sendo time amador, e receber uma bolsa por isso. Mas o que vimos aqui foi o inverso, pois, além de não existir esse contrato, os menores pagavam cerca de R\$ 400 por mês para permanecer nesse alojamento precário", garantiu (ESPN, 2014, s/p).

O Jornal Extra, do Rio de Janeiro, também relatou um caso sobre atletas de futebol menores de 18 anos que moravam em um alojamento improvisado. Dessa vez não se tratava de um clube esportivo. O caso destacou a figura de um agenciador de jogadores de futebol que trouxera os meninos para tentar a sorte nos testes dos clubes do Rio de Janeiro. A reportagem indicou que os meninos estavam residindo nos fundos de uma clínica médica desativada, almoçavam em um restaurante popular e pagavam cerca de R\$200,00 para permanecer no Rio de Janeiro, fazendo os testes nos clubes da cidade. A reportagem mostrou ainda que os jovens encaravam aquela condição com certa naturalidade, com a ideia de que estavam investindo em um sonho de carreira e que o sacrifício era compensado pelo bom tratamento que recebiam no local. Um dos menores entrevistados disse que recebia três refeições por dia e que quando solicitava um lanche era prontamente atendido. Apesar dos relatos de defesa, as evidências contrárias fizeram com que o alojamento fosse fechado por uma série de transgressões dos responsáveis pelas instalações (JORNAL EXTRA, 2009).

Os casos apresentados configuravam grave violação aos direitos dos jovens que são atletas de futebol e eram submetidos a condições precárias de sobrevivência em alojamentos improvisados. Pudemos perceber que a visibilidade dos exemplos foi dada somente por conta de denúncias, as quais fizeram com que essas situações chegassem aos órgãos competentes para averiguação e à imprensa. O cumprimento das sanções legais nesses casos e a chegada dos mesmos aos veículos de divulgação em massa causam constrangimentos que visam a minimizar essa relação abusiva, ao mesmo tempo em que estimula a denúncia de casos similares e legitima a funcionalidade da lei (BECKER, 2008).

Adotamos o futebol como uma modalidade de trabalho e que formalmente recruta adolescentes e jovens para esse campo de atuação, toma-lhes tempo e deve-lhes obrigações. Nesse caso, torna-se pertinente tratarmos da legislação e das orientações concernentes à condição do jovem trabalhador e do jovem atleta. Como já descrevemos, o caso da legislação brasileira sobre o tema em tela se inspira nas orientações da ILO. Portanto, verificamos que os dispositivos legais condizentes com as nossas falas são de ordem prescritiva do que se pode ou não fazer com os jovens que estão em condição de trabalho. Os exemplos usados para descrever

casos extremos de violação dos direitos dos jovens e adolescentes do futebol, para nós, confirmam a regra de que esse campo esportivo forma também um ambiente de trabalho.

O fato de crianças e adolescentes serem encaradas como indivíduos em desenvolvimento pela legislação brasileira lhes confere todos os direitos previstos na Constituição de 1988, além de atribuir-lhes direitos especiais relativos à sua condição. Os dispositivos preliminares do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990) definem que os 12 anos de idade delimitam a faixa etária compreendida para as crianças e que os adolescentes seriam os indivíduos até os 18 anos de idade. Ainda em sua fase inicial, o ECA apresenta no artigo 4º a seguinte disposição:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

O esporte e a profissionalização aparecem como direito da criança e do adolescente e dever da família, do Estado e da sociedade como um todo. Porém, o artigo 4º do ECA garante que o acesso a esses dois bens não deve suplantiar os demais direitos como a saúde, educação, alimentação, etc. As obrigações do Estado e da família estão presentes em todas as deliberações legais. O acesso ao esporte está disposto no Capítulo II do ECA, que trata dos Direitos à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade e aparece novamente no Capítulo IV, que dispõe sobre o Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer. É fundamental entendermos a condição especial do indivíduo em desenvolvimento, em que permanece a criança e adolescente, para atribuirmos as responsabilidades pelo cumprimento dos determinantes legais.

Quanto ao direito à profissionalização, os indicativos do ECA apontam uma legislação específica para tratar da proteção ao trabalho de crianças e adolescentes, mas destaca que a especificidade dessa condição não deve ferir o descrito no próprio ECA. Os artigos 63 e 64 do ECA apresentam as situações em que as crianças e os adolescentes poderão exercer atividades remuneradas, quais sejam:

Art. 63. A formação técnico-profissional obedecerá aos seguintes princípios:
I - garantia de acesso e frequência obrigatória ao ensino regular;
II - atividade compatível com o desenvolvimento do adolescente;
III - horário especial para o exercício das atividades.

Art. 64. Ao adolescente até quatorze anos de idade é assegurada bolsa de aprendizagem (BRASIL, 1990).

Os artigos 65 e 67 do ECA complementam sobre os direitos trabalhistas de crianças e jovens:

Art. 65. Ao adolescente aprendiz, maior de quatorze anos, são assegurados os direitos trabalhistas e previdenciários.

Art. 67. Ao adolescente empregado, aprendiz, em regime familiar de trabalho, aluno de escola técnica, assistido em entidade governamental ou não-governamental, é vedado trabalho:

I - noturno, realizado entre as vinte e duas horas de um dia e as cinco horas do dia seguinte;

II - perigoso, insalubre ou penoso;

III - realizado em locais prejudiciais à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social (BRASIL, 1990).

Reunimos aqui três informações básicas que condicionam a formação profissional do menor de 18 anos, a saber: 1) a criança e o adolescente têm o direito de exercer atividade remunerada; 2) o exercício do trabalho deve ser compatível com o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, mantendo-os longe de situações perigosas ou que firam seus demais direitos fundamentais; e 3) a condição de menor trabalhador deve funcionar em horários especiais e que lhe garanta a frequência e permanência na escola. O Estatuto da Criança e do Adolescente, no tangente à educação, à profissionalização e ao esporte, é claro em seus determinantes e na definição das responsabilidades para as garantias dos direitos dos indivíduos menores de 18 anos de idade. O Estado e a família são os principais eixos para que esses direitos sejam de fato garantidos às crianças e aos adolescentes.

O Estatuto da Juventude (EJ, BRASIL, 2013, Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013) particulariza as suas exigências legais nos casos de indivíduos com idade entre 15 e 29 anos de idade. Porém, resguarda ao Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) a prioridade para o cumprimento das normas para os indivíduos com idade entre 15 e 18 anos, sendo aplicado a esses casos o Estatuto da Juventude em situações excepcionais. A palavra “esporte” aparece somente uma vez nesse diploma legal, quando se trata do direito do jovem a exercer práticas esportivas. A Seção VIII, sobre o Direito ao Desporto e ao Lazer, no seu artigo 28, comenta que o jovem tem o direito à prática esportiva, com intuito de favorecer o seu desenvolvimento e dando ênfase ao esporte sem fins de competitividade, voltado à participação e ao lazer.

Já sobre a profissionalização, o Estatuto da Juventude dedica toda uma Seção para tratar do assunto. A Seção III, do Direito à Profissionalização, ao Trabalho e à Renda, estabelece que:

Art. 14. O jovem tem direito à profissionalização, ao trabalho e à renda, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, adequadamente remunerado e com proteção social.

Art. 15. A ação do poder público na efetivação do direito do jovem à profissionalização, ao trabalho e à renda contempla a adoção das seguintes medidas:

I - promoção de formas coletivas de organização para o trabalho, de redes de economia solidária e da livre associação;

II - oferta de condições especiais de jornada de trabalho por meio de:

a) compatibilização entre os horários de trabalho e de estudo;

b) oferta dos níveis, formas e modalidades de ensino em horários que permitam a compatibilização da frequência escolar com o trabalho regular;

IV - atuação estatal preventiva e repressiva quanto à exploração e precarização do trabalho juvenil;

V - adoção de políticas públicas voltadas para a promoção do estágio, aprendizagem e trabalho para a juventude;

Art. 16. O direito à profissionalização e à proteção no trabalho dos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos de idade será regido pelo disposto na Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, e em leis específicas, não se aplicando o previsto nesta Seção (BRASIL, 2013).

O Estatuto da Juventude complementa o que é regulado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, levanta questões sobre a obrigatoriedade do poder público em gerar e gerenciar oportunidades de profissionalização para os indivíduos contemplados pela lei e remete novamente ao ECA acerca da proteção dos menores de 18 anos no exercício do trabalho. O que podemos extrair dessa regulamentação é a necessidade de vigilância do Estado e do poder público sobre as condições a que são submetidas as pessoas em seus trabalhos. Ademais, vimos a necessidade de compatibilização dos horários de trabalho e dos estudos, atribuindo ao empregador as obrigações da garantia de horários especiais para o trabalho e que não atrapalhem a dedicação aos estudos.

Ambos os Estatutos remetem à legislação específica quando tratam da regularização da qualidade do trabalho para crianças, adolescentes e jovens. Podemos supor que estejam indicando a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT, BRASIL, 1943, Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943) como referência. Se assim for, o Capítulo IV é o envolvido nas disposições para a proteção do trabalho do menor de 18 anos de idade. Aliás, para a CLT, considera-se menor trabalhador, aquele que tiver idade entre 14 e 18 anos de idade. O artigo 403 da CLT indica que é vedado qualquer trabalho a menor de 16 anos e maior de 14 anos, salvo a condição de aprendiz. A definição da condição de aprendiz se dá por uma espécie de contrato especial destinado ao menor de 16 anos de idade. A previsão estabelecida encontra-se no artigo 428 da CLT (BRASIL, 1943).

Art. 428. Contrato de aprendizagem é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado, em que o empregador se compromete a assegurar ao maior de 14 (quatorze) e menor de 24 (vinte e quatro) anos inscrito em programa de aprendizagem formação técnico-profissional metódica, compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, e o aprendiz, a executar com zelo e diligência as tarefas necessárias a essa formação (ibidem).

Apesar das condições especiais para submeter um menor de 18 anos a situações de exercício de atividades remuneradas, a CLT faz uso das suas atribuições para estabelecer quais são as responsabilidades dos envolvidos nessa relação. Como vimos, é dever do Estado e da família zelar pela proteção do menor de 18 anos de idade. O mesmo cuidado se espera para os menores de 18 anos que estejam trabalhando. Para esses casos específicos, a própria CLT atribui:

Art. 424 - É dever dos responsáveis legais de menores, pais, mães, ou tutores, afastá-los de empregos que diminuam consideravelmente o seu tempo de estudo, reduzam o tempo de repouso necessário à sua saúde e constituição física, ou prejudiquem a sua educação moral.

Art. 425 - Os empregadores de menores de 18 (dezoito) anos são obrigados a velar pela observância, nos seus estabelecimentos ou empresas, dos bons costumes e da decência pública, bem como das regras da segurança e da medicina do trabalho.

Art. 426 - É dever do empregador, na hipótese do art. 407⁶, proporcionar ao menor todas as facilidades para mudar de serviço.

Art. 427 - O empregador, cuja empresa ou estabelecimento ocupar menores, será obrigado a conceder-lhes o tempo que for necessário para a frequência às aulas.

Parágrafo único - Os estabelecimentos situados em lugar onde a escola estiver a maior distância que 2 (dois) quilômetros, e que ocuparem, permanentemente, mais de 30 (trinta) menores analfabetos, de 14 (quatorze) a 18 (dezoito) anos, serão obrigados a manter local apropriado em que lhes seja ministrada a instrução primária (BRASIL, 1943).

Observemos os cuidados atrelados à condição de jovem, trabalhador e estudante. Todos os dispositivos das leis apresentadas até aqui confiam ao empregador, à família ou aos órgãos públicos a obrigatoriedade do cumprimento do direito à educação. As mesmas orientações estão previstas em outras leis, como: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, BRASIL, 1996, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) e a Lei do Jovem Aprendiz (LJA,

⁶ Art. 407 - Verificado pela autoridade competente que o trabalho executado pelo menor é prejudicial à sua saúde, ao seu desenvolvimento físico ou a sua moralidade, poderá ela obrigá-lo a abandonar o serviço, devendo a respectiva empresa, quando for o caso, proporcionar ao menor todas as facilidades para mudar de funções (BRASIL, 1943).

BRASIL, 2000, Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000). Esses determinantes legais regulam a formação do processo de profissionalização do menor de 18 anos de idade, concentrando-se em categorias gerais. Todavia, como já havíamos previsto, essa regulamentação carece das especificidades de profissões que não fazem parte do mercado de trabalho regular. Por exemplo, a ILO sugeriu que as carreiras do entretenimento e das artes tivessem tratamentos julgados caso a caso. Talvez, o mesmo sirva para o esporte.

Os trabalhos referidos para o combate e à erradicação do trabalho infantil ganharam um adendo nas agendas das discussões no Brasil. A Coordenadoria Nacional de Combate à Exploração do Trabalho de Crianças e Adolescentes (COORDINFÂNCIA), criada em 10 de dezembro de 2000, tem a função de estimular, orientar e fiscalizar ações que visem ao ataque à exploração de menores de 18 anos de idade (MPT/COORDINFÂNCIA, 2010). Nesse sentido, o Relatório de Atividades de 2010 da referida agência do Ministério Público do Trabalho destacou a necessidade de se ajuizar ações que tenham como propósito o combate à exploração dos menores em agências de formação esportiva. A palavra “esporte” é repetida 33 vezes ao longo de todo o relatório de atividades e em todas as ocasiões explora-se a relação de trabalho existente entre as agências esportivas e os atletas em formação profissional (*idem*).

A COORDINFÂNCIA exauriu a argumentação sobre a profissionalização de jovens atletas e colocou em evidência as necessidades de se discutir a regulamentação vigente para o esporte, contrapondo-a e complementando-a a partir dos mecanismos legais para a formação profissional de jovens. O Relatório de Atividades da COORDINFÂNCIA propôs um maior acompanhamento da formação esportiva de jovens atletas e justifica a sua intenção a partir do seguinte contexto:

A Lei Pelé introduziu um início de sistematização dos direitos e garantias das crianças adolescentes envolvidos em relações de trabalho focadas na formação profissional como atletas. No entanto, existem lacunas e contradições que colaboram para a precarização das relações de profissionalização. Além disso, a realidade é que a formação de atletas virou um negócio que atrai tanto pessoas ou grupos comprometidos com a infância e com o esporte quanto aventureiros comprometidos exclusivamente com o potencial de lucro que poderão obter explorando o trabalho de atletas-mirins. Como a relação de profissionalização, principalmente nos esportes coletivos, e especificamente no futebol implica uma forma de relação de trabalho, abre-se um amplo leque de situações que demandam a atuação do MPT (MPT/COORDINFÂNCIA, 2010, p. 128).

O Relatório de Atividades da COORDINFÂNCIA tangenciou questões que abarcam a profissionalização de atletas de um modo geral. Porém, ela abre um precedente e coloca em evidência o futebol. A formação profissional no futebol é uma das principais razões para se discutir as leis sobre esse tema no Brasil. A Lei Pelé (LP, BRASIL, 1998, Lei nº 9.615, de 24

de março de 1998) foi um marco importantíssimo para o princípio da regulação da profissionalização do atleta no país. Sofreu algumas alterações desde o seu ano de criação. Em 2003, alguns de seus dispositivos foram revogados e substituídos por outros previstos na Lei nº 10.672, de 15 de maio (BRASIL, 2003). Em 2011, houve novas orientações prescritas na Lei nº 12.395, de 16 de março de 2011 (BRASIL, 2011). Chegou ao seu texto mais atual⁷ em 2015 (BRASIL, 2015), quando a Lei nº 13.155, de 4 de agosto de 2015, foi promulgada e introduziu novos elementos constitutivos na referida lei.

As mudanças na Lei Pelé surgiram como efeito de melhor adequação da relação de trabalho entre clube e atleta. No concernente ao atleta em formação, ela ganhou novos artigos, incisos e parágrafos. O Capítulo III reconhece o esporte em quatro manifestações distintas:

Art. 3º O desporto pode ser reconhecido em qualquer das seguintes manifestações:

I - desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer;

II - desporto de participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente;

III - desporto de rendimento, praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações.

IV - desporto de formação, caracterizado pelo fomento e aquisição inicial dos conhecimentos desportivos que garantam competência técnica na intervenção desportiva, com o objetivo de promover o aperfeiçoamento qualitativo e quantitativo da prática desportiva em termos recreativos, competitivos ou de alta competição. (BRASIL, 1998).

As manifestações esportivas das quais temos interesse em debater no presente trabalho são as que se referem à formação e profissionalização do atleta. A Lei Pelé e suas modificações deram aparato legal à criação do Certificado de Clube Formador (CCF). Esse documento legal demarca as ações que um clube deve empreender para qualificar-se como entidade formadora. Essas ações estão previstas nas alterações sofridas pela Lei Pelé, a partir da Lei nº 12.395, de 2011. Aproveitando-se dos dispositivos previstos na nova Lei Pelé, a Confederação Brasileira

⁷ Houve ainda alterações na Lei Pelé no ano de 2013 (BRASIL, 2013b, Lei nº 12.868, de 15 de outubro de 2013), mas a formação profissional do atleta não foi discutida.

de Futebol (CBF) deliberou sobre a elaboração do CCF, tornando-se a responsável por verificar o cumprimento das normas estabelecidas e por atribuir aos seus entes federativos tal certificação.

A Resolução da Presidência da CBF de número 1, no ano de 2012, sancionou a criação do Certificado do Clube Formador, atribuindo critérios e delegando obrigações às Federações Estaduais de futebol sobre o parecer a ser dado aos clubes que pleiteassem essa certificação. A CBF não tomou para si tal responsabilidade. Na realidade, ela foi incumbida de ser a entidade fiscalizadora do cumprimento das normas estabelecidas pela nova redação na Lei Pelé (CBF, 2012). A mesma resolução define e qualifica o Clube Formador em duas categorias, sendo a principal delas dada aos que estabelecerem condições acima do mínimo exigido pela Lei. As categorias do CCF são:

Categoria “A” – para os clubes que preencherem requisitos comprovadamente acima das exigências mínimas, concedido com validade máxima de dois (2) anos;

Categoria “B” – para os clubes que preencherem os requisitos mínimos, concedido com validade máxima de um (1) ano (CBF, 2012, s/p).

Os requisitos mínimos para obtenção do CCF estão estabelecidos no Anexo II da mesma resolução da CBF. Em resumo, os clubes devem comprovar: 1) a relação e a qualificação do corpo de profissionais responsáveis pela formação dos atletas (técnicos, preparadores físicos, etc.); 2) participação em competições oficiais nas categorias de base; 3) apresentação de todo o cronograma de atividades dos atletas, assegurando-lhes a compatibilidade entre essas e sua faixa etária, bem como a conciliação com a formação escolar; 4) prestação de assistência aos estudos do atleta, garantindo-lhe horários para o cumprimento de qualquer que seja sua modalidade de ensino, realizando sua matrícula, controlando sua frequência e rendimento nas atividades educacionais; e 5) garantia a assistência à saúde do atleta com profissionais capacitados. Além desses requisitos, o clube ainda deve assegurar aos jovens em formação o convívio com a família, sem que haja prejuízo às atividades profissionais; fornecer material esportivo para o treinamento e competições; e zelar pela saúde mental, alimentação, entre outros direitos já apresentados nessa seção (CBF, 2012).

Os requeridos critérios estabelecidos na Resolução da Presidência da CBF não fazem nenhuma objeção ao exigido pela nova redação da Lei Pelé, dada pela Lei nº 12.395/11 (BRASIL, 1998, 2011). O artigo 29 da Lei Pelé regula a definição de uma entidade formadora, atribuindo a competência da fiscalização e certificação ao órgão gerente da modalidade esportiva no país. Sendo assim, a CBF saltou a frente e se dispôs a submeter-se a essas

exigências. Porém, as orientações dadas pelos dispositivos legais não convergem apenas para a garantia dos direitos dos menores de 18 anos que estejam em processo de profissionalização no esporte. As instituições esportivas que cumprirem as exigências legais gozarão de benefícios como entidade formadora, conforme esclarece o artigo 29 da Lei Pelé:

Art. 29. A entidade de prática desportiva formadora do atleta terá o direito de assinar com ele, a partir de 16 (dezesseis) anos de idade, o primeiro contrato especial de trabalho desportivo, cujo prazo não poderá ser superior a 5 (cinco) anos (BRASIL, 1998, 2011).

Além da prioridade na assinatura do primeiro contrato profissional do menor de 18 anos que passar pelo processo de profissionalização no clube com o CCF, o clube esportivo ainda terá participações nos percentuais de transações econômicas em que aquele atleta esteja envolvido. Caso haja algum tipo de desistência por parte do atleta em vincular-se profissionalmente ao clube que comprovadamente foi seu formador, esse clube terá o direito a uma verba indenizatória, como podemos ver no parágrafo 5º, do artigo 29 da Lei Pelé:

§ 5º A entidade de prática desportiva formadora fará jus a valor indenizatório se ficar impossibilitada de assinar o primeiro contrato especial de trabalho desportivo por oposição do atleta, ou quando ele se vincular, sob qualquer forma, a outra entidade de prática desportiva, sem autorização expressa da entidade de prática desportiva formadora, atendidas as seguintes condições:

I - o atleta deverá estar regularmente registrado e não pode ter sido desligado da entidade de prática desportiva formadora;

II - a indenização será limitada ao montante correspondente a 200 (duzentas) vezes os gastos comprovadamente efetuados com a formação do atleta, especificados no contrato de que trata o § 4º deste artigo;

III - o pagamento do valor indenizatório somente poderá ser efetuado por outra entidade de prática desportiva e deverá ser efetivado diretamente à entidade de prática desportiva formadora no prazo máximo de 15 (quinze) dias, contados da data da vinculação do atleta à nova entidade de prática desportiva, para efeito de permitir novo registro em entidade de administração do desporto (BRASIL, 1998, 2011).

A certificação da entidade formadora do atleta é um avanço na garantia dos direitos previstos na legislação pertinente ao menor de 18 anos de idade. Mas acreditamos também que a contrapartida prevista aos clubes é o principal incentivo para a “corrida de adesão” aos determinantes legais para adquirir o CCF. O clube não fica desamparado quando o atleta define seu desligamento. O mecanismo indenizatório confere ao clube certa segurança para investir em melhorias para o atendimento da formação profissional do atleta. Entendemos o CCF como uma via de mão dupla em que, por um lado, atende aos interesses financeiros dos clubes, por outro, pode ser que ele tenda a diminuir os casos abusivos que apresentamos no início da seção.

A iniciativa é recente e pode ser que ainda não tenha mostrado resultados efetivos para ambos os casos.

As definições apresentadas aqui informam a legalidade que tange à formação do jovem trabalhador e, por analogia, coloca no centro das nossas atenções os jovens atletas. Em resumo, observamos que a formação profissional para menores de 18 anos pode se iniciar aos 14 anos de idade na condição de aprendiz. Além disso, todos os dispositivos legais direcionam a ação do empregador a garantir a esses jovens em processo de profissionalização o direito à saúde, à educação, ao convívio com a família, ao lazer e a outras formas de existência com respeito à dignidade humana. Destacamos, ainda, a responsabilidade do Estado, do poder público e da família em cuidar para que os jovens em processo de profissionalização não sofram violações a esses direitos. A questão da legalidade está prevista e exposta com clareza nesta seção. A continuidade do texto nos dirá sobre a forma como os indivíduos se apropriaram desse debate legal para legitimar os acordos no campo esportivo.

1.3 PROBLEMA

O Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC), no âmbito das suas pesquisas acadêmicas, vem levantando o debate sobre o processo de conciliação e formação profissional de jovens atletas, tal conciliação é elaborada a partir do conceito de dupla carreira que auxilia a pensar as diferentes possibilidades do atleta construir a carreira esportiva em paralelo ao processo de escolarização. Conforme apresentado na seção 1.1 do presente trabalho e, posteriormente, na seção 1.2, as questões que abarcam a legislação sobre a formação profissional de jovens sofre com as negociações no campo esportivo. Em princípio, tendemos a concordar que o campo esportivo e os contextos sociais, em geral, influenciam as ações individuais e criam normas e legitimações das regras vigentes, podendo ou não as cumprir de modo literal (WHYTE, 2005; BECKER, 2008). Além disso, essas formas de negociação das regras permitem aos atores formarem novos arranjos e novas configurações que tratem de forma melhor as suas demandas individuais (ELIAS, 1970).

Quando versamos sobre jovens em processo de profissionalização no esporte, estamos lidando com espaços de convívio nos quais diferentes tensões podem surgir entre os atores e instituições que protagonizam tal processo: família, instituições esportivas e seus agentes e a escola e seus agentes. A família tende a traçar planos, filtrar informações e influenciar os projetos e curso de vida de seus filhos; o esporte, em especial os clubes de futebol, devem lidar com a responsabilidade de ser agência formativa e, ao mesmo tempo, produtor de talentos para retroalimentar esse mercado de entretenimento; e, por fim, a escola convive com diferentes projetos e cursos de vida dos jovens que nem sempre são convergentes com o projeto de escolarização. É sobre esse processo de interdependência entre instituições e atores sociais que se encontra a figura alvo da investigação.

Os exemplos ilustrados até aqui nos mostraram como os jovens atletas agem diante dessas configurações. A pesquisa de Melo (2010) mostrou que as categorias de base exigem tanto do jovem atleta que, em certo momento, ele se vê obrigado a migrar para o ensino noturno. Observemos que essa característica do futebol poderia ser alvo de críticas se condicionarmos a obrigação do empregador ou da entidade formadora em garantir horários especiais para que os jovens tenham pleno direito ao acesso à educação, sem qualquer prejuízo. Questionou-se a qualidade do ensino noturno no Rio de Janeiro, porém, deixamos de registrar que esse movimento para essa modalidade de ensino só existe, porque nosso sistema educacional certifica o ensino noturno.

As configurações formadas pelos horários de treinamento e competições levam os atletas a escolherem a mudança para o ensino noturno na medida em que avançam no sentido da profissionalização no esporte. A formação profissional no futebol vem sendo questionada pelo Ministério Público do Trabalho. Antes, vimos que a legislação que prevê a proteção dos direitos das crianças, dos adolescentes e dos jovens não dissertam sobre a condição do jovem atleta. Por outro lado, a Lei Pelé, com as modificações que sofreu, tenta atribuir alguns de seus dispositivos à formação profissional do jovem no esporte, em especial no futebol. Ainda observamos as condições que a CBF aproveitou para a classificação de uma entidade formadora, a partir do Certificado de Clube Formador, criando maiores situações de enquadramento do jovem atleta na categoria de trabalho. Mesmo assim, o Ministério Público do Trabalho enxergou lacunas nessas condições estabelecidas por esses mecanismos legais.

A preocupação do MPT associou-se às questões relacionadas à grande visibilidade que o Brasil teria nos últimos anos com a realização da Copa do Mundo de Futebol (2014) e dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos (2016) na cidade do Rio de Janeiro. Segundo o MPT, as suas ações deveriam ser acentuadas, uma vez que essa ampla divulgação do esporte de rendimento poderia ser um atrativo maior para a profissionalização no esporte, ao mesmo tempo que ampliaria o rol de atores que pudessem se aproveitar para explorar e violar os direitos dos jovens aspirantes ao esporte profissional (JESUS *et. al.*, 2013).

Entre as principais críticas do MPT relacionadas ao esporte de rendimento encontram-se:

- Utilização de crianças e/ou adolescentes com idade inferior a 14 anos, submetidos à seletividade e à hipercompetitividade típica do futebol praticado como esporte de rendimento;
- Lesão ao direito à convivência familiar e comunitária. Os jovens, muitas vezes, são alojados no clube e perdem o contato e até mesmo o laço com seus familiares, parentes e amigos;
- Lesão ao direito à educação. Na busca da realização do difícil ou quase impossível sonho de se realizar profissionalmente no esporte, muitos adolescentes são afastados dos bancos escolares;
- Excesso da carga de treinamento, incompatível com a condição peculiar do adolescente como pessoa em desenvolvimento, o que pode gerar lesões, às vezes irreversíveis, à saúde dos jovens;
- Alojamentos com péssima qualidade, implicando condições degradantes de trabalho;
- Ausência de formalização do contrato do atleta não profissional em formação e do pagamento da bolsa de aprendizagem;
- Tráfico nacional e internacional de crianças para fins de exploração de formação profissional como atletas (JESUS *et. al.*, 2013, p.12).

As críticas são relevantes para entendermos os limites impostos pela legislação pertinente ao tema. A garantia dos direitos das crianças, adolescentes e jovens no esporte devem

ser encarados com seriedade, uma vez que as notícias correntes em sites de divulgação em massa convergem exatamente para os pontos destacados pelas críticas do MPT. Mas o fato de a Lei Pelé utilizar-se das categorias definidoras do esporte⁸ abre precedentes para que os clubes e entidades que formam atletas lancem mão desses argumentos para se protegerem das ações do MPT (JESUS *et. al.*, 2013). Segundo o MPT, os clubes e entidades que projetam os jovens para o esporte costumam dizer que os treinos e atividades esportivas ministrados em suas dependências são de caráter educacional, tentando evitar, assim, as satisfações ao MPT (*idem*).

Mesmo com essas artimanhas usadas pelos clubes e entidades formadoras no esporte, o MPT entende que a formação esportiva se atrela à categoria de esporte de rendimento, o que faz com que suas ações sejam condizentes para a garantia dos direitos das crianças adolescentes e jovens nesse processo de formação. Ainda assim, torna-se necessário caracterizar a relação de trabalho e emprego que pode vir a ter entre os jovens no processo de formação esportiva e os clubes e entidades formadoras no esporte. Nesse caso, Jesus *et. al.* (2013, p. 17) descreveu:

[...] os esportes individuais, como regra, não implicam relação empregatícia. A remuneração dos atletas que se dedicam a esses esportes, quando existente, provém de patrocínios, cessões de direito à imagem ou mesmo de programas governamentais de incentivo ao esporte. Esse tipo de relação jurídica refoge à competência da Justiça do Trabalho, muito embora possa ser definida como uma espécie de trabalho, em sentido amplo.

No que diz respeito aos esportes coletivos, a situação é diferente. Existe uma relação jurídica entre os atletas e os clubes aos quais estão vinculados. É possível que essa relação jurídica seja de trabalho voluntário, o que ocorre em regra nas ligas amadoras. Nesses casos, por amor ao esporte, por desejo de competir, o atleta se vincula ao clube. No entanto, a partir do momento em que o clube contrata atletas para defendê-lo em competições, seja para manter seu *status* e atrair mais sócios, seja para usufruir do produto da bilheteria, propaganda, *merchandising* ou direitos de reprodução dos espetáculos, surge uma relação empregatícia.

No entendimento do Ministério Público do Trabalho, a relação empregatícia entre o atleta e o clube acontece quando o primeiro é contratado para produzir o espetáculo esportivo. Ainda nesse sentido, há uma crítica do MPT sobre a condição da relação de trabalho entre o clube e o atleta que, segundo Jesus *et. al.* (2013), foi afastada pelos dispositivos da Lei Pelé, no artigo 29, parágrafo 4º⁹, que versa sobre o atleta maior de 14 anos de idade e menor de 20 anos. A medida da Lei Pelé dispõe sobre a possibilidade de o clube ou entidade formadora poder

⁸ Artigo 3º da Lei Pelé, conforme descrito anteriormente no presente trabalho, que trata sobre as classificações do esporte como sendo: educacional, de participação, de rendimento e de formação.

⁹ § 4º O atleta não profissional em formação, maior de quatorze e menor de vinte anos de idade, poderá receber auxílio financeiro da entidade de prática desportiva formadora, sob a forma de bolsa de aprendizagem livremente pactuada mediante contrato formal, sem que seja gerado vínculo empregatício entre as partes (BRASIL, 1998, Artigo 29, parágrafo 4º).

firmar um acordo de recebimento de proventos pelo atleta, através de bolsa aprendizagem, porém, sem configurar vínculo empregatício. Todavia, dada a exposição dos jovens em formação no esporte às competições e à produção para o espetáculo esportivo, o MPT entende toda relação do clube ou entidade formadora com o atleta em formação como uma forma mais ampla de relação de trabalho, cabendo, assim, sua supervisão e acompanhamento das ações nos casos pertinentes (*idem*).

O esforço do Ministério Público do Trabalho em enquadrar a natureza de profissionalização no esporte de rendimento nos seus planos de ação remete às lacunas deixadas pela legislação cujos temas envolvem crianças, adolescentes e jovens e suas possíveis relações de trabalho. Até então, as Leis aqui apresentadas na seção 1.2 colocavam em tela as crianças, adolescentes e jovens de um modo geral; suas condições e situações de trabalho. Visualizavam condições especiais de jovens como os circenses, por exemplo, mas deixavam de lado as exceções e particularidades do jovem atleta. O que vimos com a exposição das orientações do MPT é a tentativa de retirada do jovem atleta da condição de subinclusão¹⁰ nas leis referentes ao trabalho e à proteção dos direitos de crianças adolescentes e jovens, encaixando-os na categoria de jovem trabalhador.

A iniciativa do MPT sugere um avanço na mediação da relação entre jovem atleta e clube ou entidade formadora. Os casos de violação dos direitos fundamentais dos jovens atletas – apresentados na seção 1.2 do presente capítulo – mostraram a que ponto se podia chegar as atitudes daqueles que visam ao lucro a qualquer custo na formação esportiva. Entretanto, essas orientações são datadas do ano de 2013, e, ainda, é recente para que possamos analisar a fundo as ações e acompanhamentos do Ministério Público do Trabalho sobre a relação do jovem atleta com o clube ou entidade formadora. Imaginamos que essas ações ainda estão restritas aos casos extremos de violação dos direitos dos jovens atletas, como a exploração do trabalho infantil, submissão dos atletas a condições insalubres de sobrevivência, ausência do convívio com a família e restrição ao direito a estar matriculado e/ou frequentar a escola.

Pensávamos que a condição de subinclusão a que os jovens atletas estavam submetidos pela legislação concernente aos direitos das crianças, adolescentes e jovens, bem como no que se refere ao trabalho infanto juvenil, poderia expô-los a uma condição de maior vulnerabilidade nas questões entre a formação no esporte e seus direitos pessoais. Talvez essa hipótese tenha

¹⁰ Entende-se por subinclusão os casos em que a legislação pertinente não trata nos seus textos legais, porém deveriam estar encaixados nos seus dispositivos (MOLITERNO; STRUCHINER, 2009). O nosso exemplo sobre a condição do jovem atleta não estar prevista nas leis de proteção dos direitos das crianças, adolescentes e jovens, bem como não há prescrição na legislação sobre o trabalho, está bem representado na categoria de subinclusão.

sido confirmada pelo próprio Ministério Público do Trabalho, com a preocupação em enquadrar os jovens atletas na condição também de trabalhador, para melhor atender a suas demandas de formação profissional. Todavia, ainda nos preocupamos com a maior parte dos atletas em processo de formação profissional.

As tensões do campo esportivo limitam as possibilidades dos atletas de ter uma relação melhor com a escola básica. As pesquisas realizadas pelo LABEC demonstraram que esses jovens atletas em formação profissional têm poucas oportunidades de se manter em uma só escola, uma vez que se veem obrigados a trocar de turno ou de estabelecimento de ensino com o aproximar das categorias profissionais, ou ainda no caso de troca de clube e/ou cidade (MELO, 2010). Essas trocas de estabelecimentos de ensino podem fazer com que esses atletas estabeleçam vínculos fracos com a escola, minimizando a importância dada ao processo de escolarização (ROCHA, 2013). O problema é que estamos encarando a maior parte da parcela de jovens atletas que não terá seus direitos violados de forma tão acintosa a ponto de fazer com que a preocupação do Ministério Público do Trabalho volte seus olhares para esses casos.

O LABEC apresentou dados que tratam do projeto de vida dos jovens atletas e a forma como esses jovens em formação profissional vêm colocando a escola em segundo plano. Além disso, mostramos que as negociações feitas pelos agentes desse campo de atuação tendem a afrouxar as normas escolares para que os jovens atletas permaneçam matriculados e frequentando, às vezes precariamente, a escola. Não conseguimos inferir se há um prejuízo latente nessa relação entre o jovem atleta e a escola, mas sugerimos até o momento que a flexibilização das normas pela escola pode atrapalhar o futuro profissional do jovem atleta, caso ele não obtenha êxito no mercado do esporte (SOUZA *et. al.*, 2008).

O que colocamos em jogo é a questão da legitimação do campo a respeito das legislações pertinentes ao tema da profissionalização dos jovens atletas e seu processo de escolarização. Observamos que por determinação legal e até por orientação do Ministério Público do Trabalho, os jovens atletas são encarados como jovens trabalhadores e que gozam de direitos como acesso e permanência na educação; convívio com a família; saúde; lazer; etc. Por outro lado, o campo esportivo, principalmente o futebol, recebe incontáveis jovens do sexo masculino que visam um dia se tornarem profissional no esporte. Do mesmo modo, a escola tende a afrouxar suas normas regulares para atender às demandas desse grupo de jovens atletas em formação profissional. Essa configuração e esse jogo entre o esporte e a escola vêm produzindo uma resposta em que quase sempre a escola perde espaço nos projetos de vida dos jovens atletas.

A relação entre a profissionalização esportiva e a formação na escola básica estabelece uma configuração intrincada e complexa, para a qual dedicamos essa pesquisa de doutorado. O

campo esportivo concorre pelo tempo e pela dedicação dos jovens atletas e, conseqüentemente, configura um jogo quase sempre de forças desproporcionais aos apelos da formação escolar. No centro dessas relações, o jovem atleta se coloca como agente em busca de solucionar um conflito entre um sonho de vida (o esporte) e uma demanda social compulsória (a escola). Além disso, a família e o Estado atuam como mediadores desse problema de forma, aparentemente, superficial. É nesse contexto em que os jovens atletas devem realizar suas escolhas. Diante disso, o problema para o qual buscaremos resposta é o seguinte: como os atletas percebem suas apostas e atuam diante das demandas da escola e do esporte na estruturação de seus projetos de vida? Assim encerramos a primeira etapa do Capítulo I da tese, apresentando o problema de pesquisa. A seguir, na próxima seção, apresentaremos os objetivos geral e específicos do presente trabalho.

1.4 OBJETIVOS

O cenário apresentado até aqui mostrou um contexto complexo na relação entre a formação profissional no esporte, em especial no futebol, e as formas de conciliação com a formação escolar nos projetos de vida dos atletas. Além disso, argumentamos que as pesquisas sobre escolarização de jovens trabalhadores não tratam da condição do jovem atleta. Ainda nesse viés, vimos que a legislação pertinente aos jovens em formação profissional e a legislação sobre a educação também não contemplam de modo integral a situação do jovem atleta. Com isso, o Ministério Público do Trabalho precisou atuar balizando recomendações que incluem o jovem atleta na categoria de jovem trabalhador. Por fim, observamos que o problema a ser encarado pela atual pesquisa é entender como os atletas percebem suas apostas e atuam diante das demandas da escola e do esporte na estruturação de seus projetos de vida. Dessa forma, os objetivos da pesquisa são listados abaixo:

1.4.1 Objetivo Geral

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar como os jovens atletas observam as oportunidades de profissionalização através do esporte e da escola, atuando e estruturando seu planejamento para o curso de vida.

1.4.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos dessa pesquisa são:

- descrever e analisar as percepções dos jovens atletas sobre as oportunidades de profissionalização através do esporte e da escola;
- entender e descrever como os jovens atletas atuaram diante das oportunidades escolares e da profissionalização no futebol;
- demonstrar como os jovens atletas estruturaram seus projetos de carreira profissional a partir das suas percepções sobre o mercado do futebol e das possibilidades geradas pela escolarização.

CAPITULO II: FORMANDO A HIPÓTESE, APRESENTANDO AS QUESTÕES E OS MÉTODOS

2. APRESENTAÇÃO

Nesse capítulo, pretendemos apresentar a construção da hipótese e as questões que envolvem todo o planejamento e execução do presente trabalho. No primeiro momento, abordaremos a questão das características do futebol, suas oportunidades de trabalho e o processo que entendemos como o de sedução e recrutamento de jovens para ingressar nas categorias de base. No segundo momento, trabalharemos com os dados sobre o sistema educacional brasileiro e as questões sobre as desigualdades de oportunidades na educação. Acreditamos que essas duas formas de encarar o tema esporte e escolarização têm a ver com a projeção que os jovens atletas fazem do seu projeto de carreira.

Vamos entender esse capítulo como a construção do cenário onde as escolhas dos atletas recaíam sobre o investimento na dupla carreira. Pensemos que a ideia da complexidade da sociedade e da estrutura de oportunidades que são apresentadas nesse capítulo contribuem para que os jovens atletas formem sua percepção sobre a exequibilidade dos seus projetos individuais de carreira. Ademais, pode-se dizer que o modo como os estímulos da sociedade são encarados pelos jovens atletas também são inspirados na forma como eles interagem e criam suas redes de sociabilidade. O futebol é, para além de um mercado de formação profissional, um símbolo da cultura nacional e parte da formação da identidade masculina nos países da América do Sul (ARCHETTI, 2003). Ao lado disso, a escola mantém-se como uma obrigação social.

2.1 AS CARACTERÍSTICAS DO FUTEBOL: SEDUÇÃO E ILUSÃO

O futebol seduz, encanta, estimula paixões e incendeia o coração dos brasileiros que tanto são aficionados pelo esporte. Faz do campo o seu palco, dos jogadores os artistas e dos torcedores seus espectadores efusivos e prontos para gritar gol e seguir seus clubes de forma quase religiosa. O *marketing* das transmissões esportivas está cada vez mais envolvente, conta histórias de heróis e guerreiros que entrarão em campo para uma batalha épica. Os clubes assumem seus personagens e fazem disso mais um elemento de sedução. Não à toa, os maiores jargões do futebol no Brasil delimitam esse esporte como fonte da identidade do brasileiro: “Brasil, o país do futebol”, “a pátria de chuteiras” e por aí podemos somar mais e mais lemas que são entoados pelos quatro cantos do país. A mídia televisiva dedica maior parte do seu diário esportivo ao futebol. Não diferente é o caderno de esportes nos jornais impressos. Os principais destaques das mídias eletrônicas, no cenário esportivo, dizem respeito ao futebol. Todo esse aparato midiático transforma o futebol em uma narrativa de sonho, um espetáculo que quebra a rotina do tempo ordinário.

A discussão a respeito do espaço da espetacularização no futebol é parte integrante de um esporte que parece ter se alçado como modalidade importante para a afirmação da identidade e da masculinidade brasileira. Ele se tornou historicamente um esporte em que meninos o praticam sob todas as suas formas de manifestação, desde o lazer ao modo profissional. Consequentemente, a presença desse esporte no cotidiano dos homens brasileiros é constante até mesmo na fase adulta. Essa insistente presença do futebol no cotidiano do brasileiro nos leva a pensar sobre como esse esporte pode contribuir no sentido de os jovens atletas formarem o desejo de insistir na profissionalização.

O modo como o futebol vem sendo encarado como ferramenta para a compreensão da formação da identidade e das masculinidades na América Latina foi tema tratado no livro de Eduardo Archetti (2003). Nessa obra, o autor juntou relatos históricos e histórias dos informantes, além de material da imprensa e da arte argentina, para problematizar as representações e a construção das masculinidades em diferentes espaços da cultura local. Esportes como o polo e o futebol, e o tango como representação artística, foram os exemplos explorados pelo autor para construir seu argumento. Para Archetti (2003), esses diferentes locais de manifestação cultural eram tidos como “zonas livres”, onde as manifestações das masculinidades se apresentariam de forma espontânea. Além disso, a linha de raciocínio descrita pelo autor pode nos ajudar a compreender no cenário nacional, pois, para ele, os

conceitos trabalhados na sua obra fariam parte de uma cultura forjada em uma sociedade “híbrida”, no sentido da miscigenação dos povos colonizadores e nativos.

Archetti (2003) demonstrou a masculinidade no futebol argentino como resultado da junção do perfil aguerrido, da força e da exibição de invulnerabilidade do povo gaúcho, com a característica tradicional do jogo limpo no futebol. Esse homem forte e leal seria, portanto, o típico jogador de futebol argentino. Além disso, a participação dos hispânicos nessa mistura de figuras locais estaria representada nos dribles e nas habilidades, os quais se somariam às demais características do jogador argentino para formar uma identidade masculina local. Pensemos então que o homem argentino poderia ter a imagem ideal de alguém que ao mesmo tempo em que é leal aos seus companheiros, demonstra força e habilidade para superar as adversidades.

Podemos entender que o futebol brasileiro também assumiu a função de representar a cultura nacional e também faz parte de afirmação da identidade masculina no país. Da mesma forma como argumentou Archetti (2003), podemos sugerir que a miscigenação do povo brasileiro formou um tipo identitário que agrega características dos diferentes povos colonizadores e nativos. Assim, além da força, lealdade e da habilidade, que fariam parte da formação do jogador brasileiro, podemos pensar também que o jogador de futebol brasileiro assumiu traços da malandragem, dando a esse esporte um aspecto artístico. O jogador que reúne todas essas características, mesmo em espaços de lazer, agrega para si o prestígio local da manifestação plena da identidade de jogador de futebol.

Esse prestígio adquirido com a prática do futebol, mesmo que seja algo restrito à sua comunidade, pode auxiliar-nos a pensar como os jovens atletas decidem investir na formação profissional nesse esporte. A sedução pelo glamour da espetacularização do futebol faz parte da identidade do jogador. A característica do malandro trouxe, ao tipo ideal de jogador brasileiro, a imagem do prestígio associada à fama, ao dinheiro e às conquistas dentro do campo e além dos seus limites, como ganhos de altos salários e a busca pelo prazer. Dessa forma Soares (1990) definiu a presença da malandragem e do seu tipo ideal como fonte presente na identidade do jogador de futebol brasileiro:

Pode-se dizer que muitas imagens que revestem o tipo ideal do malandro, estão vinculadas, direta ou indiretamente, ao futebol brasileiro. O estilo de vida estético divulgado pelo malandro que busca prazer, mulheres, “vida fácil”, transgride “equilibradamente” a ordem e possui uma grande habilidade em manipular com argumentos pode estender-se para o estilo do futebol malandro, o “futebol arte”, que prima pela improvisação e pela habilidade do jogador. O “malandro” constrói sua fama pela habilidade que possui em reverter as situações adversas; este talento é desenvolvido naturalmente, na improvisada vida da rua, da mesma forma que o “jogador malandro” desenvolve suas habilidades para o futebol (p. 90).

A imagem do jogador de futebol brasileiro ganhou contornos da travessura e da malandragem para a superação dos desafios do esporte. Com isso, veio, atrelada, a ideia da aquisição de respeito, prestígio, fama e dinheiro através de uma “vida fácil”. Essa identificação do jogador de futebol colocou os meninos praticantes do esporte ora por lazer, em um estágio em que se pudesse pensar em ter sucesso financeiro e prestígio através do futebol. O discurso da mobilidade social e econômica está presente na fala dos jovens atletas. Mas a imagem do malandro, nem sempre positiva, vem acompanhada da identidade do jogador de futebol brasileiro. Podemos entender que essa mistura da identidade e da imagem do jogador faz parte do que representa ser jogador de futebol no Brasil. E nesse conflito entre identidade, masculinidade e imagem, o lazer pode vir a ser um caminho profissional.

O futebol produz discursos quase que padronizados e os meninos reproduzem-no como parte de seus projetos individuais de carreira. Após a fatídica eliminação na Copa do Mundo de Futebol, em 2014, quando a Seleção Brasileira sofreu uma derrota por 7 a 1 para a Alemanha, todos quiseram entender o que havia ocorrido de errado para tal catástrofe esportiva acontecer. Dessa forma, a Rede Globo de Televisão produziu em seu semanário esportivo, *Esporte Espetacular*, uma série que tinha como assunto principal a formação dos nossos atletas de futebol. O tema era pertinente para o jornalismo, pois os comentaristas do esporte inundavam as nossas categorias de base com críticas ao modelo instituído no Brasil. Para esses profissionais da mídia, a formação na base não estava produzindo grandes talentos a fim de servir a Seleção Brasileira principal.

Para exemplificar o argumento, o repórter Eric Faria fez um esforço hercúleo para reunir fatores ou causas que pudessem explicar o nosso tipo de formação na base. A série televisiva foi intitulada “A Base: da terra à grama”, com produção em quatro capítulos apresentados a partir de outubro de 2014 no *Esporte Espetacular*. A promessa da série era a de refletir sobre os principais dilemas que perpassavam pelas nossas categorias de base no futebol. No primeiro episódio, o repórter trouxe o tema das “peneiras”. Peneira é o termo usado para o processo seletivo utilizado para ingressar nas categorias de base dos clubes de futebol (ESPORTE ESPETACULAR/FARIA, 2014). Em entrevista com os atletas do São Marcos, projeto social do interior da Bahia que revelou alguns jogadores profissionais, observamos que o repórter Eric Faria estava tentando tratar das inspirações de nossos jovens atletas que almejam ser jogador profissional no futebol.

As falas dos atletas do São Marcos demarcam bem a motivação que eles têm para investir suas apostas no campo esportivo, em especial no futebol. O espaço para o alojamento

dos jovens atletas é precário, são duas refeições por dia, mas nada supera a expectativa de se tornar um jogador profissional. Pedro disse:

Tem que ir em busca do sonho, né? Ajudar a família. [...] Com ajuda de Paulinho [treinador do São Marcos], torna a gente um jogador e também um cidadão de bem (ESPORTE ESPETACULAR/FARIA, 2014).

Apesar das condições serem precárias, com o espaço reduzido do alojamento e campo de terra batida, os atletas do São Marcos mantêm seus sonhos. Eric Faria citou dois jogadores profissionais, com passagens por grandes clubes da Bahia e do Rio de Janeiro que foram formados pelo São Marcos. A história contada na reportagem garante que aquele local de formação de atletas já produziu profissionais para o futebol da região. Vander e Léo, ambos com passagens pelo Clube de Regatas do Flamengo, são as principais estrelas reveladas pelo São Marcos. Porém, outros clubes menores já foram buscar reforços nesse projeto social. São esses exemplos de sucesso que alimentam as esperanças dos jovens na busca de uma carreira profissional no futebol. Vejamos as falas dos atletas no referido documentário:

A gente tem a ver com o sonho desde criança, desde infância, que é ser um jogador de futebol.... Tem vários jogadores aí bem-sucedidos... A gente tira força quando vê a dificuldade em casa, das coisas que estão difíceis, mas tem que ter força pra lutar, pra conseguir um espaço melhor na vida – disse Adalberto, jogador do São Marcos (ESPORTE ESPETACULAR/FARIA, 2014).

Eu corro pela minha família, tento buscar correr sempre por cada um que está torcendo por mim lá no Ceará. E... é isso minha esperança e eu vou sempre buscar isso! – disse Uéslei, jogador do São Marcos (ESPORTE ESPETACULAR/FARIA, 2014).

A motivação para seguir a carreira no esporte funda-se na expectativa de sucesso e mobilidade social para família do atleta. Pelo menos para a realidade dos atletas reconstruída no primeiro episódio da série “A Base”. Os jovens atletas tratados na série teriam deixado suas cidades, o convívio com a família e, talvez, a segurança de seus lares em busca do sonho. Muitos atletas tentam e não conseguem vagas nas categorias de bases dos clubes de futebol. E, nesse sentido, a sequência da série televisa tenta documentar as dificuldades que vivem os atletas na periferia do mercado de formação do futebol.

O jornalista Eric Faria começou a série com uma forte afirmação, “A competição é absurda!”, todavia, tal afirmação parece retratar as limitadas oportunidades oferecidas pelo mercado do futebol. Os dados mostraram que a relação candidato/vaga para ingressar no futebol pode superar em números absolutos a concorrência pelos cursos mais valorizados nas grandes universidades do Brasil. Para facilitar a compreensão do leitor, elaboramos um quadro

ilustrativo das informações fornecidas no primeiro episódio da série “A Base”. O quadro segue a seguir:

Quadro 1: Relação Candidato/Vaga no futebol			
Clube	Testados	Aprovados	Candidato/Vaga
Sport Club Internacional	3.914	22	178
Fluminense Football Club	4.100	28	146
Clube Atlético Mineiro	4.000	25	160
Média	12.014	75	Aproximadamente 160
Fonte: Esporte Espetacular/Faria, 2014.			

Observemos o Quadro 1: os dados mostraram que no Sport Club Internacional, mais de 3.900 jovens tentaram ingressar nas categorias de base no clube em 2014, mas só 22 conquistaram o objetivo; já, no Fluminense Football Club, o número de pretendentes no mesmo ano era de 4.100 jovens, embora só 28 tenham obtido êxito na tentativa de ingressar nas categorias de base do clube; e no Clube Atlético Mineiro, 4.000 jovens tinham esperança em serem aprovados para as categorias de base do clube, porém, apenas 25 chegaram onde tinham desejo. Esses dados nos mostraram que a relação candidato/vagas para acesso às categorias de base de três clubes de prestígio no futebol brasileiro é aguda: a média aritmética atingiu, aproximadamente, o número de 160 pretendentes para cada vaga disponível no ano de 2014 (ESPORTE ESPETACULAR/FARIA, 2014).

A título de informação e comparação, mesmo essa sendo de certa forma espúria, o jornalista comentou que para o vestibular de medicina da Universidade de São Paulo (USP), *campus* de Ribeirão Preto, a relação de candidatos/vaga foi de 62 candidatos/vaga no mesmo ano. Além disso, se observarmos os dados do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), no ano de 2014, a relação candidatos/vaga para o curso de medicina atingiu um total de 60,47 pessoas para cada vaga disponível no sistema; seguido por 40,45 candidatos/vaga para o curso de Direito; e 31,39 candidatos/vaga para o curso de Administração¹¹ (O GLOBO, 2014). A intenção do documentário era demonstrar por analogia que a concorrência a uma vaga no futebol pode ser mais acirrada que nos cursos universitários do país. Todavia, a relação candidato/vaga no processo de seleção para as categorias de base no futebol são quase que

¹¹ Os dados foram retirados da notícia presente no site: “<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/sisu-2014-medicina-o-curso-com-maior-relacao-candidatovaga-11233476>”. Acesso em: 29 set. 2015.

invariáveis nos últimos anos, evidenciando que não percebemos mudanças quanto às tentativas de acesso às categorias de base nesse esporte.

O processo de seleção nas ditas “peneiras” para as categorias de base no futebol nacional, aparentemente, nunca ofereceu grandes oportunidades. No ano de 1995, o São Paulo Futebol Clube aproveitou cinco atletas em um total de cerca de 3.500 jovens aspirantes as suas categorias de base no futebol; não sendo diferente no ano seguinte, o mesmo clube selecionou apenas dois atletas de 4.000 pretendentes. Toledo (2002) comentou que menos de 1% dos aspirantes às categorias de base do futebol atingem seu objetivo nas peneiras. A proporção de aprovados não difere muito de um clube para o outro, de um ano para o outro. Damo (2005) mencionou uma semelhança na proporção de aprovados em relação aos candidatos com a expectativa de iniciar a carreira no futebol do Sport Club Internacional no ano de 2004.

Não precisamos fazer esforço para descobrir quando, onde e o que fazer para se iniciar um teste, participar de um processo seletivo nas categorias de base dos principais clubes do Brasil. Os grandes clubes da capital fluminense disponibilizam em seus sites todas as informações necessárias para se inscrever nos processos seletivos das categorias de base no futebol. Lá eles disponibilizam endereço, documentação necessária e, em alguns casos, sugerem lugares de hospedagem para aqueles que vêm de fora do estado ou moram longe do local de realização da peneira. Isso nos mostra que o processo é profissionalizado e público para atrair jovens talentos de todas as regiões do país.

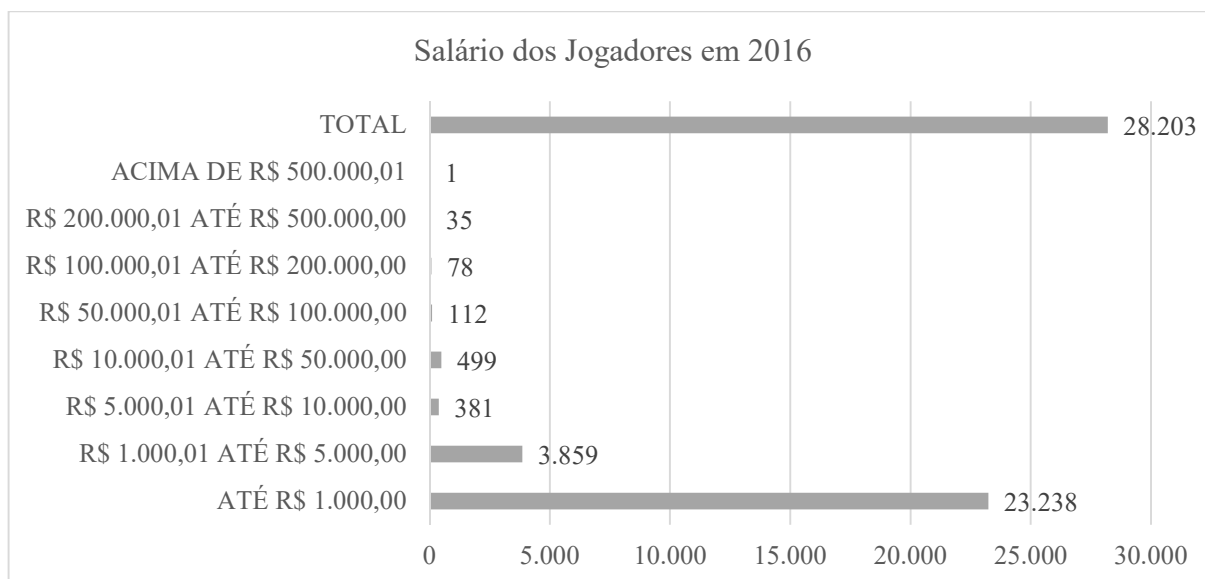
Se o acesso aos testes para as categorias de base do futebol é amplamente divulgado, noutra direção, a possibilidade de conquistar uma vaga para iniciar uma carreira de formação é bastante restrita, como pudemos observar nos dados apresentados anteriormente. O sucesso na empreitada do processo seletivo para as categorias de base é só o primeiro passo para quem pretende ser jogador profissional. A cada troca de categoria, o atleta passa por um novo processo seletivo. A permanência no clube depende de um processo de avaliação constante. O jovem atleta deve corresponder às expectativas de seus treinadores e também lidar com as cobranças extracampo¹². Toda essa dedicação ao futebol representa uma responsabilidade ímpar para o jovem atleta que sequer tem a certeza de sua profissionalização nesse esporte.

O futebol apresenta um afunilamento conforme se avança em direção à categoria adulta e de profissionais do esporte. O volume de pretendentes vai diminuindo e apenas uma pequena

¹² As cobranças extracampo são relacionadas à disciplina do atleta nas atividades cotidianas. O atleta deve cumprir com as obrigações escolares, não se expor em ambiente incompatível com sua faixa etária, alimentar-se adequadamente, entre outras coisas. O clube acaba tendo algum controle sobre a atuação do jovem atleta mesmo quando ele não está nos horários dedicados ao futebol.

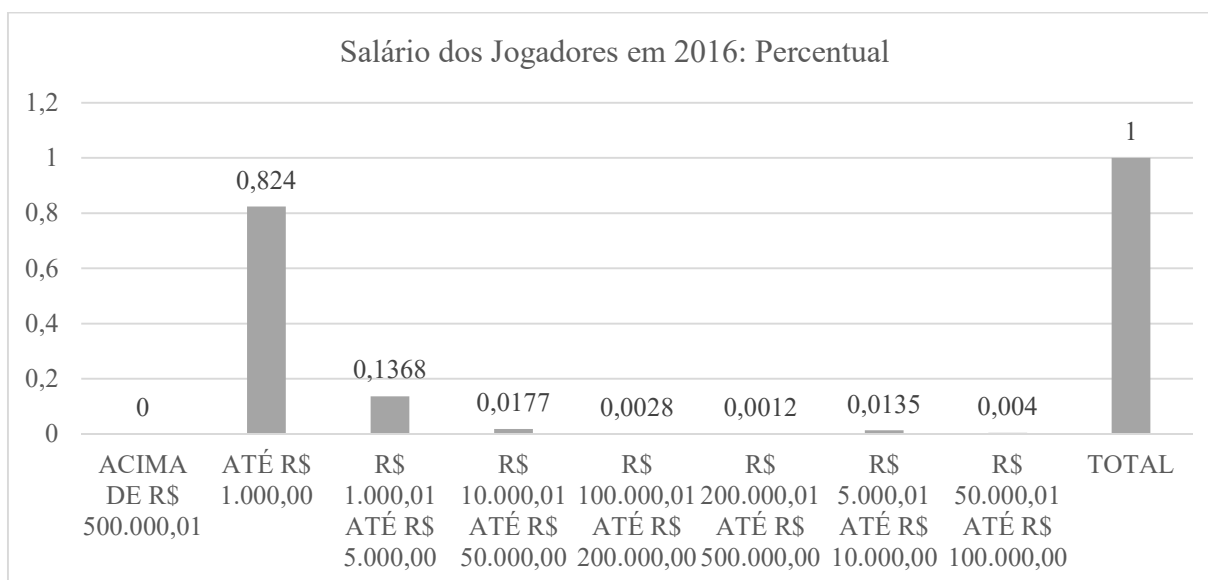
parcela atingirá o cargo de jogador profissional. Mas, mesmo para aqueles que passam pelas categorias de base e se tornam profissionais, o retorno salarial é para poucos. Os dados são da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) do ano 2016. Vejamos os gráficos abaixo, adaptados do “Raio X do Futebol”, apresentado no site oficial da CBF:

Gráfico 1.



Fonte: <http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.V-1t0K1r3IU>

Gráfico 2.



Fonte: <http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.V-1t0K1r3IU>

Os gráficos 1 e 2 são complementares e mostram, respectivamente, a quantidade de jogadores de futebol no Brasil em números absolutos e suas médias salariais e os percentuais

proporcionais ao montante de jogadores. Dessa forma, verificamos que, no ano de 2016, temos 28.203 jogadores de futebol com contratos profissionais assinados e vinculados a algum clube. Desse total, 23.238 jogadores (82,4%) estão recebendo até R\$1.000,00; 3.859 jogadores (13,68%) ganham entre R\$1.000,01 e R\$5.000,00; 381 jogadores (1,35%) recebem entre R\$5.000,01 e R\$10.000,00; entre R\$10.000,01 e R\$50.000,00, recebem 499 jogadores (1,77%); e os demais jogadores recebem acima de R\$50.000,01, totalizando 226 jogadores (0,8%).

Os dados da pirâmide salarial dos jogadores de futebol no Brasil estão praticamente estagnados a partir dos anos 2000. Helal *et. al.* (2005) já apresentavam praticamente a mesma proporção de atletas recebendo até R\$1.000,00 (84%), e os números seguiriam inalterados para as demais faixas salariais. Da mesma forma, a série 4ª Divisão (2009), do Jornal da Globo, apresentou-nos uma pirâmide salarial com semelhante estratificação salarial. Isso demonstra que não há quase mudanças na estratificação salarial dos jogadores de futebol no Brasil, o mercado se encontra, nesse quesito, estacionado. Isso significa também que o estreitamento das oportunidades de trabalho não para mesmo após a profissionalização no esporte em tela. Correia (2014) propôs uma análise:

Os números colocam em evidência que o número de postos de trabalho sendo muito menor do que a oferta de mão-de-obra para esse mercado incide como um fator estimulante de competitividade. Além disso, como dizem os nativos desse campo “futebol é momento”, ou seja, um período prolongado de atuações sob baixa performance pode rapidamente retirá-lo do circuito dos principais campeonatos do país. Contudo, não somente o mercado de trabalho é restrito para os atletas de futebol, mas também dentro dessas restritas vagas nem todos possuem bons salários. Na verdade, dentro do mercado futebolístico existem poucos times que pagam bons salários aos jogadores, geralmente aqueles situados nas primeiras e segunda divisões (quantitativo que envolve 40 times). Os outros desembolsam, em sua maioria, salários muito baixos e muitas vezes pactuam contratos por um período de três meses apenas para as disputas dos campeonatos regionais, dispensando os atletas após o término do mesmo (p. 57).

Resumindo a história, os dados que apresentamos até o momento colocam o futebol como uma profissão em que os salários apresentam grandes distâncias. O quantitativo de pretendentes está muito além das oportunidades reais de trabalho que oferecem o retorno financeiro de grandes cifras. Além disso, vimos em Correia (2014) que os postos de trabalho para a maioria dos jogadores profissionais só duram o período dos campeonatos regionais – cerca de quatro meses – e essa informação foi tratada pelo documentário mencionado anteriormente (4ª DIVISÃO, 2009). A justificativa para esses contratos de trabalho em períodos sazonais é a falta de competições para a maior parte dos clubes vinculados à Confederação Brasileira de Futebol. O referido documentário 4ª Divisão (2009) indicou que muitos dos

jogadores profissionais de futebol têm que se dividir entre a rotina de treinamentos e competições, acrescentada da rotina de trabalhos fora do esporte em ofícios ordinários. Assume-se, portanto, que a problemática da dupla carreira pode acontecer mesmo depois que os jogadores de futebol atingem o posto de profissional nesse esporte.

O cenário apresentado aqui gera um paradoxo: se as promessas de sucesso nas vias esportivas estão aquém das expectativas criadas pelos pretendentes, por que então há ainda um grande número de jovens que almejam essa formação profissional? Soares *et. al.* (2011) levantou a hipótese abaixo:

Do ponto de vista da ação racional, poderíamos levantar a hipótese que o destino da maioria dos jovens que tentam a carreira de jogador, caso sejam malsucedidos, não seria diferente fora do futebol. O futebol pode ser para os membros das camadas populares, uma aposta individual e familiar que proporcione poucas perdas para aqueles que possuem poucas oportunidades de ascensão social e econômica. Além disso, é uma aposta que gera prestígio, sociabilidade e aventuras, normalmente, irrealizáveis do ponto de vista econômico para aqueles pertencentes às camadas populares no Brasil (p. 917).

A hipótese levantada pelos autores sugere a razão para um investimento pesado na possibilidade de firmar uma carreira esportiva para esse segmento social. Pensamos, além disso, que a oportunidade de profissionalização no futebol é uma aposta restrita, mas que atrai pela espetacularização do campo esportivo. Talvez seja nesse sentido que devemos problematizar a relação de aspirantes a profissionais do futebol e o mercado de trabalho. As cifras movimentadas no futebol, a paixão pelo esporte e a oportunidade de obtenção de *status* na carreira esportiva pode limitar a razão em um cálculo racional (ELSTER, 1994, 2009).

2.1.1 O futebol seduz no espetáculo

O futebol tornou-se uma espécie de agência de recrutamento de adolescentes e jovens, do sexo masculino, para ingresso no processo de profissionalização. Alguns estudos recentes mostraram que esse processo de agenciamento acontece muitas vezes em idade precoce e tende a selecionar jovens das camadas médias e populares (DAMO, 2005, 2007; RIAL, 2006; PAOLI, 2007; MELO, 2010). Esses jovens são submetidos a um modelo de profissionalização que, pelas poucas oportunidades de sucesso, produz uma característica de hipercompetitividade entre eles. É a partir dessa relação competitiva, já descrita, que buscamos levantar os mecanismos para entender como os jovens atletas são seduzidos por esse mercado de trabalho. Como já informamos, acreditamos que a espetacularização e os mecanismos de socialização no futebol

mexem com a emoção dos jovens aspirantes a profissionais do esporte, fazendo-os ignorar ou desconhecer as variáveis contrárias ao seu projeto de profissionalização.

Para que tenhamos uma ideia, reunimos aqui as informações contidas no site da Pluri Consultoria, empresa que realiza balanços completos sobre as questões mercadológicas do futebol e de outros esportes. No relatório sobre o Produto Interno Bruto (PIB) dos esportes no Brasil, a Pluri Consultoria atestou que se reuníssemos a produção interna dos esportes no Brasil, atingiríamos 67 bilhões de reais no ano de 2012, um montante representativo de 1,6% da estimativa de todo PIB nacional para o mesmo ano. Não é de se assustar que o principal esporte no país compreendesse a maior parte dessa produção: o futebol teria sido responsável pela produção de mais de 50% do total do PIB dos esportes no país no ano de 2012, totalizando 36 bilhões de reais (PLURI CONSULTORIA, 2016)¹³. Toda essa produção no mercado futebolístico estaria associada a ações de *marketing*, venda de produtos licenciados e transferências de atletas entre clubes no Brasil e no exterior.

As transferências no futebol brasileiro movimentam por ano um montante significativo para o balanço anual da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Acompanharemos a seguir os dados com o número de transferências realizadas de 2015 até julho de 2016, mostrando que o número de atletas que se aventuram no mercado do futebol deve receber a sua devida atenção. Os dados do gráfico 3 mostram que o número absoluto de transferências de atletas com contratos profissionais é sempre superior ao quantitativo de atletas amadores que resolvem trocar de clubes. Mas, também, há casos em que atletas com contratos profissionais no Brasil resolvem sair do país sem as mesmas condições empregatícias. A CBF identifica esses casos como jogadores profissionais que saem do país para se tornarem amadores¹⁴. Esse número chama a atenção, pois até julho de 2016 foram 168 atletas profissionais no Brasil que desistiram dos seus contratos para jogarem como amadores fora do país.

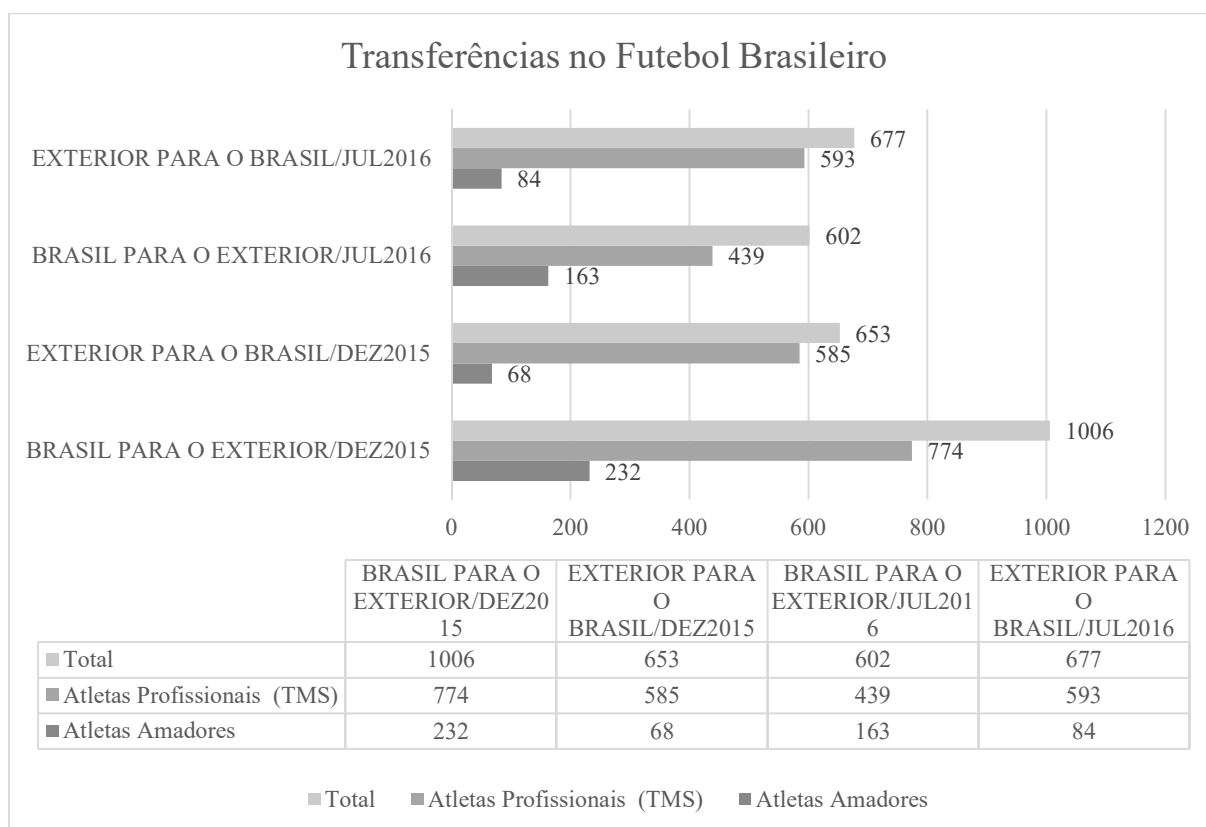
No ano de 2015, o número de jogadores profissionais que preferiram a transferência para o exterior, mesmo que isso significasse a não assinatura de um contrato profissional, totalizou um valor de 209 jogadores. Esses números são pequenos se considerarmos o total de transferências para o exterior. Mas nos mostra que o mercado interno pode não ser tão atrativo como se espera dele. Isso faz com que atletas que tenham contratos profissionais abandonem a ideia da relação profissional entre o clube e o atleta para preferir ganhar algum provento sendo

¹³ Retirado do site: <http://www.pluriconsultoria.com.br/wp-content/uploads/2016/09/PIB-Esporte.pdf>. Acesso em 30 set. 2016.

¹⁴ Nesse caso, os atletas que tinham algum tipo de contrato profissional no Brasil optam por jogar fora do país, recebendo alguma quantia em dinheiro, porém, sem as garantias contratuais de jogador profissional. O atleta assinaria um tipo de contrato não profissional fora do país.

jogador fora do país, porém, sem vínculo empregatício. Talvez seja essa ideia de aventura que Soares *et. al.* (2011) apontaram em sua hipótese sobre as razões que os atletas assumem para investir como jogadores de futebol, ainda que o mercado não ofereça grandes oportunidades para um contingente significativo de pretendentes a profissionais desse esporte.

Gráfico 3.



Fonte: Confederação Brasileira de Futebol¹⁵

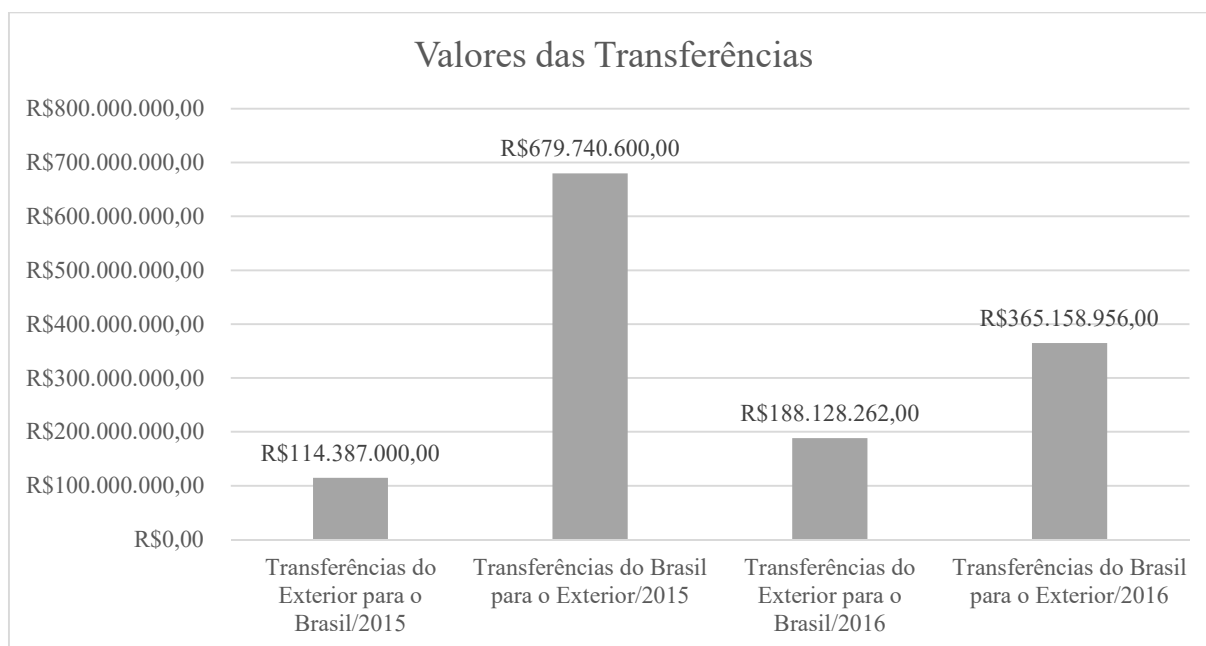
Os valores movimentados nas transferências do futebol brasileiro chegam à casa dos milhões de reais. E nem sempre as transferências são acrescidas de valores conforme mostram os dados da CBF. No ano de 2015, das 1.215 transferências de jogadores do Brasil para o exterior, apenas 99 relacionavam algum valor financeiro. Das 653 transferências do exterior para o Brasil, apenas 15 custaram aos clubes alguma quantia em dinheiro. No ano de 2016, não foi diferente: das 677 transferências de jogadores de futebol do exterior para o Brasil, somente 26 tiveram dinheiro envolvido na transação; da transferência de jogadores do Brasil para o exterior,

¹⁵ Retirado de: <http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/relatorio-da-diretoria-de-registro-e-transferencia#.V-7CsK21PIU> e <http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-transferencias-e-valores#.V-7Di621PIV>. Acesso em 30 set. 2016.

do total de 770 de todos os tipos de transferências, apenas 36 custaram algum valor financeiro aos cofres dos clubes.

Esses números pequenos de transferências com valores envolvidos não revelam o impacto financeiro em cada uma dessas transações. No gráfico 4, mostraremos o valor total de investimento para todas essas transferências.

Gráfico 4.



Fonte: Confederação Brasileira de Futebol¹⁶

De acordo com os dados contidos no gráfico 4, os valores envolvidos nas transferências do Brasil para o exterior são sempre maiores que os números das transferências do exterior para o Brasil. Isso sugere que o poder de transação dos clubes brasileiros é menor que o dos clubes estrangeiros. Podemos também observar que, considerando o número pequeno de jogadores transferidos com custos aos clubes, nos anos de 2015 e 2016, a ordem média desses valores de transferência correspondem a um montante igual a R\$ 7.625.800,00 para cada jogador que veio do exterior para o Brasil em 2015; no mesmo ano, para cada jogador que saiu do Brasil para o exterior, o valor médio das transferências é de R\$ 6.866.066,67. Em 2016, o custo médio de cada jogador que saiu do Brasil para o exterior correspondeu a R\$ 10.143.304,33 aos cofres do clube comprador; e, no mesmo ano, os jogadores que vieram para o Brasil custaram um valor médio de R\$ 7.235.702,38¹⁷.

¹⁶ Idem nota 11.

¹⁷ Esses cálculos foram baseados nos dados retirados da Confederação Brasileira de Futebol.

Apesar das restrições do mercado do futebol, os dados das transferências dentro e fora do país chamam a atenção. Não é ínfimo o número de pesquisadores que tentam traçar o perfil dos jogadores de futebol que optam por transferir-se para outros mercados fora do país (HELAL, 1997; PRONI, 2000; DAMO, 2005; LEONCINI; SILVA, 2005; ALCANTARA, 2006; CARVALHO; GONÇALVES, 2006; SOUTO, 2004). Essa trajetória de pesquisas acadêmicas tende a apontar alguns problemas que envolvem esse fluxo de jogadores profissionais para fora do país. A crítica está centrada particularmente no tipo de administração que os clubes brasileiros adotam, com caráter amador e pouco racional, e nos números pequenos de postos de trabalho valorizados no mercado brasileiro de futebol. Acrescentemos ainda as figuras dos agentes de futebol que exercem grande influência na carreira dos atletas.

É nesse contexto que as transações econômicas no futebol geram dinheiro e tornam-se importantes para a economia nacional, como mostrou o relatório da Pluri Consultoria. No mesmo sentido, Alcântara (2006) apontou que

O negócio futebol tem peso considerável na exportação brasileira. As vendas de jogadores estão entre os serviços exportados pelo país que apresentou aumento de 34% em 2005 (cerca de US\$ 6 bilhões). Esse grupo de serviços representa 40% das exportações brasileiras (toda a exportação brasileira de serviços gerou US\$ 16 bilhões em 2005) (p. 299).

O mercado do futebol brasileiro vem se concentrando em produzir mão de obra para servir os mercados externos. A possibilidade de capitalizar com a transferência de jogadores de futebol está prevista na legislação brasileira, nos mecanismos de solidariedade da FIFA e no Regulamento de Registros e Transferências da CBF. Vimos no capítulo I que as entidades consideradas formadoras de mão de obra para o esporte pode conferir alguma indenização caso o atleta decida se transferir para outro clube. Esse tipo de mecanismo compensatório dos custos do clube pela formação do atleta faz com que o clube invista na qualificação esportiva de seus atletas para que no futuro tenha algum tipo de lucro na sua negociação de transferência.

O futebol estruturou-se enquanto mercado. Atraente como só ele é, recruta jovens muito cedo para participar do seu processo de profissionalização. O número de postos de trabalho no Brasil é escasso, mas o futebol compensa com a possibilidade de os atletas ganharem o mundo a partir das transferências que anualmente tornam-se uma possibilidade real para aqueles que já perderam as esperanças de conseguirem espaço no mercado interno. Como Soares *et. al.* (2011) comentaram: faz parte do *show* aventurar-se, buscar seus caminhos de profissionalização fora dos limites estabelecidos pela fronteira. Talvez o que explique o grande e insistente número de meninos aspirantes aos postos de trabalho no futebol seja exatamente essa ideia de viver uma aventura e ainda – quem sabe!? – ter a sorte de se tornar um atleta prestigiado no futebol.

Ainda temos que considerar outra ação que deixamos desapercibido ao longo dessa seção. O mercado do futebol não oferece oportunidades iguais para que todos tenham a possibilidade de conquistar um posto de trabalho valorizado nele. Mas atrai pelas condições que oferece de geração de renda imediatamente. Dessa forma, os jovens podem buscar a esperança de retirar sua família de uma condição social precária a partir das poucas chances que terão no futebol. Vimos isso nas falas retiradas do documentário “A Base” (FARIA, 2014), quando os atletas entrevistados sempre mencionaram que estavam em busca de um sonho. Sonhos esses que tinham um núcleo comum: “dar uma condição de vida diferente para suas famílias”.

A oportunidade de profissionalização no futebol é apenas uma parte desse esporte. Como abordamos, o futebol contempla parte da afirmação da masculinidade e da identidade do brasileiro (ARCHETTI, 2003; SOARES, 1990). Além disso, compõe um espaço de lazer que ocupa parte do cotidiano dos meninos brasileiros. Essa dimensão sociológica do futebol é algo que podemos levar em consideração na construção do desejo de se tornar jogador profissional. A afirmação da masculinidade e a identidade do jogador de futebol geram prestígio para os jovens praticantes desse esporte que demonstram dominar suas habilidades de forma aprimorada. Assim, podemos imaginar que a profissionalização pode conduzir o desejo de expandir esse tipo de prestígio para além da comunidade onde reside, para o nível nacional e, em alguns casos, para o mundo. O desejo de se tornar jogador de futebol pode superar o conhecimento sobre as dificuldades do processo de profissionalização e a representação dos cargos valorizados nesse mercado.

Ainda não podemos concluir sobre como os jovens decidem investir na carreira de atleta. Mas concordamos que as chances de profissionalização no esporte são pequenas e mesmo assim não há como refutar a possibilidade desses jovens dedicarem tempo e investimento nesse limitado mercado de trabalho. Soares *et. al.* (2011) mencionaram a hipótese de que o investimento no futebol não se trataria de uma aposta irracional, uma vez que, mesmo com a possibilidade de serem malsucedidos no futebol, seus futuros poderiam não ser tão diferentes se decidissem não investir na carreira esportiva. Portanto, devemos pesar as características do mercado do futebol e as condições de desigualdades escolares para que possamos traçar uma linha de raciocínio que nos permita elaborar uma relação causal entre o investimento no futebol e a possibilidade de secundarização da dedicação à escola.

2.2 PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO: IGUALDADE, JUSTIÇA E OPORTUNIDADES ESCOLARES

O direito à educação está previsto na legislação brasileira (BRASIL, 1988, 1990, 1996). Segundo o texto constitucional, é dever do Estado e da família garantir o acesso e a permanência das crianças, dos adolescentes e dos jovens nas escolas. Porém, o acesso e a permanência na escola não determinam o sucesso do aluno na progressão durante os anos escolares. É preciso problematizar a relação do direito à educação, a justiça escolar e as questões tangentes às oportunidades educacionais, via dedicação aos bancos escolares.

Essa seção se destina a esse debate. Isso se faz necessário para que possamos entender as escolhas dos jovens atletas em investir mais ou menos na escola, condicionando seu projeto individual em uma carreira dependente ou não da escolarização básica.

François Dubet (2004) escreveu sobre o que considera ser uma escola justa. O autor levantou questões importantes sobre igualdade e justiça para os conceitos escolares, questionando se são a mesma coisa. O fato demonstrado é que igualdade e justiça não caminham juntas quando se trata do contexto escolar. Por um lado, a igualdade de acesso e conteúdo tem como premissa o tratamento igual a todos os estudantes. Por outro, a justiça questiona se ao tratar igualmente aqueles que são diferentes em origem, poderia produzir resultados positivos para ambos os grupos dentro de um processo que ainda prima pela meritocracia.

O que Dubet (2004) trouxe na discussão revelou que os conceitos de igualdade e justiça são amplamente diferentes no contexto escolar. Igualdade de condições e acesso à instituição escolar não seria suficiente para compensar as diferenças do *background* familiar, tornando o processo de escolarização daqueles que são socialmente diferentes um caminho de reprodução das desigualdades sociais. O pessimismo na educação não é uma novidade trazida por Dubet (2004), ao contrário, desde muito tempo se discute se a escola pode exercer algum grau de influência na trajetória dos alunos. A sociologia da educação vem evoluindo e contribuindo consideravelmente ao desenvolver pesquisas sobre o efeito da escolarização nas trajetórias e mudanças dos contextos sociais dos alunos.

O pessimismo na educação está presente na literatura internacional há muito tempo. Desde a década de 1960, muitos países vinham realizando pesquisas sobre a influência da escola no rendimento e na trajetória dos alunos (COLEMAN *et. al.*, 1966; PLOWDEN *et. al.*, 1967; JENCKS *et. al.*, 1972). Essas pesquisas buscaram revelar os mecanismos internos da escola que pudessem exercer alguma mudança no rendimento dos alunos, considerando suas características de origem social. Talvez o mais famoso e pioneiro dos estudos tenha sido o de

Coleman *et. al.* (1966) e o que também indicou um resultado preocupante sobre a realidade das escolas americanas. A conclusão do Relatório Coleman – como ficou conhecida a pesquisa – apontava que as escolas americanas não conseguiam mais que a manutenção das expectativas de rendimento dos alunos considerando sua condição de origem social. Em outras palavras, a escola não fazia diferença.

Os dados apontados por Coleman *et. al.* (1966) apenas confirmavam o que a teoria da reprodução social já tinha dito: as condições socioeconômicas, de certa forma, determinavam as possibilidades de sucesso dos alunos na trajetória escolar. Os dados do Relatório Coleman poderiam ter impulsionado uma série de políticas públicas que não considerassem o investimento na escola. Todavia, esse trabalho pioneiro na educação foi de tamanha importância para o desenvolvimento do campo de estudos sobre o efeito da escola na trajetória dos alunos. Por mais que essa investigação não tenha revelado uma mudança significativa na trajetória dos estudantes nas escolas norte-americanas, ela trouxe uma preocupação latente para os pesquisadores: como a escola pode fazer a diferença? Esse questionamento desencadeou um processo de estudos sobre o efeito da escolarização no rendimento e nas oportunidades futuras dos discentes¹⁸.

Considerando a importância do aparato e das manobras metodológicas que o Relatório Coleman precisou adotar para responder suas questões, somando ainda seus resultados que reforçavam a ideia de que a escola igualmente para todos não produzia diferença na trajetória dos alunos, e comparando com as noções de justiça apresentada por Dubet (2004), podemos sugerir que esse último autor tinha razão. Não podemos considerar a igualdade de oferta educacional como um meio de satisfazer a justiça pela via da educação. Coleman *et. al.* (1966) sofreu inúmeras críticas sobre o tratamento dos dados e, principalmente, por ter apontado que a escola poderia não ter grande influência na trajetória dos alunos. Mas, até hoje, a sociologia da educação, mesmo com o avanço das pesquisas sobre efeito-escola, considera que a maior explicação para o desempenho e trajetória dos alunos nas suas escolas está relacionada às suas características de origem socioeconômica¹⁹.

¹⁸ O livro “Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias”, organizado por Nigel Brooke e José Francisco Soares e distribuído pela editora da UFMG, trouxe uma coletânea de artigos nos quais é contada a história e apresentado o desenvolvimento das pesquisas sobre a eficácia escolar. Esse livro é de grande importância para entendermos as variáveis que implicariam na melhora do desempenho dos alunos além das expectativas relacionadas às suas origens. Entendemos que devemos esclarecer que, apesar de mostrarmos um contexto de desigualdades de oportunidades nas vias escolares, pensamos também que uma escola bem estruturada pode contribuir para a formação e um desempenho melhor dos estudantes, mesmo considerando a origem social deles.

¹⁹ Acreditamos que o nível socioeconômico responde por maior parte do rendimento dos alunos nas escolas. Porém, também pensamos que os estudos sobre efeito-escola são igualmente importantes para

A definição de justiça escolar pode nos ajudar a entender como funciona o processo de percepção das oportunidades escolares por parte dos alunos. Essa percepção pode influenciar sua dedicação e seu projeto de carreira nas vias escolares. O conceito de justiça escolar pode assumir diferentes configurações para diversos autores. Porém, assume-se que a justiça escolar difere do mérito, principalmente, quando se tem um cabedal de desigualdades sociais influenciando as variáveis que mais impactam o sucesso escolar²⁰. No âmbito da justiça escolar, vincula-se ao conceito de equidade na educação. E, assim, soma-se a ideia de compensação das desigualdades extraescolares para primar por uma maior equidade educacional entre os indivíduos.

Ribeiro (2014) aproveitou o crescimento do debate sobre a qualidade da educação no Brasil e os princípios da equidade como meio de garantia de tal qualidade e discorreu sobre o tema, agregando o conceito de justiça escolar como mecanismo de busca da equidade na educação nacional. Segundo a autora, não se pode falar em qualidade na educação se não considerar a equidade nos meios de ensino, além disso, a justiça se faz presente para se assegurar a equidade. A autora analisou as ideias de François Dubet e Marcel Crahay para delimitar o conceito de justiça na escola. Ribeiro (2014), sobre Dubet, sugeriu que

[...] devido à massificação escolar, a justiça na escola é vivenciada como tragédia: os princípios que a regem expressam intensos conflitos sociais, uma vez que a chamada "questão social" está dentro dos muros institucionais. Para ele, há vários princípios de justiça, muitas vezes contraditórios entre si, que legitimam a ação e interesses na escola. Para fazer frente à relação entre desigualdade social e desigualdade escolar, seria necessário considerar a impossibilidade de existência de uma escola totalmente justa (p. 1099).

Claro que se levarmos em consideração o que Dubet (2004) escreveu sobre o que é ser uma escola justa, entenderemos que quando diz que é inviável a existência de uma instituição de ensino que seja plenamente justa se torna compreensível. Essa ideia é razoável, uma vez que vamos entender como escola justa aquela que compensa as diferenças das desigualdades extraescolares (como o nível socioeconômico, cor da pele, etc.) para ter melhor paridade entre os diferentes grupos de origem social e econômica. Isso significaria dizer que para se ter uma escola mais justa, precisaria se tratar de modos distintos as pessoas que são diferentes.

O problema que Ribeiro (2014) encontra na análise sobre Dubet é que, para ambos, a sociedade se estruturou de modo a lançar à escola a responsabilidade de resolver os conflitos

determinar os mecanismos que influenciam a melhora dos resultados daqueles que são socialmente desfavorecidos. De certa forma, as redes de socialização a que os indivíduos têm em sua relação com a sociedade podem fazer com que mesmo os indivíduos com nível socioeconômico menor possa ter algum grau de mobilidade social e econômica a partir das vias de escolarização.

²⁰ Ver nota 18.

sociais. Tais tensões estariam organizadas de modo hierárquico e as desvantagens educacionais seriam as mesmas encontradas fora dos muros da escola. Essa discussão é relevante na medida em que ainda estamos atribuindo às trajetórias dos alunos na escola a razão de suas origens serem mais determinantes dos seus desempenhos que propriamente o somatório de variáveis de efeito-escola. Para Ribeiro (2014),

[...] a escola passou a cumprir a função de organizar tal competição. E o mérito cumpre aí um papel articulador entre a igualdade fundamental dos indivíduos e a hierarquia das posições. Essa é, para o autor [Dubet], a razão pela qual a justiça meritocrática tornou-se o princípio fundamental central da justiça escolar.

Tal caminho pressupõe que os dons e os talentos são normalmente distribuídos nos diversos grupos sociais. A escola justa, na perspectiva meritocrática, seria aquela em que prevalece uma mobilidade pura, cuja medida ideal será o percentual de alunos de origem menos favorecida que galgam o ensino superior. Mas, para Dubet (2009), a despeito de sua força, o princípio de justiça, identificado à igualdade republicana, não pode ser o único. Há outros princípios relevantes para alcançar uma escola mais justa, sem que se desconsidere o mérito, mas sem, por outro lado, massacrar concepções que não passam por esse princípio. Segundo o autor, se ficarmos apenas com a igualdade meritocrática como princípio para regular a justiça na escola, estaremos sempre diante da conclusão primordial de que é mais profícuo atuar sobre a desigualdade social do que fazer algo pela desigualdade escolar (p. 1100).

O caminho para se garantir a justiça escolar parece não ser dissonante entre Dubet e Crahay. Na verdade, soou-nos quase que complementares, uma vez que ambos defendem a ideia de que devemos compensar as desigualdades sociais para atingirmos uma maior equidade na educação. Porém, Crahay adota ainda a ideia de que se deve definir um currículo mínimo para que se tenha uma orientação sobre o que todos devem aprender na escola (RIBEIRO, 2014). Podemos admitir que pensamos a questão de justiça na escola intrinsecamente associada às duas concepções apresentadas. Seja no tratamento ou na apreensão de conteúdo, só pode se considerar a justiça se todos tiverem condições iguais de concorrência, uma vez que ainda não deixamos de lado o mérito. Da mesma forma, Ribeiro (2014) concluiu:

Dubet (2008, 2009) propõe a igualdade de base e Crahay (2000) a igualdade de conhecimentos adquiridos como princípios de justiça para nortear as políticas educacionais de educação básica. Esses princípios têm similaridades:

- desvelam a incoerência entre a noção de direito obrigatório e a meritocracia – não faria sentido uma educação básica organizada sob a égide do princípio meritocrático num locus em que os sujeitos não têm liberdade de escolha;
- são do campo do igualitarismo, ou seja, valorizam as consequências da distribuição do bem social "educação escolar";
- consideram a aprendizagem dos alunos enquanto expressão da consequência dessa distribuição;

- apontam para a relevância de se estabelecer, claramente, qual é a aprendizagem que todos devem adquirir nessa etapa da escolaridade;
- estão situados no bojo de teorias que reconhecem a correlação entre desigualdade escolar e desigualdade social, mas admitem impactos da ação política educacional sobre a desigualdade escolar e que também situam a equidade como componente relevante da qualidade da educação (p. 1106).

Parece-nos que os princípios da justiça vêm acompanhando o debate sobre qualidade na educação e que se tornou algo indissociável dos princípios da educação. Pensamos e compartilhamos a ideia de que a justiça escolar pode contribuir para que os alunos dediquem tempo e investimento nas vias de escolarização, uma vez que passarão a perceber melhor as oportunidades escolares. As pesquisas nas áreas da educação e da sociologia da educação mostraram que as bases para determinar o sucesso escolar se ancoram nas estruturas das sociedades. Além disso, concluíram também que a escola, quando zela apenas pela igualdade, tende a reproduzir as configurações das injustiças sociais. Desse modo, torna-se voluntarioso pesar nas políticas públicas para a educação, as desigualdades de oportunidades escolares.

O estudo de Sammons (2008), reproduzido no livro “Pesquisa em Eficácia Escolar”, elencou características que auxiliaram as escolas a terem uma melhora no desempenho dos seus alunos, mesmo quando se considerasse as características de origem desse alunado. O estudo concentrou os principais resultados que poderiam fazer diferença no tratamento dos alunos, tornando as escolas mais eficazes nos seus fins. Dessa forma, a mesma autora listou uma sequência de variáveis e condições que exerceriam forte apelo no sentido de a eficiência da escola ser garantida, a saber: 1) uma gestão objetiva e focada em um trabalho participativo; 2) certa unidade a respeito dos objetivos e propostas do plano pedagógico; 3) um ambiente de aprendizagem que apresentasse elementos atraentes para os alunos e organização; 4) melhor aproveitamento do tempo de aula, focando no desempenho e no ensino acadêmico; 5) organização e estruturas das aulas bem delimitados, ao mesmo tempo em que o ensino pudesse ser adaptado; 6) expectativas elevadas e apresentadas a todos, permitindo desafios cognitivos; 7) o processo de disciplinamento explícito e justo; 8) acompanhamento do progresso dos alunos; 9) a responsabilização e o reconhecimento dos direitos dos alunos; 10) envolvimento dos pais com a escola e suas tarefas; e 11) uma proposta de desenvolvimento pessoal atrelada aos projetos da escola.

Observemos que o estudo de Sammons (2008) trouxe uma série de variáveis que, caso cumpridas pela escola, podem favorecer o desempenho dos alunos e o sucesso escolar. Podemos pensar que a escola pode atender esses critérios de forma integral ou parcial e que a sua eficácia

dependerá mais ou menos do quanto a escola pode cumprir com essas demandas. Algumas questões levam em consideração a participação do aluno no processo de escolarização e identificamos como relevantes para pensarmos como a justiça escolar e essas variáveis de eficácia escolar podem contribuir para o investimento do aluno na escola. Segundo a autora, o maior envolvimento e participação dos alunos e sua família em relação aos projetos de escolarização podem resultar na melhora do desempenho deles e, até certo ponto, melhorar o seu investimento na escola.

Consideramos a ideia do conceito de justiça escolar para a garantia da equidade no tratamento do alunado ou como forma de compensar as desigualdades sociais com vias de permitir igualdade na concorrência pelos prêmios na educação. Porém, ainda vamos tratar do tema sobre as desigualdades de oportunidades educacionais no Brasil e as principais críticas ao sistema educacional brasileiro. Essa discussão pode nos ajudar a compreender a forma como os jovens atletas, que se encontram em situação de dupla carreira no esporte e na escola, decidem investir seu tempo e sua dedicação em uma das formas de profissionalização.

2.2.1 Desigualdades de Oportunidades Escolares

A educação brasileira vem sendo assolada por incontáveis críticas sobre sua qualidade e, principalmente, no concernente às desigualdades de oportunidades que dela derivam. As tensões geradas pelos pesquisadores da educação variam desde a incapacidade sistêmica de produzir resultados satisfatórios para os exames de proficiência; passam pela teoria de que a escola empurra todos os alunos para uma única possibilidade de conversão do conteúdo aprendido para a universidade; e atinge a pouca possibilidade de mobilidade social e econômica dos sujeitos escolares (SCHWARTZMAN, 2011; RIBEIRO, 2009, 2011; MARTELETO, CARVALHAES, HUBERT, 2012; ALVES, SILVA, 2013; CARDOSO, 2013; SILVA *et. al.*, 2016). Nesse espaço, discutiremos a relação das desigualdades de oportunidades escolares e quais as chances de sucesso nos traçados da educação. Pensamos que esse contexto educacional irá ajudar-nos a interpretar o cenário onde os jovens atletas tomam a decisão entre investir no esporte ou na escola.

As desigualdades de oportunidades educacionais é tema recorrente nas pesquisas sobre a escola. Boudon (1981) já chamava a atenção para o fato de que a escola vinha produzindo ou reproduzindo o contexto das desigualdades das sociedades industriais. O autor argumentou que, embora a sociedade moderna industrializada pudesse contribuir para a formação de novos campos de possibilidades, alterando o conjunto de oportunidades percebido pelo indivíduo, o

mesmo não vinha sendo proporcionado pelo investimento na educação. Boudon (1981) nos afirma que “a desigualdade das oportunidades, escolares e sócio-profissionais, constitui, portanto, com as desigualdades econômicas, a única forma [ou uma das poucas formas] de desigualdade que não parece atingida de modo sensível pelo desenvolvimento das sociedades industriais” (p. 20).

A crítica levantada por Boudon (1981) condizia com dois aspectos relevantes que já foram tratados anteriormente: a capacidade de homogeneizar grupos distintos na instituição escolar e a meritocracia. De acordo com o autor, via-se a quase impossibilidade de geração de mobilidade social e econômica a partir da escola. Mesmo que o autor não acreditasse na manutenção de classes e na total imobilidade social, ele verificou que os indivíduos com maior probabilidade de sucesso nos sistemas educacionais e, assim, com maiores chances de ocupação de cargos mais valorizados no mercado das indústrias eram os mesmos pertencentes aos grupos mais abastados socioeconomicamente na sociedade.

A apreciação lavrada por Boudon (1981) possuía um viés estrutural forte. Todavia, o autor acreditava na ação individual como componente do diálogo entre estrutura e indivíduo que o levaria às suas escolhas. De forma alguma, ele imaginava que o indivíduo era passivo na relação com a sociedade. Porém, também não podemos ignorar que as estruturas sociais exercem uma grande força na tomada de decisão do indivíduo. Não seremos inocentes de insinuar que os indivíduos agem por conta própria, alheios a qualquer relação produzida pela sociedade. As ações individuais só são possíveis dentro do contexto em que o indivíduo vive.

Outro autor, com um ideal um tanto diferente de Boudon (*idem*), mas com grande influência na produção acadêmica brasileira, apontava para um outro condicionante para se traçar a trajetória escolar de sucesso ou insucesso individual. Bourdieu (1998) atribuía às probabilidades de sucesso na escola o quanto o indivíduo podia acumular em capital cultural. A relação com a concentração de capital cultural acumulado pelo indivíduo seria preponderante para que ele obtivesse resultados escolares positivos. E além disso, ainda que as variáveis socioeconômicas pudessem ter influência nesse acúmulo de capital cultural, ela não seria único fator determinante para o sucesso em sua trajetória educacional.

Bourdieu (1998) definiu o capital cultural em três estados, a saber: o capital cultural objetivado – que seria aquele aspecto em que o indivíduo pudesse consumir de forma objetiva o saber, como livros, revistas, música, oportunidades de frequentar museus e consumir arte, folclore, etc.; o capital cultural institucionalizado – aquele modo de conhecimento em que suas raízes se afincam em instituições de ensino, como escola, cursos, universidades, etc.; e o capital cultural incorporado – esse talvez o mais importante das três definições pois lida com a

valorização e o tempo de investimento do indivíduo no consumo dos demais capitais. Ainda há uma quarta definição de capital que também, segundo Bourdieu (1998), contribui para que as oportunidades escolares sejam melhores aproveitadas pelos indivíduos – o capital social. Esse tipo de capital tem relação íntima com a capacidade dos indivíduos de formar redes de conhecimento e influência. O capital social está atrelado diretamente com o conjunto de oportunidades associado a cada indivíduo.

O problema e a crítica feita pela teoria bourdieusiana ao sistema de educação é que a cultura valorizada na escola estaria associada às elites, econômica e intelectual, da sociedade, produzindo um condicionante de acumulação de capital que favorecia aos filhos dessas classes. Essa forma de valorização da cultura das classes abastadas na sociedade teria forte influência na má formação escolar dos demais indivíduos ingressantes no sistema educacional, mas que não tinham acesso às formas de consumo cultural valorizada pela escola. Dessa forma, a escola seria mera reprodutora das desigualdades sociais, perpetuando-as e forçando uma concorrência desleal entre estudantes das diferentes classes, uma vez que aqueles que não consumiam no berço a cultura valorizada pela escola, teriam que despender um esforço ainda maior para fazer tal incorporação desse capital (BOURDIEU, 1990).

Os problemas enfrentados pela escola e o rótulo de que a instituição, ainda que tente, não consegue compensar as desigualdades sociais, formando um quadro estrutural de reprodutora de tais condições chama a atenção das pesquisas educacionais. Já mencionamos essa ideia quando falamos das razões para se pensar em um modelo compensatório para tratar de educação. A questão da justiça na educação é tema latente. E a produção acadêmica no Brasil não se exime da responsabilidade de discutir esse problema. Como dissemos, as principais críticas à educação brasileira começam por uma questão sistêmica e reforça a ideia de que precisamos elaborar um modelo de sistema educacional que de fato comece a premiar o alunado com aquilo que se espera da escola.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, BRASIL, 1996) descreveu como função da educação preparar o indivíduo para “o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho” (s/p). Ainda que as diferentes redes de ensino já ofereçam distintas formas de prestação do mesmo serviço, trazemos a hipótese de Schwartzman (2011), quando o autor informou que um dos maiores problemas da nossa educação é seu viés acadêmico. Segundo ele, as redes educacionais brasileiras empurram os indivíduos para uma única via de escoamento. E a crescente expansão do Ensino Fundamental gerou um estreitamento entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Esse estreitamento, que Schawrtzman (2011) chamou de “gargalo” na educação, tende a impossibilitar os jovens estudantes ao acesso pleno ao Ensino

Médio, pois, neste nível de ensino, há uma redução natural no número de vagas para aqueles estudantes que concluíram o Ensino Fundamental.

A redução do número de vagas na transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio poderia gerar um descontentamento do indivíduo que ingressa na rede de educação e é impedido de prosseguir por uma questão de oferta de vaga. Neri (2009b) alertou que uma das justificativas para a evasão escolar de jovens entre 15 e 17 anos, orientado pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), é exatamente a falta de oferta de vaga no Ensino Médio. Porém, o mesmo autor demonstrou que o oferecimento de vagas não é a principal razão para que os jovens abandonem a escola. Neri (2009b) ajuizou que a justificativa mais presente era a falta de demanda pela educação, ou seja, falta de interesse dos jovens entre 15 e 17 anos em continuar os estudos na escola.

Exemplificando: podemos, talvez, somar a essa ideia de que a escola não converge para os desejos individuais, pois a escola é uma instituição obrigatória. E, quem se dispõem a sair do sistema, poderá justificar essa sua retirada porque o esquema não se ajusta aos seus interesses individuais. Se juntarmos a isso a ideia de que o indivíduo investe em uma dupla carreira, sendo uma delas o esporte, o fato de colocar dois projetos de carreira em curso pode ainda afetar a sua decisão em investir na escola ou no esporte. Ao passo que a escola é uma obrigação que pode ser adiada ou secundarizada, o cenário a que pertence a escolha desse indivíduo pode se configurar de modo favorável à carreira esportiva.

Schwartzman (2011) corroborou com a ideia de que a falta de demanda por educação pudesse agregar mais valor às razões para a não permanência do adolescente na escola. O autor projetou a hipótese de que mesmo se universalizássemos o Ensino Médio, o estreitamento pelo número de vagas seria transferido para o Ensino Superior e, se continuássemos insistindo na universalização do sistema de ensino, estaríamos apenas transferindo esse tal “gargalo” para o mercado de trabalho ou para a pós-graduação. O fato que importa é que a universalização do acesso às redes de ensino não supriria o principal problema encarado por Schwartzman (2011) e Neri (2009b) que tratam a falta de demanda pela educação como fator determinante para o fracasso do Ensino Médio no Brasil. Para esses autores, embora a educação ainda tenha forte influência na ocupação de cargos valorizados no mercado de trabalho, conforme maior a graduação do indivíduo, ela ainda não é capaz de produzir interesse e desejo nesses mesmos indivíduos de permanecer nos bancos escolares. Talvez porque os prêmios associados à educação estejam muito distantes do horizonte desses jovens.

Não paremos por aí. O livro “Desigualdades de Oportunidades no Brasil” de Ribeiro (2009) e, posteriormente, a produção em artigo sobre a mesma temática (RIBEIRO, 2011)

mostraram que o quadro educacional no Brasil tende a reproduzir de forma perpétua as desigualdades sociais nos resultados escolares dos indivíduos. O autor analisou de modo longitudinal a probabilidade de conclusão e transição de um nível de ensino para o outro, comparando indivíduos a partir do pareamento entre duas variáveis que teriam forte impacto nas características de origem do aluno: a escolaridade da mãe e o *status* ocupacional do pai. Ribeiro (2009, 2011) demonstrou que indivíduos ingressantes no sistema educacional, cuja mãe tinha alto grau de escolaridade e cujo pai ocupava uma profissão de prestígio, independentemente do coorte geracional, tinham mais chances de concluir um nível de ensino e alcançar imediatamente o próximo.

Além disso, os trabalhos de Ribeiro (2009, 2011) ainda identificaram um alcance maior no nível de instrução escolar desses indivíduos que tinham as variáveis de origem pendendo para as melhores condições. Significa dizer que os jovens que têm mães com maior escolaridade e pais com posições mais valorizadas no mercado de trabalho, além de terem mais chances de permanência no sistema educacional, ainda concluem níveis de ensino mais altos. Acrescentamos, aqui, outra informação: Neri (2009b) traz consigo a ideia de que os indivíduos com maior escolaridade têm maiores chances também de ocupação de um cargo mais bem remunerado no mercado de trabalho e uma maior probabilidade de empregabilidade no futuro.

Os dados, acima citados, reforçam a ideia de que nosso sistema de ensino forja uma pseudo-igualdade de condições. Na verdade, ao contrário, tende a reproduzir as mesmas desigualdades sociais, mantendo indivíduos de origem mais acanhada com poucas chances de sucesso pelas vias educacionais. Esse sucesso seria alcançado, se esses jovens se desdobrassem a fim de conquistar as mesmas qualificações que os jovens com mesma idade, mas que tiveram a oportunidade de nascer em uma família com maior investimento na educação e com maior capacidade de produção de renda.

O que ainda nos traz curiosidade e confirma a hipótese de que o sistema de educação no Brasil tende a reproduzir desigualdades de modo sistêmico é o que traz Cardoso (2013). O autor analisou os dados dos Censos de 2000 e 2010 para calcular as chances de permanência na escola e/ou acesso ao mercado de trabalho de jovens brasileiros. O autor mostrou que os jovens que se encontram na faixa entre os 10% mais pobres na população tem quase oito vezes mais chances de estar em uma condição de quem não estuda, não trabalha e nem procura emprego. Isso nos mostra que nosso sistema educacional, além de desinteresse, pode ser que também produza uma evasão escolar somada à desqualificação para o mercado de trabalho.

As interpretações sistêmicas apontaram para um quadro bastante pessimista sobre a questão da justiça na educação, uma vez que os jovens de origem mais modesta têm menos

chances de se qualificar pelo sistema educacional brasileiro. A pesquisa de Soares e Andrade (2006), sobre as escolas públicas e privadas em Minas Gerais – Brasil –, trataram, de modo bastante detalhado, da questão da qualidade e da equidade na educação. Aparentemente, os autores indicaram que as escolas que produziam dados de qualidade de alto desempenho, conseguiam-nos sem a mesma equivalência na equidade escolar. Os dados da pesquisa indicaram algumas escolas com perfil socioeconômico desfavorecido do alunado, mas que produziam bons resultados. Os autores sugeriram que esses casos de instituições que produzem bom rendimento escolar, mesmo para alunos desfavorecidos socioeconomicamente, deveriam ser melhor estudados. Eles apresentam constatação sobre a qualidade escolar na capital do estado de Minas Gerais:

[...] constatou-se que em Belo Horizonte a qualidade escolar está associada à presença de iniquidade. Por vias ainda não estudadas constatamos que a qualidade das escolas foi obtida esquecendo-se da equidade. Em outras palavras, hoje o sistema de educação básica de Belo Horizonte só consegue produzir qualidade na presença de alta iniquidade. O acesso está garantido, mas apenas alguns terminam a educação básica com desempenho nos níveis de desempenho adequado (p. 123).

A pesquisa abrange escolas públicas e privadas da região de Belo Horizonte. Os autores definem qualidade na educação como sendo a capacidade de a escola formar alunos com desempenho satisfatório em testes de proficiência padronizados. Soares e Andrade (2006) destacaram que é impossível atrelar o desempenho médio dos alunos nas escolas a apenas fatores extraescolares. Para eles, a escola pode impactar de alguma forma no rendimento cognitivo dos alunos, principalmente, quando se refere a sua estrutura e equipamentos educacionais. Mas também eles não excluem os determinantes de origem socioeconômica do quadro de análise do desempenho dos estudantes. Além disso, eles somam a capacidade cognitiva individual como componente explicativo do desempenho desses alunos nos testes de proficiência.

Ainda que por um lado identifiquemos um padrão geral de reprodução de desigualdades escolares a partir das diferenças entre as desigualdades sociais, por outro, há instituições escolares que produzem um bom rendimento em alunos com variáveis de origem desfavoráveis. Essas escolas são dignas de estudos, pois rompem com um processo de reprodução permanente mapeado no histórico do sistema educacional brasileiro. Koslinski e Alves (2012) trouxeram uma linha de argumentação na produção científica acerca do efeito vizinhança nas desigualdades de oportunidades escolares. As autoras destacaram que “[...] crianças que crescem em áreas segregadas ou homogêneas pobres estariam apartadas de modelos de

papel social de adultos de classe média, ou de modelos bem-sucedidos, especialmente daqueles desenvolvidos pela via de escolarização” (Idem, p. 812).

A ideia da segregação urbana sendo um dos fatores para a produção das desigualdades escolares, a partir da justificativa das autoras, é coerente. Pensemos que esses indivíduos desprovidos de contato com papéis sociais diferentes das suas realidades e que tenham sido obtidos pelas vias da educação terão pouca variação no espectro de possibilidades das oportunidades que a escola pode vir a produzir. Isso pode nos ajudar a explicar as razões para que indivíduos que têm um núcleo de convivência social homogêneo ou pouco variado, no sentido de obtenção de sucesso pela escola, decidem escolher carreiras que pouco dependam do investimento escolar.

Até o momento viemos argumentando sobre as questões que são externas à escola e que impactam e ajudam a explicar como nosso sistema educacional está reproduzindo as desigualdades sociais pela educação. Porém, ainda há de se pesar os efeitos internos da escola. A estigmatização dos alunos é enfrentada como um problema que afeta o desempenho dos mesmos. Koslinski e Alves (2012) concluíram que

[...] além dos mecanismos de socialização coletiva, há que se observar a possível influência de mecanismos institucionais que criam diferenças no âmbito da oferta de educação de qualidade. Um exemplo seriam as disposições negativas (baixa expectativa) de professores e diretores em relação ao potencial de aprendizagem de alunos moradores de favelas. Em muitos casos, o estigma de favela os leva a desconsiderar, a priori, até mesmo a possibilidade de que estes estudantes possuam algum interesse no processo de escolarização (p. 825).

A estigmatização dos alunos e a baixa expectativa dos professores não são referentes apenas ao seu local de moradia. Estudos na área da educação mostram que, quando os professores identificam os alunos como bagunceiros ou indisciplinados, a tendência é que seu rendimento escolar caia na proporção em que o estigma aumenta (ALVES; BATISTA, 2012; CHRISTOVÃO; SANTOS, 2010; CUNHA, 2010). A consequência natural é que esses mesmos alunos se afastem gradativamente das obrigações escolares. Os modos de estigmatização da escola são sutis e distantes das normas regulares. Seja pela área de moradia ou pelas atitudes não condizentes com as regras da escola, os alunos são levados a um caminho sem volta. Às vezes são imperativamente convidados a se retirar da escola. O que vemos, portanto, é que há ainda modos de se piorar a condição de aprendizado e desempenho dos alunos nas instituições escolares. Mas o contrário também é verdadeiro: se o aluno é tido como disciplinado e cumpridor das tarefas escolares, seu desempenho também tende a aumentar.

Fazendo uma alusão ao nosso caso específico, estamos lidando com jovens que colocam em curso dois projetos de carreira distintos. Por um lado, o esporte exige tempo e dedicação. Por outro, a escola, para além do investimento pessoal, é uma obrigação social. A distinção do grupo de jovens atletas está atrelada ao fato desses indivíduos se ocuparem de uma profissão que não é reconhecida nos textos legais, mas que exige deles uma disponibilidade que talvez nenhuma outra profissão possui. Pensar no futebol como modalidade símbolo da cultura e da identidade nacional nos ajudou compreender de que forma esse tipo de profissionalização pode vir a fazer parte das expectativas de carreira do jovem atleta. Agora, quando tratamos sobre as desigualdades de oportunidades educacionais levantamos questões sobre o modo como nosso sistema educacional pode reproduzir as desigualdades sociais; e identificamos algumas formas sobre como a escola pode fazer a diferença no investimento do indivíduo na sua carreira.

A percepção sobre as oportunidades exequíveis na carreira do jovem atleta dependeria da leitura que esse jovem faz do cenário de escolhas ao qual ele está submetido. As suas condições de origem social e o modo como ele encara a escola são elementos importantes para interpretarmos o seu investimento na carreira. Além disso, podemos sugerir que a percepção sobre como a escola investe nesse atleta também pode compor o conjunto de variáveis que poderemos adotar para análise dos dados. Afinal, tanto a estrutura da escola, quanto a forma como os agentes dessa instituição atuam sobre o indivíduo podem contribuir para uma maior ou menor expectativa de sucesso dos jovens atletas nas vias escolares.

Nessa seção procuramos mostrar dois quadros contextuais que podem influenciar a decisão dos jovens atletas. Por um lado, o futebol tem uma limitação escandalosa nos postos de trabalho valorizados. Por outro, a escola brasileira tende a reproduzir as desigualdades sociais, embora práticas institucionais podem fazer alguma diferença no desempenho escolar dos alunos. Em ambos os casos a escolha pelo investimento é algo que depende de alguma coisa que vai além do esforço e do mérito individual. E é nesse sentido que continuaremos com a exposição da hipótese e das questões do presente estudo, buscando uma explicação e uma relação causal para o investimento em uma dessas duas carreiras no projeto individual dos jovens atletas.

2.3 HIPÓTESE E QUESTÕES

As reflexões apresentadas no capítulo I e até esse momento no capítulo II da presente tese nos ajudaram a compreender como a relação de dupla carreira, no esporte e na escola, tende a produzir um resultado que pode influenciar, de diferentes formas, o investimento na educação. As pesquisas do LABEC mostraram que, quando encaramos o esporte como variável independente, as chances de encontrarmos uma grande variação entre os resultados de pesquisa, conforme migramos de modalidade esportiva, aumenta. Isso sugere que o investimento no esporte é fruto de uma contextualização entre as estruturas do mercado esportivo e as ações individuais.

Observamos que os determinantes legais e as orientações do Ministério Público do Trabalho colocam o esporte, em especial o futebol, em evidência e como fonte empregadora de uma crescente massa de pretendentes à profissionalização esportiva. Por outro lado, também verificamos que as oportunidades para a profissionalização no esporte são bastantes restritas e que as apostas feitas nesse caminho de formação profissional se tratam de um investimento arriscado. Todavia, também fizemos uma larga demonstração de como o nosso sistema de educação tende a sacrificar um sem número de jovens estudantes.

O grande dilema da pesquisa é que estamos lidando com uma categoria de jovens que enfrentarão um cenário pessimista, ou, pelo menos, com muitos desafios, para o seu sucesso. Tanto no futebol quanto na escola, os jovens atletas podem ter grandes dificuldades de conquistar seus objetivos profissionais. Destacamos que o problema da pesquisa é responder a indagação: como os atletas observam as oportunidades de profissionalização através do esporte e da escola, atuam e estruturam seu planejamento e curso de vida?

Para encarmos essa questão, elaboramos a hipótese de que o futebol e a escola fazem parte de uma mesma categoria de variáveis e são afetados pela condição socioeconômica do indivíduo, pela estrutura de oportunidades condizentes a cada uma dessas configurações de profissionalização e pelo projeto familiar e as redes sociais desses jovens atletas. Pensamos, portanto, que esses jovens levam essas características em consideração para tramar seu curso de vida e, mesmo com cenário desfavorável de oportunidades no futebol, ele terá mais chances de investir na carreira do futebol caso perceba que as vias de sucesso pela escola estejam muito distantes das suas expectativas.

Diante do exposto, elaboramos as seguintes questões que nos ajudarão a responder o problema de pesquisa:

- Como os jovens atletas em formação profissional no futebol conciliam as demandas da dupla carreira?
- Como os jovens atletas percebem a exequibilidade das oportunidades nas vias de escolarização e na profissionalização no futebol para determinar seu curso de vida?
- Como os jovens atletas do futebol percebem as estruturas de oportunidades objetivas na dupla carreira e legitimam suas escolhas na conformação do seu projeto individual de carreira?

2.4 OBJETO DE ESTUDOS, INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS E PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O tema sobre a profissionalização e a escolarização de jovens atletas vem sendo debatido arduamente nas pesquisas realizadas pelo LABEC. A necessidade de continuidade na produção acadêmica sobre esse tema foi exaustivamente descrita no capítulo I do presente trabalho. Nesse capítulo, identificamos que a situação de dupla carreira, na qual os jovens atletas se encontram, produzem uma rotina de cansaço físico e outras dificuldades que podem levar esses jovens a um afastamento gradativo das obrigações escolares. Em se tratando de futebol, a tendência é que os jovens atletas que se aproximam das categorias mais avançadas migrem de instituição de ensino, ou de turno escolar, para facilitar o modo de conciliação das carreiras no esporte e na escola. Por mais que isso possa não sugerir um prejuízo imediato no processo de escolarização dos jovens atletas, pensamos que, pelo menos, apresenta desafios no processo de incorporação de capital cultural institucionalizado que faça o atleta pensar em progredir nos níveis mais avançados de ensino. Como sugerimos, em caso de insucesso no esporte, essa rotina de dupla carreira pode também limitar o acesso a uma profissão no mercado de trabalho que dependa de qualificação acadêmica ou profissional.

Além disso, a não abrangência da legislação brasileira sobre os casos dos jovens atletas pode colocá-los em uma situação de vulnerabilidade quanto aos seus direitos trabalhistas fundamentais. Como dissemos, por mais que os casos de violação exagerada dos direitos fundamentais dos jovens atletas nos cause preocupação, queremos tratar dos casos médios de limitação dos direitos por consequência de um investimento incisivo no futebol. Pensamos que o Ministério Público do Trabalho lidará melhor com os casos de violência abusiva na formação profissional esportiva e escolar de jovens que pretendem o caminho do sucesso no futebol. Todavia, é possível que a maior parte dos atletas, aqueles que não se encontram em situação crítica de supressão dos seus direitos, não sejam amparados pela discussão do Ministério Público do Trabalho. Afinal, os jovens atletas estão em um tipo de formação profissional que exige uma disponibilidade por vezes quase que exclusiva do seu tempo de dedicação.

Vimos ainda que o mercado do futebol produz uma situação exagerada de competitividade e seleção dos jovens que embarcam nessa carreira. Esse modelo de formação profissional cria um campo de possibilidades que, por ser restrito e possuir uma grande massa de aspirantes aos postos, permite aos clubes uma constante seleção, angustiante para os atletas. Diante do exposto, investigamos uma instituição esportiva que possui o Certificado de Clube Formador, do município do Rio de Janeiro. Esse fato coloca essa instituição em uma situação

que pode ser considerada o melhor dos quadros para a garantia dos direitos e deveres dos atletas. Além disso, por se tratar de um clube de grande tradição entre os clubes do Rio de Janeiro, percebemos ainda que o contingente de jovens aspirantes às suas categorias de base é elevado.

No outro patamar da investigação, definimos que a faixa etária investigada é a mesma indicada como ideal para se estar no Ensino Médio, 14 a 17 anos de idade. Justificamos essa escolha pela faixa etária por duas razões, a saber: 1) o Ensino Médio é alvo constante das críticas educacionais, conforme esclarecemos nesse capítulo. As críticas relacionadas a esse nível de ensino se referem, principalmente, a sua incapacidade de preparar para o mercado de trabalho e gerar um desinteresse grande no seu alunado. Por esse motivo, pensamos que é nessa faixa etária que, em tese, os atletas estariam no Ensino Médio, que encontraremos as justificativas que podem sustentar o nosso modelo teórico para o investimento e escolha em uma carreira profissional. E 2), além disso, a definição sobre a carreira no esporte também tem seu grande gargalo nessa categoria. Para muitos, esse é o momento da carreira de atleta do futebol em que se toma a decisão de permanecer ou não nos campos profissionais do esporte.

Investigamos atletas alojados no clube esportivo, pois acreditamos que esses atletas são os que mais tendem a investir na carreira esportiva. Lembremos que estamos querendo identificar as razões para o investimento na carreira esportiva e a secundarização do projeto escolar. Portanto, pensamos que são esses jovens que iriam ajudar-nos a compor o modelo teórico explicativo por meio do qual pode tornar-se possível interpretar outros dados em qualquer modalidade esportiva.

Utilizamos para a coleta de dados um questionário estruturado que continha questões sobre a rotina, hábitos e jornada escolar; rotina, hábitos e jornada de treinamento. Além disso, por meio desse questionário seria possível levantar hábitos de consumo cultural, de lazer e dados que podem nos ajudar a interpretar o nível socioeconômico desses jovens. Na segunda fase de investigação, utilizamos um roteiro de entrevista semiestruturado para aprofundamento das questões levantadas no estudo. Os temas que compunham o roteiro de entrevistas foram: trajetória escolar; trajetória esportiva; expectativas individuais de profissionalização; influências familiares nas escolhas individuais; entre outros temas, que poderiam surgir durante a realização das entrevistas.

Realizamos as entrevistas com atletas e funcionários do clube. Todo o processo investigativo foi realizado nas dependências da instituição esportiva e os aspectos éticos foram firmados por meio do termo de consentimento livre e esclarecido, assinado pelas partes envolvidas. Como se tratava de atletas menores de idade, o referido termo foi assinado pelo responsável legal pelas categorias de base do clube. Os atletas e os funcionários do clube

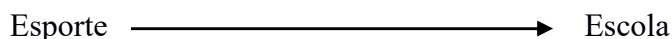
tomaram ciência do objetivo da pesquisa, das condições de sua realização e foram informados que poderiam deixar de dar a entrevista em qualquer momento de sua realização. A seguir, indicaremos as características dos atletas investigados, assim como abordaremos as estratégias de análise dos dados coletados.

2.5 MODELO HIPOTÉTICO, TIPOS IDEAIS E PERFIL DOS ATLETAS

As pesquisas sobre escolarização de jovens atletas apontam para um cenário de escolhas altamente complexo. Por um lado, temos o futebol com suas restritas oportunidades concretas para a profissionalização e ganhos de altos salários. Por outro, a escola ainda se mostra bastante eficiente na manutenção das diferenças de origem socioeconômica, mesmo após todo o processo de escolarização. Diante disso, temos um grupo de atletas que se encontra em uma dupla carreira, entre o esporte e a escola, e são atuantes em todo seu processo de escolha e investimento em uma das duas oportunidades de profissionalização. Nessa pesquisa, buscamos demonstrar, em pequena escala, um modelo hipotético entre o conjunto de variáveis que, para nós, influenciam tanto o esporte quanto a escola. A partir dele, poderemos explicar como pode ocorrer o processo de investimento no futebol e a secundarização da escola básica.

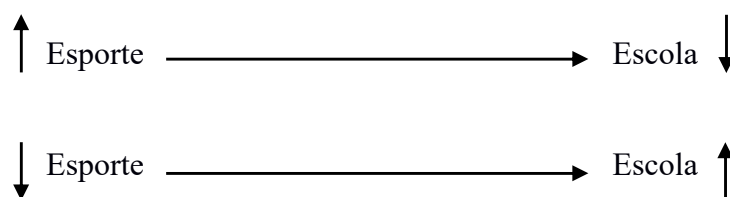
De forma esquemática e ilustrativa demonstraremos nossa proposta logo abaixo:

1. As pesquisas realizadas no Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC) e os estudos internacionais colocavam o esporte como variável independente que poderia exercer forte pressão no processo de escolarização, fazendo com que os atores negligenciassem a escolarização básica.



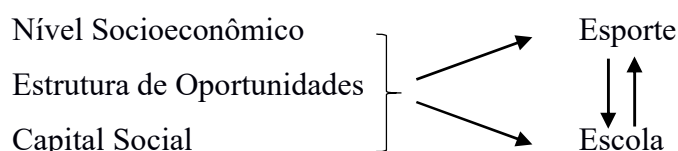
As explicações levantadas pelas pesquisas no LABEC diziam que, quanto maior o investimento, a dedicação ao esporte levaria à utilização do projeto escolar como um apoio, podendo ser deixado de lado conforme fosse atingido o sucesso esportivo. Mesmo que isso seja uma explicação plausível, identificamos que a relação de investimento não era tão direta quanto propúnhamos, mostrando que o esporte e a escola não dependiam exclusivamente de dedicação e escolhas para priorizar um ou outro, na medida em que se avançava em uma das duas linhas de profissionalização. Conforme esclarecemos no capítulo I da presente tese, os modelos de conciliação eram variados diante da diferença entre as modalidades esportivas.

2. Tanto o investimento no esporte quanto o investimento nas vias de escolarização poderiam variar de forma independente um do outro, somente demonstrando algum grau de articulação após as variações.



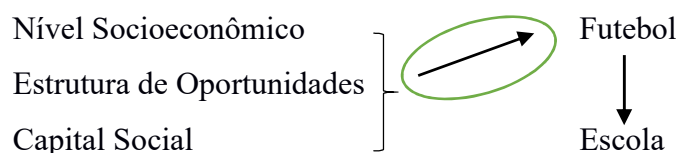
Observamos que o investimento na escola poderia diminuir conforme os jovens atletas buscavam, de forma mais incisiva, a profissionalização esportiva. Dessa forma, descrevemos que quanto maior fosse o investimento na profissionalização no esporte, menor seria a dedicação à escola. Todavia, o contrário vinha mostrando-se também verdadeiro. Identificamos que alguns jovens atletas, em modalidades esportivas que tinham menores chances de profissionalização e de ganhos financeiros, apostavam na continuidade no esporte, mesmo investindo menos na sua profissionalização, para garantir bolsas no Ensino Superior em universidades privadas, por exemplo. Esse modelo de investimento no esporte nos trouxe uma gama maior de possibilidades investigativas e uma tendência menor a generalizar os nossos dados que diziam que o esporte poderia ser um empecilho para a escolarização básica.

3. Passamos a encarar, portanto, o esporte e a escola como variáveis dependentes de um mesmo conjunto de variáveis, colocando-os em uma mesma categoria.



Pensamos que, ao encarmos o esporte e a escola como variáveis de uma mesma categoria, poderíamos propor um modelo explicativo que iria ajudar-nos a buscar uma pesquisa em escala. Porém, devemos buscar os elementos objetivos que expliquem tanto o investimento na escola quanto o investimento no esporte. Assumimos que as hipóteses iniciais de que quanto maior o investimento na profissionalização esportiva, menor será o investimento nas vias de escolarização só serão verdadeiras caso identifiquemos como se elabora um projeto de investimento no esporte ou na escola.

4. Essa tese se diferencia das pesquisas realizadas no Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo, pois estamos lidando com um único processo dentro do esquema ilustrado no item 3, a saber: o processo que leva ao investimento no esporte.



A nossa preocupação é revelar os condicionantes para que o processo em destaque no esquema acima seja objetivado. Acreditamos que se conseguirmos demonstrar as figuras que compõem o projeto de investimento no esporte, causando uma menor dedicação à escolarização básica, isso nos ajudará a propor um modelo a ser testado como indício de relação causal entre as variáveis sugeridas como influências nas categorias esporte e escola. Isso irá ajudar-nos a pensar futuramente as relações que ocorrem na dupla carreira e definem os projetos individuais dos jovens que se dedicam ao esporte e à escola simultaneamente.

Ainda não identificamos pesquisas no Brasil cujo objetivo fosse buscar um modelo explicativo para o investimento em uma dupla carreira, como o esporte e a escola. Na medida em que conseguirmos realizar essa demonstração em pequena escala, poderemos propor o carregamento de dados para subsidiar políticas públicas ou interinstitucionais que visem a uma melhor adequação da conciliação entre o tempo dedicado ao esporte e à escola. Não verificamos modelos de conciliação da dupla carreira que minimizem os prejuízos dos jovens inseridos nesse esquema, fazendo com que eles se coloquem em posição de negociação de direitos e obrigações para compatibilizar as rotinas da dupla carreira.

As pesquisas do LABEC foram importantes para identificarmos ainda os tipos de escolhas que preenchem o campo de investigação. Verificamos que os atores assumem diferentes papéis para delimitar sua atuação diante das oportunidades e do campo de possibilidades da dupla carreira. Observemos que, nas pesquisas sobre dupla carreira, informamos características das escolhas que poderíamos enquadrar quase que em padrões ideais e possíveis de acontecer. Diante disso, inclinamos nossa análise à elaboração de tipos ideais que irão ajudar a interpretar os dados. Tendo em vista a nossa inclinação, encontramos uma base na categoria de análise proposta por Max Weber presa à observação da singularidade histórica considerada em sua totalidade:

[...] contraposto aos conceitos substancialistas que pretendem ordenar os fenômenos hierarquicamente e, ao mesmo tempo, é uma representação de uma totalidade histórica singular. É através da historicização e da racionalização do singular que Weber procura ordenar a aparência “caótica” do mundo “vivido”. O tipo ideal não é construído como *reflexo* do real; muito pelo contrário, é pelo seu afastamento do real concreto e através da acentuação unilateral das características de determinados fenômenos que ele chega a uma

explicação mais rigorosa do caos existente no social (WEBER, 2001, p. XXVI).

A seguir, buscaremos demonstrar como chegamos à conclusão e à categorização dos tipos ideais. Essa categoria de análise irá ajuda-nos a interpretar o modo por meio do qual acontece o processo de investimento no esporte, buscando elementos para objetivar tal processo. Imaginamos que os tipos ideais irão levar-nos a demonstrar a hipótese indicada no item 4, anteriormente representado, colaborando para a apresentação do nosso modelo explicativo.

A continuidade dessa apresentação levará em conta os tipos ideais para que possamos ainda descrever quem são os sujeitos dessa pesquisa. Assumimos a ideia de que os tipos ideais são representações individuais de um processo histórico, compreendendo que a leitura heurística da realidade leva os indivíduos a adotarem estratégias de acordo com suas percepções de oportunidades e balanço racional do que está posto (WEBER, 2001).

Os tipos ideais na dupla carreira

As pesquisas realizadas pelo Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo levantaram estratégias de conciliação que irão colaborar na elaboração da categoria de análise dos dados reconhecida como os tipos ideais. Conforme já assumimos, os tipos ideais são figuras representadas pela interpretação singular que se faz do mundo real. Cada sujeito admite uma configuração e uma leitura dos indícios da realidade e traça suas estratégias que visam a alcançar seu objetivo, projeto ou nuances dentro de um fenômeno social. No atual cenário, estamos lidando com jovens inseridos no sistema educacional brasileiro, que tentam a conciliação com a carreira em formação profissional no futebol. Diante do exposto, vimos que as pesquisas sobre escolarização e formação profissional de jovens atletas tendem a não ter um padrão de escolhas por parte dos sujeitos quanto ao seu objetivo final.

Os exemplos destacados no capítulo I da presente tese, a partir das estratégias utilizadas pelos jovens atletas de diferentes modalidades esportivas, mostraram a presença de tipos de estratégias e escolhas que são dependentes dessa leitura da realidade em contraponto com os próprios dados do mundo objetivo. A necessidade de se configurar um esquema de conciliação da dupla carreira no esporte e na escola faz com que os jovens atletas alcancem níveis de interpretação dos dados objetivos que irão levá-los a buscar o que for melhor para consolidar seu projeto de carreira. As pesquisas do LABEC nos permitiram compreender e caracterizar

três tipos de estratégias e escolhas dentro de projetos de carreira que estavam vinculados a uma dupla jornada. Abaixo, apresentamo-los:

1. O Sonhador: o jovem atleta inserido em um modelo de dupla carreira pode ou não perceber os dados objetivos desse investimento. A interpretação que acarreta essa leitura da realidade leva o jovem atleta a projetar sua idealização do realizar-se profissionalmente como único modo de cumprir seu objetivo de vida. Em geral, esse tipo de projeção está associado ao sonho de mudança da realidade de vida de sua família, a ganhos de altos salários, limitando a carreira esportiva a apenas aos postos valorizados da profissão.

2. O Pragmático: o jovem atleta reconhece as dificuldades de se tornar um jogador de futebol de sucesso e acredita que seu investimento nessa carreira torna a possibilidade de sucesso ainda maior. O fato é que esse tipo ideal encara toda oportunidade no esporte como plausível e busca consolidar suas estratégias a partir da realização do seu projeto esportivo. Suas escolhas são orientadas para o sucesso profissional no esporte. Esse tipo ideal tende a objetivar a carreira no esporte e os processos para que concretize o projeto de profissionalização esportiva.

3. O Contextual: esse tipo ideal leva em consideração as chances de sucesso que terá tanto no esporte quanto na escola. Ele tende a analisar os contextos, as dificuldades do campo esportivo e da escola para só assim traçar sua estratégia de investimento. É possível que o jovem atleta em tela tenda a criar estratégias de permanência na escola caso o esporte não se mostre um meio que renda frutos, ao mesmo passo que a escola possa ser colocada em segundo plano se suas oportunidades de sucesso no futebol estiverem mais próximas de serem realizadas.

Essas três categorias de análise permearão toda descrição dos dados coletados a partir das entrevistas semiestruturadas. Essa seção continuará sua trajetória com a demonstração dos dados objetivos de nossa pesquisa. Conforme explicamos, realizamos o preenchimento de questionários estruturados que nos trouxeram a caracterização dos sujeitos da pesquisa. Traremos a seguir, a descrição das características dos sujeitos investigados. Como adiantamos, realizamos o preenchimento desses questionários somente com jovens alojados. A coleta de dados aconteceu em outubro e novembro de 2015.

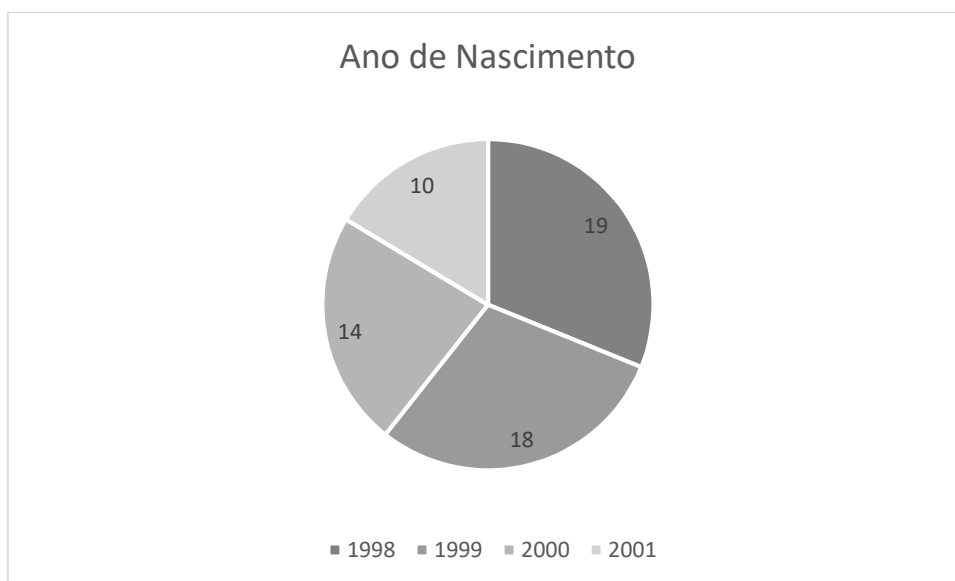
Perfil dos sujeitos

Os dados coletados pelos questionários estruturados nos levaram a traçar o perfil dos atletas investigados. Realizamos a coleta de dados no ano de 2015, nos meses de outubro e novembro, o que nos trouxe algumas particularidades, por exemplo: outubro foi o mês de

retorno dos jovens atletas de uma viagem internacional. Esse dado deverá ser levado em consideração mais a frente. A viagem para a Europa tirou os jovens atletas da categoria sub-17 por um longo período das obrigações escolares e, portanto, deveremos relativizar algumas análises que levem em consideração o tempo de permanência na escola desses jovens atletas.

Trataremos sobre o tema do tempo de permanência na escola quando estivermos lidando com o processo de conciliação das rotinas de treinamento, competições, estudos e avaliações dos jovens atletas. Por ora, vamos nos prender apenas ao perfil dos jovens investigados. De acordo com o exposto no texto em tela, realizamos a aplicação desses questionários com jovens entre 14 e 17 anos de idade, residentes no alojamento no clube de futebol de grande prestígio no Rio de Janeiro e detentor do Certificado de Clube Formador. Foram 62 respondentes da pesquisa. Eles foram agrupados de acordo com o ano de nascimento. No gráfico 5, temos o quantitativo de respondente por faixa, tendo em vista a idade no ano da aplicação dos questionários.

Gráfico 5.



Do total de jovens atletas respondentes, temos 19 atletas nascidos em 1998 (31%); 18 atletas nascidos no ano de 1999 (30%); 14 atletas nascidos em 2000 (23%); e 10 atletas nascido no ano de 2001 (16%). Apenas um atleta não disse sua data ou ano de nascimento. Levando em consideração que o ano de coleta de dados foi 2015, levantamos os dados com atletas de 14 a 17 anos de idade. Destacamos que essas idades estão compreendidas em duas categorias no futebol, a sub-15 e a sub-17. Temos ainda duas questões que devemos chamar a atenção: 1) como os dados foram coletados no final do ano de 2015, estávamos prevendo que a pesquisa

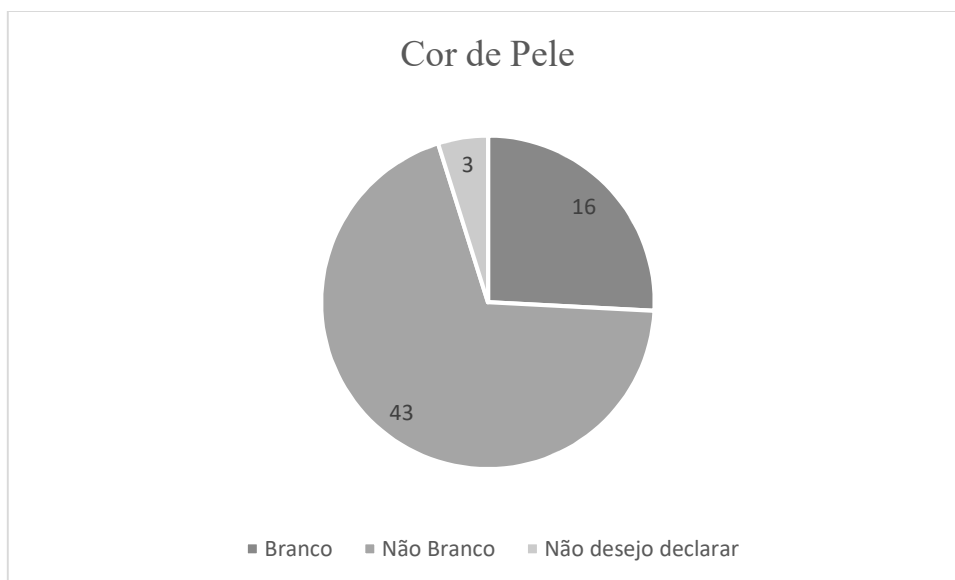
continuará em 2016 e não teríamos uma grande mortalidade amostral devido à faixa etária que determinamos; 2) realizamos os questionários com a totalidade dos atletas alojados no momento da pesquisa com idade entre 14 e 17 anos, faixa etária exigida para que um atleta permaneça no alojamento do clube.

Quanto à cor de pele, buscamos nos referenciar pelo modelo de autodeclaração estimado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Utilizamos as mesmas referências usadas pelo IBGE para solicitar a informação aos declarantes. Dentro do esperado, expomos os resultados:

Tabela 1. Cor de pele

Cor de Pele	Quantidade
Branco	16
Negro	20
Mulato/Pardo	18
Amarelo	0
Indígena	2
Não desejo declarar	3
Outro	3
Total	62

Observemos que o número de declarantes chega a totalidade de jovens atletas envolvidos na pesquisa. De acordo com os dados, temos 16 jovens que se autointitulam brancos; 20 jovens que se consideram negros; 18 jovens que se autodeclararam mulatos ou pardos; nenhum amarelo; 2 indígenas; 3 preferiram não declarar sua cor de pele; e outros 3 citaram outros dados para cor de pele. As declarações dos “outros” sempre estavam associadas às características de “não brancos”. Aliás, para fins de análise, categorizaremos esses dados em duas vertentes “brancos” e “não brancos”. Se assim considerarmos, o gráfico 6 mostrará exatamente como ficará essa distribuição por essas categorias.

Gráfico 6.

Percebamos que a presença de “não brancos” é massiva entre os jovens atletas investigados. O total de 43 respondentes que se identificaram como “não brancos” representa 69% dos jovens atletas da pesquisa. Isso pode nos ajudar a interpretar como os jovens atletas decidem secundarizar o projeto na escola básica, uma vez que o grupo de “não brancos” são os mais afetados pelas desigualdades de oportunidades escolares. Além disso, tornamos o nível socioeconômico um condicionante para o projeto de profissionalização no esporte. Para a construção desse dado, apelamos para o levantamento de informações que tangenciavam o consumo familiar e o grau de escolaridade dos chefes de família. Realizamos um apanhado dos dados que coletamos e calculamos o nível socioeconômico a partir das orientações e estimativas do Critério Brasil²¹.

A estimativa da Associação Brasileira de Empresas e Pesquisas (ABEP) classifica o corte de classe a partir da composição de critérios que variam desde os bens de consumo familiares, passam pela escolaridade da família e chegam às condições de saneamento da moradia do indivíduo. A partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), apresentada em 2013, a ABEP consolidou uma tabela de aproximação das rendas familiares, apresentada a seguir:

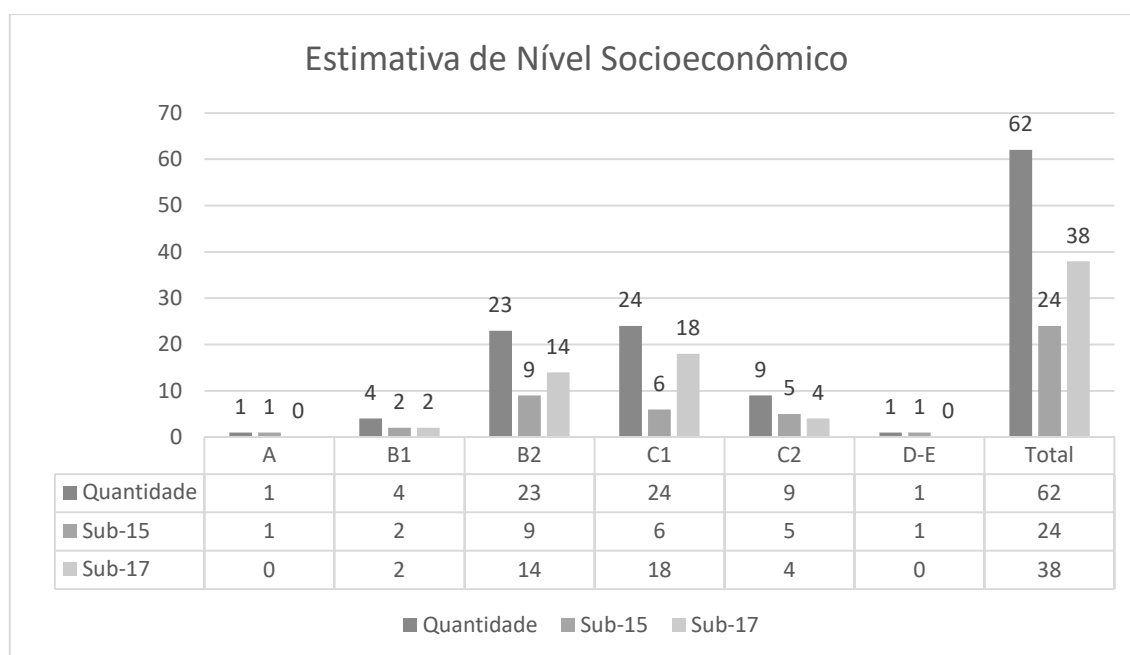
²¹ Ver em: <http://www.abep.org/criterio-brasil>.

Tabela 2. Estimativa de Renda Familiar por Corte de Classe

Classe	Estimativa de Renda Domiciliar (R\$)
A	20.272,56
B1	8.695,88
B2	4.427,36
C1	2.409,01
C2	1.446,24
D-E	639,78

Fonte: ABEP (2014).

A estimativa da renda familiar irá ajudar-nos a entender o perfil socioeconômico dos atletas da pesquisa. Como indicamos, essa característica pode ser importante para determinarmos como os jovens atletas atuam diante das oportunidades de profissionalização nas vias do esporte e da escola. Lembrando que os valores citados acima estão relacionados ao total da renda de uma família em um domicílio. A seguir, mostraremos como ficou o balanço do nível socioeconômico dos atletas investigados. Fizemos uma adaptação dos critérios escolhidos pela ABEP (2014) e estimamos em quais classes os jovens atletas estariam alocados. Calculamos o nível socioeconômico a partir da escolaridade da mãe do atleta e pela declaração de posse de bens de consumo, como computador, automóvel, geladeira, etc.

Gráfico 7.

Observemos no Gráfico 7 que, no geral, os atletas estão alocados nas classes B2 e C1, totalizando cada uma respectivamente um total de 23 e 24 atletas. Se somarmos a quantidade de atletas nas duas classes, atingiremos o número de 47 jovens (75,82%) cuja renda familiar pode variar de R\$2.409,01 a R\$4.427,36; na classe A, apenas 1 atleta (1,61%) declarou informações que pudessem nos levar a essa estimativa de classe, a renda aproximada de sua família pode chegar a R\$20.272,56; na classe B1, temos 4 atletas (6,45%) e a renda familiar dessa classe pode atingir um total de R\$8.695,88; na classe C2, o total de jovens atletas é de 9 (14,51%) e a renda domiciliar está estimada em R\$1.446,24; e nas classes D e E, apenas 1 atleta (1,61%) foi encaixado nessa categoria com a renda domiciliar de aproximadamente R\$639,78.

Há uma variação muito pequena, como pudemos perceber, no nível socioeconômico dos atletas. A maioria deles está numa faixa de renda familiar que pode ser encarada quase equiparadamente, pois ainda teríamos que fazer a distribuição *per capita* para dizer se pode haver ou não grande disparidade entre eles.

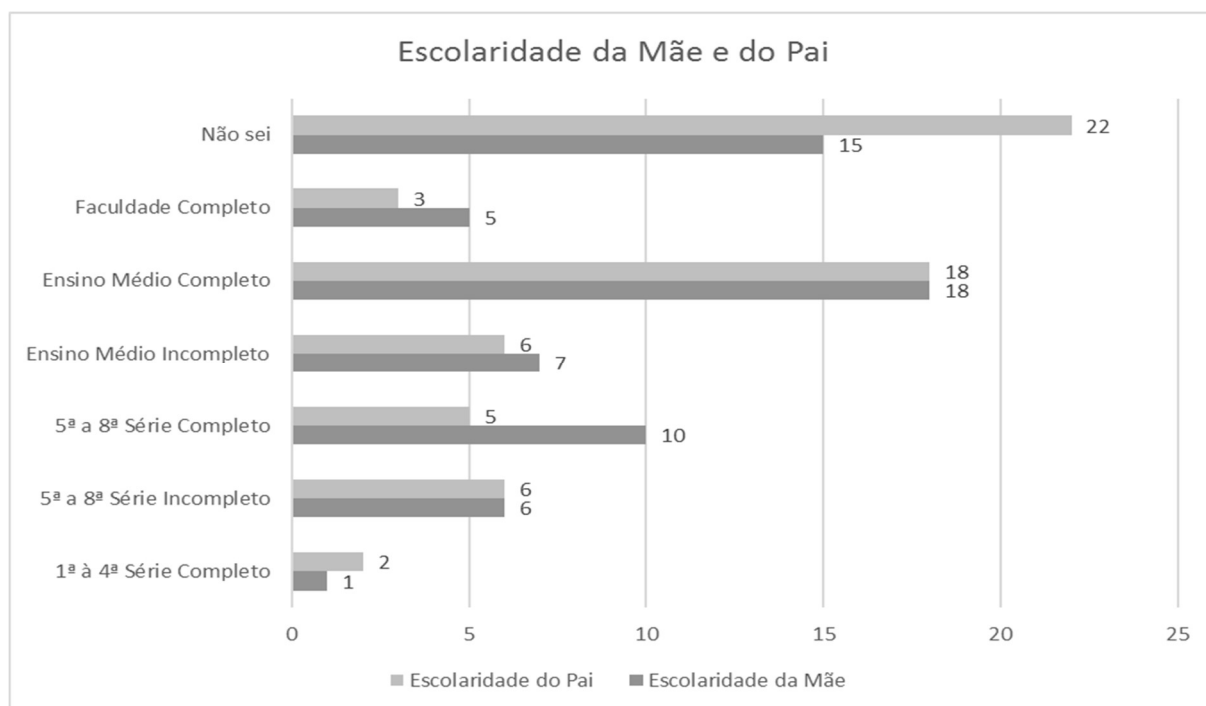
Para termos uma ideia, a mediana encontrada na declaração de número de residentes no domicílio do jovem atleta, contando com ele, é igual a 3. Isso iria levar-nos a uma conclusão de que cada morador das residências dos 75,82% dos atletas teria uma renda que variaria de R\$ 803,00 a R\$1.475,79. Essa pequena variação no nível socioeconômico nos leva a sugerir que os jovens atletas com pouco potencial de composição de renda familiar têm poucas chances de permanecer no futebol, uma vez que os gastos para formação do atleta, como compra de material esportivo e alimentação tendem a crescer, conforme se avança ao nível profissional. Por outro lado, as apostas das famílias com maiores rendas estariam distantes do esporte, uma vez que as oportunidades em outras vias podem ser mais exequíveis. Embora essas duas condições sejam apenas hipotéticas, devemos considerá-las para estudos futuros. Para o nosso caso, o nível socioeconômico pouco influenciará no modo como os jovens atletas investigados encaram o processo de profissionalização e investimento no futebol.

Devemos, ainda, levar em consideração a escolaridade dos pais dos jovens atletas investigados. Acreditamos que essa variável pode compor o horizonte de expectativas dos jovens atletas para consolidar seu projeto individual de carreira. O projeto individual pode estar intrinsecamente associado a como os jovens atletas percebem a oportunidade de mobilidade social e econômica através do investimento em uma via de profissionalização. Caso encaremos o esporte e a escola como agências que formam também para o mercado de trabalho, caso os jovens atletas tenham pouca referência de sucesso pelas vias escolares, é possível que eles dediquem seu tempo ao esporte em detrimento da escolarização.

Tabela 3. Escolaridade dos Pais

Escolaridade da Mãe	Quantidade	Escolaridade do Pai	Quantidade
1ª à 4ª Série Incompleto	0	1ª à 4ª Série Incompleto	0
1ª à 4ª Série Completo	1	1ª à 4ª Série Completo	2
5ª a 8ª Série Incompleto	6	5ª a 8ª Série Incompleto	6
5ª a 8ª Série Completo	10	5ª a 8ª Série Completo	5
Ensino Médio Incompleto	7	Ensino Médio Incompleto	6
Ensino Médio Completo	18	Ensino Médio Completo	18
Faculdade Incompleto	0	Faculdade Incompleto	0
Faculdade Completo	5	Faculdade Completo	3
Não Frequentou a Escola	0	Não Frequentou a Escola	0
Não Tenho Mãe ou Responsável	0	Não Tenho Pai ou Responsável	0
Não sei	15	Não sei	22
Total	62	Total	62

Organizamos os dados da tabela 3 no Gráfico 8 para melhor visualização das condições dos pais e mães dos jovens atletas investigados.

Gráfico 8.

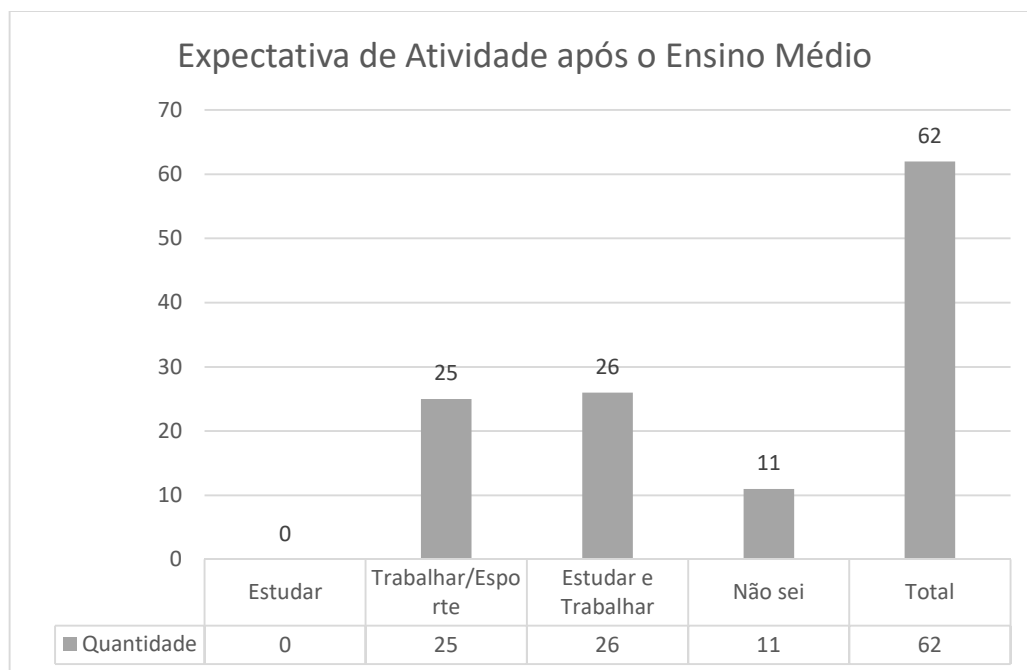
Observemos que os dados da tabela 3 e do gráfico 8 nos mostram que os jovens atletas das categorias de base do futebol, em sua maioria (22), não sabem dizer qual é o nível de escolaridade de seus pais. Isso pode indicar que a escolarização para os respondentes não é tema

central em suas famílias, pois não reconhecer a escolaridade dos pais é um indício do papel da educação nessas famílias ou reflete certo tipo de constrangimento associado a possível discriminação social pela falta de instrução escolar formal. O grau de escolaridade mais frequente entre os pais e mães dos jovens atletas é o de Ensino Médio, sem a frequência no Ensino Superior. Foi indicado em 18 respostas dos atletas. Em resumo, em 40 casos apresentados referentes à escolaridade do pai, ou os atletas não sabem até que nível de ensino ele alcançou, ou se o pai atingiu a conclusão do Ensino Médio. Já, para as mães, a mesma indefinição quanto à escolarização é frequente para 33 dos respondentes do questionário.

Se somarmos os casos dos pais e mães que sequer chegaram ao Ensino Médio ou, após ingressar nesse nível de ensino, não o concluíram, teremos um número de 19 pais e 24 mães. Ainda que o nível médio de educação seja um fator de distinção em uma sociedade que não atingiu a universalização desse nível de ensino e ainda tem limitado acesso a ele, e a condição socioeconômica média dessas famílias esteja em um nível intermediário, podemos supor que o investimento na escola não tem grande diálogo ou, pelo menos, não faz criar grandes expectativas de profissionalização para esses jovens atletas.

Verificou-se que apenas 5 mães e 3 pais concluíram o nível superior e esse é um contraponto importante que devemos considerar nas referências que esses jovens atletas podem vir a ter em relação a ganhos e sucesso no mercado de trabalho dependente de um diploma acadêmico.

As expectativas de escolarização podem depender não somente das referências que temos na família: é um conjunto de fatores que gera motivação para continuar e concluir as fases mais avançadas componentes do sistema educacional. Porém, pensamos que o fato de seus pais terem ingressado no mercado de trabalho, antes mesmo de pleitear alguma formação técnico/profissional ou acadêmica, pode fazer com que os jovens atletas prefiram também investir em uma profissão que não dependa do investimento nas vias de ensino. Por já estarem inseridos em um mercado profissional, isso pode fazer com que eles dediquem mais tempo ao futebol do que à escola. Sobre as expectativas para o futuro, questionamos os atletas acerca do que pretendiam fazer após concluírem a fase obrigatória do sistema de ensino. As opções eram: somente estudar; estudar e trabalhar no esporte; somente trabalhar no esporte; e ainda não se sabia o que pretendia fazer. Vejamos as respostas a seguir.

Gráfico 9.

O gráfico 9 mostra que os atletas sequer cogitam a possibilidade de somente continuar estudando após findarem o ensino obrigatório. A maioria considera a presença do esporte um mecanismo de continuidade de todo o processo de uma dupla carreira: enquanto 25 colocam o esporte como prioridade a ser seguida, 26 destacam que pretendem continuar estudando e jogando futebol. Devemos relativizar a última resposta, pois esta sempre vinha acompanhada de uma incerteza. A continuidade nos estudos dependeria da sua carreira no futebol ainda não ter se tornado sólida ou o investimento na formação acadêmica seria postergado para após a aposentadoria no futebol. Considerando que 51 respondentes acreditam que o esporte é uma oportunidade concreta de realização profissional, acreditamos que essa pesquisa tem um forte apelo para encontrar os meios usados pelos atletas para alcançarem seu objetivo de vida.

Em contraponto a esses dados, questionamos até que nível de ensino os atletas gostariam de estudar. Logo depois, perguntamos sobre que nível de ensino os atletas pensariam ser possível alcançar dada sua trajetória na escola. As respostas são apresentadas na tabela 4.

Tabela 4. Expectativa de Estudos dos Atletas

Deseja estudar até que ano?	Frequência	Acredita estudar até que ano?	Frequência
Até o 9º Ano do EF	1	Até o 9º Ano do EF	1
Até o EM	45	Até o EM	44
Até a Faculdade	15	Até a Faculdade	16
Até a Pós-graduação	1	Até a Pós-graduação	1
Outro	0	Outro	0
Total	62	Total	62

A tabela 4 nos mostra que o desejo de conclusão do Ensino Médio está presente na maior parte, em 45 das respostas dos entrevistados. Eles acreditam, também, que essa fase de ensino é uma possibilidade exequível no seu projeto de escolarização, o que foi indicado por 44 respondentes. Apenas 1 jovem atleta migrou de resposta entre o nível de ensino que deseja concluir e a possibilidade de concluir outro nível: ele deseja estudar até o Ensino Médio, mas acredita que o Ensino Superior também é uma fase que possa ser concluída por ele. Pensemos que a expectativa de escolarização não vai muito além da obrigatoriedade, reforçando a ideia de que a escola está atrelada a uma obrigação a ser cumprida, enquanto o projeto de profissionalização está mais associado ao esporte, como vimos no gráfico 9.

Vimos que a hipótese que estamos trabalhando diz respeito somente ao investimento no processo de profissionalização no esporte e acreditamos que traçamos bem o perfil dos atletas investigados. Se por um lado categorizamos os tipos ideais que nos ajudarão na interpretação dos dados, por outro, trouxemos as características dos nossos jovens atletas investigados. Estamos lidando com um tipo muito específico de jovens atletas, a saber:

1. os jovens atletas investigados são residentes em um clube de futebol do Rio de Janeiro. Esse clube pode ser encarado como o melhor dos cenários para investigarmos o processo de conciliação da carreira esportiva com as obrigações escolares, porque se trata de um clube com o Certificado de Clube Formador. Em tese, esse clube cumpre com todas as determinações legais para a manutenção e formação de jovens atletas de futebol;

2. identificamos e delimitamos o perfil dos jovens atletas investigados. Trata-se de jovens que se consideram em sua maioria “não brancos”, cujo nível socioeconômico pouco varia entre eles e seus pais e mães, no tocante à escolarização, não foram muito além da escolaridade obrigatória;

3. por fim, outra caracterização do grupo investigado diz respeito a uma expectativa limitada do processo de escolarização. Eles pretendem em sua maioria concluir o Ensino Médio

e continuar no esporte, mesmo que ainda permaneçam em uma situação de dupla carreira com investimento também nos estudos. Porém, conforme explicamos, a condição de dupla carreira vinha sempre acompanhada de um “depende”, o que significava que os jovens atletas respondentes apenas considerariam a continuidade nos estudos se sua carreira no futebol permitisse, ou eles poderiam postergar o investimento nas vias escolares para após o fim da carreira como futebolista.

Pensemos que essa caracterização dos indivíduos investigados nos ajudará a tramar os meios que eles utilizam para fortalecer o processo de investimento na carreira esportiva e de que forma isso pode afetar a vida escolar. A continuidade da seção dará lugar à caracterização dos processos de análise que utilizamos para discutir os dados da pesquisa. Vamos trabalhar conceitos importantes para definirmos como os jovens atletas estruturam e colocam em curso o investimento no futebol. Separamos as seções como estudos que acabam assumindo um papel acumulativo, quando cada resultado vai se somando ao seu imediatamente anterior para concluirmos a demonstração do nosso modelo explicativo.

2.6 CONCEITOS E OPERAÇÕES

A presente seção vem na intenção de descrever as estratégias de análise que utilizamos para interpretar os dados da pesquisa. Utilizamos três conceitos básicos para tentar responder às questões dessa pesquisa, a saber: projeto individual de carreira, escolha racional e rede social. Esses conceitos serão explorados de modo mais incisivo conforme o momento de sua utilização para a análise dos dados. Aqui, faremos um resumo ilustrativo sobre como esses conceitos nos ajudaram a compor a análise dos dados da pesquisa.

A começar pelo conceito sobre projeto individual de carreira, baseamo-nos na obra de Gilberto Velho (1997, 2003, 2010). Inspirado nos construtos da antropologia, o autor definiu a ideia de projeto individual de carreira como sendo o modo que os indivíduos adotam uma meta a ser atingida dentro de um tempo e espaço específicos. Velho (1997, 2003, 2010) considerou o modo de vida urbano um tanto complexo. Esse modo de vida forjava um tipo de sociedade que agrega uma infinidade de valores e signos que podem, ou não, ser considerados pelo indivíduo. A sociedade complexa, moderno-contemporânea, como definiu o autor, seria o local onde os indivíduos estimam seus objetivos de vida e agem escolhendo os meios que julgam ser mais compatíveis para a realização do seu projeto individual de carreira.

Em referência ao nosso objeto de pesquisa, vimos que o cenário de escolhas dos jovens atletas, considerando-se apenas onde eles vêm investindo seus projetos individuais de carreira, têm caminhos difíceis em ambos os casos de busca pela profissionalização. O futebol tem poucas oportunidades concretas de atingir o sucesso, porém, ele faz parte da construção da identidade e afirmação da masculinidade do menino brasileiro. Por outro lado, a escola é uma obrigação social que têm forte apelo, afinal, quanto maior a escolaridade do indivíduo, maiores serão suas chances de ter um emprego prestigiado e salários maiores. Todavia, a escola ainda reforça as desigualdades sociais, tendendo a mantê-las, ainda mais se as características internas de gestão e estrutura não forem favoráveis a uma mudança do quadro social dos alunos.

É nesse cenário em que os jovens atletas projetam para sua carreira um objetivo de vida. Mas as escolhas de suas metas e estratégias para atingir esses objetivos não podem ser vistas como irracionais. Ao contrário, acreditamos que não há escolha irracional. Pensamos como Jon Elster (1994, 2009), que definiu o conceito de escolha racional como sendo fruto de um processo de análise interna e individual das oportunidades e dos desejos humanos. Dessa forma, o indivíduo realizaria um cálculo racional entre desejos e oportunidades para tomar as decisões cabíveis a fim de atingir um objetivo julgado por ele exequível dentro dessa sociedade complexa, moderno-contemporânea.

Não devemos confundir escolha racional com escolha ótima: a primeira se vale da razão e a segunda, do juízo de valor. Elster (1994, 2009) indicou que mesmo as melhores das intenções, baseadas em evidências visíveis e objetivas, poderiam levar a um resultado inesperado, podendo ser até mesmo ruim para o indivíduo. Motivações como as emoções podem enviesar a leitura das evidências que leva o indivíduo a fazer uma escolha que talvez não seja a melhor opção para ele. O indivíduo, também, pode reunir um sem número de evidências para tomar uma decisão e perder o tempo ideal para concluir sua escolha. Em ambos os casos, a melhor das intenções poderia levar o indivíduo a adotar uma estratégia que poderia resultar em algo incompatível com o que havia projetado.

O último conceito que usamos para analisar os dados da pesquisa é o de rede social (BOTT, 1976). A ideia de rede social é a forma como o indivíduo constrói laços afetivos no seu contexto social. A formação dessas relações interpessoais pode variar conforme o grau de mobilização que o indivíduo pode ter junto aos seus pares. A ideia de rede social pode permitir ao indivíduo observar ou pleitear oportunidades de carreira que não estão circunscritas ao seu círculo primário de socialização. Não podemos dizer que uma maior rede social permitiria o indivíduo almejar mais oportunidades, pois essa relação não é direta e proporcional. Na verdade, pode-se pensar que uma rede social maior, porém, pouco diversificada e com pequenos canais de troca de influências, pode não facultar ao indivíduo reconhecer oportunidades que extrapolem os seus limites nas características sociais.

Essa ideia de rede social pode nos ajudar a entender como os jovens atletas circularam pelo cenário do futebol até conseguir acesso e oportunidade de tentar a profissionalização em um grande clube do Rio de Janeiro. Além disso, podemos entender também que é essa rede social que pode influenciar o atleta quando necessita tomar uma decisão entre investir no futebol ou na escola. As relações que o jovem atleta construiu ao longo da vida fazem com que sejam criados laços com o esporte que o auxiliam a decidir entre a profissionalização no futebol ou a tentativa de concluir a escolarização básica.

Concluimos essa seção reforçando que os conceitos que apresentamos sinteticamente aqui serão trabalhados acuradamente conforme sejam empregados. Preferimos essa forma de apresentação, para que o leitor não precisasse retornar a todo o tempo para entender de que forma o dado estaria sendo analisado. Com essas colocações, encerramos o capítulo II da tese. A seguir, serão apresentados dados da pesquisa, buscando responder aos questionamentos levantados até o momento.

CAPÍTULO III: OS RESULTADOS

3. APRESENTAÇÃO

Nessa seção, apresentaremos os dados resultantes da pesquisa. Organizamos a apresentação de modo a colaborar com um processo acumulativo de informações. No primeiro momento, fizemos a desconstrução da ideia de que o tempo dedicado ao futebol era empecilho que determinava uma diminuição do tempo da escola. Em seguida, mostramos como a dupla carreira pode afetar também o setor responsável pela mediação desse processo dentro do clube esportivo. Por fim, trouxemos a concepção do investimento no futebol e o processo de desinvestimento na escola. Essa estrutura nos ajudou a compreender em pequena escala como o nosso modelo hipotético serviu para objetivar as condições para que o jovem atleta decida investir na carreira esportiva e, conseqüentemente, deixe de lado o projeto de escolarização.

3.1 A CONCILIAÇÃO DAS ROTINAS NO FUTEBOL E NA ESCOLA

Na presente seção, apresentaremos como os jovens atletas investigados organizam sua rotina diária de obrigações no clube e na escola. Utilizaremos a variável tempo como alicerce fundamental para tratarmos os dados da pesquisa e mostraremos as consequências de um investimento em uma dupla carreira no futebol e na escola. Estamos lidando com jovens que se dedicam ao futebol com o objetivo de alcançar o nível profissional na carreira. A expectativa nas vias escolares não vai muito além do tempo legal para a escolarização obrigatória. As pesquisas relacionadas à conciliação da dupla carreira no esporte e na escola tendem a mostrar que esse processo é uma tarefa difícil considerando o caso de qualquer modalidade esportiva.

Antes de iniciarmos a apresentação dos dados, falaremos sobre o tratamento dispensado ao tempo de dedicação à escola. Vamos encarar essa variável de duas maneiras distintas: 1) a jornada escolar; 2) o tempo de permanência na escola. Há uma diferença importante que deveremos elucidar ao longo da seção, e deixamos claro que esse tratamento diferenciado a essa variável é inspirado na pesquisa de Neri (2009a) intitulada “Tempo de Permanência na Escola” (TPE).

A pesquisa desenvolvida por Neri (id.), realizada no ano de 2009, foi utilizada como parâmetro para verificar a possível influência que o tempo utilizado para os estudos escolares poderia ter no rendimento dos alunos em testes de proficiência como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por exemplo. A conclusão do autor demonstrou que quanto maior o tempo de permanência na escola, até uma carga horária aproximada de 7 horas diárias, maiores seriam as chances de bons resultados nesses referidos testes. A partir da sétima hora de permanência na escola, a curva de rendimento dos alunos tendia a declinar, porém, a queda nos resultados não os tornava suficientemente mais baixos que os dos estudantes que permaneciam menos de 5 horas na escola.

O cálculo do tempo de permanência na escola leva em consideração a construção de três índices para gerar o índice de referência para as contas finais. Esses índices são compostos por dados referentes à matrícula, à frequência à escola e à jornada escolar. Para continuarmos a discussão de como o tempo de permanência na escola é elaborado, vamos descrever como se constrói os índices de referência da pesquisa.

Quando falamos de Índice de Matrícula (IM), é levado em conta o universo de alunos em idade escolar e a quantidade deles que se encontram matriculados em uma instituição de ensino. Dessa forma, a razão entre o número de matriculados pelo número condicionado ao

universo de indivíduos em idade escolar representa o Índice de Matrícula. Podemos representar essa equação matematicamente:

$$IM = \frac{NM}{U}$$

Na fórmula apresentada acima, IM é o índice de matrícula; NM é o número de estudantes matriculados em uma instituição de ensino e U é o universo de jovens em idade escolar. No grupo de atletas das categorias de base do futebol que estamos investigando, observamos que esse índice de matrícula não é igual a 1, o que mostra que nem todos estavam regularmente matriculados na escola no momento em que os dados foram coletados. Todavia, devemos relativizar essa informação, pois alguns dos atletas haviam chegado ao clube na semana em que foram entrevistados, não tendo tempo hábil, portanto, para que regularizasse sua matrícula. Ainda que esse número não chegue a 1, foram poucos os atletas que não estavam matriculados no momento da pesquisa como veremos em seguida.

Tabela 5. Relação de Jovens Atletas Matriculados na Escola

	Frequência
Atletas matriculados	57
Atletas não matriculados	5
Atletas da Sub-15 matriculados	22
Atletas da Sub-15 não matriculados	2
Atletas da Sub-17 matriculados	35
Atletas da Sub-17 não matriculados	3

A tabela 5 vai nos ajudar a entender como o Índice de Matrícula foi construído para essa pesquisa. A aplicação da fórmula é simples, por exemplo: sabemos que o total de atletas investigados é igual a 62 e observamos na tabela 5 que o número de atletas matriculados na escola no momento da pesquisa era de 57 jovens. Aplicando a fórmula para calcular o Índice de Matrícula, chegaremos a um valor de $IM=0,919354839$. O mesmo cálculo valerá para os números referentes às diferentes categorias de base. No caso da categoria sub-15, o número de atletas investigado é de 24 e o total de atletas matriculados chega a 22 jovens. Colocando os valores na fórmula, chegaremos a um índice de matrícula de $IM=0,916666667$. O mesmo valerá para a categoria sub-17. O número total de atletas investigados nessa categoria chega a 38, sendo que apenas 3 não estavam matriculados no momento da pesquisa. Lembrando que nessa categoria, um atleta já havia terminado o Ensino Médio na época. O Índice de Matrícula da

categoria Sub-17 é igual a $IM=0,921052632$. Para organizar a leitura, colocaremos esses índices na tabela 6 logo a seguir.

Tabela 6. Índices de Matrícula

Índices de Matrícula	
Geral	0,919354839
Sub-15	0,916666667
Sub-17	0,921052632

Além do Índice de Matrícula, para a composição do Tempo de Permanência na Escola, ainda temos de levar em consideração o Índice de Frequência. Esse indicador é calculado a partir da quantidade de dias letivos que o aluno teve durante um mês e quantas vezes ele foi à escola nesse período. A fórmula básica para calcular esse índice é tão simples quanto a anterior. Primeiro, considera-se um período letivo, e, a partir dele, indicamos quantos dias letivos houve nesse período. Em seguida, pergunta-se ao entrevistado quantas faltas ele teve nesse período. No final, subtrai-se o número de faltas do número de dias letivos e, conseqüentemente, é encontrada a razão entre o resultado dessa subtração e o número de dias letivos existentes no período de referência. Mostraremos a equação logo abaixo.

$$IF = \frac{(DL - NF)}{DL}$$

Na equação acima, IF representa o Índice de Frequência; DL, o número de dias letivos efetivos no período que se utilizou como referência e NF o número de faltas acumuladas dentro desse período de referência. Para fins de elaboração dos cálculos, utilizamos um mês de referência com 30 dias corridos e 22 dias letivos, desconsiderando os finais de semana. Devemos ainda mencionar que fizemos essa adaptação para o período de referência, pois o período de aplicação do questionário variou em dois meses e, em ambos os casos, alguns atletas haviam participado de uma viagem para competições internacionais. Se ainda tivéssemos considerado o feriado de 7 de setembro, por exemplo, o número de dias letivos em setembro de 2015 cairia de 22 para 21, não fazendo qualquer diferença no cálculo final. Além disso, por estarmos tratando de um grupo de 62 atletas, o número de faltas utilizado na base final dessa equação foi equivalente ao número médio de faltas declaradas pelos atletas.

Os resultados apresentados para o Índice de Frequência, portanto, foi o seguinte: no grupo geral, o número estimado como Índice de Frequência foi de $IF=0,729472141$. Contamos

que o número médio de faltas nesse período para esse grupo foi de 5,95 faltas aproximadamente. O número médio de faltas dos atletas da categoria sub-15 foi de aproximadamente 5,29 no período de referência, produzindo um Índice de Frequência igual a $IF=0,759469697$. E na categoria sub-17, que realizou a viagem internacional, o número médio de faltas foi de 6,37, gerando um Índice de Frequência igual a $IF=0,710526316$. A tabela 7 mostrará de forma mais organizada esses índices.

Tabela 7. Índices de Frequência

Índices de Frequência	
Geral	0,729472141
Sub-15	0,759469697
Sub-17	0,710526316

O Índice de Frequência em todas as análises está muito próximo do 0,75, que significa a obrigatoriedade de cumprir os 75% de frequência à escola estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, BRASIL, 1996). Consideremos, ainda, que o fator viagem internacional afetou a construção desse índice e que os atletas não viajam todo mês, podendo fazer com que esse indicador se aproxime cada vez mais do mínimo estabelecido pela legislação vigente. Isso nos mostra que os atletas vinham frequentando a escola até o momento em que a coleta de dados foi realizada, pelo menos de acordo com suas declarações. Temos, portanto, dois indicadores que dependem exclusivamente da participação do clube e dos atletas que se aproximam muito do regular.

O último indicador que faz parte da estimativa do Tempo de Permanência na Escola diz respeito à jornada escolar. O Índice de Jornada escolar (IJ) é construído a partir de uma Jornada de Referência (JR) que Marcelo Neri (2009a) utilizou em seus cálculos. Essa Jornada de Referência é de 5 horas. Para fins de calcular o Índice de Jornada (IJ), basta dividir a Jornada Escolar (JE) declarada pelos alunos por essa Jornada de Referência (JR). A equação será apresentada abaixo.

$$IJ = \frac{JE}{JR}$$

A equação apresentada acima é a fórmula básica para calcularmos o Índice de Jornada Escolar, representado pela sigla IJ. JE é a Jornada Escolar declarada pelos estudantes e JR é a Jornada de Referência que já mencionamos que é um valor de 5 horas. Os dados da pesquisa

nos mostraram que a Jornada Escolar média dos jovens atletas de futebol é de 3 horas 24 minutos e 45 segundos, tornando o Índice de Jornada igual a $IJ=0,6825$. Na categoria sub-15, a Jornada Escolar média é maior, atingindo um valor de 3 horas 52 minutos e 42 segundos, fazendo o Índice de Jornada para essa categoria de base ser igual a $IJ=0,775666667$. Verificamos o menor valor médio de Jornada Escolar na categoria sub-17, na qual a quantidade de horas de aula que um aluno tem na escola é de 3 horas 7 minutos e 6 segundos. Esse valor reflete em um Índice de Jornada igual a $IJ=0,623666667$. Na tabela 8, apresentaremos o resumo dos Índices de Jornada.

Tabela 8. Índices de Jornada

Índices de Jornada	
Geral	0,6825
Sub-15	0,775666667
Sub-17	0,623666667

Observemos que o Índice de Jornada escolar está muito aquém da jornada de referência estipulada por Neri (2009a), sendo somente superior a 70% da jornada de referência na categoria sub-15. Se levássemos, também, em conta o que a LDB (BRASIL, 1996) destaca como jornada obrigatória, estaríamos desobedecendo as normas, uma vez que no inciso I, do art.24, da LDB, é fixada a carga horária mínima de 800 horas distribuídas por um mínimo de 200 dias letivos. Para que esse dispositivo legal seja atendido a escola deve ter um dia letivo com no mínimo 4 horas, o que representaria 0,8 (80%) da jornada de referência de 5 horas diárias. A jornada média geral está 12 pontos percentuais abaixo da jornada da LDB e a jornada média da categoria sub-17 está 18% abaixo daquilo que determina a legislação brasileira.

O que justifica o acentuado declínio no Índice de Jornada declarado pelos atletas é o horário de chegada ou de saída da escola. Esses horários quase sempre se alteravam e os atletas explicavam que a razão para tanta diferenciação era o fato de estudarem no turno da noite e haver uma grande ausência de alguns professores em alguns dias da semana. Não foi raro verificarmos no relato dos atletas que a jornada escolar era afetada pela ausência dos professores, principalmente, às sextas-feiras por exemplo. Obviamente estamos comentando a razão válida dada pelos atletas no momento da pesquisa. Mas devemos chamar a atenção para esse fato, pois o que pode explicar um tempo de permanência na escola menor é uma razão que não depende nem da atuação do clube, nem do atleta. Isto também deixa no ar a ideia de que esse problema não afeta somente a categoria de jovens que se encontram em uma dupla carreira no esporte e na escola, mas todos os alunos que frequentam a mesma escola.

A última etapa que antecede a elaboração do Tempo de Permanência na Escola é a construção do Índice de Permanência na Escola (IPE). Esse indicador é elaborado a partir da multiplicação dos três índices anteriores. O resultado dessa equação mostrará um valor que deverá ser multiplicado novamente pela jornada de referência de 5 horas para chegarmos ao dado sobre o tempo de permanência na escola. Mostraremos a fórmula que baseia o cálculo a seguir. O Índice de Permanência na Escola (IPE) é o resultado da equação que multiplica o Índice de Frequência (IF) pelo Índice de Matrícula (IM) e pelo Índice de Jornada Escolar (IJ).

$$IPE = IM \times IF \times IJ$$

Apresentada a equação acima, indicaremos a tabela 9, cujos dados foram devidamente alocados e calculados conforme a demonstração.

Tabela 9. Índice de Permanência na Escola

	Índices de Matrícula	Índices de Frequência	Índices de Jornada	Índice de Permanência na Escola
Geral	0,919354839	0,729472141	0,6825	0,457714354
Sub-15	0,916666667	0,759469697	0,775666667	0,540004051
Sub-17	0,921052632	0,710526316	0,623666667	0,408147507

Para finalizar o cálculo do tempo de permanência na escola, devemos apresentar a última equação. O Índice de Permanência na Escola (IPE) deverá ser multiplicado pela jornada de referência de 5 horas e assim atingiremos o valor do tempo de permanência na escola. Observemos a equação abaixo:

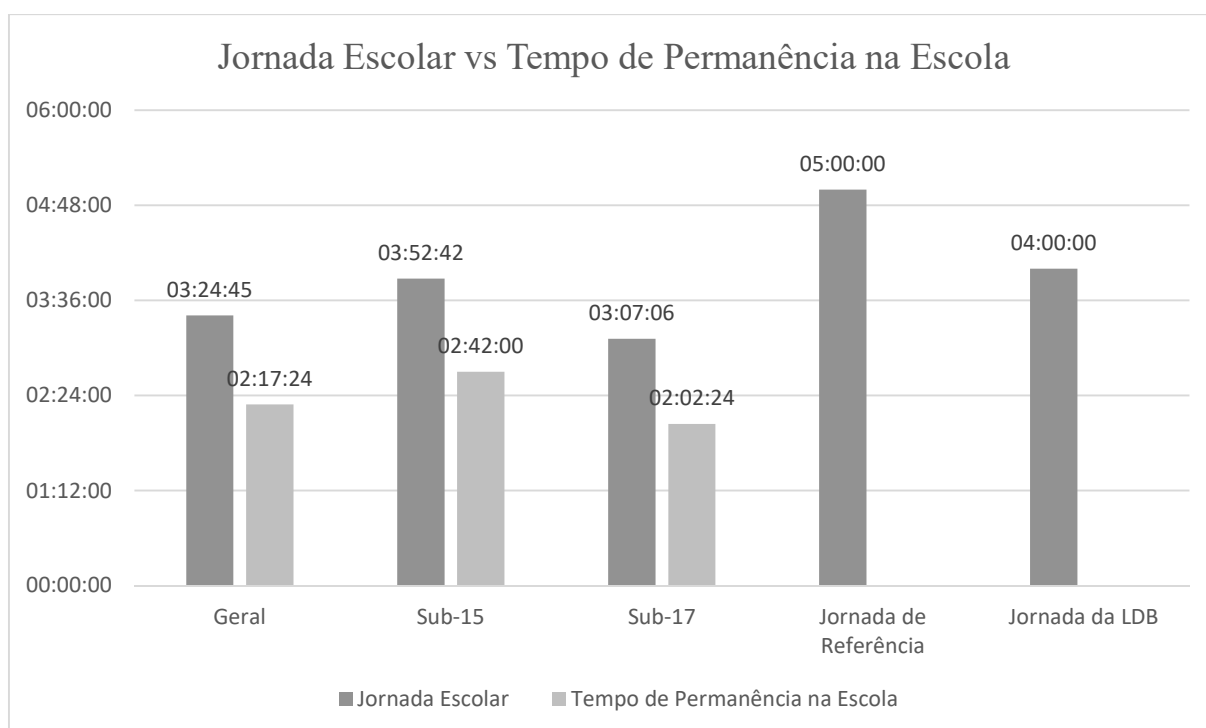
$$TPE = IPE \times JR$$

Esse dado é o mais simples de encontrarmos, isso quando realizamos corretamente a construção do Índice de Permanência na Escola. Para chegarmos a apresentar o resultado final do tempo de permanência na escola dos nossos atletas, temos que multiplicar o IPE por 5 e assim encontrarmos os seguintes resultados: 1) para o grupo total de atletas, o tempo de permanência na escola é um valor igual a aproximadamente TPE=2,29 horas, ou 2 horas 17 minutos e 24 segundos; 2) na categoria sub-15, o tempo de permanência na escola atinge um valor de aproximadamente TPE=2,7 horas, ou 2 horas e 42 minutos; 3) na categoria sub-17, o

tempo de permanência na escola gera um valor de aproximadamente TPE= 2,04 horas, 2 horas 2 minutos e 24 segundos.

O tempo de permanência na escola se mostra muito inferior à jornada escolar declarada pelos atletas. Atribuímos essa diferença a dois índices: o que se refere à frequência dos atletas e o que concerne à própria jornada escolar. Já debatemos sobre as duas condições que limitam o tempo de permanência na escola dos jovens atletas investigados. Porém, para fins de comparação, organizamos uma representação gráfica que ajudará a fim de termos uma ideia de quão distante está o tempo de permanência na escola das jornadas escolares.

Gráfico 10.



Observemos os dados do gráfico 10. Quando comparamos a jornada escolar declarada pelos atletas com o tempo de permanência deles na escola, verificamos em qualquer categoria, seja geral, na sub-15 ou na sub-17, uma redução de mais de 1 hora de dedicação aos bancos escolares. O problema é que qualquer uma das variáveis de jornada escolar também estão muito aquém da jornada de referência estipulada por Neri (2009a) ou da jornada escolar prevista pelo texto da LDB (BRASIL, 1996). Isso nos mostra que o problema enfrentado pelos jovens atleta é um problema comum também a outros jovens, estando eles inseridos, ou não, em um processo de dupla carreira. O que podemos dizer é que, além dos problemas relacionados ao cansaço

físico, o tempo escolar para quem está em uma dupla carreira é afetado especialmente por condições exclusivamente dependentes da escola.

Vimos que a frequência dos atletas de futebol não se distancia do que lhe é obrigatório. O número de matrículas está bem próximo do ideal e aqueles que não estavam matriculados no momento da pesquisa era um número inferior a 10% do total de atletas alojados. Mas a variável tempo de escola é algo a ser destacado como ponto negativo. O que ainda pode ser potencializado quando compararmos o tempo de escola com o tempo de treinamento e competições. Aliás, para adiantarmos o assunto, o tempo de treinamento, ou jornada de treinamento, não será tratado da mesma maneira como foi analisado o tempo de escola. Alguns críticos poderão dizer que por não tratarmos os dados do mesmo modo, a comparação é ineficaz. Todavia, os dados apontam que a jornada de treinamento é igual ao tempo de treinamento:

1. se considerarmos o índice de matrícula como foi para o tempo de escola, chegaríamos a conclusão de que esse indicador seria igual a 1, uma vez que os jovens da nossa pesquisa estão todos envolvidos com o futebol;

2. o índice de frequência aos treinamentos poderia ser uma variável que poderia alterar o tempo de treinamento. Porém, pensemos na situação em que o atleta se ausenta dos treinamentos. Toda vez que isso acontece ou o atleta se encontra lesionado ou está cumprindo uma outra função relacionada ao futebol. Portanto, o tempo em que ele perderia nos treinamentos estaria sendo alocado em outra função relacionada ao futebol, tornando o índice de frequência igual a 1;

3. o tempo da jornada de treinamento foi igualmente coletado como o tempo de jornada escolar e não há nenhuma jornada de treinamento de referência, tornando nosso indicador também igual a 1.

Por essas razões, nós utilizaremos o tempo de jornada de treinamento sem nenhum tratamento especial, uma vez que ele não poderia ser afetado por qualquer condição que iria levá-lo a uma redução quando comparado à jornada de treinamento.

3.1.1 Tempo de Permanência na Escola versus Tempo de Treinamento

A rotina do atleta de futebol das categorias de base começa nas primeiras horas da manhã. Ele acorda e pouco tem para se preocupar quanto ao deslocamento, afinal, ele reside no alojamento do próprio clube.

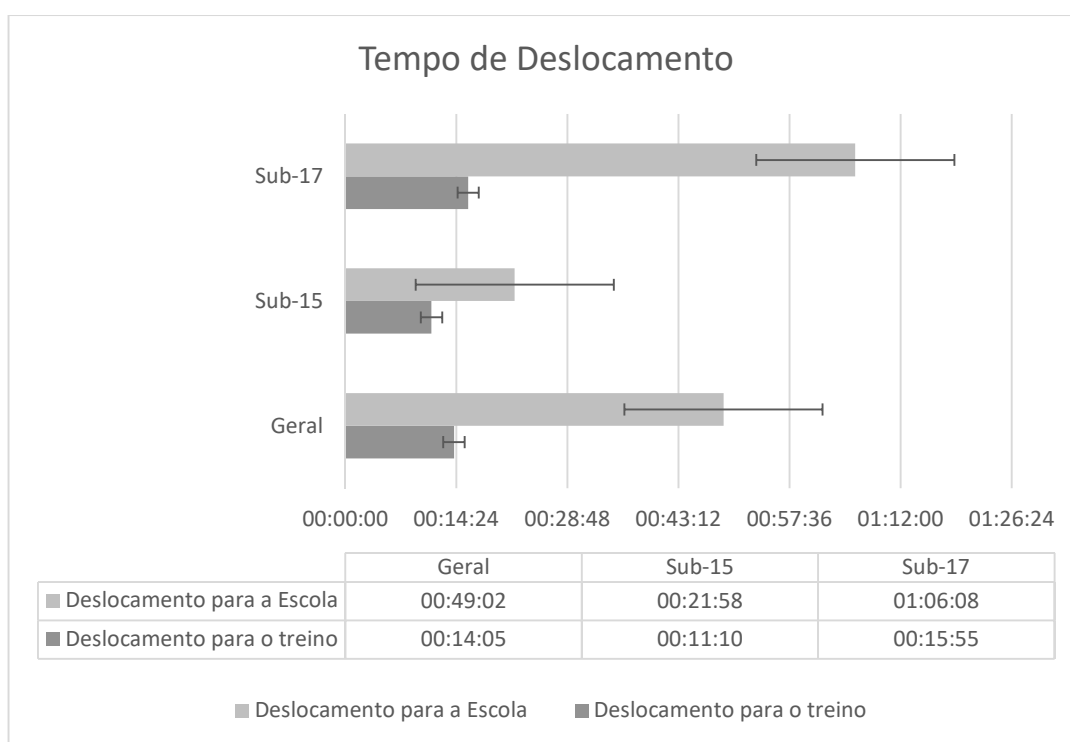
Toma seu café da manhã no refeitório e se prepara para o treinamento. Por volta das 8 horas e 30 minutos de cada manhã, o atleta caminha até o campo onde serão ministradas as

atividades de treinamento. Ao término do treino, troca de roupa no vestiário, sobe para as dependências do alojamento onde toma banho e almoça.

À tarde, o tempo é de descanso para alguns, de academia para outros e de escola, geralmente, para os mais novos. A noite a maioria estuda e não pode retornar ao clube após as 22 horas, salvo se estiverem cumprindo as obrigações escolares.

A rotina diária de um atleta em formação profissional tem todo o tempo esquadrihado e limitado por alguma atividade obrigatória. Seja pela escola ou pelo treinamento, os atletas têm pouco tempo livre para o lazer. Todavia, é comum verificar que esses jovens usam o tempo longe das obrigações para descansar ou dormir. Uma vantagem de residir no próprio alojamento do clube é que o tempo de deslocamento para o treino é muito pequeno e lhes sobra mais tempo para descansar ou realizar alguma outra atividade de sua vontade. Mas a sentença não é verdadeira quando trabalhamos os dados de deslocamento para a escola. Observemos a seguir:

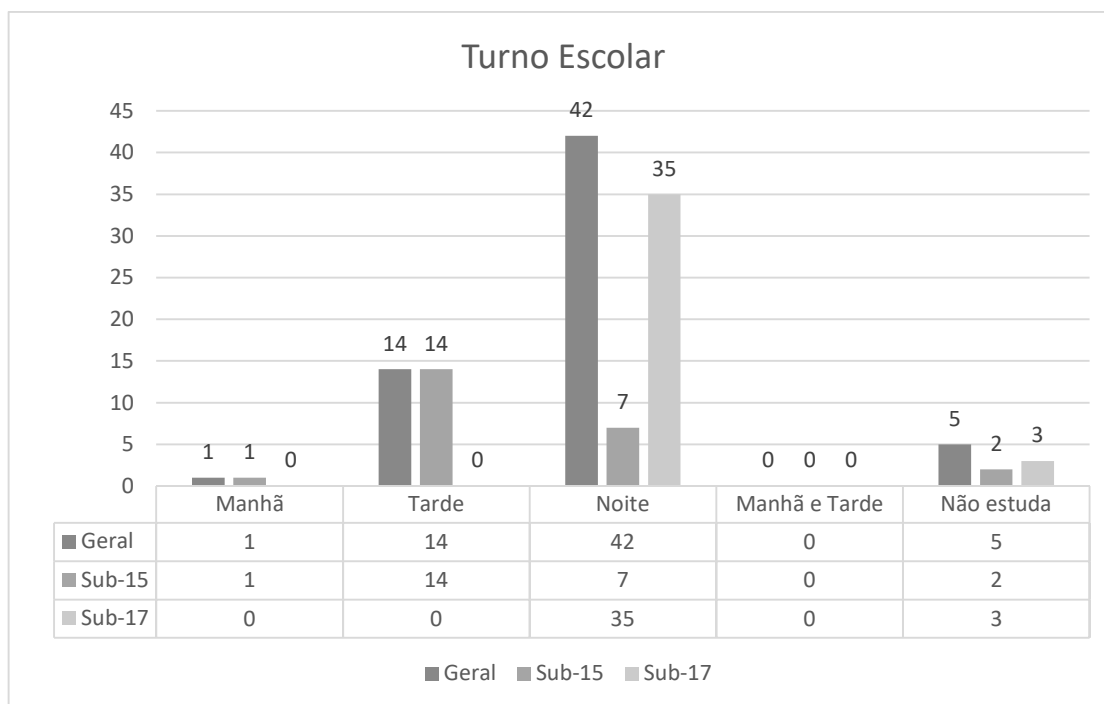
Gráfico 11.



O gráfico 11 nos mostra uma realidade diferente para os atletas das categorias sub-15 e sub-17. Enquanto o tempo de deslocamento para os treinamentos é quase inalterável, quando se trata da escola, o valor para a categoria mais velha aumenta consideravelmente. Isso se deve ao fato de que as escolas estaduais onde os atletas são matriculados ficam mais distantes da sede do clube. Enquanto a escola municipal onde os atletas que ainda não estão no Ensino

Médio frequentam, fica a poucos metros da entrada da sede do clube. Outra variável que pode explicar um maior tempo de deslocamento é o turno em que os jovens atletas da pesquisa frequentam a escola. Vejamos o gráfico 12.

Gráfico 12.

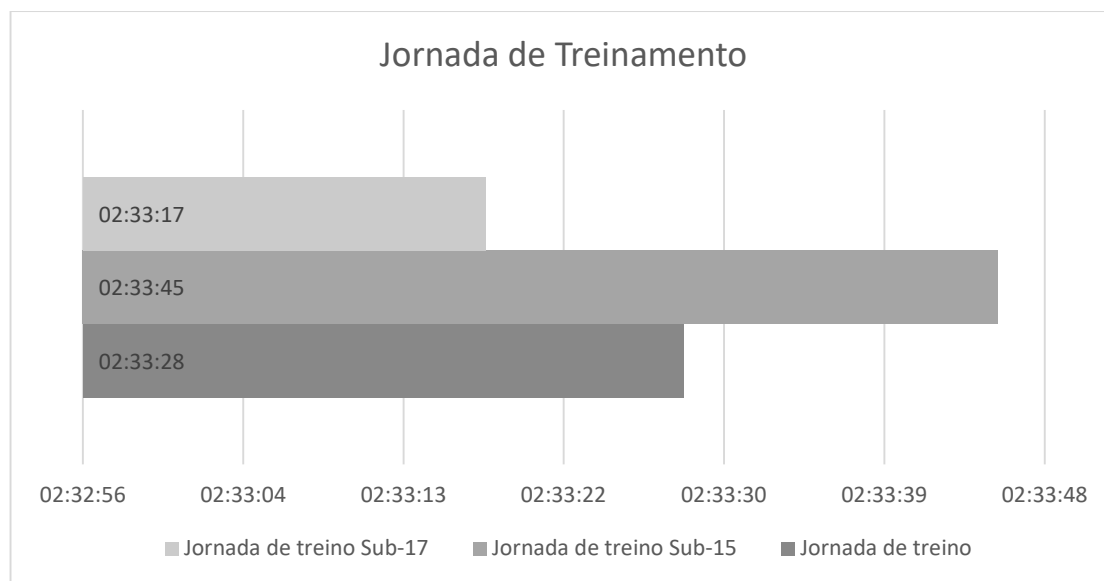


Acreditamos que o turno escolar pode ajudar a explicar um maior tempo de deslocamento dos atletas, assim como a proximidade do local de residência com o local da escola, pois a noite é possível que os atletas tenham mais dificuldades de se locomover pela cidade, caso dependam de transporte público. Claro que essa dependência poderia aumentar o tempo de deslocamento, mas o que explica melhor a diferença do tempo de deslocamento para a escola comparado ao tempo de deslocamento para o treino é a distância entre o alojamento do clube e as escolas dos atletas. Mas o gráfico 12 nos mostra uma outra tendência. Enquanto a maior parte dos atletas da categoria sub-15 estudavam no período da tarde; na categoria sub-17, todos os atletas matriculados frequentam a escola no período da noite. Isso corrobora aquilo que viemos debatendo sobre a diminuição do tempo de permanência na escola com o possível descaso da escola com a jornada escolar no período da noite.

O futebol é uma modalidade esportiva que exige muito dos atletas em formação. É comum observarmos que os atletas iniciaram sua carreira nesse esporte muito cedo. Além disso, verifica-se que, quanto mais o atleta avança na idade e se aproxima das categorias profissionais, a tendência é a de aumento para o investimento no treino. A jornada de treinamento é a variável

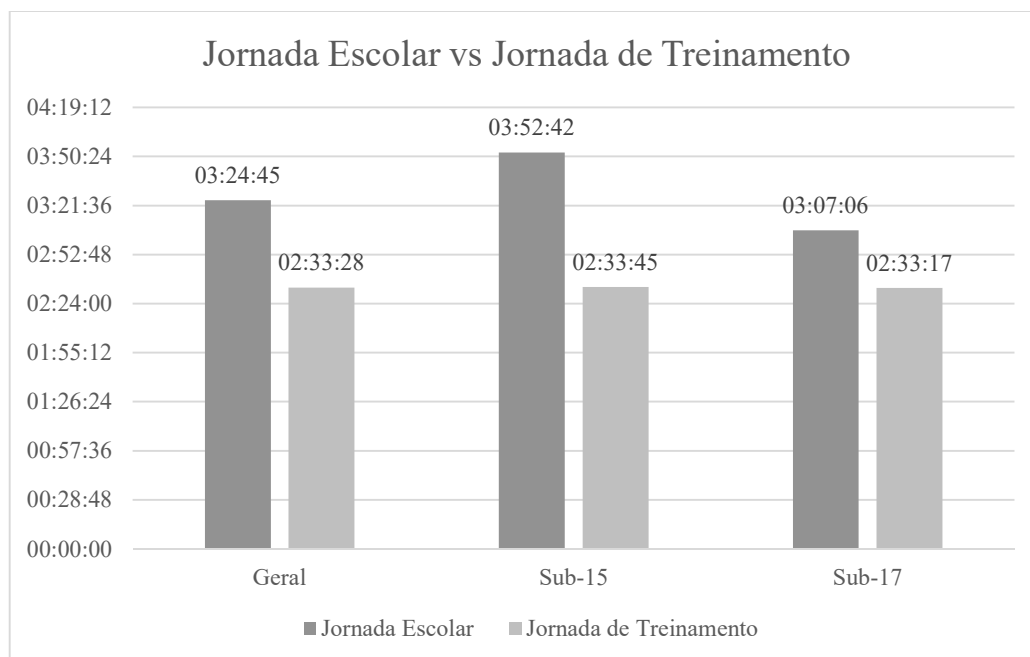
que pretendemos tratar e comparar tanto com a jornada escolar quanto com o tempo que os atletas permanecem na escola. Esse modelo pode sugerir alguma competição entre o tempo de dedicação ao treinamento e o tempo de investimento na escola. Como vimos, o tempo de escola não é muito favorável aos atletas. No tocante ao tempo de treinamento, mostraremos os dados no gráfico a seguir:

Gráfico 13.



Pelos dados contidos no gráfico 13, a jornada de treinamento que se inicia nas primeiras horas do dia – por volta das 8 horas e 30 minutos de cada manhã – chega ao seu fim às 11 horas. Em média, o tempo gasto por atleta para se dedicar aos treinamentos atinge um total de 2 horas 33 minutos e 28 segundos. Na categoria sub-15, o tempo médio gasto nos treinos é de 2 horas 33 minutos e 45 segundos e, na categoria sub-17, a jornada de treinamento é de 2 horas 33 minutos e 17 segundos. Observemos que o tempo de treinamento nas categorias sub-15 e sub-17 não se alteram. Por meio da análise desses dados é possível observar que a jornada de dedicação ao futebol é bem parecida com o tempo de permanência na escola. O tempo médio gasto para fins de treinamento, comparado com a jornada escolar pode nos dar um parâmetro do mundo ideal, onde a concorrência entre um e outro não seja tão acirrada.

No próximo gráfico, será apresentado dados sobre a jornada escolar e a jornada de treinamento.

Gráfico 14.

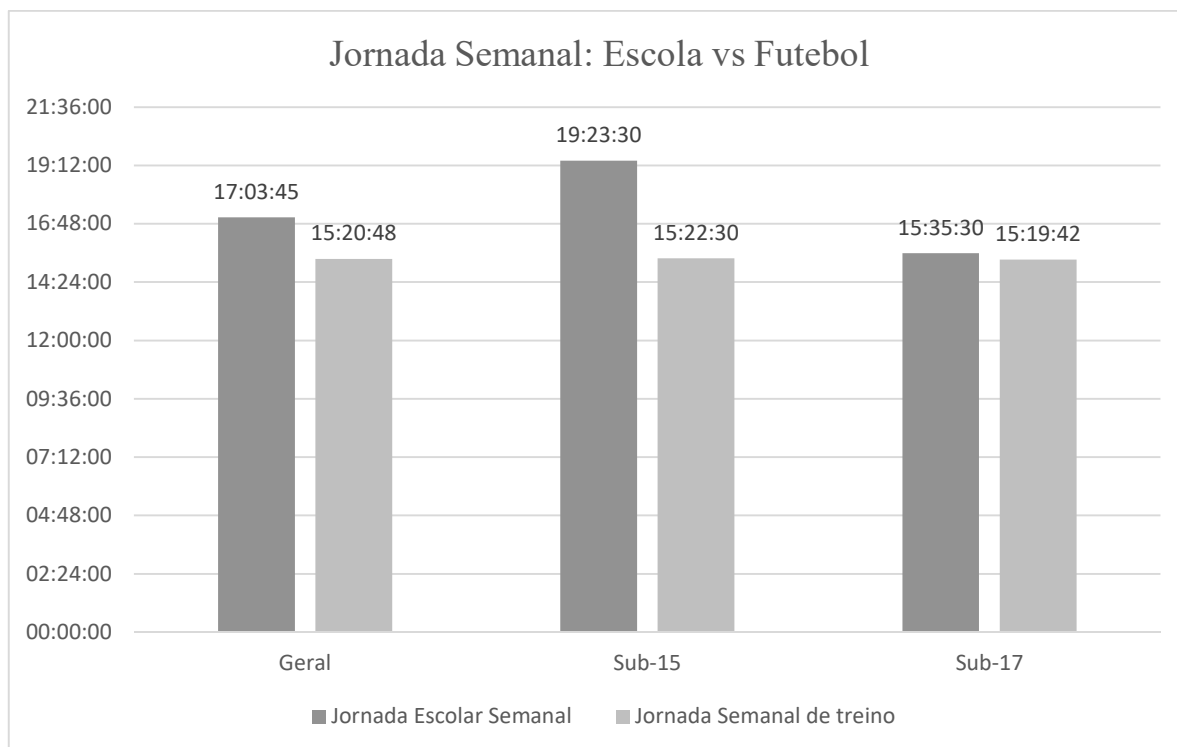
Comparando a jornada escolar com a jornada de treinamento, observamos que a jornada de treinamento permanece praticamente constante, enquanto a jornada escolar sofre algumas variações. Na média geral para ambos os casos, a diferença entre a jornada da escola e o tempo de treinamento é menos de 1 hora (51 minutos e 17 segundos). Observemos que a diferença média entre a jornada de treinamento e a jornada escolar tem na categoria sub-17 o cenário com pior rendimento: a diferença entre as duas variáveis é de 33 minutos e 49 segundos. Na categoria sub-15, a diferença entre o tempo de treinamento e o da jornada escolar é de 1 hora 18 minutos e 57 segundos.

Pensemos que a diferença entre a jornada escolar e a jornada de treinamento já sugere uma competição pela atenção do público envolvido na dupla carreira no futebol e na escola. O panorama ainda pode sofrer algumas alterações, caso consideremos os dias da semana em que essa jornada é posta em prática. Para a escola, os jovens atletas dedicam 5 dias na semana, porém, para o treinamento e competições, a quantidade de dias que eles frequentam essa atividade pode chegar a 6 por semana. Sendo assim, a diferença de jornada semanal de envolvimento com atividades ligadas ao futebol deve ser maior que a jornada semanal de dedicação aos bancos escolares.

Mostraremos o balanço dessas variáveis durante a semana no gráfico 15. Indicamos que essa dedicação ao futebol pode afetar a rotina escolar, em decorrência do cansaço físico que os atletas desenvolvem por conta da rotina de treinamento e competições. Além disso, o cansaço

físico declarado por eles gera ainda uma desconcentração para acompanhar as aulas no dia a dia.

Gráfico 15.

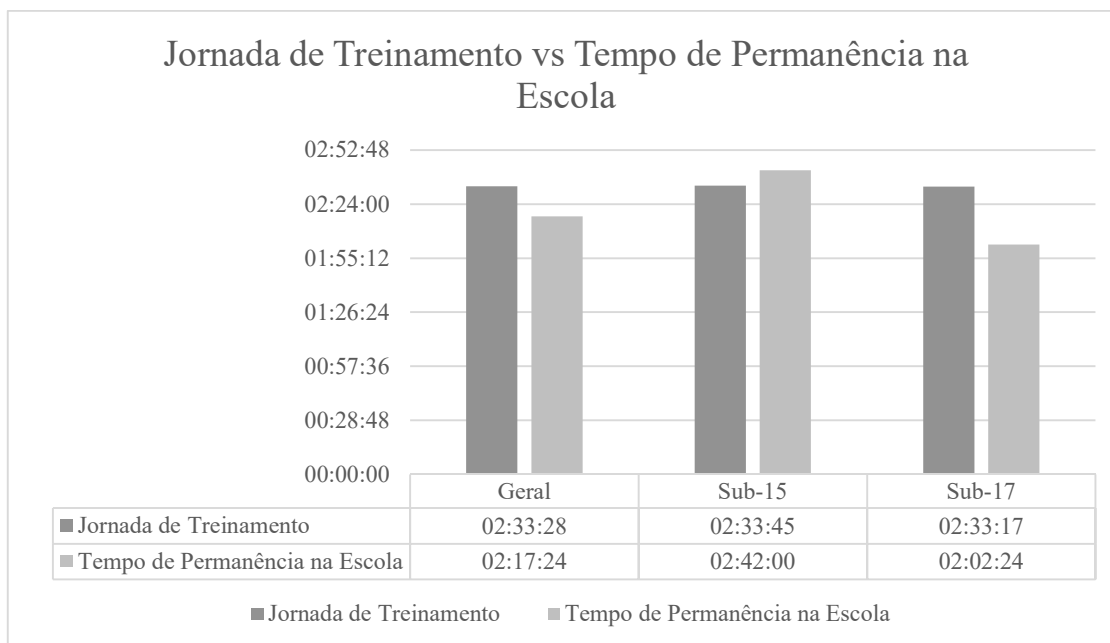


No cenário ideal, no qual a jornada escolar não é afetada pelo número de matrículas ou frequência dos alunos, verifica-se que o tempo de escola é ainda superior ao tempo de treinamento. Todavia, podemos destacar que essa diferença não está tão acentuada e pode se dizer que se iguala na categoria sub-17. A definição de jornada de dedicação aos bancos escolares e de treinamento indica que os atletas têm noção de que ambas as obrigações são importantes para consolidar seu projeto de carreira. E, o gráfico 15 mostrou que o tempo de escola diminui quando o jovem atleta sobe de categoria.

Embora estejamos comparando a jornada de treinamento com a jornada escolar, sabemos que esse cenário ideal não é a realidade dos jovens atletas. Como vimos, o tempo de permanência na escola é afetado tanto pelo número de jovens atletas matriculados em uma instituição de ensino, quanto pelo número de faltas que eles têm ao longo de um período letivo. Quando comparamos a jornada escolar com a jornada de treinamento, seja semanal ou diária, observamos que os valores se aproximam de modo absoluto, já nos levando a crer que, se tomarmos como referência o tempo de permanência na escola, o investimento e a concorrência com o tempo de treinamento e competições superará o tempo dedicado aos bancos escolares.

No próximo gráfico, é apresentada a quantidade de tempo preenchido pela jornada de treinamento e de permanência na escola.

Gráfico 16.

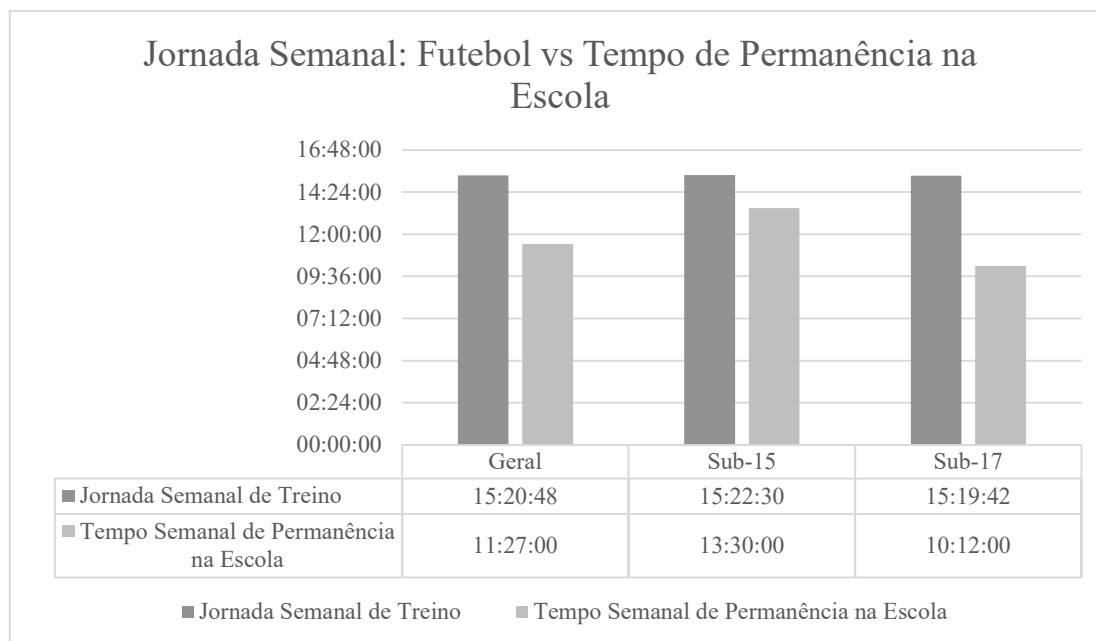


O gráfico 16 mostra a comparação entre a jornada de treinamento e o tempo de permanência na escola dos jovens atletas de futebol investigados em nossa pesquisa. Não é de se estranhar que a previsão feita anteriormente tenha se concretizado aqui. O tempo de permanência na escola só supera a jornada de treinamento na categoria sub-15, mesmo assim com uma diferença de 8 minutos e 15 segundos, o que nem podemos considerar algo tão relevante. No geral, a diferença entre a jornada de treinamento e o tempo de permanência na escola alcança o valor de 16 minutos e 4 segundos a favor da jornada de treinamento. Na categoria sub-17, verificamos o maior valor na diferença entre a jornada de treinamento e o tempo de permanência na escola, algo na casa de 30 minutos e 53 segundos a mais na jornada de treinamento.

A ideia ilustrada no gráfico 16 já dá a entender que o cenário de dedicação à escola é pessimista quando comparado ao tempo que os jovens atletas utilizam para sua rotina de treinamento e competições. A configuração do quadro do tempo de treinamento com o tempo de escola nos mostrou que há uma clara competição entre as duas instituições pela atenção do público-alvo, o jovem atleta. Ainda podemos demonstrar como seria esse efeito do tempo de permanência na escola comparado com a jornada de treinamento durante a semana. Mas já se

pode antecipar que a situação da dedicação à escola terá sua face menos briosa apresentada no gráfico a seguir.

Gráfico 17.



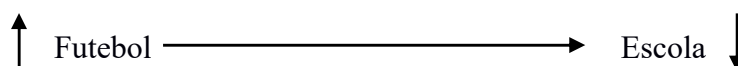
Observemos o gráfico 17. A jornada de treinamento semanal gira em torno das 15 horas de dedicação às obrigações do futebol em qualquer que seja a categoria. Por outro lado, a escola vem perdendo espaço conforme o jovem atleta se aproxima da profissionalização no futebol. Ao ser comparados a diferença entre a jornada de treinamento semanal e o tempo semanal de permanência na escola, verificamos uma configuração completamente desfavorável à instituição de ensino: 1) na média geral, a diferença entre a jornada de treinamento e o tempo de permanência na escola dedicado durante a semana é igual a 3 horas 53 minutos e 48 segundos; 2) na categoria sub-15, a diferença é bem menor entre as variáveis comparadas, atingindo um valor de 1 hora 52 minutos e 30 segundos; 3) na categoria sub-17, temos o cenário mais impactante, em que a diferença entre a jornada semanal de treinamento e o tempo semanal de permanência na escola alcança um valor de 5 horas 7 minutos e 42 segundos.

Todo esse tempo dedicado ao futebol e a secundarização do investimento na escola básica podem gerar resultados negativos caso o jovem atleta não atinja o sucesso almejado na carreira esportiva. As pesquisas do LABEC e o cenário na educação indicam que quanto menor o tempo dedicado à escola, mais dificuldades o indivíduo terá para buscar carreiras que tenham melhor remuneração no mercado de trabalho. Mostramos nessa seção que o tempo de dedicação ao futebol é praticamente o mesmo nas categorias sub-15 e sub-17. O grande problema é que o

tempo de dedicação à escola diminui consideravelmente quando o atleta chega à categoria sub-17. Isso pode ocorrer devido a um movimento migratório dos atletas para o ensino noturno.

Ao longo dessa seção, buscamos demonstrar como ocorre a conciliação entre a rotina de treinamento e competições com a rotina escolar. Utilizamos a variável tempo para exercer esse papel: entendemos que o tempo destinado a uma atividade é um importante fator para decifrarmos o quão as pessoas se dedicam a essa tarefa. No caso do futebol e da escola, sugerimos que as obrigações nas duas modalidades da dupla carreira são concorrentes, e não intercomplementares. Isto tornar-se-ia possível caso fosse destinado um tempo semelhante para cada uma delas. Demonstramos, no entanto, que a concorrência entre essas duas modalidades na dupla carreira exagera e pende para o lado do futebol. Para concluirmos essa seção, faremos um breve balanço dos modos que temos para interpretar esses dados.

No nosso modelo hipotético, buscamos elucidar como o investimento no futebol poderia afetar a dedicação à escola, assim como mostraremos no esquema abaixo. Tínhamos a ideia de quanto maior fosse o tempo de dedicação ao futebol, menor seria o investimento nos bancos escolares. O fato é que já debatemos isso no capítulo I da presente tese, quando trouxemos os dados das pesquisas desenvolvidas pelo LABEC. Embora não tivéssemos como traçar um perfil padronizado para as respostas dos jovens atletas daquelas investigações, podíamos imaginar que o tempo de dedicação ao esporte concorria com o tempo de permanência na escola.



O problema que identificamos nessa seção é que o tempo de dedicação ao futebol não variou da categoria sub-15 para a categoria sub-17. A tendência de ter uma dedicação equivalente para ambos os tempos de treinamento e competições nos trouxe uma surpresa, uma vez que imaginávamos que o tempo de dedicação ao futebol iria aumentando conforme os atletas fossem se aproximando da categoria profissional. Talvez, a única variação que encontramos nessa seção foi o processo de migração dos atletas para o ensino noturno. Pois bem, por ora vamos considerar apenas a não variação do tempo de dedicação ao futebol e como isso desmascara a hipótese sugerida no esquema acima.

Pensemos que para que uma variável seja aceita como explicação causal para um efeito, ela deve obedecer a três condições: 1) Se A causa B, logo, sempre que houver A, haverá B; 2) Se A causa B, então quando houver variação em A, haverá variação em B; e 3) se A causa B, A virá antes de B em todas as situações. Utilizando essas condições para interpretar a hipótese do

esquema na página anterior, temos A como sendo o tempo de dedicação ao futebol e B o tempo de dedicação à escola. O que observamos nos dados apresentados até o momento foi que, mesmo não havendo variação no tempo de dedicação ao futebol (princípio condicional número 2), houve uma variação considerável na jornada escolar e no tempo de permanência na escola. Por meio dessa observação, foi possível perceber que não é o tempo de treinamento e competições que afeta o tempo de investimento na escola.

O processo de migração para o ensino noturno pode explicar melhor a diminuição do tempo de dedicação à escola. Como vimos, há uma redução evidente tanto na jornada escolar, quanto no tempo de permanência na escola entre os jovens atletas que estudavam no período da noite em comparação com aqueles que frequentavam a escola à tarde. Isso nos mostra que o problema que afeta o tempo de dedicação dos atletas à escola é a mudança de turno escolar. Embora possamos sugerir que esse processo de migração para o ensino noturno decorre das demandas do futebol, em tese, se tivéssemos uma igualdade nas estruturas e organização das rotinas escolares por parte das instituições de ensino, não deveríamos ter uma disparidade tão alarmante entre a jornada escolar no período da tarde em comparação com a jornada escolar no turno da noite.

Podemos sugerir que o ensino noturno é encarado com menos rigor que o ensino vespertino, por exemplo. Ao taxarmos o tempo de permanência na escola noturna como sendo inferior ao do turno da tarde, sendo isso decorrente quase que exclusivamente do não cumprimento da jornada exigida pela legislação, indicamos que essa diferenciação pode contribuir para potencializar as desigualdades de oportunidades de acesso aos meios de profissionalização pelas vias escolares. Apontamos que o tempo de permanência na escola pode ser um fator importante para aumentar o rendimento dos alunos nos testes de proficiência. Ao apontarmos essa deficiência no ensino noturno, estamos destacando que esse tipo de ensino é secundarizado ou desvalorizado pela própria instituição escolar. Podemos entender que a escola desinveste no aluno da noite.

Por fim, quando calculamos o tempo de permanência na escola dos jovens atletas investigados por nós, observamos que tínhamos duas variáveis que traziam grande impacto no resultado final: o índice de frequência escolar e o índice de jornada escolar. O primeiro diz respeito ao quanto o jovem atleta tende a ir à escola. O segundo é uma variável exclusivamente relacionada à escola. Indicamos que a frequência à escola – demanda do clube e do jovem atleta – estava muito próxima do ideal normativo previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, BRASIL, 1996). Vimos que os atletas chegavam bem perto dos 75% de presença exigidos pela lei nacional. Indicamos, também, que esse indicador poderia ter um

resultado maior, pois no momento da pesquisa os atletas tinham acabado de retornar de uma viagem internacional. Por outro lado, o índice de jornada escolar – demanda exclusivamente da escola – estava aquém inclusive do que se pretende nos textos legais. Quando comparada à jornada de referência estimada por Neri (2009a), o valor da jornada escolar dos jovens atletas caía consideravelmente. E esse é mais um indício de que o problema do pouco tempo de dedicação à escola é algo geral e não restrito à condição de jovem atleta.

3.2 O PAPEL DO CLUBE NA MEDIAÇÃO DA DUPLA CARREIRA

Definimos na seção anterior que a organização da escola tende a diminuir o tempo que os atletas permanecem na instituição de ensino, e, por extensão, o dos demais alunos da mesma instituição escolar. Esse fato indicaria que possivelmente eles ficariam em desvantagem em uma disputa de rendimento em testes de proficiência. Porém, devemos considerar que estamos falando de atletas que estão no processo de formação profissional no futebol e que estão alojados no clube onde treinam. Essa condição de alojamento faz com que esses jovens tenham alguns benefícios na sua rotina diária como, por exemplo, o tempo reduzido de deslocamento para a escola e para o treino e o fato de terem toda a rotina de trabalho na própria sede do clube.

Outra razão para identificarmos esses jovens atletas como estando em uma condição diferente é a maneira que estabelecemos para responsabilizar o acompanhamento da rotina escolar desses indivíduos. Pensemos que o fato de estar sob a tutela do clube, faz com que essa instituição exerça, de certa maneira, o papel social da família enquanto esse jovem permanecer alojado nas suas instalações. Dessa forma, é a instituição esportiva a responsável por fazer toda a mediação entre o que acontece no campo de treinamento e na rotina escolar. Acompanhamos a forma como o clube trabalha no dia a dia durante mais de um ano e observamos casos em que o atleta era recém-ingressado na instituição e ainda não havia sido matriculado na escola. Inúmeras vezes presenciamos a situação de um funcionário do clube entrar em contato com a escola, mesmo após o período de matrícula escolar, para conseguir uma vaga para o jovem atleta que acabara de chegar.

Nessa situação, o clube desenvolveu uma espécie de relação de confiança com algumas escolas nas proximidades da sede onde residem os atletas. O contato é feito diretamente com as diretoras da escola e, em muitas vezes, o clube consegue uma vaga para matricular o atleta mesmo quando o período de matrícula regular do município ou do estado já foi encerrado. É nessa relação de confiança que o clube consegue manter, se não a totalidade atualmente, quase o número total de atletas matriculados em uma instituição de ensino. Lembrando que essa condição não é nada além do que é exigido por lei.

O clube desempenha um papel de gerência sobre o tempo e a rotina dos atletas que estão sob a sua tutela. Nessa seção, mostraremos os meandros desse papel, buscando revelar condições criadas pelo clube de futebol para que os atletas tenham sua rotina de treinamento e estudos conciliada de maneira mais harmônica. Os dados apresentados aqui são fruto de entrevistas com dois funcionários do clube que são responsáveis por tratar diretamente do cumprimento legal para a não violação dos direitos fundamentais previstos no Estatuto da

Criança e do Adolescente (ECA, BRASIL, 1990) e na Constituição Federal (CF, BRASIL, 1988).

Inicialmente, é necessário dizer que o clube estabeleceu uma espécie de “boa relação” com as escolas da região onde se localiza a sua sede. O que vamos ver a seguir é o formato como essa estratégia de contato com as escolas foi traçado. No início, havia poucos atletas que eram alojados no clube, cerca de 20, tornando o trabalho mais ameno para os funcionários do clube que tinham que manter o controle sobre a matrícula e o acompanhamento escolar desses jovens atletas. Porém, a estrutura do clube cresceu e nos dias atuais já são cerca de 72 atletas residentes em suas dependências²². A formação da boa relação com as escolas permite a esses funcionários dos clubes pleitear vagas nas escolas mesmo fora do período regular estabelecido pelo Estado ou Prefeitura do município, porém, nem sempre a tarefa é simples. Vejamos a fala do Funcionário 1 sobre como essa boa relação com as escolas foi estabelecida.

Entrevistador: Queria saber como funciona mais ou menos sua função aqui. Se você poderia contar... como que é essa ponte com a escola e tal.

Funcionário 1: Bom! Tudo iniciou mediante o [Funcionário 2] – como ela já tem aqui uns 20, 22 anos, não sei direito – ela já vem fazendo esse contato desde sempre. Porque, como sempre teve atletas alojados – não na mesma proporção que tem hoje (hoje nós temos em média 70, 80 atletas alojados e antigamente eram 20, 25), daí era muito mais fácil. Porém, hoje, o volume [de atletas] foi crescendo e precisamos de mais vagas [nas escolas]. Daí ela fez contato com escola, correu atrás pra poder ver se conseguia [vagas]. Daí, foi criando um vínculo, que hoje a gente tem um relacionamento muito bom com as escolas daqui. Porém, teve uns anos atrás que, por conta de indisciplina de aluno, de atleta, né?, uma escola ficou sem dar vaga pra gente por muitos anos. E, hoje, a gente já conseguiu reverter essa situação e é onde a gente tem as melhores frequências e... notas também que é o [nome da escola]. Um colégio muito bom, de referência até. Que é um colégio estadual com técnico, é muito bom! Daí hoje a gente tem esse contato e elas sempre procuram atender a gente. Só não atende, porque não dá mesmo, porque não tem como.

O Funcionário 2 esclarece com suas palavras como foi firmada a parceria com as escolas da região, pois, afinal, foi ele quem traçou as estratégias e procurou as escolas para estabelecer uma boa relação.

Entrevistador: Aqui eu vejo uma quase parceria de vocês [com as escolas]. Como é que foi criada essa relação entre vocês e as escolas onde vocês conseguem vagas.

Funcionário 2: Ah! Isso aí, logo quando a gente veio pra cá [cidade onde se localiza a sede do clube], eu pensei “o que que eu tenho que fazer? A política da boa vizinhança”. Aí comecei. Olha! Fui em todas as escolas públicas, me apresentei e falei que eu precisava do apoio deles, quem era a gente, que instituição era essa que estava surgindo aqui nesse bairro, né? – até então a

²² O número de atletas residentes no alojamento do clube é variável. No ato de finalização da tese, já haviam chegado 10 novos meninos para o alojamento e outros estavam aguardando para sair de lá, pois já completaram 18 anos.

gente tava chegando aqui agora. E aí, expliquei como funcionava aqui [no clube]. E aí a coisa foi indo, foi indo. Então, hoje, a gente tem uma boa relação... Todos os anos, no final do ano, eu faço uma reunião com eles aqui, um almoço no final do ano, agradecendo todo o apoio que eles dão, entendeu? E costuma funcionar. Só que a gente disputa com a comunidade, entendeu? E, assim, as escolas procuram atender a gente sempre que possível.

O clube adotou uma estratégia para criar vínculos com as escolas públicas da região para facilitar a busca de vagas para atender às demandas dos atletas alojados. Pensamos que essa forma de lidar com as instituições de ensino pode contribuir, inclusive, para uma possível modalidade de relação interinstitucional que tenha como objetivo a mediação da dupla carreira do jovem atleta e estudante. Porém, o comportamento dos jovens atletas nas escolas afetou negativamente a relação do clube com a instituição de ensino, a qual, por anos, deixou de ceder vagas para os jovens atletas do clube. Observemos que a relação de boa vizinhança com as escolas pode ajudar o clube a cumprir a determinação legal de matricular e acompanhar os atletas nas escolas, mas tudo pode ser posto a perder dependendo do comportamento dos jovens na instituição de ensino.

A boa relação do clube com a escola não se traduz no atendimento pleno da necessidade do jovem atleta. O Funcionário 1 mencionou o conflito que há entre a condição de jovem atleta comparada com outras situações em que os jovens podem estar inseridos. Disse que há uma diferenciação entre o fato de ser atleta e ser um jovem trabalhador, por exemplo. Para o Funcionário 1, a educação possibilita entender a condição de trabalho, dependência química, gravidez e outras, mas deixa de compreender a especificidade de um jovem que se dedica simultaneamente ao esporte e à escola. Quando surgiu o assunto sobre a legislação e a categorização do jovem em determinadas condições, o entrevistador foi interrompido pelo Funcionário 1 para que ele fizesse uma exemplificação do assunto.

Entrevistador: Todas as determinações legais não tratam do atleta como um trabalhador...

Funcionário 1: Sim! É... Como por exemplo, nós fomos à escola e... a Supervisão Escolar, ela não entende atleta. Ela entende nômade, ela entende... é... cigano, né?, entende o cigano, entende o artista de circo, entende grávida, entende... presidiário, entende... dependente químico, entende tudo, mas não entende o atleta. Por que esse preconceito com o atleta? O atleta é tão cidadão quanto outra pessoa, né? O cigano que fica pra lá e pra cá, entende. O dependente químico... complicadíssima essa situação.

Entrevistador: A Supervisão que você diz é a Supervisão...

Funcionário 1: Supervisão Escolar.

Entrevistador: Isso é...

Funcionário 1: É da Secretaria de Educação. Porque... na... a gente manda as declarações tudinho de falta. Porque teve jogo, etc. Porém, a Supervisão não abona... Mas abona a do dependente químico, abona a do circense, abona a da grávida, abona de todo mundo, mas do atleta não.

Entrevistador: Aí, é... essas declarações chegam à Supervisão... não é uma relação com a escola...

Funcionário 1: Aí a escola anota uma observação. A própria escola anota uma observação: “jogador”.

Percebam que a fala do Funcionário 1 alude à questão da legislação que tratamos no capítulo I. Ora, se os jovens atletas não estão contemplados literalmente na legislação pertinente, não haveria qualquer obrigatoriedade de atender às suas demandas. Talvez seja essa justificativa que a Supervisão Escolar adote para não justificar ou abonar as faltas dos atletas, cabendo à escola a decisão de anotar uma observação sobre a condição especial daquele jovem em dupla carreira no esporte e na escola. A questão que o Funcionário 1 coloca em sua fala é que o jovem atleta tem tantas obrigações quanto um trabalhador comum, um artista de circo ou nômade, porém, sua condição de trabalhador do esporte não é entendida como relevante de modo que sejam garantidos os mesmos direitos de outros jovens em situações similares.

Mencionamos, anteriormente, que o próprio Ministério Público do Trabalho vinha se dedicando para reduzir a possibilidade de julgar os casos do jovem atleta a partir do poder discricionário do juiz ou de instituições que possam ter algum critério deliberativo em suas decisões. Porém, sequer supomos que podíamos encontrar uma situação em que houvesse uma disparidade tão grande entre a condição de jovem atleta e seus similares. A preocupação do Funcionário 1 é pertinente, uma vez que o acúmulo de faltas no sistema educacional pode levar o jovem atleta a uma retenção indesejada. Ao mesmo tempo, acaba expondo a escola a uma situação em que ela tem que lidar entre um dever instituído pela legislação e o reconhecimento da condição especial do jovem atleta.

Apesar da relação amistosa entre o clube e a escola, há uma tensão clara entre os diferentes projetos que ambos lidam: por um lado, o clube deseja o reconhecimento de que o jovem atleta seja reconhecido como um trabalhador do esporte, por outro, a escola dialoga com a Secretaria Municipal de Educação para tentar flexibilizar as ausências dos jovens atletas às aulas, motivadas por demandas do esporte. Não é nada simples, como mostramos na fala do Funcionário 1. Todavia, essa não é a única preocupação do departamento do clube responsável pela mediação da relação de dupla carreira. O projeto do clube para a escolarização do jovem atleta não é definido ao certo, prende-se mais à obrigação de mantê-lo matriculado em uma instituição escolar, como pode ser observado na fala do Funcionário 2.

Entrevistador: Queria saber um pouco da função que você desempenha aqui [no clube], como é que funciona essa tensão entre o futebol e a escola e as vezes a família que entra aí no meio do jogo, né? Queria que você me contasse um pouco da sua experiência sobre essas tensões, né?

Funcionário 2: A gente aqui... Os atletas entram, e a gente tem uma responsabilidade grande com eles. E... eu acho que a maior delas é essa coisa

escolar, que cabe a gente encaminhá-los pra que eles estudem, pra poder cumprir uma exigência do Ministério Público e Juizado de Menores, além dessa exigência pra que... eles se desenvolvam, porque o fato de estar aqui treinando não quer dizer que eles vão ter êxito e que vão chegar a profissional. E mesmo chegando [a profissional] a gente acha que eles... O estudo tem paralelo a isso, né? Pra formação deles, né? E... o intelectual, eu acho que tem que acompanhar o físico, o mental. Então, eu acho que essa parte educacional tem que tá seguindo junto. Então, a gente tem essa obrigatoriedade de... dessas exigências dos órgãos públicos e aí a gente encaminha [para a escola]. E aí cada atleta que se apresenta vem com uma história, que cada um vem de uma cidade – a gente lida do Oiapoque ao Chuí, né? – E aí um vem, um tá na série compatível com a idade dele, outros não. Esses outros a gente tenta enquadrar. E a gente aqui lida com escolas públicas, porque [o clube] não tem uma escola própria. [...] Agora o atleta em si, de um modo geral, pela minha experiência aqui, eles não querem estudar. Porque eles acham que... eles vão vencer e que estudo é um saco. Eles estão longe dos pais, que poderiam também estar cobrando. E eles acham que vão driblar a gente. Eles não conseguem captar que isso é uma exigência, que pra morar aqui [no clube], eles têm que estar matriculados e frequentando, né? E... a gente fica batendo nisso. Aqui hoje na concentração, a gente está com 72, 71, 72 [atletas], às vezes a gente chega a ter 100 e a gente tem que botar eles pra estudar, né? E eles não gostam... mas a gente tá cobrando, cobrando e insistindo.

Entrevistador: São 70 meninos dos 14 aos 17 [anos]...

Funcionário 2: Até 17 [anos]. Porque aqui quando completa 17,5 [anos], né? Antes de completar 18, porque depois que completa 18, a gente já não tem um foco muito grande em cima deles. Porque você passa a entender que a cobrança da Federação [de futebol] já é menor, já não tem a cobrança do juizado de menores, a cobrança que a gente tem é porque você quer instruir o atleta para ele terminar o segundo grau ou tentar fazer uma faculdade. A gente quer que ele se desenvolva, mas não existe mais aquela obrigatoriedade dos órgãos em cima da gente, né? Então a gente acaba afrouxando um pouco. E eles [os atletas] se sentem assim “tô livre”, né? “Porque agora ninguém me chateia mais”. Então quem terminou [o Ensino Médio], terminou, quem não terminou [o Ensino Médio], dificilmente quer terminar.

A fala do Funcionário 2 mostrou que a mediação da situação de dupla carreira é uma tarefa difícil também para o clube. Se por um lado há a exigência legal e a fiscalização dos órgãos públicos, por outro, existe, às vezes, uma vontade explícita dos atletas em secundarizar o projeto escolar. Até o momento estamos percebendo o conflito que a dupla carreira gera tanto para as instituições quanto para os atletas em formação profissional. O Funcionário 2 chegou a mencionar uma terceira instituição que, para ele, poderia contribuir no auxílio à mediação da relação da dupla carreira no esporte e na escola, a família. Porém, parece que essa questão não é tão simples de resolver.

O Funcionário 2 observou que a família poderia ser uma instituição parceira no acompanhamento da rotina escolar do atleta. Todavia, podemos entender que há a possibilidade de haver um projeto familiar que inclua a formação profissional daquele jovem como um atleta de sucesso. Talvez seja esse projeto familiar que coloque um obstáculo entre o desejo do

departamento do clube que faz a mediação da dupla carreira e as intenções da família. O investimento familiar na formação profissional do jovem atleta pode até secundarizar o projeto de formação pelas vias escolares.

O que nos chamou a atenção assim que chegamos ao clube, no primeiro dia de investida no campo, foi exatamente a participação da família na rotina de treinamento dos atletas. Há uma regra proibindo a entrada dos pais e familiares no campo ou no entorno dele enquanto acontece os treinamentos. O limite estabelecido pelo clube deixava os pais e familiares a uma distância que dificulta enxergar e ouvir o que ocorre no campo de treinamento. Os familiares, em geral, ficam no estacionamento do clube. Também há quem se arrisque a se aproximar do treinamento, usando uma escada. Essa escada é usada para visualizar o treinamento por sobre o muro divisório do clube com a rua de acesso à sede. Essa estratégia dos pais é um tanto curiosa, uma vez que os transeuntes passam pela calçada, ocupadas pelos familiares apoiados nos degraus mais altos de suas respectivas escadas.

O problema, para além da situação exótica de se ver adultos sobre uma escada e olhando para dentro de uma instituição privada para tentar observar seus filhos jogando futebol, é que essa situação demonstra uma espécie de projeto familiar em torno do futebol. É nessa relação que observamos as críticas e os conflitos que existem entre o departamento do clube responsável pela mediação da dupla carreira e as famílias dos atletas. Como já foi citado, o clube lida com atletas de todas as partes do Brasil e, em alguns casos, a família forja uma estratégia que desloca todo a sua estrutura familiar para o Rio de Janeiro, apostando que o sucesso do atleta é garantido. Essa relação de conflito entre o projeto familiar e as exigências para a manutenção do atleta na escola veremos logo a seguir na fala do Funcionário 1.

Entrevistador: Como é que é o trato de vocês com a família? Por exemplo, vocês têm a noção do mercado [do futebol], vocês passam uma noção do mercado pro atleta e vocês passam a noção do mercado pra família. O que vocês costumam ouvir da família?

Funcionário 1: A família vai no mesmo barco do atleta. Se for uma família humilde, a família vai no barco dele [do atleta]. Vai achar que [ele] é a salvação da pátria. Sendo que... É assim: não é uma questão de ser uma família humilde, é de família sem esclarecimento. Porque tem muita gente humilde que tem consciência das coisas. Existem pessoas que depositam num atleta de dez anos a responsabilidade de bancar a casa, de uma oportunidade lá da frente. Sendo que não é bem assim, é muito além. Porque pode chegar daqui um, dois, três anos [o atleta] ser liberado e aí?

Entrevistador: E a reação da família [quando o atleta é dispensado]?

Funcionário 1: Muitos não aceitam, muitos não aceitam. Uns aceitam tranquilamente, mas outros não.

Entrevistador: Um exemplo que te chamou muito a atenção...

Funcionário 1: Um atleta foi liberado, certa vez, e a mãe começou a bater nele, no menino.

A reação dessa mãe ilustrando a ideia de que o projeto familiar pode estar vinculado à formação profissional no futebol é um exemplo exagerado de como pode ser a crença da família sobre a exequibilidade desse projeto. Existem outras maneiras mais amenas de acompanhar esse projeto familiar, como a própria estratégia de comprar uma escada para ver o filho treinando. Mas isso nos chama a atenção, pois a família poderia ser um auxílio ao clube e ao atleta na mediação da dupla carreira, para contribuir para a formação do jovem atleta profissional, mesmo que o projeto familiar esteja voltado para a profissionalização no futebol. Há ainda mais um exemplo da tensão entre a família e o clube relatado pelo Funcionário 1. Quando comentamos sobre as categorias menores de 14 anos, quando os atletas não podem ficar alojados, recebemos o seguinte relato sobre a família desses atletas:

Entrevistador: Tem gente de fora [do estado] nessas categorias [menores de 14 anos]? E como é que faz?

Funcionário 1: Geralmente, a família vem [junto com o atleta]. A maioria deles vem com a família. Quando vem é uma tia, uma avó, entendeu?

Entrevistador: Alguém que não tenha vínculo com a cidade natal? Alguma coisa assim ou às vezes larga tudo?

Funcionário 1: Tem uns que largam tudo. E vem embora... sério! Verdade.

Entrevistador: Eu lembro que a primeira coisa que me chamou a atenção, quando eu vim pra cá, no primeiro dia que eu vim pra cá, foi a escada... o pessoal da escada no muro... Quem são esses, assim? Que histórias são essas?

Funcionário 1: São os pais, geralmente. A maioria não trabalha. Aí ficam no muro vendo o treino.

Entrevistador: A maioria que você diz é o que? Desses caras que estão lá embaixo ou a maioria de todos?

Funcionário 1: Desses que estão lá nas escadinhas. Porque, é como falei anteriormente, coloca a responsabilidade da casa no filho, entendeu? Que aí... como que ele vai arrumar um emprego pendurado na escada? Todos os dias? Trabalha o quê? Na parte da tarde? Na parte da manhã? Hoje em dia é muito difícil você ter um emprego de meio período. Ou você trabalha por conta própria... mas eles vivem pendurados na escada, né? Fica difícil.

A pressão que o departamento do clube, cuja função é mediar a relação entre o esporte e a escola, sofre para exercer o seu papel é constante. Se, por um lado, há a parceria com as instituições de ensino, mesmo que as secretarias de educação não considerem a condição do jovem atleta, por outro, a família pode se mostrar um empecilho para todo o processo. Percebemos que mais uma vez não são somente as demandas do esporte que podem vir a atrapalhar a conciliação da dupla carreira.

Até o momento mostramos esse lado do entrave vivido entre clube, escola e família. Para demonstrar mais uma dificuldade de todo o processo de mediação da conciliação da dupla carreira, a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ) e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) parecem representar mais um fator que pode causar transtornos na situação de dupla carreira do jovem atleta de futebol.

A rotina de treinamentos dos atletas, geralmente, é pareada com o calendário de competições estabelecidos pelos órgãos institucionais de gerência sobre o futebol. Portanto, fica ao encargo da FERJ e da CBF a definição do seu calendário de competições, que será utilizado pelos clubes para organizar todo o período de treinamento. Por exemplo, se a FERJ fixar a realização de todos os jogos das competições da categoria sub-17 para o período da manhã, os clubes do Rio de Janeiro tentarão organizar sua rotina de treinamento para essa categoria no mesmo turno, pois, assim, os jogos não atrapalhariam outras atividades obrigatórias que o jovem atleta pode ter no seu dia a dia. Parece uma estratégia plausível e coerente essa forma de organizar-se. Vale mencionar que a CBF recebeu a incumbência de certificar e fiscalizar as entidades formadoras de atletas de futebol e ela delega às suas subsidiárias (as federações estaduais) a responsabilidade pelas fiscalizações dessas entidades.

Ademais, ressaltamos em nossa memória que a certificação das entidades formadoras caberá ao clube que cumprir uma série de critérios relacionados ao atendimento e garantia dos direitos fundamentais dos jovens em formação profissional²³. Apesar dessa responsabilidade atribuída às entidades esportivas, em especial a CBF e a FERJ, o que pudemos perceber é que essas instituições tendem a trazer mais problemas para a conciliação da formação profissional no esporte e sua relação com a escolarização básica. Isso coloca o clube também em uma condição de ter que gerenciar as demandas do esporte para que essas não entrem em conflito com as obrigações escolares.

Quando conversamos sobre a condição da organização dos horários dos atletas, surgiu o assunto sobre a Federação de Futebol que mostraremos no diálogo abaixo. O ano de 2016 foi um ano atípico para o Rio de Janeiro por conta da realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos. O primeiro evento foi responsável por mudanças no calendário escolar em muitas cidades do estado. Porém, parece que o mesmo não se sucedeu para as competições de futebol, o que gerou um transtorno para o clube, pois os atletas tiveram suas férias escolares adiadas, enquanto já estavam de férias para o futebol. Essa diferença no calendário escolar e de competições fez com que os atletas que são oriundos de outras cidades de fora do estado retornassem para sua casa, mesmo com as aulas em andamento. O clube não pode impedir esse movimento, apesar de apelar para a condição de responsabilidade para o caso de os atletas precisarem se ausentar da escola novamente no futuro.

Entrevistador: Esse ano [2016] foi um ano atípico, né? Você falou assim: “a gente tá tentando amarrar direitinho [o calendário das competições com o calendário escolar]. É... como vocês estão tentando isso? Com quem vocês têm que conversar pra amarrar isso?”

²³ Ver capítulo I da presente tese.

Funcionário 1: Olha! Opinião minha. Eu acho que a gente tá lutando pra tentar colocar junto à Federação [CBF], porque as competições são todas em período de aula. Geralmente, as viagens são todas em período de prova. Como vai fazer? Daí, em nosso seminário [dos funcionários dos clubes do Brasil], a gente tá tentando fazer contato com a Federação tudinho pra tentar... porque, na Lei Pelé, coloca que não deve, as competições não devem cruzar com o calendário escolar, e a Federação faz tudo errado. A Federação não segue [a Lei Pelé]. Se você for parar pra ler a Lei Pelé, você vai ver que a Federação não segue a Lei Pelé. Não quer nem saber. Eles não querem nem saber... Aí, meu filho, é complicado, é muito complicado, que é uma luta que a gente tem diária. Por exemplo: teve jogo do infantil [sub-15]... teve um jogo deles a tarde, 3 horas da tarde, sendo que eles estudam a tarde.

A condição de mediador da dupla carreira não está se mostrando fácil para o clube, assim como não é para o atleta. Até aqui mostramos que clube e escola tendem a comprometer o trabalho dessa mediação, não encarando o jovem atleta como um indivíduo com demandas específicas. Já sugerimos que talvez isso seja a falta de regulação do Estado ou, pelo menos, da ausência de certas políticas interinstitucionais que melhorem a relação da dupla carreira no esporte e na escola. Mas não é somente a Secretaria de Educação e a Confederação ou Federação de Futebol que trazem obstáculos para a mediação da dupla carreira. O próprio clube possui suas idiossincrasias que tendem a limitar a possibilidade de uma conciliação mais regular da formação profissional no futebol e a escolarização básica do jovem atleta.

As normas do clube que tratam da regulamentação e acompanhamento da dupla carreira diz que o jovem atleta que estiver ausentando-se da escola exageradamente sofrerá punições como a sua retirada de treinamento e, na pior das hipóteses, poderá não participar dos jogos de sua categoria. Entendamos que esse princípio disciplinador só será eficiente se houver uma vigilância de duas instituições: o clube e a escola. O clube solicita à escola a frequência do atleta e, se julgar que ele não vem cumprindo o que lhe é obrigatório, poderá retirá-lo dos treinamentos. Caso haja reincidência, poderá afastá-lo dos jogos. Esse processo poderia chegar a um ponto ideal de disciplinamento, auxiliando tanto o clube como a escola na mediação da dupla carreira desse jovem atleta.

O clube possui suas regras para que haja um acompanhamento e frequência dos jovens atletas à escola. Como todo conjunto de regras, ele tem um caráter disciplinador. Para que essas regras sejam cumpridas, é necessário que o clube adote instâncias punitivas que criem constrangimentos com o objetivo de forjar um comportamento desejado. Não estamos falando de doutrinação e nem de subjugar a consciência e vontade do jovem atleta. Pelo contrário, assume-se o protagonismo desse jovem para que esse processo disciplinador extraia dele maior rendimento e menor ímpeto de resistência às normas (FOUCAULT, 2004; MACHADO, 1979)

O problema é que há uma característica do jovem atleta que ainda não chegamos a explorá-la nessa seção: a condição de ter valor no mercado futebolístico. Lembramos que o atleta, quando lhe é permitido assinar um contrato profissional com o clube, sendo esse clube uma entidade formadora, já possui uma cláusula que atribui a ele um valor correspondente a sua possível transferência de clube. Há a previsão na Lei Pelé (BRASIL, 1998, 2011) de que a multa rescisória para retirar esse atleta do clube é calculada a partir de um valor indicado no contrato do atleta no tocante aos gastos comprovados por documentação legal para a formação desse atleta, correspondente a 200 vezes esse valor. Essa característica de possuir valor no mercado futebolístico pode restringir a aplicação da sanção normalizadora de retirar o atleta dos jogos, pois poderá haver repreensão das instâncias superiores do clube sobre quem tomou tal decisão. Em outros termos, punir esse atleta com a ausência aos jogos seria jogar contra o próprio valor do atleta no mercado do futebol.

A dificuldade de cumprir o ritual de disciplinamento do jovem atleta coloca o clube em uma situação ainda mais passiva na mediação da dupla carreira no esporte e na escola. Como se não bastasse todos os obstáculos já citados, ainda há no futebol outra figura que parece estar alheia a qualquer situação que envolva a garantia do direito à educação ao jovem atleta: o empresário. Segundo o Funcionário 2, o empresário trata apenas dos interesses dele e dos atletas relacionados ao futebol. Tendem a se ausentar diante da responsabilidade de cobrar a frequência e acompanhamento do atleta na escola. Quando chegamos a esse assunto, o Funcionário 2 estava comentando sobre como ele intervém junto à Secretaria de Educação e às escolas sobre a questão de frequência do atleta à instituição de ensino.

Funcionário 2: [...] Na hora de atenuar essas faltas, tem trabalhador, o aluno que trabalha a noite, que trabalha, que chega atrasado, que falta em função do trabalho tem que levar uma declaração... O atleta em si não tem isso. Então ela [a escola] sofre uma... A escola fica presa sem ter argumentos pra justificar aquela falta. Aí a gente tenta conciliar. Tem escola que dá uma... A Secretaria Municipal é mais fácil, eu faço uma declaração... Secretaria do Município é mais fácil de lidar. Agora a do Estado, não. Eles estão questionando agora. Até pra fazer a matrícula, eles não aceitam nós [funcionários do clube], representantes do clube, tem que ter uma autorização do pai ou da mãe pra poder a gente fazer a matrícula. E as faltas eles também encaminham para o Conselho Tutelar. Só que a gente vai no Conselho, quando é encaminhado, e eu exponho a situação. Qual é a verdade, qual é a real situação nossa. A gente tá tomando conta [...]. Ou eu digo que a gente representa os pais e a real situação: “Olha! Ele veio lá do Mato Grosso”, “Ah! Ele veio lá de São Paulo”, “O outro veio de Minas”. A mãe não tem condições de vir aqui fazer matrícula. Entendeu? E... tem a figura do empresário, que também não serve pra isso. O empresário ele só se preocupa com a parte fu-te-bo-lís-ti-ca. [risos]. Entendeu? A parte educacional, o empresário não quer saber. É tudo mentira quando o empresário diz: “Não! Tô preocupado com ele”. Não está. Entendeu? Eu vou até ver se um [empresário] trouxe roupa... Agora que eu me lembrei... O

menino levou tudo pra casa dele... a roupa. Ele ontem não tinha uma roupa pra ir pra escola. Bermuda. Aí eu falei: “Não. Você vai com a que você tem e não sei o quê”. E liguei pra ele [o empresário]. Aí ele: “Ah é! Ele trouxe a roupa suja aqui pra lavar”. Como se aqui [no clube] não lavasse. Aqui lava. Aí eu falei com ele... [o empresário disse] “Ah! Eu não sabia que ele não tava indo à aula”. Como que não sabia!? Se ele pega sexta-feira, chega lá... Ele [o atleta] já matou aula na sexta-feira, porque ele foi sexta pra casa dele. Aí ele não pergunta: “Meu filho, você não veio da escola? Cadê seu caderno?” Sabe? Ninguém quer saber de nada. Aí... “Ah! Porque você não me avisou”, “Você não me falou” [reproduzindo a fala do empresário para ela]. Aí quer jogar [fez um sinal como se apontasse pra ela]. “Mas, olha, pode ter certeza, de agora em diante, eu vou tomar conta dessa parte” [reproduzindo a fala do empresário]. Não. Não toma. O outro falou que ia dar o dinheiro da passagem [para o atleta ir para a escola]. Eu falei: “E aí, vamos dividir isso? O clube já está dando alimentação, atenção. A gente tá aqui se dispondo, cuidando dele. Agora vê se você ajuda”. Porque ele ia mandar um celular. Aí eu falei: “Em vez do celular, você manda o dinheiro da passagem”. Ele [o empresário] mandou o celular, e o dinheiro da passagem [para o menino ir para a escola] não veio. Se o menino tá indo [para a escola] é porque eu estou querendo que ele vá. Entendeu? Mas o menino tá todo feliz. Porque já ganhou o celular na mão. Eles dão... o empresário dá o que a criança, o que eles querem. Aí entre o dinheiro da passagem [para ir à escola] e o celular, “O celular é muito melhor, cara! A [Funcionário 2] é chata, que se dane. Quero dinheiro nenhum de passagem, né?” [reproduzindo a fala do atleta]. Aí eu sou a mazinha e o cara [o empresário] é o bonzinho. O outro [empresário] leva ele [o atleta] pra casa pra passar o fim de semana. Tem empresário que vem aqui que leva eles [os atletas] na hora do almoço, ou tira eles daqui na hora da escola, a tarde, pra ir comer lá embaixo, no churrasco na Mineira, não sei aonde. No horário escolar. “Ah não! É que ele trouxe um tênis, uma chuteira, sei lá, pra mim. Um relógio” [reproduzindo a fala do atleta]. Aí pra... Em vez dele [o empresário] vir e dizer: “Não. Vou esperar você ir à escola...”. Não. Ele vem e tira... se vai faltar ou se não vai [fez sinais de desdém com as mãos simulando a atitude do empresário]. Não está nem aí. Mas aí a gente tenta mudar isso, né? Eu incomodo os empresários. Eu sou chata.

O desabafo do Funcionário 2 deu o tom exato do que queria demonstrar como descaso da figura do empresário quando o assunto é a relação do jovem atleta com a escola. Isso mostra que seu papel dentro do clube, além de mediar a relação de formação profissional no esporte com a escolarização básica, é também a de solucionar problemas para conflitos que extrapolam a relação com o atleta. A dupla carreira é uma situação complexa e intrincada pelas relações pessoais, projetos e interesses individuais que perpassam toda a formação profissional. Acreditamos que conseguimos demonstrar isso a partir dos exemplos dados pelos Funcionários do clube que foram entrevistados.

As pesquisas que realizamos no Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC) ainda não tinham demonstrado a relação da dupla carreira através da ótica dos funcionários do clube que têm como função fazer a mediação desse processo. O que fizemos

nessa seção demonstrou que a condição de dupla carreira do menor de 18 anos cria uma rede complexa de interações entre indivíduos em todas as instituições possíveis. Por exemplo, apesar da figura do jovem atleta ser central na presente pesquisa, verificamos que a sua conciliação com a escola não depende apenas da sua vontade ou atuação. Há a ação do clube, do empresário, da família, da Secretaria de Educação e da própria escola. Cada uma dessas instituições citadas no âmbito dessa pesquisa desempenharam um papel que ora facilitava, ora dificultava a conciliação na dupla carreira no esporte e na escola, como resumidas a seguir:

1. o clube se apresentou de duas maneiras: a primeira delas, delegando responsabilidade aos Funcionários cuja missão passa a ser a de mediar a conciliação da dupla carreira. Nesse passo, as estratégias que eles adotaram para facilitar a matrícula e a boa relação com as instituições de ensino visavam a formar um mecanismo de compatibilização das rotinas de treinamento e competições com a rotina escolar;

2. na segunda maneira apresentada, o próprio clube pode criar formas de minimizar as oportunidades de conciliação entre as duas carreiras, uma vez que cria dificuldades que impedem que o processo de disciplinamento dos atletas aconteça sem maiores problemas. Quando a condição de mercadoria é encarada como determinante para que o estabelecimento do ritual do disciplinamento seja completado ou não, isso mostra ao atleta que ele pode negociar com essas demandas para legitimar sua ausência às aulas, mesmo que para isso seu rendimento em campo seja mais exigido;

3. a escola tenta cumprir os acordos não oficiais para facilitar a permanência dos atletas na escola, inclusive tentando flexibilizar algumas das suas normas regulares, como colocando observações que enquadrem o jovem atleta em uma condição que possa vir a ser atendida como um trabalhador do esporte. Mas suas ações são limitadas pelas intervenções das Secretarias de Educação da Prefeitura do município e do Estado;

4. as Secretarias de Educação da Prefeitura do município e do Estado fazem valer o que está fixado nos textos legais. O jovem atleta não está delimitado pela legislação vigente, como vimos no capítulo I, fazendo com que suas condições especiais não sejam consideradas por essas instituições. O mesmo não acontece com pares similares dos jovens atletas, mas que exercem outras profissões ou estão contemplados pela legislação vigente;

5. a família é encarada pelos Funcionários do clube como uma parceira que poderia ajudar ou contribuir para mediar a relação do jovem atleta com a escola. Porém, talvez pela distância que a maioria das famílias se encontra em relação à sede do clube ou talvez porque o projeto familiar seja mesmo o de investimento na profissionalização no esporte, a família acaba não intervindo tanto quanto os funcionários do clube gostariam;

6. a figura do empresário é um tanto complexa. Ao mesmo tempo que ele é o representante do atleta nas relações profissionais, ele está ausente, ao que parece, na construção da identidade de estudante desse jovem. A participação deles está limitada, aparentemente, à formação do atleta para subsidiar o mercado do futebol, a ponto de o Funcionário 2 desabafar ao descrever a relação dos empresários com os atletas e a influências dos mesmos com os estudos desses jovens.

Por fim, não podíamos deixar de falar sobre a questão das federações de futebol que também foram citadas nessa seção. Segundo o Funcionário 1, as federações pouco cumprem o determinado na Lei Pelé (BRASIL, 1998, 2011), principalmente no concernente à organização do calendário de competições para não entrar em conflito com o calendário escolar. Observemos que, dentro desse cenário, a organização do calendário talvez seja a relação mais complexa de todo o processo, uma vez que as federações estaduais tentam atender às demandas dos clubes vinculados a elas, enquanto a CBF terá o trabalho de mediar as competições nacionais.

Quando se trata de competições nacionais, podemos supor que qualquer atleta perderá algum ou alguns dias de aula, pois haverá a necessidade de viagens interestaduais, e isso leva tempo de deslocamento. Ademais, não se pode deixar de atender a alguns dos direitos dos atletas, como o convívio com a família. Talvez, o que fora sugerido pelos Funcionários do clube tenha sido exatamente a organização do calendário esportivo para sincronizar com o período de férias escolares. E isso significa que o calendário das competições pode coincidir com o período letivo. Quanto a isso, há de se observar a complexidade da organização e sincronização dos calendários escolares e esportivo de modo que a formação escolar não seja prejudicada por demais.

A partir da presente discussão, pudemos perceber que a estrutura de oportunidades para conciliar a dupla carreira não cria uma situação complexa somente para os atletas. Clube, escola e família se envolvem em uma rede de relações que trazem para si uma gama de responsabilidades e dificuldades para mediar a relação da profissionalização do jovem atleta com a dedicação do mesmo à escola. Diante disso, investiremos tempo para tentar explicar as questões que envolvem os desejos e as percepções de oportunidades que os atletas têm nesse contexto. Já enfatizamos os cenários onde as escolhas são realizadas e algumas das relações complexas que se consolidam dentro deles. Agora, a meta é revelar os mecanismos que levam os jovens atletas a se dedicarem a um projeto de profissionalização no esporte que os levam também a secundarizar a escola básica.

3.3 O FUTEBOL COMO CARREIRA

Os dados que apresentamos sobre o processo de conciliação entre a profissionalização no futebol e a formação na escola básica nos mostraram até aqui que tanto atletas quanto clube e escola têm grandes dificuldades para estabelecer uma relação harmônica. Se no primeiro momento estabelecemos que o tempo dedicado ao futebol não causava impacto no tempo de permanência na escola, na segunda etapa desse capítulo demonstramos que há características no futebol que criam uma rede de relações, tornando o processo de conciliação da dupla carreira um problema para o clube, para a escola e para o jovem atleta.

Nessa seção, vamos trabalhar os caminhos que os atletas percorreram ao longo de suas vidas para firmar-se no futebol e como eles escolheram e executaram as estratégias para determinar o futebol como uma carreira profissional a ser seguida. Descreveremos a trajetória de 10 atletas que foram entrevistados no ano de 2016 e incluídos no grupo junto ao qual produzimos os dados quantitativos da presente pesquisa. Além disso, ao final da seção buscaremos estabelecer uma relação entre as trajetórias de carreira no futebol, bem como suas estratégias com a categoria de análise definida como tipos ideais.

Todas as entrevistas foram realizadas em local reservado na sede do próprio clube, onde não tivemos a intervenção de qualquer pessoa. Os atletas foram orientados sobre o objetivo da pesquisa e informados sobre a garantia de anonimato. Traçaremos os detalhes dados por eles sobre como a rotina de futebol foi sendo apresentada e o modo como eles a encararam reconhecendo nela uma oportunidade de carreira. Levaremos em consideração que a construção da memória do indivíduo é referenciada pelas condições do presente. Usaremos falas que mostrarão as diferentes histórias de dedicação ao futebol, porém, adiantamos que muitos têm quase que uma origem comum no futebol.

Como já indicamos, o futebol é uma carreira que recruta jovens muito cedo. Não por acaso, os jovens de nossa pesquisa começaram a jogar futebol antes mesmo dos dez anos de idade. Por exemplo, o Atleta 1, goleiro da categoria sub-20, em 2016, mesmo com 17 anos de idade, descreveu como começou a jogar futebol nos campos de várzea em São Paulo. Para ele, o futebol começou nas “peladas”, jogando com seu irmão e quando ele ainda jogava com os pés descalços.

Entrevistador: Como é que foi chegar ao futebol? Como você conseguiu chegar ao futebol?

Atleta 1: Ah! Pelo... Eu consegui chegar no futebol, na verdade, jogando... eu sou goleiro, né? Jogando na linha. Jogando pelada junto com meu irmão. E eu cheguei a... tipo. Eu joguei na linha e era ruim na linha [risos]. E... meu irmão mudou pro gol, e eu fui pro gol. Aí fui gostando, entrei pra uma ONG

[Organização Não Governamental], porque eu moro lá em São Paulo, Paraisópolis, da novela, conhece? [risos]. Lá de Paraisópolis. Aí entrei numa ONG de quadra [futsal]. Fui treinando, e lá fizeram tipo uma seleção. Escolheram os melhores jogadores. E eu fui escolhido. E daí eu fui pro “Fechando o Gol”, que é a escolinha de goleiros do Zetti [ex-goleiro do São Paulo Futebol Clube e da Seleção Brasileira de Futebol], só de goleiros. Fui pra “Fechando o Gol” e de lá eu conheci vários profissionais que trabalha com isso. Tem vários contatos em vários times. E aí eu fui sendo indicado pra todos os times. Pra um time... Comecei na Portuguesa, um time profissional. Ali que eu assinei meu primeiro contrato de formação. De lá, eu... foi aí que eu embalei mesmo. Fui pro São Bernardo. Do São Bernardo fui pro Bahia. Do Bahia, eu vim pra cá [pro clube].

A trajetória do Atleta 1 foi uma das mais preenchidas com diferentes clubes no futebol. Outros atletas não tiveram tantas passagens por clubes no Brasil. O início na carreira é quase comum a todos os atletas. O Atleta 2 contou que também começou em uma escolinha de futebol, em um bairro da zona norte do Rio de Janeiro. Foi conhecendo outras pessoas no futebol. Elas o levaram a fazer testes nos clubes, até chegar ao clube onde está atualmente. Vamos acompanhar um pouco do início da carreira do Atleta 2, a partir do seu relato na entrevista.

Entrevistador: Vou pedir pra você contar como foi sua história [no futebol] até chegar aqui no [clube]...

Atleta 2: Bom! Eu comecei na escolinha, em uma escolinha no bairro onde eu morava, Cordovil, Cidade Alta. E de lá eu fui pro Olaria. Isso normal, né? Na escola, notas boas, porque era bem mais tranquilo, né? Não era a mesma carga horária de treino como é hoje. Aí do Olaria eu fui pro Flamengo, salão [futsal]. Aí do Flamengo, eu vim parar aqui [no clube]. Eu fiquei um ano sem jogar, um período. Aí fiz um teste aqui através do Danielzinho, que ele conseguiu pra mim, porque ele morava no mesmo condomínio que eu. Que eu fui crescendo... Eu não fui crescendo, mas minha família foi arrumando um emprego melhor. Meu pai foi sendo promovido. Aí eu fui morar na Barra. Aí, de lá, eu conheci o Daniel e o Daniel arrumou um teste aqui pra mim. Aí acabou que meus pais... Meu pai foi promovido pra Fortaleza [Ceará]. Aí ele tá lá agora, e eu tive que ficar no alojamento. Aí já é mais tranquilo, porque a escola é perto e é bem mais tranquilo. Fazer trabalho aqui é só falar com o [Funcionário 1]. Tem um apoio melhor. Com meus pais, eles não ficavam em casa, mas cobravam nota, essas coisas.

O início da carreira do Atleta 2 também começou em uma escolinha de futebol. Essa origem é comum aos atletas entrevistados. Muito cedo eles procuram um lugar para jogar futebol. Em diferentes cidades do Brasil, observamos que essas instituições são procuradas, inicialmente, como um meio para praticar algum esporte. Conforme os jovens vão reconhecendo esse esporte como uma oportunidade, conhecem pessoas que lhe abrem portas e, conseqüentemente, acabam adotando o futebol como uma possibilidade de carreira.

O Atleta 3, de Limeira, São Paulo, também começou em uma escolinha de futebol. Mas sua fala inicial vai além da lembrança nessa escolinha de futebol.

Entrevistador: Como você começou no futebol?

Atleta 3: No futebol, você fala no [clube] ou comecei a jogar?

Entrevistador: No futebol...

Atleta 3: Futebol!? [risos] Vice! Desde que me conheço por pessoa, o futebol tá na minha vida. Minha mãe fala ainda que, minha primeira fala, a minha primeira palavra foi bola. Então... [risos]

Entrevistador: Tua mãe fala isso ainda? Tua primeira palavra foi bola...

Atleta 3: Ela falou “sua primeira palavra não foi nem mãe, nem pai, foi bola”.

Observemos que apesar de ter uma origem no futebol comum aos demais atletas, há um traço na identidade desse atleta que ganha força com a memória de sua mãe. Ao dizer ao jovem que sua primeira palavra foi “bola”, não “pai” ou “mãe”, a sua progenitora contribuiu para que o jovem atleta criasse uma identidade a partir do futebol. Como mesmo o Atleta 3 comentou: “desde que me conheço por pessoa, o futebol tá na minha vida”.

O Atleta 4, de Londrina, Paraná. Ocupante da posição no gol atualmente, parece também ter iniciado sua trajetória no futsal jogando nas posições da linha.

Entrevistador: Como é que foi sua entrada no futebol?

Atleta 4: Comecei no futsal com 7 anos. Aí fiquei até os 13 [anos]. E com 13 [anos] eu entrei no clube da cidade, Londrina.

Entrevistador: Essa sua entrada com 7 anos de idade ela foi... um desejo seu?

Atleta 4: Foi.

Entrevistador: E como é que foi essa sua trajetória no futsal?

Atleta 4: No começo meio complicado. Comecei como atacante [risos]. Aí fui pro gol, gostei. Tava indo bem, fui indo bem, ganhando título. Fui subindo. Joguei no [campeonato] Paranaense. Classificando na etapa nacional. E foi subindo.

Outro goleiro da categoria sub-17, também da cidade de Londrina, contou-nos como iniciou sua carreira. Como de hábito, ele não começou a jogar na sua atual posição no futebol. A trajetória desse menino teve início no futsal e gradativamente foi ganhando os campos gramados. Começou muito cedo a jogar nas posições da linha e no futsal. Foi para o gol por indicação do seu pai e de lá não saiu mais. Até o momento, vimos que os goleiros têm quase que uma história igual, salvo algumas particularidades de origem e da cidade onde nasceram: sempre começaram a jogar na linha. O relato do atleta 7, indica certa semelhança com os relatos anteriores:

Entrevistador: Como é que foi sua história no futebol? Como você começou e tal?

Atleta 7: Então... comecei jogando no clube, na minha cidade, Arel, que eu jogava futsal. Comecei com 6 anos. Aí jogava de ala esquerda, fixo às vezes. Aí, com 7 anos, eu virei goleiro. Por indicação do meu pai. Aí eu gostei. Aí eu fiquei só sendo goleiro, só sendo goleiro. Aí com 12 anos, eu fui pro campo. Aí eu fiz teste no PSTC, que eu tinha feito um esquema lá, eu e meu pai, tinha feito um esquema pra treinar, pra jogar no outro ano. Só que os caras não me aceitaram. Aí eu parei de treinar lá e fui treinar no Greminho. Aí no Greminho eu fiquei um ano, até 13 [anos]. Aí, 13 pra 14 [anos], quando eu fiz 14 anos

eu fui pro Londrina. E lá eu fiquei um ano também, um ano e meio por aí. E... de lá eu vim pro [clube].

A história do Atleta 5 já se mostrou um pouco diferente das que foram apresentadas até aqui. Para iniciar, ele se mostrou bastante ansioso no momento da entrevista. Logo no início foi comentando quase toda sua trajetória de forma resumida, comparando a rotina de escola com a rotina de treinamento e competições. Isso após o entrevistador explicar o objetivo da pesquisa e os procedimentos éticos. Com o tempo, ele foi se acalmando e delimitando melhor os espaços de sua memória, construindo uma trajetória interessante entre os entrevistados. Jogador da categoria sub-17, vindo do Ceará, contou-nos que começou no futebol por influência da sua mãe.

Entrevistador: Como foi tua entrada no futebol? Como você chegou ao futebol? Como você pensa o futebol?

Atleta 5: Tipo assim: no começo, foi muito minha mãe. Ela jogava bola também. Ela foi jogadora bastante tempo. Aí, com 5 anos, ela me levou pra escolinha [de futebol]. Tipo... já virou paixão já. Não me importo se seja por dinheiro. Eu jogo porque eu gosto. E... desde os 5 anos eu jogo bola. E ano passado eu tive a oportunidade de vir para o [clube]. Muito boa, né? Em agosto, eu cheguei aqui no [clube]. Aí assinei meu contrato já, Graças a Deus! Tô aí, né?

O início da carreira do Atleta 5 está atrelado ao fato de a sua mãe ter sido jogadora de futebol. Mas o destaque que vamos dar a essa história é o modo como ele encara essa profissão. Percebam que ele menciona o futebol como paixão, algo que ele cultivou logo no início, quando começou a jogar com 5 anos de idade na escolinha. Chegou a citar o fato de não jogar pelo dinheiro, mas, sim, porque gosta. Esse modo de encarar a carreira no futebol traz à tona o fascínio que esse esporte desperta nos jovens atletas dessa modalidade. Em muitos casos, é esse sentimento, essa emoção que limita a percepção dos atletas sobre as oportunidades para a exequibilidade do projeto de carreira no futebol.

Deixemos as análises sobre a forma como os atletas lidam com a sua percepção sobre as oportunidades de cumprir as metas no futebol para as páginas posteriores. No momento, focalizaremos apenas o modo pelo qual os jovens atletas da pesquisa chegaram ou iniciaram sua carreira no futebol. O Atleta 8 é de Brasília, Distrito Federal. Sua história começou quando seu pai o levou para participar de uma escolinha de futebol. Os treinos eram normais, sem qualquer pretensão de profissionalização logo no início. Com o tempo, todavia, pai e filho passaram a levar essa rotina de treinamentos na escolinha mais a sério. Foi daí que surgiu a oportunidade de fazer um teste no Bahia, clube que já fez parte da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol e um grande clube do Brasil.

Entrevistador: Como que você chegou ao futebol? Como foi sua trajetória até chegar ao [clube]? Queria que você contasse um pouquinho sobre isso...

Atleta 8: Ah! Eu... Eu comecei em uma escolinha lá em Brasília. Eu sou de Brasília. Aí meu pai foi e botou eu em uma escolinha. Aí eu fui treinando, treinando... Aí meu pai foi levando a sério, eu fui levando mais a sério. Aí eu fui pro Bahia fazer um teste, em 2011. Aí eu passei, fiquei lá até 2013. Aí o [clube] teve interesse, me chamou pra cá. Aí eu tô aqui [no clube] desde 2013.

Sobre o Atleta 6, da categoria sub-15, morador de Niterói, do bairro Piratininga, Rio de Janeiro. O início da sua trajetória no futebol aconteceu aparentemente ao acaso. Segundo ele, ao jogar “pelada” no campo próximo a sua casa, com seus vizinhos, um homem o teria visto e gostado do seu futebol. Assim, esse rapaz o convidou para fazer parte de sua escolinha e isso foi um passo para que ele tivesse a oportunidade de participar da seleção no clube onde atualmente joga futebol.

Entrevistador: Queria saber como você chegou ao futebol?

Atleta 6: Ah! Lá onde eu moro tem um campo. Aí eu jogava lá com uns moleques que moram lá. Aí um cara lá me viu jogando. Aí eu comecei a treinar com ele. Aí de lá ele me trouxe pra cá [para o clube]. Aí até hoje eu tô aqui [no clube].

O jovem Atleta 9 começou também a jogar futsal na quadra, muito cedo como lembrou. Segundo sua narrativa, ele lembra do início da sua trajetória no futebol como se fosse algo atual. Ele pouco sabia o que era futebol, apenas acompanhava pela televisão algumas partidas. Porém, foi a iniciativa de um amigo seu, na infância, que o fez insistir para que sua mãe o levasse para participar de um treinamento ainda na quadra. Desde então ele não parou. Assim como os demais atletas apresentados até aqui, sua trajetória no futebol começou precocemente. Ele, do interior de São Paulo, hoje reside no alojamento do clube do futebol carioca.

Entrevistador: Como que foi a tua entrada no futebol?

Atleta 9: Bom! Eu jogo bola desde os meus 6 anos de idade. E um dia eu tava em casa – eu era bem pequeno, eu lembro como se fosse ontem – que... um amigo meu foi jogar bola. E eu até então nunca tinha conhecido o futebol. Aí fui, insisti com minha mãe pra me levar num treino, fui no primeiro treino e depois não parei mais. Comecei no futsal, dos 6 aos 12 anos. Aí aos 12 anos eu fui pro campo. E estou até hoje.

O Atleta 10 é de Cabo Frio, Região dos Lagos do Estado do Rio de Janeiro. Ele começou a jogar em uma escolinha, vinculada a um projeto social. Nesse período, a sua rotina de competições com essa escolinha era restrita aos torneios da região. Segundo ele, como o projeto social tinha vários núcleos espalhados pelas cidades da Região dos Lagos, era comum os professores desses núcleos participarem de um campeonato ou formarem jogos amistosos entre as suas equipes. Fazendo com que houvesse algum grau de vinculação desses meninos com o projeto que participavam. A atuação desse menino no projeto social o levou a ter uma

oportunidade de participar da seleção no clube onde a pesquisa foi realizada. Porém, embora tenha passado nos testes, ele não permaneceu de imediato, porque estava no final do ano e o clube já estava com o número de jogadores na categoria no limite, fazendo o Atleta 10 adiar sua entrada nas categorias de base no futebol.

Entrevistador: Você começou a jogar bola como?

Atleta 10: Acho que foi minha mãe que me levou pra uma escolinha pra eu ir treinar. Acho que eu tinha 7 ou 8 anos, acho que foi isso.

Entrevistador: Mas [a escolinha] era vinculada a algum clube?

Atleta 10: Não. Era de um projeto que tinha lá SEEDUC.

Entrevistador: Você lembra como você começou a jogar bola?

Atleta 10: Lembro. Ah! Minha mãe me levou lá [na escolinha], aí eu comecei a treinar assim. Aí fui indo. Disputando competição. Tinha campeonato.

Percebam que a apresentação dos jovens atletas entrevistados encontrou um certo padrão para o ingresso deles nas rotinas de treinamento. Vimos que há uma variação entre a origem desses meninos: três jovens são do Rio de Janeiro, três, de São Paulo, dois de Londrina, estado do Paraná, um, de Brasília e um, do Ceará. Apesar da variação dos estados de origem, todos tiveram seu primeiro contato com o futebol muito cedo, antes mesmo dos 10 anos de idade. Além disso, todos tiveram alguma participação em escolinhas de futebol, sejam elas privadas, vinculadas a clubes de futebol ou não, ou fruto da organização de um projeto social.

Essa forma de iniciar a carreira no futebol parece mais comum do que se imagina. Pensemos que esse padrão de comportamento dos atletas em formação pode ser uma tendência atual. Antes de iniciar nas categorias de base no futebol, as escolinhas vêm desempenhando um papel que antes poderia ser restrito às chamadas peneiras. Elas se caracterizam como uma passagem para quem deseja um dia alcançar as categorias de base do futebol. Podemos sugerir que as escolinhas de futebol iniciam o processo de treinamento e disciplinamento dos jovens para que um dia eles vislumbrem a carreira no futebol como uma oportunidade de sucesso.

Diante das apresentações dos atletas entrevistados, daremos prosseguimento à descrição dos dados das entrevistas, mas agora com a intenção de revelar as formas como os atletas criaram as expectativas de permanência e profissionalização no futebol, ou seja, como eles traçaram suas táticas para alcançar o objetivo na carreira de se tornar um profissional de sucesso no futebol. Analisaremos como essas escolhas se vinculam ao modo por meio do qual esses atletas associam o futebol a uma ferramenta de profissionalização. A partir daqui, mostraremos a história da trajetória de cada atleta no futebol e o processo que os levou a definir a profissionalização no futebol como o seu objetivo de vida.

O que podemos adiantar é que o processo de profissionalização no futebol foi ganhando parceiros e nomes que deram oportunidades para que esses jovens atletas não só estivessem no

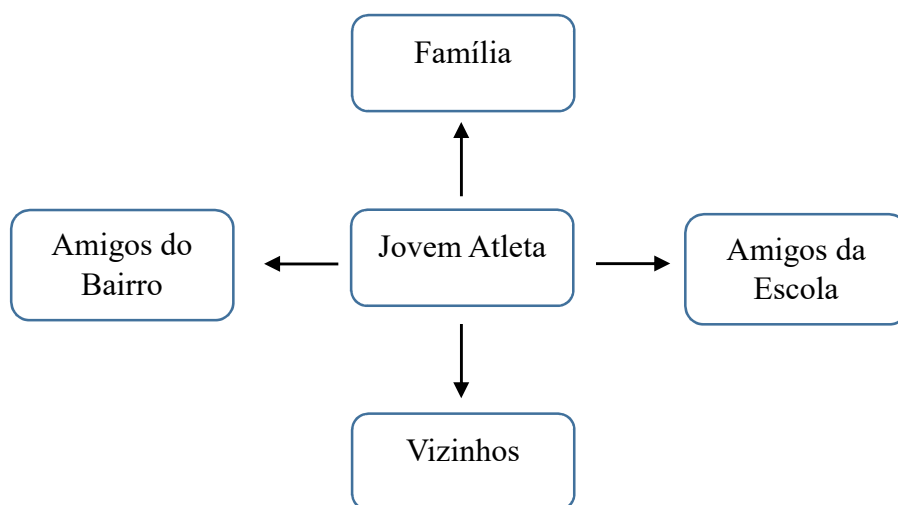
atual clube, pretendendo a profissionalização, como também permitiram a sua permanência no futebol. Apesar da escolha a fim de insistir no projeto de carreira, não podemos deixar de admitir que essas escolhas só são possíveis em um contexto em que elas surjam como oportunidade exequível. É o desafio presente em uma sociedade complexa, onde vários nichos e tribos convivem no mesmo espaço, mas nem sempre são complementares. A partir da fala dos atletas, organizaremos a transcrição de suas histórias a partir das relações que vieram construindo ao longo da vida que os permitiriam perseguir o objetivo de se tornar jogador de futebol profissional.

A construção de uma rede de socialização e o modo como essa rede permite uma troca de influências foram definidas como uma importante categoria de análise dos nossos dados. Como afirmamos em nossa hipótese, o capital social aparece como uma das variáveis do núcleo comum que influenciam tanto o esporte quanto a escola. Não só aqui, mas também na seção sobre o futebol, apresentaremos aquilo que vamos entender como elaboração e uso das redes sociais para conquistar um objetivo almejado. Trataremos do assunto novamente na seção referente aos dados escolares. Neste ponto, apresentaremos uma singela definição acerca do como vamos encarar essas redes de relações e troca de influências para a consolidação do projeto de carreira voltado para o futebol profissional.

Entendemos a construção das redes sociais como uma característica muito presente na formulação do projeto de carreira do indivíduo. A partir da intrincada e complexa rede de relações, possível de ser construída ao longo da vida, o indivíduo permitir-se-á observar canais para ampliar seu horizonte de oportunidades. Por exemplo, existe a possibilidade e é provável que haja talentos para o futebol espalhados Brasil afora que não tiveram e não terão as mesmas oportunidades que os jovens atletas entrevistados por nós para ingressar nesse mercado profissional. Além disso, sabe-se que os atletas atribuem quase sempre a terceiros a sua apresentação ou sua entrada no mercado profissional do futebol.

É nessa razão que vamos usar Bott (1976) como referência para nos ajudar a interpretar como os jovens atletas construíram e usaram as redes de relação e os laços afetivos que cultivaram nelas para satisfazer ou elaborar seu projeto de formação profissional no esporte. Em resumo, vamos usar dois conceitos: 1) o conceito de rede social e suas malhas; 2) o conceito dos laços. Ilustrativamente, podemos explicar o conceito de rede social usando a analogia da ideia de rede, o objeto, ou teia. Pensemos que o núcleo da rede social do atleta é ele próprio e imaginemos uma linha que o vincula a outras pessoas, como as da família, amigos da escola, amigos da vizinhança, etc. Cada linha, representa o vínculo que o atleta tem com as demais pessoas ilustradas no esquema: um laço.

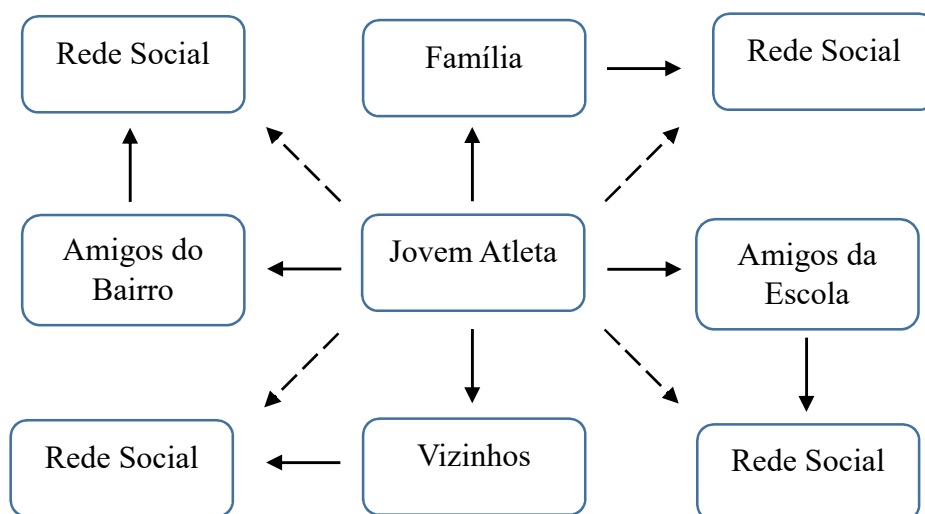
Ilustração 1.



A Ilustração 1 mostra como podemos definir de modo simples o que seria a configuração de uma rede social. Claro que estamos resumindo a característica individual às instituições, como família, amigos da escola, do bairro e vizinhos. Mas podemos entender também que cada instituição é construída por indivíduos e que a forma de representar a rede social do jovem atleta poderia ser composta por muito mais quadros. Outra forma que usamos para representar os laços na rede social são as setas. A seta contínua vamos utilizar para representar os laços em que os jovens estabelecem não só uma relação simples de troca de conversas e intimidades, mas uma relação mais complexa, onde há também troca de influências.

No esquema que ilustramos, estão praticamente as primeiras pessoas com as quais o indivíduo estabelece alguma relação. Quase uma primeira rede de socialização do indivíduo. Todavia, cada quadro no esquema possui seu próprio conjunto de indivíduos e redes. Na Ilustração 2, que representaremos logo adiante, vamos indicar as redes de relações dos amigos do jovem atleta. Vamos usar também uma outra definição de laço para classificar na rede social do jovem atleta. A seta tracejada definirá uma relação simples entre indivíduos, onde há somente um pequeno vínculo entre eles e não há troca de influências.

Percebam que a troca de influências é o que pode permitir a um indivíduo ampliar seu campo de possibilidades ou conjunto de oportunidades às quais ele terá acesso. Porém, antes de chegarmos a qualquer conclusão, devemos deixar claro que as relações em uma sociedade complexa e contemporânea não são tão simples quanto os esquemas representativos que estamos utilizando. Essas ilustrações nos servem apenas para classificar os conceitos que serão úteis a fim de descrever os dados sobre como os jovens atletas pensaram, articularam e construíram seu projeto individual de carreira voltado para o futebol.

Ilustração 2.

Observemos na Ilustração 2 que os atletas podem ter, de algum modo, alguma relação com a rede social daqueles que fazem parte da sua própria. Não necessariamente, essa relação terá a força ou a forma que a relação dele com sua rede social primária. No esquema que sugerimos acima, representamos a relação dos jovens atletas com a rede social dos seus próprios amigos com a seta tracejada. Definimos que essa forma de representar a relação entre eles é a maneira que temos de mostrar que as formas de se relacionar são diferentes. Se a seta contínua representar uma relação forte em que há também troca de influências. A seta tracejada mostra que a interação entre esses indivíduos é pequena e limitada ao conhecimento e restrita a encontros casuais, conversas ou qualquer coisa que não envolva troca de favores.

Nas duas ilustrações que mostramos, representamos o conceito de rede social, no qual podemos sugerir uma metáfora usada por Bott (1976), como sendo algo como uma malha em que os nós podem ser estreitos e fechados ou frouxos e abertos. Na definição da autora, uma rede social pequena e restrita, mas com nós estreitos (malha estreita) pode limitar as oportunidades a um conjunto que já é experimentado por aquele grupo. Embora o campo de possibilidades ou conjunto de oportunidades fiquem limitados dentro desse grupo, a malha estreita permite a criação de uma rede entre os indivíduos fortemente marcada por mecanismos de solidariedade.

Os indivíduos, por outro lado, podem conhecer e formar vínculos com outras pessoas, pertencentes a outros grupos sociais. A expansão da rede social, criando relações não tão profundas, deixando os nós das malhas espaçados configura uma rede de malha frouxa. Há uma vantagem em estabelecer uma rede social ampliada e variada, mesmo que os laços entre os indivíduos não sejam tão fortes. Segundo Bott (1976), uma rede de malha frouxa permite ao indivíduo uma ampliação do seu horizonte de oportunidades, ainda que os laços estabelecidos

nessa rede social não tenham os mesmos mecanismos de solidariedade percebidos nas redes de malha estreita.

Um exemplo de como pode funcionar o esquema de redes sociais e os tipos de laços ou vínculos estimados por elas estão em Velho (2003). O autor citou um exemplo de como imigrantes portugueses estavam tentando se integrar à sociedade em Boston e adjacências. Explicou que as primeiras gerações de imigrantes portugueses tinham muita dificuldade para formar vínculos com os nativos da cidade. As consequências dessas dificuldades foram bem ruins: enquanto homens trabalhavam em atividades manuais e pesadas, as mulheres ficavam em casa, cuidando da família e sofriam tédio nas rotinas monótonas. Foram incontáveis os números de relatos que diziam que alguns desses homens ficavam incapacitados ou morriam em acidentes no trabalho e havia casos de mulheres com distúrbios mentais causados pela monotonia. Em contrapartida, os filhos dos imigrantes portugueses em Boston procuravam estabelecer vínculos com os nativos locais e assumiam traços das identidades deles, facilitando sua adaptação às novas condições de vida.

A noção das redes sociais e do modo como os laços operam entre os indivíduos irá nos ajudar a contar a história dos jovens atletas investigados, focalizando o modo pelo qual eles formaram seu projeto de carreira e tomaram a decisão de prosseguir no futebol e deixar o plano escolar como plano de fundo. A partir dessa descrição, vamos nos ater aos meios usados pelos jovens atletas para chegar ao futebol e almejar a carreira profissional. Não obstante, usaremos as mesmas estratégias na descrição dos dados sobre o processo de escolarização desses jovens atletas. Entendemos que isso facilitará acompanhar a apresentação e a análise dos dados levantados na pesquisa de campo.

3.3.1 O projeto individual de carreira do jovem atleta

“O Futebol como carreira” é um título sugestivo do modo como vamos tratar essa seção. Como já havíamos adiantado, estamos lidando com jovens atletas que encaram de fato o futebol como objetivo de vida. Essa assertiva se torna importante para definirmos como a percepção das estruturas de oportunidade no futebol pode influenciar o modo como esses jovens atletas elaboraram seu projeto de carreira voltado para o esporte. Apresentamos o dado de que os atletas tiveram, de algum modo, uma referência que os encaminhou tanto para o futebol quanto para o atual clube no qual investem em uma carreira nesse esporte. E diante desse quadro, vamos começar a descrição dos dados sobre o projeto individual do jovem atleta a partir dos relatos do Atleta 1.

Como citado anteriormente, o Atleta 1 nasceu em Paraisópolis, bairro favelizado da zona sul da cidade de São Paulo, e foi criado basicamente pela mãe e pela avó. Começou a jogar futebol nos campos de várzea próximos à sua casa. Não muito diferente do seu irmão, que jogava junto com ele, o Atleta 1 iniciou jogando na linha. Todavia, não tinha tanta habilidade com os pés quanto tinha com as mãos. Saiu dos campos de várzea para uma Organização Não Governamental (ONG), chamada de Filhos de Paraisópolis. Até hoje o Atleta 1 tem contato com essa ONG, quando volta a sua casa para visitar os familiares. Seu propósito ao manter certo vínculo com essa instituição do terceiro setor da economia é ajudar os antigos parceiros. Ajuda como pode, conversando com os meninos, que o têm como uma referência, motivando-os.

Quando saiu da ONG, o Atleta 1 já tinha um destino: a escolinha de goleiros do ex-goleiro da Seleção Brasileira e do São Paulo Futebol Clube, Zetti. Lá ele teve dificuldades no início para se adaptar ao futebol de campo, pois começara a jogar na quadra. Mas foi se destacando. Ganhou uma bolsa que o isentou da mensalidade por 8 meses e assim foi permanecendo na escolinha. Observemos o relato do Atleta 1 sobre sua trajetória na escolinha de goleiros do Zetti.

Entrevistador: Então assim: você saiu da ONG, teve um processo seletivo, uma minipeneira, vamos dizer assim e você foi para o clube do... pra escolinha do Zetti, escolinha de goleiros do Zetti. [...] E como é que foi sua entrada lá no clube do Zetti? Com quantos anos você começou na escolinha do Zetti?

Atleta 1: Eu comecei com 13 anos.

Entrevistador: E como que foi sua entrada lá? Seu processo de adaptação...

Atleta 1: Na verdade, eu não sabia muita coisa de campo. Por causa que a gente treinava na quadra e eu tive um pouco de dificuldade de começar a treinar no campo. Pegar as coisas. Mas a parte de pegar rápido as coisas foi... Eu sou muito rápido de pegar as coisas e foi passando. E tipo: lá é pago e eu ganhei uma bolsa de 8 meses lá. Aí eu fui, fiz essa bolsa de 8 meses e quando acabou, eles me chamaram na sala e falou que essa bolsa tinha acabado, mas que era pra eu falar com o treinador. O treinador que tava dando treino pra mim, por causa que ele tinha muito contato. Eu falei com ele, ele me indicou pra outro treinador. E o outro treinador me indicou pra Portuguesa.

Após passar 8 meses na escolinha de futebol do Zetti, o Atleta 1 começou a jogar em um clube tradicional de São Paulo. Antes, quando ainda não havia passado pela escolinha do Zetti, ele havia participado de uma competição em Águas de Lindóia, em Minas Gerais, que ele julgou como sendo pouco produtiva, pois considerou ter atuado mal. Todavia, foi nessa competição que ele foi selecionado como um dos melhores do campeonato e foi chamado pela escolinha de futebol do Zetti. A partir daí ele começou a treinar com especialistas no futebol de campo. Acrescentou que tem certa habilidade para captar rapidamente o que é passado. Essa

passagem pela escolinha de futebol do Zetti o levou para a Portuguesa. Foi nesse clube que assinou seu primeiro contrato de formação.

Entrevistador: E como foi essa experiência na Portuguesa?

Atleta 1: Foi bem melhor, por causa que eu tava treinando muito com os goleiros que já tinham conhecimento do campo. E eu fui pegando bastante experiência. E tem até um goleiro que eu treinei com ele, ele tá no São Paulo agora. Pegou Seleção de base, essas coisas. E eu peguei muita experiência com esses. Que eles eram mais velhos – eu tava treinando com os mais velhos também.

Entrevista: E essa experiência na Portuguesa: você chegou lá com 14 pra 15 anos e como foi o processo de adaptação? A rotina de competição? A rotina de treinamento?

Atleta 1: Foi bastante difícil, porque eu cheguei lá e já tinha outros goleiros da minha idade. Tinha uns 3 goleiros. Mas eu... eu continuei e... fui pra outra competição lá em Porto Alegre e fiquei no banco também, mas bastante aprendizado eu peguei nessa competição assim.

Entrevistador: [...] Você saiu da Portuguesa e foi pra onde?

Atleta 1: Da Portuguesa eu saí... e fui pro... se eu não me engano, eu fui pro Audax.

Entrevistador: [...] Você saiu por qual motivo da Portuguesa?

Atleta 1: Da Portuguesa eu saí, porque eu assinei um contrato de formação com eles de 1 ano... 1 ano e alguns meses. E nesse 1 ano eu não recebi minha ajuda de custo. E... como eu tenho uma família muito... de renda baixa. Não tinha como eu ir todo dia pro treino, por causa que eu morava em Paraisópolis, que é na Zona Sul e pra chegar no CT [Centro de Treinamento] da Portuguesa, eu tinha que pegar 2 ônibus, 1 metrô, 1 trem e não tinha dinheiro pra eu tá indo treinar. Por causa que era todo dia e minha mãe não tava dando conta de bancar e dar dinheiro pra casa. E com isso eu tive que sair da Portuguesa, porque eles não tavam dando a ajuda de custo. Até hoje eu não recebi essa ajuda de custo. Desde um ano que eu assinei. Aí eu tive que sair. Pedi minha dispensa e procurei outro clube. E esse treinador, que me indicou pra Portuguesa, ele me indicou pro Audax também.

O Atleta 1 saiu da Portuguesa, um tradicional clube de São Paulo, pois não tinha condições de continuar arcando com os custos de deslocamento entre sua residência e o local de treinamento. Podemos pensar que o tempo de deslocamento também deveria ser um empecilho a mais para ele. São Paulo é conhecida por conta dos enormes congestionamentos no trânsito e ele tinha que pegar 2 ônibus, 1 linha de metrô e 1 linha de trem para chegar ao Centro de Treinamento da Portuguesa. E mesmo assinando contrato de formação ou de aprendizagem, como descreve a legislação, tendo um deslocamento longo e demorado, não houve uma sensibilização do clube para arcar com seus compromissos. Por esse motivo, o atleta decidiu abandonar os treinamentos e buscou auxílio no mesmo treinador que o havia indicado para a Portuguesa. De lá, ele seguiu para o Audax, um clube de empresários que vem ganhando destaque nas competições de base e no campeonato estadual de São Paulo.

Apesar de ter passado um ano com contrato de formação assinado na Portuguesa, o Atleta 1 comentou que preferiu não acionar o clube na justiça para requerer os direitos

adquiridos pelo contrato que não foi cumprido pelo clube. A escolha por não acionar o clube juridicamente não foi explicada. Ele simplesmente decidiu partir para a próxima investida. O Audax foi indicação do mesmo treinador que o indicara para a Portuguesa. Mas, embora possamos pensar que ele tenha tido acesso facilitado no clube, não foi essa a realidade que o Atleta 1 teve que encarar. Segundo ele, a sua chegada ao Audax dependeu de mais uma seleção, mais uma peneira e com número grande de atletas. A quantidade de jovens pretendendo ingressar no Audax não o assustou e ele foi o único aprovado nessa nova seleção.

Entrevistador: E como é que foi lá no Audax?

Atleta 1: No Audax, eu... também cheguei a passar no Audax pelo teste, por uma peneira que teve de... com uns 300 atletas. O único que passou fui eu. Goleiro. E... Aí eu fui pra lá, continuei treinando, mas eu lesionei o dedo. E eles me mandaram pro DM [Departamento Médico]. E eu fiquei no DM. Daí surgiu uma oportunidade no São Bernardo e eu fui pro São Bernardo. Eu pedi minha liberação e fui pro São Bernardo.

O Audax não ficou muito tempo na vida do Atleta 1. O fato de estar no Departamento Médico do clube para curar uma lesão gerou alguma insatisfação no atleta que preferiu sair e assumir outra oportunidade no São Bernardo, clube também de São Paulo. Essa chance de jogar nesse clube do ABC paulista também foi conseguida através do tal treinador de goleiros que levou esse atleta para a Portuguesa e Audax anteriormente. Da mesma maneira do Audax, o São Bernardo não escreveu muitas linhas na história do jovem Atleta 1. De lá ele seguiu para o Bahia, onde, pela primeira vez, se viu longe da família. A distância da família foi um dos principais obstáculos enfrentados pelo Atleta 1 na sua trajetória pelo futebol. Criado pela mãe e pela avó, ele contou que a adaptação longe de casa foi bastante difícil. Um evento familiar o fez deixar o Bahia.

Entrevistador: E aí conta a história do Bahia agora...

Atleta 1: [risos] Aí, no Bahia, eu fiquei lá por causa que eu fui passar as férias lá na Bahia. Cheguei lá e... minha família é quase toda de lá. Quem está em São Paulo é só minha mãe, meu pai. Fui pra Bahia, fiquei no Bahia. Cheguei lá, tive bastante aprendizagem também. Muito. Todos os lugares que eu passei tive bastante experiência. E de lá, teve o acontecimento do falecimento da minha avó, aí eu tive que voltar [pra São Paulo]. Aí eu voltei, não avisei nada pra eles [do Bahia]. E... um cara que eu conhecia, é empresário. Ele... aí eu falei com ele que não ia voltar pro Bahia, porque minha avó tinha falecido. E aí queria ficar aqui [em São Paulo] com meus pais. E... aí ele falou: “Não, tudo bem”. E tinha um jogo, um jogo no interior, junto com um time que ele [o empresário] faz, um time que ele tem. E eu entrei em contato com ele. E falei “Naldo, você tem algum time pra me levar? Porque eu não vou voltar pro Bahia.” Ele falou: “Não. Vamos pra esse amistoso e a gente vê como você vai. Porque eu tenho um parceiro aqui que é agente. Se ele gostar de você, ele manda você pra qualquer clube.” E eu falei: “Tudo bem”. Aí eu fui pra lá [pro amistoso]. Fui bem. E o agente gostou de mim. Imediatamente ligou pro [clube].

Percebam que as experiências, acumuladas pelo Atleta 1 no futebol, foram sempre articuladas por outras pessoas. Porém, verificamos o seu protagonismo na sua própria história. Por mais que esse esporte possa ter um mercado restrito para atuação de atletas, é necessário que eles também tenham ligações com pessoas a fim de poder ampliar seu leque de oportunidades. Nesse cenário, não podemos dizer que o Atleta 1 tenha sido passivo na construção de sua carreira. Além de ter que atuar bem e treinar bastante para garantir sua passagem pelos processos seletivos que enfrentou, ele ainda tomou a decisão de entrar em contato com sua rede de relações que possibilitou viver muitas experiências nesse esporte. Foi assim que chegou no clube onde está agora. Foi dessa forma que as oportunidades de profissionalização foram sendo criadas.

Ao retornar do Bahia, o jovem atleta ligou para um empresário que lhe havia sido indicado por um colega que conheceu quando ainda estava no São Bernardo. Apesar de ter passado um ano sem entrar em contato com esse empresário, ele tomou a decisão de ligar e se oferecer para fazer um teste. Esperou a oportunidade e a agarrou quando surgiu. O empresário o havia levado para uma seleção, a qual estava sendo realizada nesse amistoso, entre o clube que o empresário montou e o Atlético Sorocaba. Essa seleção tinha duas vias: ou o atleta poderia ser aproveitado pelo Atlético Sorocaba ou poderia firmar um contrato com esse empresário. O Atleta 1 foi aprovado em ambos os casos. O Atlético Sorocaba deixou de ser opção, porque, para o Atleta 1, a ajuda de custo é muito importante.

A partir do momento em que assinou o compromisso com o atual empresário, ele prontamente o levou para o clube onde estamos realizando a pesquisa. É esse o clube que o Atleta 1 considera como o mais acolhedor e o que lhe ofereceu mais oportunidades para jogar. Por exemplo, mesmo tendo passado por uma situação complicada dentro do clube, onde a mídia televisiva o responsabilizou por uma desclassificação na Copa do Brasil da categoria sub-17, em 2016, o Atleta 1 não se sentiu desamparado pelo clube. Pelo contrário, ele teve várias oportunidades de continuar jogando tanto na sua categoria, quanto na categoria sub-20. A isso, o Atleta 1 atribuiu ao clube a característica de não descartar os atletas que por ventura cometem erros nos jogos. Ao contrário, o clube dá o suporte necessário para que o atleta continue trabalhando com tranquilidade. Diante disso, conversamos sobre a posição de goleiro e como o Atleta 1 enxerga as possibilidades de profissionalização no futebol.

Entrevistador: Como você percebe as oportunidades pro goleiro dentro desse processo todo de formação que você é constantemente avaliado?

Atleta 1: Eu... na verdade, eu acho cruel, né? A vida de goleiro, que o goleiro leva, porque é muito pouca oportunidade, muito goleiro. Ainda mais num clube grande como o [clube], que... chega... todo dia chega goleiro pra fazer teste, né? E é muito difícil levar essa vida que a gente leva longe de casa. Faz

uns 2 meses que eu não vou pra casa. E eu moro em São Paulo. Tem goleiro que mora lá em Mato Grosso que vai e volta pra casa só no final do ano. E eu acho que é muito difícil pra gente, também. Longe da família. E essa oportunidade que a gente tem [de jogar em um grande clube] é muito difícil de aparecer. Mas conforme você vai trabalhando ela... ela... eu tenho certeza que ela [a oportunidade] aparece com o seu trabalho. Porque o [clube] dá oportunidade pra todos os goleiros. Pra mostrar o trabalho que você tá realizando dentro de campo. Pra ver se você tem potencial de estar no [clube]. E eles dão bastante oportunidade pra gente. E assim que aparecem as outras oportunidades, subindo... subindo degrau por degrau. E as metas que eu tenho, na verdade, chegar no profissional do [clube] e ir pra Seleção principal.

Como podemos notar, apesar das dificuldades que os goleiros têm no dia a dia de treinamento, o Atleta 1 acredita fielmente que as oportunidades no futebol aparecem para aqueles que se esforçam e mostram o trabalho dentro de campo. O esforço individual é discurso válido para quem no cotidiano enfrenta a rotina de treinar quase que em particular e sofre as cobranças de ser o último homem que separa a bola do gol. Vimos que o Atleta 1 tem um desejo se tornar profissional não só no clube onde atua e busca aproveitar todas as chances que têm, mas ele pretende também defender as cores da Seleção Brasileira de Futebol. Não estamos falando de um sonho, mas, sim, de uma meta na carreira.

Mantendo a linha de narrativa com os goleiros entrevistados, vamos descrever agora como o Atleta 7 admitiu o futebol como uma oportunidade de carreira e as estratégias adotadas por ele e sua família para que esse projeto fosse colocado em curso.

O Atleta 7 é nascido no Paraná, em Londrina, para sermos específicos. Passou por alguns clubes no estado de origem. Como todos os goleiros entrevistados, ele não começou no gol. Segundo ele, a tomada de decisão sobre o ir para o gol se deu sob a influência do seu pai, ex-goleiro que sofrera um acidente de moto e teve que abandonar o esporte.

Essa influência paterna foi nítida ao longo de toda a entrevista: a todo o momento, o Atleta 7 recordava como seu pai era o principal apoiador. Para termos uma ideia, foi seu pai quem propôs a criação de uma página no *Facebook*, onde posta a carreira do filho. No início, o Atleta 7 relatou que achava estranho e que isso não daria certo. Mas, como foi através da página que ele conseguiu algumas oportunidades no futebol, a página está mantida até hoje, sendo alimentada regularmente por seu mentor.

Entrevistador: Como é que foi essa transição... desde quando você recebeu a proposta, como você recebeu a proposta e como foi a transição do Londrina pro [clube]?

Atleta 7: Então, a proposta eu recebi, porque meu pai – ele ficou insistindo muito comigo também – então ele criou uma página minha no Facebook. Aí, ele tinha criado [a página] e tipo: eu não tava achando que ia dar em nada. Aí eu peguei e coloquei uns vídeos no Youtube também, coloquei 2 vídeos. Aí o [treinador], que é o treinador aqui do sub-15, viu o vídeo no Youtube. Aí ele

[o treinador] pesquisou no Facebook e entrou em contato com meu pai. Aí, mandou o contato do Bolinha. Aí eu vim pra cá e fiz duas semanas de teste.

Entrevistador: [...] E aí como foram essas duas semanas [de teste]?

Atleta 7: Foi... pesada. Porque eu não tava acostumado com o ritmo. Porque aqui o ritmo é bem diferente do Londrina. Bem mais intenso, essas coisas. O treino dura bem mais também.

O Atleta 7 contou que a criação da página no *Facebook* foi algo que lhe gerou constrangimentos. Os colegas da escola brincavam pelo fato dele ter uma página apostando na carreira no futebol. Ele chegou a comentar sobre esse fato e chegou a pensar em desistir da página por conta das brincadeiras dos amigos. Mas seu pai insistiu e ele manteve a página no ar. Se a tivesse excluído, talvez não tivesse tido a oportunidade de jogar no clube onde está hoje. Embora tenha lhe trazido o transtorno de aturar as brincadeiras dos amigos, decidiu apostar na confiança do seu pai. Ambos, com o plano de tornar o Atleta 7 um jogador de futebol, apostaram na tecnologia para fazer com que essa meta fosse concretizada.

A criação da página no *Facebook* não fez com que o Atleta 7 transitasse diretamente para o clube onde joga. Ele foi submetido a um período de duas semanas de testes e avaliações, quando percebeu que a rotina de treinamento no clube carioca era bem mais intensa que no clube de Londrina. Os testes no clube do Rio de Janeiro não foram os primeiros. Na verdade, ele havia passado por outros testes no Paraná. Houve um caso em que ele não fora aprovado. E a história foi contada assim:

Entrevistador: Nessas saídas de um clube pro outro, como que foi assim... quem escolheu? [...] Teve algum processo de seleção? Alguma coisa assim, tipo: peneira?

Atleta 7: Não, não. Só no PSTC.

Entrevistador: E como que foi essa peneira?

Atleta 7: A peneira? É que tipo: não foi bem uma peneira. É que eu tinha conversado com o meu pai. Eu tenho um amigo lá dentro [no PSTC]. Aí ele [o pai do Atleta 7] tinha conversado com o cara e o cara tinha conversado com os treinadores lá. Aí ia treinar lá durante esse ano pra jogar no outro ano. Aí, teve uma peneira, que tava faltando um goleiro. Aí me chamaram só pra completar. Aí nessa peneira eu não passei. Aí os caras falaram que eu não ia passar. E no outro dia eu já fui treinar lá. Aí o treinador veio e começou a falar comigo. Aí eu expliquei pra ele a situação. Aí ele falou que não tinham avisado nada pra ele.

Entrevistador: O treinador falou o que com você?

Atleta 7: Aí eu treinei duas semanas lá e depois ele me dispensou.

A trajetória do Atleta 7 pelo futebol do Paraná não foi tão extensa e nem sempre ele dependeu de testes para conseguir uma vaga em algum clube. Na verdade, as duas situações em que ele passou por um processo de avaliação já foram contadas aqui. A ideia dessa carreira foi sendo construída a partir da atuação do seu pai que buscou meios de formar uma rede de troca de influências que o permitisse criar oportunidades para que o Atleta 7 continuasse tentando a

profissionalização no futebol. Por exemplo, quando ele não foi aprovado nesse último clube, logo ele já pleiteava outro. E em seguida outro. Essas mudanças sempre foram intermediadas pela atuação do seu pai e pela relação que ele construía com os treinadores e/ou dirigentes dos clubes do Paraná. O Atleta 7 comentou esse fato.

Entrevistador: Como é que era... como que construía essa ponte, assim, de um clube pro outro? De uma escolinha pra outra, não sei.

Atleta 7: Então, do PSTC pro Greminho, o treinador... um dos treinadores lá do PSTC tinha uma escolinha do Greminho. Porque ele é o treinador do Greminho também. Aí ele me chamou pra ir pra lá. Aí eu fui. Aí do Greminho pro Londrina, eu já não estava meio assim lá no Greminho. Porque eu não tava jogando e tal. Não tava evoluindo. Aí meu pai as vezes ia assistir o treino do Londrina. Treinador de goleiro e tal. Aí ele começou a conversar comigo. Aí a gente decidiu ir pro Londrina. Aí fez a inscrição lá e eu comecei treinar lá.

Entrevistador: Ah tá! Aí seu pai conheceu o treinador de goleiro e acabou te levando pro Londrina.

Atleta 7: Isso.

O Atleta 7 contou que passa por momentos de dúvidas sobre sua continuidade no clube. O processo de avaliação da categoria sub-17 é muito intenso e ele não tem certeza se está sendo bem avaliado ou não. Ele observou que as oportunidades que, pela sua leitura, deveriam ser dele esse ano, foram dadas a outro jogador. Pode ser uma questão de momento ou, como ele acredita, talvez haja algum mecanismo de exclusão. É seu primeiro ano na categoria sub-17 e ainda há o fato de ter jogadores mais velhos na categoria, com mais oportunidade para jogar. Mesmo assim, o Atleta 7 não hesitou ao dizer que deseja ser o melhor jogador do mundo. Verificamos que ele traça metas a curto prazo para alcançar seu sonho de carreira.

Entrevistador: E as metas com o futebol, quais são?

Atleta 7: Então, meu objetivo sempre foi ser o melhor goleiro do mundo. Ainda tem muito chão pela frente pra eu pensar nisso daí. Mas esse daí é meu sonho principal.

Entrevistador: Como que você vem trabalhando pra chegar a essa meta?

Atleta 7: Então, eu tinha feito uma meta com meu pai de ano que vem, ser convocado pra Seleção. Só que, como esse ano eu não joguei, então, eu completamente esqueci essa meta. Porque não teria como ser convocado se eu não tiver jogando. Aí, essa meta eu já esqueci.

Entrevistador: E... traçou alguma outra?

Atleta 7: Então, eu tracei tentar buscar a titularidade...

A vida de goleiro não parece ser fácil no futebol. Dono de uma responsabilidade ímpar em campo, ele ainda passa por uma seleção das mais criteriosas possível. Afinal, são muitos goleiros e poucas oportunidades de atuação. Vimos que o Atleta 7 define seus planos de modo bastante pragmático. Traça metas a curto prazo para atingir metas a longo prazo. Essa forma de lidar com o objetivo de carreira foi incomum percebermos, pelo menos, de forma tão direta como foi no caso desse atleta.

Outro goleiro que entrevistamos, foi o Atleta 4. Menino sério, novo e comprometido com o futebol. Começou no futsal, jogando na linha. Não demorou para ir para o gol. Disputou torneios até os 11 anos de idade no futsal. A história que marcou, nesses anos, foi de uma camisa rosa que teve que usar. Como os goleiros tinham que usar uma camisa diferente daquela usada pelos jogadores da linha, ele, ainda criança, sofreu com gozações da torcida. Isso não o desmotivou, ao contrário, a pressão da torcida lhe deu mais razão para jogar. Segundo o Atleta 4, ele sabia que essa era uma dinâmica normal no futebol.

A vontade de jogar o fez questionar a decisão do seu treinador quanto ao desejo de tirá-lo de quadra em um jogo. Como falamos, ele começou a jogar futsal na linha, como pivô. Em um jogo em que ele começaria no banco de reservas, disse que queria começar jogando. O treinador não reclamou e colocou uma condição: se quisesse começar jogando, iria para o gol. O Atleta 4 não pensou duas vezes. Para ele, esse jogo foi o que representou seu início de carreira como goleiro. A equipe foi bem, sofreu poucos gols e a sua vontade de crescer como goleiro foi ganhando fôlego.

Entrevistador: Você começou como atacante [pivô], né? E aí como é que foi essa transição para o gol?

Atleta 4: O treinador falou que eu ia sair em um jogo e eu falei: “eu não vou sair”. Aí ele falou: “Ah! Então você vai pro gol”. “Vou pro gol, então”. Aí eu gostei. Fui bem na partida. Não tomei gol. Nosso time ganhou de 11 a 3 a partida. Aí gostei. Fui tomando gosto e continuei.

Entrevistador: E aí continuou no gol, foi gostando, disputando campeonato, ganhando títulos...

Atleta 4: A gente foi campeão paranaense invictos e tal. E aí eu fui gostando ainda mais da posição.

O futsal foi um início na jornada do Atleta 4 como goleiro. O desejo dele foi sempre o de jogar futebol de campo, mas, no início, não houve oportunidade. O despertar para o campo aconteceu após um jogo da final do campeonato em que seu pai decidiu questioná-lo sobre a possibilidade de continuar jogando bola. Segundo ele, seu pai o intimou. Este, sabendo que o filho desejou sempre jogar futebol de campo, sentiu a necessidade de colocar uma dúvida que faria seu filho decidir entre continuar jogando futsal ou pensar em migrar para o futebol de campo: “ou futsal ou o campo”. Nesse momento, sentiu a necessidade de tomar a decisão que o motivou a começar a treinar: optou pelo campo.

Entrevistador: E como é que foi... jogou futsal o tempo todo e de repente foi para o campo. Como é que foi esse processo?

Atleta 4: Foi uma... meu pai falou: “Oh! Agora a gente tem que decidir: ou campo ou futsal”. Eu: “Não. Sempre quis ser jogador de campo, então acabou futsal”. Acabei descendo a escada do clube chorando. No futsal. Porque tinha ganhado tanta coisa e foi meu último jogo. A gente acabou fechando com o título ainda. Então, aí saí chorando, mas optei pelo campo e... começou.

Entrevistador: Seu pai chegou e te disse: “ou campo ou futsal”. Nesse momento você já estava dividindo os dois?

Atleta 4: Não. Só futsal. Mas eu sempre queria o campo. Só que não tinha a... nunca tive a pressão de largar [o futsal]. Aí foi essa pressão que fez com que eu iniciasse mesmo a carreira.

Entrevistador: Aí teu pai, no caso, foi o cara que deu o *start*. E... qual motivo que levou teu pai a chegar pra você e falar: “Oh! Ou campo ou futsal. Escolhe aí”.

Atleta 4: Ah! Ele via tantas lesões em atletas de quadra que ele ficou com medo. Aí ele falou: “ou você continua no futebol de quadra, só que vai ter tais riscos”. No caso são as lesões: joelho, tornozelo, dedo, mão, tudo. “Ou você vai pro campo, que tem o risco das lesões, mas é menos. Eu não vou interferir em nada. A escolha é sua”. Aí eu acabei optando.

Observemos que houve todo um contexto de investigação e levantamento de dados por parte do pai do Atleta 4 que o auxiliou a tomar a decisão de seguir carreira no futebol de campo. Essa forma de lidar com as informações pertinentes à carreira do atleta é bastante interessante. Não basta ter contato, há de se pesar os meios para atingir a profissionalização. Talvez o pai do Atleta 4 tivesse preocupado em poupar seu filho das lesões em quadra, ou, quem sabe, ele pretendia fazer com que seu filho tomasse a decisão de seguir seu sonho inicial, que era o de buscar a carreira profissional no futebol de campo. Na conversa, o Atleta 4 mencionou o fato de seu pai buscar informações em vários esportes de quadra e comparar com o futebol de campo. Além do seu pai, seu tio foi fisioterapeuta da Seleção Brasileira de Handebol que também era constantemente consultado.

A migração para o campo foi através de uma escolinha de futebol. De acordo com os relatos na entrevista, o Atleta 4 foi se destacando na escolinha onde começou a jogar futebol de campo e recebeu um convite para jogar no Londrina. Esse clube é, para o atleta, o maior clube de sua cidade, pois disputa a segunda divisão do Campeonato Brasileiro entre os profissionais. Essa chance foi aproveitada e o atleta ingressou no futebol de campo e começou a rotina de treinamento até conseguir outra oportunidade para jogar no atual clube onde atua.

Entrevistador: Aí você escolheu o campo. Naquele momento você já tinha algum contato com alguém que pudesse te levar pro campo? Ou alguma coisa do tipo?

Atleta 4: Naquele momento não, porque no campo, daí, eu comecei na escolinha. Aí acabei com o tempo me destacando, me destacando. E... tive uma oportunidade num clube da cidade, que no caso é o maior clube, que joga a Série B do Brasileiro, que é o Londrina. Aí tive a oportunidade de entrar e acabei iniciando.

A transição do futsal para o campo é uma tarefa difícil para qualquer jogador, em qualquer posição: a dimensão do espaço de jogo é diferente. A dinâmica e a velocidade de jogo, conseqüentemente, variam de modo considerável. Mas, mesmo assim, muitos jogadores começam a treinar na quadra e buscam a transição para o campo. Talvez isso se justifique

porque o campo tem um mercado maior e mais visibilidade. Para o Atleta 4, goleiro, a transição não foi muito difícil. Questionado sobre isso, ele revelou que já vinha realizando treinamento específico para goleiro no campo, enquanto jogava futsal. Isso nos chamou a atenção, pois o atleta sequer havia começado a jogar futebol de campo, mas seu pai despendia tempo e recursos para fazer com que o filho desenvolvesse habilidades para jogar tanto no futsal quanto no campo.

Entrevistador: Sobre uma coisa que me deixa sempre curioso, né? Essa transição do futsal, da quadra pro campo, né? Porque, por exemplo, o goleiro de futsal tem uma postura que é totalmente diferente da postura do goleiro de campo. E como é que foi sua adaptação ao campo?

Atleta 4: Não foi tão complicado não, porque, apesar d'eu fazer o futsal, eu sempre treinava o específico de campo. Apesar de não jogar o campo, eu treinava, fazia treinos específicos com o treinador de goleiro da cidade. Apesar de não jogar. Então, já sabia mais ou menos o ritmo do jogador de campo.

Entrevistador: [...] Mas como era esse treinamento? Era um treinamento a parte ou era um treinamento...

Atleta 4: Era um treinamento de goleiro normal, que nem a gente faz aqui no clube. Só que, só treinamento, sem vincular com coletivo.

Entrevistador: Mas, no caso, isso era dentro do clube...

Atleta 4: Do clube de futsal? Não. Fora.

Entrevistador: Então você treinava o futsal e ainda tinha o treino de campo?

Atleta 4: Sim. No futsal eram... Três vezes na semana. E nas outras duas eu vinculava com o campo.

Entrevistador: Entendi. Mas como é que você chegou a começar a fazer esse específico de campo?

Atleta 4: Como disse: sempre queria fazer o campo, mas não tinha coragem de largar o futsal.

Entrevistador: E aí você negociou com seu pai? Foi seu pai que conseguiu o treinador? Como foi?

Atleta 4: Ele foi que conseguiu, conseguiu. Eu acabei... Eu levei uma necessidade, eu acabei falando e tal. Ele procurou e acabou achando.

O desejo do Atleta 4 em seguir carreira no campo fez com que ele criasse uma demanda para seu pai, que ficou responsável por entrar em contato com o treinador de goleiros da cidade que topou o desafio de treiná-lo por duas vezes na semana. Essa iniciativa do Atleta 4 fez com que ele tivesse poucas dificuldades de assumir uma nova rotina de treinamento no futebol de campo. A relação do seu pai com pessoas ligadas ao futebol ajudou o jovem atleta a conseguir uma oportunidade para fazer um teste no Londrina. Ele fez duas semanas de teste e foi aprovado para continuar jogando nas categorias de base do Londrina. O ano em que permaneceu lá, eles apenas jogaram um torneio municipal.

A saída do Londrina para o Rio de Janeiro aconteceu a partir de um processo seletivo que aconteceu na capital paranaense. O Atleta 4 ficou sabendo que o clube que investigamos foi fazer um teste com goleiros em Curitiba e, mais uma vez, ele fez um trabalho de convencimento junto a seu pai, que o levou em uma sexta-feira para fazer a tal seleção.

Chegando lá, havia mais de 80 goleiros, pois se tratava de uma peneira somente para essa posição. O Atleta 4 ficou entre os dois selecionados para realizar teste no Rio de Janeiro. Chegando aqui, ele passou por mais uma bateria de avaliação. Durante 3 semanas, ficou no alojamento do clube e participou dos treinamentos com os demais jogadores de sua categoria. Ao final desse período, foi aprovado e permaneceu fazendo parte do grupo de jogadores de futebol das categorias de base.

Entrevistador: Como é que foi a sua vinda para o [clube]?

Atleta 4: Teve uma peneira na capital [Curitiba]. Eu acabei indo até a capital. Meu pai... me levou. Foi acho que em uma sexta. Ele me levou até a capital. Aí a gente fez a peneira. Tinha uns 80 goleiros. Só foram selecionados 2. Acabei ficando entre os dois e fui selecionado para fazer aqui teste direto, daí. Aí fiz o teste aqui. Fiquei três semanas e acabei sendo aprovado, daí.

O Atleta 4 tem planos bem definidos para continuar seguindo a carreira no futebol de campo, como sempre sonhou. Além disso, mostrou-se uma pessoa focada nesse desejo, sendo capaz de traçar planos e convencer seu pai a embarcar na sua trajetória de atleta de futebol. As decisões que tomou para chegar às categorias de base do clube de futebol que estamos investigando foram pensadas e planejadas sempre com o auxílio e apoio do pai. Não por acaso, seus objetivos foram sendo alcançados e, por ora, vem obtendo êxito em cada passo que dá na carreira de futebolista. Diante disso, perguntamos sobre seus planos de carreira para o futuro e como ele vem trabalhando para atingir suas metas.

Entrevistador: Quais são suas metas como atleta?

Atleta 4: Acho que... continuar até chegar no profissional. Me destacar no [clube]. Todo jogador tem o sonho de jogar na Europa, né? Então, acho que... me destacar aqui e chegar no futebol europeu.

Entrevistador: E como você vem trabalhando pra atingir suas metas?

Atleta 4: Forte. Como se cada dia fosse uma oportunidade diferente. A gente nunca sabe quem está vendo a gente. Se tem alguém de fora, se tem alguém olhando. Então, tem que treinar bem cada dia.

O Atleta 4 mostrou uma maneira diferente de lidar com as oportunidades de carreira no futebol, que, até então, não havíamos visto em outras ocasiões. Ele não só traçava as metas, mas também fazia todo o trabalho de convencimento, principalmente, do seu pai para fazer com que seus objetivos tivessem pelo menos uma chance no sentido de serem alcançados. Foi o último goleiro entrevistado. A partir daqui, vamos tratar de dados de outros jovens meninos que atuam no futebol, mas que fazem parte de outra posição do campo.

Começaremos, então, com a trajetória de um lateral esquerdo, nascido e criado na Zona Norte do Rio de Janeiro. Morador da Cidade Alta, o Atleta 2 começou a jogar em uma escolinha de futebol e, de lá, foi para o Olaria, clube pequeno da cidade do Rio de Janeiro. Chegou a disputar o Campeonato Carioca da primeira divisão, mas atualmente não frequenta mais o

primeiro escalão do futebol carioca. Nascido em 1999, o jogador, um dos principais jogadores do elenco dessa categoria de base, tem 17 anos e atua como lateral esquerdo. Mora no alojamento do clube.

Como os demais jogadores entrevistados, o Atleta 2 também começou em uma escolinha de futebol. Apesar de não se lembrar da história do início de sua trajetória nesse esporte, contou-nos que o incentivo para começar a praticar o futebol partiu de toda a família. Começou a jogar na escolinha de futebol aos 4 anos de idade, enquanto os demais garotos dessa escolinha já tinham 6 anos. Claro que esse não foi um exercício da sua memória. Na realidade, ele contou que sua avó relembrava que o menino não brincava de outra coisa que não fosse uma bola de futebol. Dessa forma, investir na escolinha de futebol pareceu uma estratégia óbvia.

A passagem pela escolinha de futebol durou 6 anos. De lá, ele seguiu para o Olaria, onde também teve uma boa passagem, de acordo com seus próprios relatos. Foi nessa passagem que ele conseguiu sua primeira conquista: em um jogo contra o Flamengo, teve uma boa atuação. Isto lhe rendeu um convite para fazer parte do clube rubro-negro. O Atleta 2 tem boas recordações desse jogo. Com 12 anos de idade, ele já jogava com meninos um ano mais velhos. O Flamengo ganhava o jogo por 1 a 0. Após sua entrada em quadra, o rumo da partida começou a se tornar diferente.

Entrevistador: E essa passagem no Olaria... Como é que... Conta um pouquinho.

Atleta 2: Foi... foi muito boa. Eu joguei vários campeonatos. E... teve um jogo contra o Flamengo que... Eu joguei contra o Flamengo e acabei jogando bem. E o Flamengo me chamou. Me chamou, eu e mais um amigo meu. Aí a gente foi pro Flamengo no ano seguinte. Quando terminou a temporada, a gente foi pro Flamengo.

Entrevistador: Ah! Então você passou... dois anos que você falou, né? Dois anos no Olaria, até um jogo decisivo. Tu lembra desse jogo?

Atleta 2: Ah! Lembro. A gente... eu era primeiro ano da categoria. A categoria era sub-13 e eu era sub-12 e jogava na sub-13. O jogo tava 1 a 0 Flamengo. Aí eu entrei... meu primeiro toque na bola, eu driblei o cara e dei o passe pro gol do cara... é... d'um amigo meu. Aí ficou 1 a 1 o jogo. Aí eu... no último lance do jogo, nosso goleiro teve um frango. Aí acabou o jogo: 2 a 1. Aí o treinador do Flamengo foi e conversou com meu pai e comigo. Aí me chamou.

Apesar de ter saído com a derrota para o Olaria, o prêmio do Atleta 2 foi ter conseguido um contato com um clube de maior expressão. Nessa época o pai dele ainda residia na cidade do Rio de Janeiro, e a proximidade com os familiares lhe rendeu bons incentivos. Hoje, seu pai e sua mãe moram em Fortaleza. Ele mora no alojamento do clube. E sua avó permaneceu em Cordovil. As referências que teve para seguir carreira no futebol são esses três personagens. A sua mãe o incentivou de modo mais discreto, mas o próprio Atleta 2 contou que ela sempre lhe deu apoio. Seu pai foi quem mediu e procurou contatos com profissionais do esporte para que

ele continuasse insistindo na carreira futebolística. A avó dele, além de lhe contar histórias sobre sua infância com a bola, sempre cumpriu o papel de grande motivadora.

Entrevistador: Nessa época seu pai ainda morava no Rio, você ainda morava com seu pai e tudo mais. E... assim, como é que era o acompanhamento do teu pai? Quem mais te acompanhava no futebol na verdade?

Atleta 2: Era o meu pai. Ele sempre ligava para os treinadores, me cobrava na escola direto. Toda semana cobrava nota. Essas coisas todas. Ele que, tipo assim, me ajudou muito mesmo. Em tudo. Ele e minha avó. Minha avó financeiramente. E ele, tipo, de puxar a orelha. Essas coisas assim.

Entrevistador: Financeiramente, tu diz como o apoio da sua avó?

Atleta 2: Ajuda, tipo, ela fazia muita dieta pra eu ganhar corpo. Porque eu sempre fui magro. Agora que tem a nutricionista [no clube]. [Antes] Ela me levava no nutricionista, nos médicos. Fazia tudo, minha rotina toda. Ela que bancava tudo. Alimentação...

Entrevistador: E sua avó mora onde?

Atleta 2: Ela mora lá em Cordovil ainda. Ela era funcionária pública.

Entrevistador: Ela é funcionária pública em qual setor?

Atleta 2: Na medicina. Ela é funcionária pública há 30 anos.

Entrevistador: [...] Todo apoio que você tem aqui no [clube] hoje, ela...

Atleta 2: Ela me dava.

Entrevistador: Ela corria atrás pra você, nutricionista...

Atleta 2: Chuteira... essas coisas todas. Até a parte de empresário ela me ajudava.

A passagem pelo Flamengo foi rápida. Logo ele foi mostrando bom futebol e tendo bom rendimento dentro de quadra. Não foi difícil os treinadores do campo solicitarem sua apresentação nas categorias de base no futebol de campo. Porém, o Atleta 2 já não morava mais na Zona Norte do Rio de Janeiro. Ele já havia mudado para a Barra da Tijuca, Zona Oeste da cidade e a ida ao centro de treinamento na Gávea já não era mais uma tarefa simples. Demandava mais tempo. Foi na Barra da Tijuca que o Atleta 2 conheceu um colega no condomínio que foi o responsável por apresentá-lo ao clube onde joga atualmente.

Entrevistador: [...] Como era sua relação com o trabalho no Flamengo?

Atleta 2: Foi muito mais, foi muito mais união. Porque eu conhecia poucas pessoas, mas eles me abraçaram. E o outro atleta, que é amigo meu, que tá lá até hoje. Abraçou a gente, a gente começou a treinar com o grupo, a gente foi campeão lá. Foi bem tranquila a relação lá. E a comissão técnica adorava a gente. Tanto que tentaram subir a gente pro campo. A gente não foi. E eu acabei vindo pra cá [pro clube].

Entrevistador: No Flamengo, no caso, você era do futsal?

Atleta 2: Era.

Entrevistador: [...] Você disse assim: “tentaram subir a gente pro campo”...

Atleta 2: Porque, quem se destacava no salão, eles queriam mandar pro campo. Acabou... e já tinham uns jogadores no campo já, treinando.

Entrevistador: E aí vocês não quiseram por qual motivo?

Atleta 2: Eu não quis, porque eu tive que sair. Porque eu tava morando longe e também porque eu já tinha recebido a proposta do Daniel, de vir... de jogar aqui no [clube]. Acho que o [clube] é a melhor base do Rio.

Entrevistador: E como você chegou a essa conclusão?

Atleta 2: Conversei com meus pais. O Daniel me falou. Ele já tá aqui a vida dele toda, né? Daniel chegou aqui com 6 anos e só saiu com 18 agora. Ele foi emprestado no profissional. Ele me explicou como que era aqui e eu preferi vir pra cá.

A saída do futsal para o futebol de campo foi apenas mais um passo na carreira do lateral esquerdo. O Atleta 2 recebeu um convite para participar dos testes no atual clube onde joga. Passou pela avaliação dos treinadores e começou a treinar. Embora tenha passado pelo período de testes de modo relativamente fácil, ele comentou o quão difícil foi sua adaptação com o grupo de jogadores da categoria sub-15 na época. Segundo ele, havia um grupo de jogadores fechados entre si que buscavam isolar qualquer atleta novo que ingressasse no grupo. A estratégia desses jogadores era de proteger aqueles que já estavam na equipe naquela categoria. Mas nem isso foi suficiente para abalar o objetivo do Atleta 2.

Entrevistador: Como foi a chegada aqui no [clube]? Como foi o período de teste?

Atleta 2: Não. O período de teste foi tranquilo, mas a chegada com o grupo foi diferente, porque eles não aceitaram. Tipo, o grupo era muito fechado, era muita panela. Mas só que eu já tinha um amigo meu que já jogava aqui. Aí me botou assim no grupo mesmo. E eles foram aceitando, no decorrer do tempo. Foi mais questão de adaptação mesmo. Com o tempo.

Entrevistador: E como é essa adaptação?

Atleta 2: Hum. É ter intimidade com o treinador. Com os atletas mesmo.

Além de ter um amigo que teria facilitado sua interação com o grupo de sua categoria, o Atleta 2 comentou que esse modelo de resistência aos novos chega a ser comum no futebol. É quase uma tática de sobrevivência, quando se encara o novo membro como uma possível ameaça. Mas ele mesmo chegou a relatar que essa estratégia é algo construído pelo imaginário coletivo dos jovens atletas, porque a avaliação para a permanência dos mesmos no clube dependia dos treinadores e esses não se envolviam nesses esquemas das equipes de base. De fato, pelo que pudemos acompanhar, a avaliação é técnica, e a dispensa dos atletas leva em consideração fundamentalmente seu rendimento no futebol.

Apesar das dificuldades de adaptação e de contar com o auxílio de um amigo para enfrentar os desafios do novo clube, o Atleta 2 contou que suas metas não se alteraram. Já são 3 anos de clube e hoje ele é um dos principais jogadores da equipe em sua categoria. Tem suas metas claramente definidas e, se não conseguir seguir carreira profissional de sucesso no futebol, voltará aos estudos. Buscará uma faculdade. Para isso, ele pretende terminar o Ensino Médio para manter viva a possibilidade de continuar encarando o futebol como uma carreira e os planos escolares como uma segunda opção.

Entrevistador: Quais são suas ideias após a conclusão do terceiro ano [do Ensino Médio]?

Atleta 2: Eu quero focar no futebol. Aí se não der certo, eu faço a faculdade.

Entrevistador: Você quer terminar o terceiro [ano do Ensino Médio] e seguir em frente no futebol.

Atleta 2: Exatamente.

Entrevistador: Eu lembro que você falou... foi seu tio que foi jogador, né? Seu tio falou pra você ter a escola como um segundo plano. [...] E como seria assim a escola em segundo plano?

Atleta 2: Ué! Acabar os estudos [Ensino Médio] e se não der certo [no futebol], estudar. Fazer uma faculdade, como ele fez.

O Atleta 2 tinha um projeto bem definido preso a suas expectativas. A estratégia é simples, focaria no futebol, se isso não desse certo, buscaria os caminhos da escola. Vimos que a família desse atleta sempre deu total suporte para que ele continuasse no esporte escolhido. Talvez não seja diferente caso decida investir na escola, se sua carreira no futebol não lhe der os prêmios almejados.

Não muito diferente do Atleta 2, o Atleta 3 tem em sua família um importante aliado, pelo menos, para alimentar seu sonho de ser jogador de futebol. Se o leitor não lembra, esse é o atleta que disse que sua primeira palavra foi “bola”, não foi pai e nem mãe. Essa informação teria sido lhe passada por sua própria mãe.

O Atleta 3 é atacante da categoria sub-17. Sua origem é na cidade de Limeira, interior de São Paulo. Sua trajetória no futebol começou cedo como a dos demais atletas já explorados pela pesquisa. Aqui vamos focalizar as suas escolhas e como ele percebeu as oportunidades de profissionalização no futebol e traçou táticas para conseguir chegar ao clube onde joga atualmente. Chegou a jogar no Guarani de Campinas até 2015. Desse clube paulista, veio para o clube onde estamos realizando a pesquisa. A sua entrada no time campineiro foi através de um conhecido.

Entrevistador: E quem te levou lá pro Guarani?

Atleta 3: Foi um cara de Americana. Porque eu tinha ido na escolinha dele jogar alguns jogos algumas vezes. Aí ele falou: “Oh! Um cara lá quer que você vá lá e tal. Aí eu fui. Aí o cara gostou.

O treinador da escolinha onde o Atleta 3 fazia alguns jogos era conhecido de um dirigente do Guarani de Campinas. Esse homem sugeriu que ele fizesse os testes no clube campineiro. A proposta chegou ao treinador da escolinha de Americana. O dirigente do Guarani solicitou que o treinador da escolinha enviasse alguns meninos para fazer teste no clube e o Atleta 3 foi um dos indicados. Depois que passou no teste, só permaneceu no clube por um ano, pois, em 2015, recebera uma proposta para jogar no clube atual.

Entrevistador: Como é que foi essa transição lá do Guarani pro [clube]? Quem te trouxe...

Atleta 3: Foi o meu empresário. Ele conversou comigo que tinha a possibilidade de eu vir pra cá e pro Cruzeiro também. Aí ele falou pra eu

escolher. Só que daí ele falou comigo: “Oh! Vou te dar uma dica: o [clube] é um clube mais acolhedor. Eles vão ter mais calma com você na hora que você chegar lá e tal”. Aí eu decidi vir pra cá. Aí ele falou comigo numa sexta-feira. Aí passou uma semana e na outra segunda-feira eu já tava aqui.

Entrevistador: Fazendo teste...

Atleta 3: Não. Eu vim certo.

A figura do empresário apareceu até aqui em todas as entrevistas. Sempre houve alguém que intermediasse a apresentação do atleta ao clube. Nos casos da pesquisa, sempre houve alguém também que assinasse um contrato com o jovem em formação profissional no futebol. No caso do Atleta 3, ele foi apresentado ao seu empresário através de um amigo que jogou com ele no Guarani de Campinas. Esse amigo, vinculado ao tal empresário, a este informou que o Atleta 3 não tinha nenhum agente atuando para gerenciar sua carreira no futebol. Após assistir a um jogo, esse empresário prontamente convocou tanto o Atleta 3 quanto os seus pais para discutir os termos do contrato. Não demorou 3 dias, o jovem atleta passou a ter sua carreira gerenciada pelo empresário.

Entrevistador: O teu empresário está contigo há quanto tempo?

Atleta 3: Vai fazer... já fez 3 anos já.

Entrevistador: 3 anos... Você tem 17, então desde os 14... Você tem contrato com ele desde os 14 anos?

Atleta 3: É... um contrato com ele. É... daí era um contrato de 2 anos. Agora prorrogou mais 2.

Entrevistador: Como é que foi a assinatura do contrato? Como foi essa conversa com o empresário?

Atleta 3: Tinha um amigo meu mesmo que jogava no Guarani na época. Aí, ele [o amigo] já era dele [do empresário] já. Aí, ele [o amigo] comentou com ele [com o empresário], falou: “Oh! Tem um amigo meu lá. Joga bem e tal. Ele tá sem ninguém [sem empresário]. Aí ele [o empresário] foi assistir um jogo lá. Gostou. Acho que o jogo foi no sábado. Aí na segunda-feira eu já tava lá no escritório dele pra gente conversar já do contrato.

A assinatura do contrato com o empresário lhe abriu portas e lhe ofereceu oportunidades em dois grandes clubes do futebol brasileiro. Mas o clube do Rio de Janeiro vem revelando promessas do futebol e fazendo sua fama de ter uma excelente estrutura para a formação de atletas nas categorias de base. Foi dessa forma que o empresário deu dicas para o Atleta 3 a fim de que ele tomasse a decisão sobre onde prosseguiria com a sua carreira. Preferiu o clube da cidade do Rio de Janeiro. Apesar de ter conseguido acesso facilitado ao clube onde joga, ele mostrou preocupação ao falar da rotina no futebol. Para ele, tudo se torna complicado na medida em que tem que lidar com diversas responsabilidades e cobranças dentro e fora do campo.

Entrevistador: Você falou uma coisa que me chamou a atenção, só que passou batido no primeiro momento, mas eu lembrei agora. Você falou assim: “Ah! Que no futebol tudo é complicado”...

Atleta 3: Ah! Que nada é fácil, né? [risos]. Não... é que tem isso, oh: ficar longe de tudo, ficar longe de casa. Aí tem que conciliar treino e escola ainda.

Tem que se preocupar que tem que ir bem no treinamento. Ir bem no jogo. Campeonato. Tudo na cabeça. Tem que conciliar tudo, né? Às vezes... Tem algumas horas que não consegue, mas sempre tem que tentar continuar com a cabeça boa.

Apesar de toda a preocupação apresentada nessa fala, o Atleta 3 se mostrou uma pessoa que consegue conciliar as responsabilidades. Para ele, basta separar os momentos: hora de estudar, hora de treinar, hora de trabalhar... Assim ele consegue se concentrar em uma coisa de cada vez. Para dar conta da rotina de treinamento e das cobranças de projetar a profissionalização no futebol, os jovens atletas sofrem muita pressão, autocobrança e cobrança de terceiros. Nem isso abalou a fé dele em continuar perseguindo o sonho de ser jogador de futebol, afinal “bola” foi a palavra que veio antes de “pai” e “mãe” no seu vocabulário.

Entrevistador: Quais são suas metas?

Atleta 3: Profissional?

Entrevistador: Quais são suas metas de vida?

Atleta 3: De vida? Acho que subir pro profissional. Conseguir dar uma vida melhor pra minha mãe e pro meu pai. Sempre tiveram do meu lado, sempre me apoiaram em tudo. Tudo o que eu quis fazer, eu fiz. Jogar na Europa, também, né? [risos] Lógico. E Seleção Brasileira, né?

O futebol é um sonho de carreira. Não muito diferente disso, seu pai e sua mãe são seus principais apoiadores. Embora a distância atrapalhe o convívio familiar, o Atleta 3 busca sempre traçar um diálogo com a família. Para ele, seus pais são seus confidentes e sua principal fonte de inspiração. Antes dos jogos, procura o seu pai para receber o conselho final. Quando falou sobre o que espera do futebol, o Atleta 3 mencionou a fala paterna como um exemplo da maneira como busca encarar a carreira profissional.

Entrevistador: O que você espera do futebol?

Atleta 3: Ah! Eu espero... ser feliz com o futebol. Né?! Sempre antes dos jogos, eu falo pro meu pai e tudo. E ele fala: “Oh! Acima de tudo vai ser feliz. Joga, brinca de jogar futebol”. E eu quero isso pro resto da minha vida. Porque... lógico que eu quero que seja uma coisa profissional, mas brincar de jogar futebol.

Não nos deixemos enganar quanto ao brincar de jogar futebol. A lição principal que o Atleta 3 busca retirar dessa fala é que o futebol pode ser uma carreira perigosa, com poucas oportunidades de sucesso, mas ele, que a persegue, não deve deixar de se divertir. A diversão vem no sentido de se manter feliz enquanto alguém que busca alcançar o sonho de ser jogador profissional de futebol. Sobre as oportunidades de sucesso, tem clareza de que elas não são para todos. Mas ele mostrou que essas oportunidades surgem quando menos se espera e que cada um deve estar preparado para aproveitá-la da melhor maneira possível. No seu caso, não observamos estratégias bem delimitadas para criar as oportunidades.

Entrevistador: E em relação ao seu foco aí, de ser jogador de futebol e tudo mais. [...] O que você acha que precisa fazer pra chegar lá?

Atleta 3: O que precisa fazer? Não ser igual aos outros. Porque igual tem em todo lugar. Alguma coisa diferente eu tenho que ser daquele que tá lá já. Alguma coisa diferente eu tenho que fazer.

Entrevistador: E como é que você percebe hoje as oportunidades no futebol? Você acha que tem oportunidade pra todo mundo? Como você percebe isso?

Atleta 3: A oportunidade pra todo mundo não, né? Pô, oportunidade é aquilo que você tem na hora ali e você tem que agarrar de qualquer jeito. Então, apareceu uma... pode ser que seja uma oportunidade é a oportunidade da sua vida. Então, tem que agarrar com unhas e dentes e tudo que puder. Oportunidade não é todo dia que bate na sua porta.

O Atleta 3 é um entusiasta do futebol. Acredita no seu talento e também na capacidade do esforço individual para alcançar o sucesso na carreira de futebolista. Ele fala de um jeito como se as oportunidades surgissem e a pessoa que deseja aproveitá-la deve fazer isso de todas as maneiras. Talvez isso seja um traço da sua identidade que acredita no talento como algo inato, adquirido ao nascer. Vimos que essa é uma possibilidade quando ele conta de forma lúdica o fato de ter aprendido a falar “bola” antes mesmo de qualquer outra palavra. Essa ideia do talento e do esforço individual para conquistar e agarrar as oportunidades no futebol se mostra como uma crença em um desejo interno de se tornar profissional nesse esporte.

A carreira do Atleta 5 já começou de maneira diferente. Aliás, ele é diferente de todos que entrevistamos. Durante a entrevista, mostrou-se bastante ansioso e despejou logo nos primeiros minutos uma quantidade de informação que fomos elaborando e desenrolando ao longo de toda a entrevista. Vindo do Ceará para o Rio de Janeiro, é uma personalidade interessante. Começou a jogar futebol porque sua mãe o levou para uma escolinha em seu bairro. Ela também chegou a jogar futebol e, segundo o filho, é a verdadeira incentivadora de todo o seu processo dentro desse esporte.

Filho de uma doméstica com um eletricista, o Atleta 5 contou que seus pais jogaram muito futebol. Sua mãe chegou a jogar futsal fora do Ceará e ganhava algum dinheiro com o esporte. Deixou de jogar, pois engravidou e não teve como continuar treinando e jogando. O pai, hoje eletricista, jogou futebol de várzea. Nunca chegou a ser profissional, ganhou alguma remuneração nos jogos que fazia em várzeas cearenses. Apesar de ambos terem jogado futebol, o filho atribui à mãe toda a iniciativa de levá-lo a treinar em uma escolinha em Atalanta.

O Atleta 5 comentou que essa escolinha não tinha sede fixa. Cada dia treinava em uma quadra diferente e nem sempre as condições de treinamento eram adequadas. Houve dias nos quais os atletas saíam de casa em casa pedindo água, pois o local de treinamento não tinha bebedouro. Além disso, eles nunca tiveram muitas oportunidades de jogar campeonatos, porque a equipe não tinha condições de arcar com as despesas de inscrição e deslocamento dos atletas

para os jogos. Mesmo assim, o Atleta 5 insistiu no futsal. Foi em um dos campeonatos que disputou com essa escolinha que ele foi visto por um olheiro que o levou para o Ceará.

Entrevistador: Qual foi o título que mais te...

Atleta 5: O cearense. Futsal. A única vez que a gente disputou foi essa. Porque um cara patrocinou a gente. Porque a gente não tinha condição de... a arbitragem é cara. Aí a inscrição também. O cara bancou a gente. Também foi a única vez que a gente disputou e a gente foi campeão. Aí depois disso, um jogador espalhou pra um time. Tipo assim: foi tipo emprestado, pra jogar emprestado por outro time. Aí, nesse negócio, eu fui emprestado pro Sumov. Fui campeão cearense também pelo Sumov. Aí, daí um cara me viu jogando. Aí, me chamou pra ir pro Ceará. Aí, daí, só campo só. Ceará, Ceará. Aí, depois de um ano e... dois anos de clube, foi dois anos. Aí, eu saí do Ceará, por causa da escola. Porque eu não podia ficar sem estudar, né? Aí saía muito cedo da escola. E tinha que ir pro Ceará, que era longe, muito longe da minha casa. Aí, escolhi ficar em um time mais perto da minha casa, que também disputava o cearense, que é o Santa Cruz. Aí me ajudou, me ajudou. Aí, foi que meu empresário viu eu treinando lá e me trouxe pra cá [pro clube]. Aí, ele é até aqui do pessoal do [clube]. O [empresário]. Ele é que é meu empresário. Aí ele me trouxe pra cá. Aí passei uma semana de teste aqui no [clube]. Passei. Até hoje.

As oportunidades foram aparecendo conforme o Atleta 5 conheceu o seu empresário. Ele insistiu, continuou treinando mesmo sem ter condições estruturais. Quando a equipe teve a chance de mostrar a sua qualidade no campeonato estadual, muitos meninos foram distribuídos por clubes da região. Foram e permaneceram. O Atleta 5 chegou a treinar no Ceará, um dos principais clubes da região, mas teve que sair depois de dois anos. O deslocamento era muito grande e ele teve que começar a sair mais cedo da escola para chegar ao treinamento. Vendo que o sacrifício do filho estava sendo muito intenso, sua mãe, a principal incentivadora, disse que ele deveria sair do Ceará, porque não poderia deixar de estudar.

A saída do Ceará o fez buscar outra chance no Santa Cruz. Esse clube era mais perto de sua casa, e ele não sofria tanto com o deslocamento. Mesmo com todas as dificuldades de permanecer jogando futebol, o Atleta 5 percebeu que o futebol poderia lhe dar chances de satisfazer seu desejo de dar uma condição melhor para sua família, ao sonho de ser jogador. Contou todas as dificuldades que teve para continuar jogando. Jogou em campos precários, ficou com fome no alojamento de alguns clubes. O Santa Cruz foi quase um retorno às origens. Não tinha lugar fixo para treinar, assim como antes. Assim, questionamos como que essa realidade do futebol afetou sua vontade de permanecer tentando ser jogador profissional.

Entrevistador: [...] Mesmo com essas dificuldades, você continuou insistindo na carreira de jogador. O que te levou ou o que te leva ainda a insistir na carreira de jogador?

Atleta 5: Minha mãe. Ela vê... tipo assim: às vezes ela chorava, tá ligado?, sozinha. Eu perguntava o que que era, mas eu sabia que era por causa de mim. Porque, tipo assim: ela via meu sofrimento, via minha correria. Tipo assim: e

eu queria muito. Quero muito ser jogador profissional. Ela vê isso em mim. Eu acho que deve ser por isso que ela me incentiva muito. Porque ela vê minha luta, minha dedicação. Tipo assim: minha vida nunca foi fácil. Já passei fome já. Já sofri muito. Já joguei em campo que você nem imagina. Já treinei já, bastante tempo, em campo que você nem imagina de ruindade que o campo era. Mas, tipo assim: nada me fez desanimar. Nada. Sempre pensei positivo. Só teve uma vez que eu pensei negativo. Foi quando surgiu uma proposta de Portugal pra mim, no Salmita ainda, que minha mãe não poderia ir. Por causa das minhas irmãs, que eram muito novas. Aí como eu tinha que ir com minha mãe, e como que vai? Se ela tinha minhas irmãs. Aí depois disso fiquei com raiva logo. Caraca, vou desistir de tudo. Na outra semana, surgiu a [proposta] do [clube] pra mim. Só pra você ver como Deus é bom, né? Tipo assim: no momento que eu mais precisei Dele, Ele tava do meu lado. Foi quando eu pensei em desistir. Hoje, eu penso, mas é mais irrelevante do que eu senti naquele momento. Que eu falei: “Poxa! Minha vez chegou e já foi embora, já”. Tão rápido. Aí depois disso eu continuei treinando no Santa Cruz ainda uma semana. Aí na outra semana ele comprou uma passagem pra mim, meu empresário. Tipo: eu não vinha pro [clube], eu ia pro São Paulo. Só que meu empresário veio pro [clube], aí me trouxe pra cá.

O Atleta 5 confiou no seu empresário que o trouxe para jogar no clube onde está atualmente. As dificuldades que passou para insistir na carreira no futebol foram muitas. Mesmo assim, ele continuou. Apegou-se à religião e conferiu a Deus as oportunidades que teve para persistir na carreira profissional no futebol. O sonho de se tornar jogador profissional e de grande sucesso não morreu. E, mesmo que às vezes ele pense em abandonar o esporte por conta da saudade que sente da família, lembrou as histórias vivenciadas por ele e comentou que nunca mais sentiu uma vontade tão grande de parar de jogar futebol.

Entrevistador: Quando foi o dia que você pensou assim: “eu quero o futebol pra minha vida”?

Atleta 5: Eu tinha 11 anos de idade. Tipo: desde os 5 anos eu jogava essa p... Jogava, mas não sabia o valor do futebol ainda. Depois dos 11 anos, eu falei: “É isso que eu quero, é isso, e eu vou em frente com isso”.

Entrevistador: E quais foram os elementos que te levaram a chegar a essa conclusão?

Atleta 5: Meus tios. Teve um que jogou no profissional já. Só que aí a mulher colocou uma pressão nele e ele preferiu a mulher do que o futebol. E hoje está sem ela. Só que eu não posso cometer o mesmo erro que ele fez não. Eu me inspiro muito nele. Os outros dois também jogaram, mas foi, tipo assim: não foi igual meu outro tio. Foi normal. Foi amador. Agora eu me inspiro muito neles. Eles me dão força também, falam comigo todo dia também.

A família do Atleta 5 já contava com sua mãe que jogara futsal, seu pai, ex-jogador de futebol de várzea. Descobrimos, também, que ele ainda tem tios que chegaram a jogar futebol profissionalmente. A maneira como ele vem encarando as oportunidades que surgiram ao longo da carreira como atleta chama a atenção, pois parece que elas foram geradas a partir de muita insistência no projeto de profissionalização. Seus familiares também são grandes inspirações para que ele continue perseguindo o sonho de ser jogador e, mais do que isso, são exemplos de

como podem ser os malsucedidos nesse esporte. Ainda assim, as metas desse atleta são ambiciosas, como poderemos ver a seguir.

Entrevistador: Quais são suas metas como jogador de futebol?

Atleta 5: Chegar na Seleção profissional. Porque de base pra mim, pouco importa. Chegar ao profissional e jogar a Liga dos Campeões [da Europa]. Jogar na Europa.

Entrevistador: No caso, você falou assim: “Seleção de base pra mim pouco importa”. Pouca importa por quê?

Atleta 5: Porque, tipo assim: Seleção de base não vai dizer se você já chegou ou não [ao sucesso profissional] no nível mais alto. Nível mais alto pra mim é o profissional. Então, da Seleção Profissional. Porque, tipo assim: já vi um amigo, que morava em Fortaleza, ele foi Seleção sub-16. Onde ele tá hoje? Com 20 anos, parado, sem jogar bola. Por isso que eu falo, é... Seleção de base, pra mim, pouco importa. Mas, se vier, Graças a Deus, né? Se vier [a convocação], é agarrar logo, tamo junto, ué... [risos]. Mas, se não vier [a convocação], tranquilo.

O futebol é uma carreira incerta. Mas vimos que o Atleta 5 percebe as oportunidades nesse esporte como fruto do esforço individual e da colaboração divina. Ele chegou a comentar dos riscos que se tem ao se formar um jogador profissional de futebol. O seu maior exemplo e inspiração é seu tio, quem chegou a jogar nas categorias profissionais, porém, sem êxito quanto aos ganhos e permanência no esporte. Embora acredite no mérito do trabalho, o Atleta 5 sabe que algumas das atitudes do seu tio não podem ser reproduzidas por ele, como o envolvimento com festas, a opção pela primeira esposa em detrimento da carreira de futebolista. Além disso, esse jovem atleta acredita que o futuro no futebol depende também das relações que se constrói com os atores desse esporte.

Continuando a apresentação dos dados dos atletas, vamos seguir com a descrição das falas do Atleta 8. Vindo de Brasília, esse atleta teve origem comum a todos os outros aqui já comentados. Começou em uma escolinha de futebol, do CFZ. A escolinha era um *hobby*, mas, como o próprio jovem atleta citou, tanto seu pai quanto ele próprio têm a expectativa de que seja conquistado o sucesso na profissionalização no futebol. Seu pai chegou a se profissionalizar no futebol, todavia não teve uma carreira duradoura, pois, ao ter filhos precocemente, precisou interromper suas atividades futebolistas profissionais.

Entrevistador: Teu pai já tentou ser jogador de futebol? Alguma coisa assim...

Atleta 8: Já. Ele até se profissionalizou lá em Brasília mesmo. Só que aí, por problema pessoal, não deixou que desse progresso na carreira dele.

Entrevistador: Você pode falar qual que foi esse problema ou não prefere não...?

Atleta 8: Ah, posso. Ele teve a minha irmã com 15 anos. E me teve com 17. Aí atrapalhou isso. Aí ele teve que trabalhar...

Entrevistador: [...] E ele chega a te contar como foi essa vida de jogador e tal?

Atleta 8: Chega. Conta sim.

Entrevistador: O que que ele te conta?

Atleta 8: Ah! Conta que ele fez muita coisa errada. Acho que... ele fala que acha que por isso que ele não conseguiu chegar, que ele não conseguiu virar um profissional decente.

Mesmo com o insucesso do pai na carreira profissional de futebol, o Atleta 8 comentou que tem o sonho de prosseguir nessa profissão. Para ele, não repetir os erros do pai, cuja história lhe serve como aprendizado, poderá lhe dar mais chances de sucesso como jogador. Não cometer os mesmos erros significaria ter mais chances de sucesso. Dessa forma, o jovem atleta vislumbra a permanência nas categorias de base do clube onde já atua e pretende obter mais sucesso do que seu pai.

A dedicação aos treinamentos na escolinha do CFZ, em Brasília, rendeu ao Atleta 8 um teste no Bahia. Muito novo, ele saiu de casa e foi morar em outro estado para seguir seu sonho de profissionalização. Na época, seu pai não estava trabalhando e conseguiu acompanhar o filho, mas não por muito tempo.

Sobre esse processo de transição de Brasília para Bahia, o Atleta 8 contou-nos como aconteceu.

Entrevistador: [...] Como é que foi esse processo que te levou pro Bahia?

Atleta 8: Foi meu o treinador mesmo que mandou... que me mandou pra fazer um teste lá. Aí eu fui, passei. Aí meu pai... aí deu duas semanas e eu falei: “Oh, pai. Se o senhor não vier pra cá, eu não vou mais ficar aqui não”. Aí meu pai arrumou um jeito de ir morar comigo. Aí foi morar comigo. Aí dei continuidade lá.

Entrevistador: [...] Como é que foi essa negociação com seu pai?

Atleta 8: Ah, ele tava encostado pelo INSS. Aí ele foi e falou: “Ah, [Atleta 8]. Então tá. Eu quero muito que você vire jogador e eu vou fazer tudo pra te ajudar”. Aí foi pra lá [pra Bahia], morar comigo.

O jovem atleta foi com 11 anos para o Bahia. Passou um tempo na casa de um amigo que conheceu antes de seu pai ter ido morar lá. A sua adaptação no novo clube não foi simples. O primeiro ano que passou no Bahia foi um tempo em que ele não jogava com muita constância. A timidez o atrapalhou. A adaptação às pessoas foi complicada. Porém, o tempo cuidou de auxiliar esse menino no processo de adaptação.

O menino tímido, que saiu de Ceilândia para a Bahia, conheceu seu primeiro empresário quando estava no Nordeste. A relação com esse empresário não foi muito boa, embora o atleta quase não se lembre dos percalços com o ex-gerente de sua carreira na época.

Todo o processo de mudança de cidade, de residência e de ida do pai para a Bahia não foi suficiente para que o menino permanecesse no futebol baiano. Na verdade, seu pai precisou retornar para Brasília, pois o tempo de licença pelo INSS havia se esgotado, e ele deveria voltar para o seu antigo emprego.

Vale acrescentar que seu primeiro empresário foi reprovado pelo seu pai, e o menino, que sofreu para se adaptar às condições de vida na nova cidade, decidiu retornar para casa. Mesmo decidindo voltar para casa, o Atleta 8 estava convicto de que não queria mais ficar sem jogar futebol. Foi, aí, que seu pai recebeu um e-mail convidando o jovem atleta para passar por um período de testes no clube onde joga atualmente.

Todo o processo de retorno para a cidade de origem não deve ter sido muito amistoso. O menino havia se acostumado com a rotina de treinamentos e competições. Ficar parado em casa já não fazia mais parte dos seus planos. Mais uma vez abriu negociação com a família para migrar para outra cidade a fim de continuar insistindo nos planos de se tornar jogador de futebol. Mas, antes de chegar ao novo clube, na sua concepção, o futebol já fazia parte dos planos de profissionalização. Mesmo assim, questionamos o quando e o como o atleta percebeu que queria se profissionalizar no futebol.

Entrevistador: [...] Quando que você percebeu que esse era o caminho que você queria pra sua carreira?

Atleta 8: Ah... desde quando eu saí de casa [para o Bahia] com 11 anos, eu já tinha isso [jogar futebol] como objetivo. Com 11 anos eu já tinha isso como objetivo.

Entrevistador: Com 11 anos você já tinha na cabeça que queria ser jogador de futebol. [...] E você consegue me explicar como você construiu esse objetivo na... pra você? O que que te levou a pensar em ser jogador de futebol?

Atleta 8: Ah... ver as pessoas nas televisões. Ver as pessoas que você gosta. Acho que isso ajudou bastante.

O sonho de ser jogador de futebol é um desejo de ser aquilo que os ídolos do Atleta 8 representavam para ele. Ao ver pessoas como o Lúcio, ex-jogador da Seleção Brasileira, Thiago Silva e Sergio Ramos, ambos com passagens pelas seleções de seus países, fez com que a criança de 11 anos de idade projetasse para sua vida todo o glamour da profissão de jogador de futebol. Além disso, havia também a vontade de seu pai de talvez fazer a história do seu filho um pouco diferente da sua. Por essa razão, ele sempre aconselhou o jovem atleta a não cometer os mesmos erros que ele cometera quando era jogador de futebol profissional. Essas formas de lidar com as expectativas e oportunidades fez com o que o Atleta 8 migrasse de clube algumas poucas vezes, e, também, buscasse maneiras de atingir seu sonho. Além disso, as metas que esse menino tem para sua carreira no futebol mostra como acredita na realização do seu sonho de carreira.

Entrevistador: Um sonho que você tem na vida?

Atleta 8: Além de ser jogador de futebol? [risos]

O sonho virou meta de carreira. Além desse sonho, o Atleta 8 ainda mencionou que pretende formar uma empresa com seu pai, a fim de se tornar um agente de jogadores de futebol.

Os planos dele ainda contemplam a vinda do seu pai para o Rio de Janeiro. Observamos nessa entrevista que esse atleta acredita que a carreira do futebol está envolvida de muito *status*, dinheiro e sucesso. Ainda que seu genitor seja um exemplo de insucesso na carreira, acredita que essa história poderia ter sido diferente, considerando a hipótese de seu pai ter permanecido no futebol e ganhado salários melhores.

O esforço individual foi outro tema presente na fala do Atleta 8. O sucesso na carreira depende não somente de se envolver com as pessoas certas, mas também de continuar se esforçando nos treinamentos para obter os melhores resultados em campo.

A trajetória do Atleta 9 já foi um pouco diferente da do Atleta 8 em alguns aspectos. Como por hábito, o Atleta 9 começou a jogar futsal em uma escolinha em sua cidade. De lá, foi para o campo conforme foi sendo notado. Mas uma história que nos chamou a atenção foi sua participação em um *reality show* cujo objetivo era selecionar um jovem atleta para fazer parte das categorias de base do São Paulo Futebol Clube. Pelo menos, era essa a promessa de prêmio para o vencedor. O programa televisivo teve muitas etapas e começou com 750 garotos inscritos que foram sendo eliminados em testes antes das gravações. No final, sobraram 22 jogadores que foram sendo eliminados um por um a cada programa.

Entrevistador: Esse programa que você participou, era “Meninos de Ouro”, conta um pouquinho como que era o programa...

Atleta 9: “Meninos de Ouro” é um *reality show*. Eles botavam meninos de vários setores do país. Monta um programa. A gente fez uma peneira com 750 moleques em um dia. Desses 750 moleques ficaram 72 para uma outra peneira. Desses 72, ficaram 34. Desses 34, ficaram 22 que participaram do programa inteiro. Então, esses 22, esses 22 dividiam 11 contra 11, um time do vermelho e um time do azul. E os treinadores eram o Zetti, goleiro, e o Edmilson [ex-zagueiro da Seleção Brasileira]. E, então, em cada programa, do time perdedor, era um [menino] eliminado. Aí durante 5 jogos, foram 5 garotos eliminados. Assim que acabou essa fase de eliminação, aí montava a seleção do “Meninos de Ouro”. Aí montava os 11, desses 22, pra participar... continuar participando do programa. Os outros que não foram escolhidos, estavam eliminados, mas estavam dentro do elenco pra... se alguém machucar. Estar junto pra aparecer também. Aí, desses 11, sobraram 4 finalistas. E desses 4 sobrou 1. Eu fiquei em quarto.

Entrevistador: E nesse programa era... quem fazia a seleção? Como é que era a discussão? [...] Como é que era a discussão após os jogos? O que você observava após os jogos que você não tinha a menor noção do que acontecia durante o processo de gravação?

Atleta 9: Bom! O que eu observava é que é... O treino que tinha, como a gente treinava daquele jeito, era um pouco diferente. Tanto que os nossos treinadores eram campeões mundiais. Então a filosofia de treino, o jeito de trabalhar era um pouco diferente pra mim. Mas eu consegui me adaptar. Aí foi o que me ajudou a chegar à final da competição.

O programa de televisão formou um processo ampliado da peneira. Muitos meninos tentaram chegar a ganhar o sonhado prêmio de estar em um clube de futebol. Todavia, dos 750

pretendentes, só um teve a chance de treinar no São Paulo Futebol Clube. Apesar da promessa de que o programa tinha de oferecer uma vaga nas categorias de base de um grande clube de futebol, a verdade é que o atleta vencedor do programa foi para o grande clube passar por um período de avaliação. Não conseguiu se firmar nas categorias de base do São Paulo e saiu logo após do período de testes de duas semanas. Embora o prêmio não tenha sido exatamente o que o menino pretendia, só o fato de ter participado de um *reality show*, transmitido em rede nacional, deu-lhe oportunidades para estar em outros clubes. A visibilidade, adquirida por meio do programa, levou o Atleta 9 para a Ponte Preta.

Entrevistador: Depois desse programa, como é que... surgiu alguma oportunidade pra você?

Atleta 9: Surgiu na Ponte Preta. Como tinha te explicado. Aí fui pra Ponte Preta e acabou não dando certo. Aí eu voltei da Ponte Preta e disputei o Campeonato Paulista de 2014 pelo time da minha cidade mesmo. E a gente saiu fora por causa do profissional. Porque aconteceu de fechar o estádio, porque o profissional tava acho que devendo alguma coisa. E aí tirou a base junto.

Os bastidores do futebol podem prejudicar inclusive aqueles que pretendem atingir o sucesso profissional passando pelas categorias de base. No caso do Atleta 9, ele participou do programa de televisão, acreditando que teria uma oportunidade concreta em um grande clube do futebol nacional. Mesmo ele não tendo sido o escolhido como vencedor do programa, o prêmio, que antes era almejado por todos, foi reduzido a um período de testes que não passou de duas semanas para o campeão do *reality*. Porém, o nosso entrevistado conseguiu seguir para a Ponte Preta, onde também não obteve êxito. Retornou para o clube de sua cidade para participar do Campeonato Paulista de 2014. A equipe ia bem no campeonato, mas uma demanda gerada pelo clube fez com que as equipes de base fossem eliminadas dos campeonatos organizados pela Federação Paulista de Futebol.

O problema de ter sido eliminado precocemente da competição por causa de fatores externos aos jogos fez com que o jovem atleta ficasse quase 6 meses sem atuar por qualquer clube. A justificativa foi a de que ele não poderia ser inscrito por outra equipe na mesma competição, porque já havia realizado mais de 4 jogos pela equipe que foi eliminada. Mesmo com os contratempos, o Atleta 9 não desanimou e continuou insistindo na carreira de futebolista. Perguntado sobre como foi ficar tanto tempo parado nessa época, o jogador nos respondeu assim.

Entrevistador: E como é esse processo de ficar parado em um momento assim... que não dependia só de vocês?

Atleta 9: Ah! Naquele tempo eu ainda buscava uma outra oportunidade. Mas aí, aos poucos, quando eu fui ficando mais velho, eu tava meio que desistindo. Mas aí eu lembro que eu chegava no treino desanimado. É... tentava buscar

alguma coisa, tentava ver outro time pra eu fazer teste, pra ver se eu conseguia e não achava nada. Então, nesse ano foi muito difícil pra mim.

Entrevistador: E aí qual foi o suporte que você teve pra pelo menos conseguir se manter psicologicamente focado.

Atleta 9: A minha família, né? A minha família sempre foi a base de tudo. Meu pai sempre me apoiando, minha mãe, meus familiares sempre me apoiaram bastante.

A inspiração para continuar se mantendo focado no projeto de profissionalização no futebol vem de casa. Assim como outros atletas, o Atleta 9 também tem um pai que tentou ser jogador de futebol e depositou nele a esperança de conquistar o sonho que não conseguiu alcançar. Segundo o jovem atleta 9, seu genitor o induziu a começar a jogar futebol. Todavia, a conversa que eles mantêm entre si sobre os seus objetivos de carreira colocam as suas prioridades e metas antes de qualquer sonho que seu pai pudesse vir a ter enquanto era jogador profissional no clube de sua cidade. Dessa forma, o Atleta 9 colocou em sua mente que ser jogador de futebol era seu objetivo principal na carreira.

Entrevistador: Quais são suas metas hoje como atleta?

Atleta 9: Como atleta? Primeiramente, ser um bom ser humano, né? Acima de tudo, ser uma boa pessoa pra todo mundo. E, segundo, como jogador, buscar uma... algumas coisas altas, né? Subir pro profissional. Se destacar no profissional, ou no Brasil ou fora. Buscar jogar em um time grande da Europa. Quem sabe até tentar uma Seleção Brasileira. Buscar o auge do jogador.

Entrevistador: Como você vem trabalhando pra chegar a atingir suas metas e tal?

Atleta 9: Ah! Eu venho trabalhando bastante focado, né? Que é a principal coisa de um jogador e... tranquilo. Hoje, eu não estou em um bom momento meu. Hoje, eu não estou em um bom momento. Eu sei o que eu posso dar, eu sei do meu potencial, eu sei das minhas qualidades. Então, eu sei que esse futebol que eu jogo hoje não é o meu futebol de verdade. Mas eu sei que isso é o momento, é o tempo. Ainda mais na minha posição que, centroavante vive de momento. Então, eu sei que tudo vai passar e que, em um futuro bem próximo, eu vou voltar ao futebol que eu sempre joguei.

Mesmo estando focado na meta de se profissionalizar no futebol, o Atleta 9 identificou que vive um mau momento na carreira. A distância da família o coloca em uma situação diferente das que já havia vivido até então. Porém, vimos que suas metas são traçadas e buscadas passo a passo, com planejamento e apoio familiar. Ele tem na cabeça a ideia de que para se tornar um jogador ele precisa buscar viver um dia após o outro e, para cada momento, traçar um objetivo. Apesar de ser um sonho compartilhado com as expectativas do seu pai, ser jogador de futebol não lhe tira a qualidade de analisar os meios para atingir seu objetivo de vida. Ele busca as oportunidades e planeja suas ações para chegar à profissionalização no futebol.

O Atleta 10 é morador de Cabo Frio, Região dos Lagos, do estado do Rio de Janeiro. Começou a jogar futebol como os outros meninos, em uma escolinha em seu bairro. Teve a oportunidade de fazer o teste no clube onde joga através de um conhecido do seu pai. Sobre oportunidades, esse atleta tem uma visão interessante. Para ele, o atleta que tem oportunidade é aquele que consegue formar uma rede que o permita sempre ter a chance de fazer um teste em um clube. Além disso, ele acredita que aproveitar uma oportunidade de ingressar nas categorias de base do futebol dependem da resistência que o jovem atleta pode adquirir para enfrentar as renúncias que surgem a partir da sua escolha de profissionalização, como a ausência da família, por exemplo.

Entrevistador: O que você chama de ter oportunidade e deixar escapar uma oportunidade?

Atleta 10: Ah! Ter oportunidade é aquele, tipo: se você sempre ter teste assim, sempre tem uma pessoa que leva você pra fazer um teste. E alguns que passam em algum clube assim e... volta porque, de saudade da família. Quer voltar, não quer ficar no clube. Não gostou assim. Ai deixa escapar a oportunidade.

Observamos nessa história contada pelo Atleta 10 a sugestão de que as oportunidades de sucesso na carreira passam pela mão de pessoas atuantes nos bastidores do futebol. O momento, a dedicação e o esforço fazem parte do conjunto de indicadores que permitiriam o sucesso na carreira de jogador de futebol profissional. Mas, com a finalidade de esses indicadores funcionarem, o atleta tem que fazer surgir a oportunidade, conhecendo as pessoas certas que o levarão a fazer testes nos clubes. Assim, percebemos que os planos de carreira desse atleta têm metas já definidas.

Entrevistador: Quais são seus planos?

Atleta 10: Ah! Quero ser jogador do [clube]. Se... quero me profissionalizar aqui no [clube] mesmo.

Seu pai também tentou ser jogador de futebol, mas a rotina envolvendo família e trabalho o impediu de dar prosseguimento à carreira. Embora o pai do Atleta 10 tenha limitado sua carreira por conta de demandas pessoais, isso fez com que ele conhecesse algumas pessoas no mundo do futebol que ajudaram seu filho a seguir o projeto de profissionalização no esporte. O atual empresário do atleta já o levou para fazer testes em clubes de São Paulo, como o Corinthians, o Santos e o São Paulo: no primeiro, não passou no teste; no segundo, chegou a ficar um tempo, porém, como o clube teve dificuldades para matricular o menino na escola, sua mãe o fez voltar para casa para que ele não perdesse o ano; no terceiro, não ficou: havia muitos atletas no alojamento, para permanecer lá, teria que ser em outro lugar, longe do clube. Decidiu, então, não ficar em um clube paulista.

A crença de sucesso do atleta no futebol se deve às suas experiências nesse campo. Além dos contatos que o Atleta 10 julga ser importante para criar as oportunidades de profissionalização no futebol, vimos que a sua parceria com seu pai é muito importante para que ele continue insistindo na carreira de atleta. Para seu responsável, “Se Deus permitir”, irá se tornar um atleta profissional de sucesso. Destacamos a fala do pai do atleta entre aspas e sugerimos que essa crença faz parte também do conjunto de fatos necessários no sentido de o jovem ter sucesso na carreira de jogador.

O Atleta 6 é o último atleta que usaremos para tratar do assunto de profissionalização no futebol. Esse menino também é do estado do Rio de Janeiro. Especificamente, é de Piratininga, Niterói, sendo morador de uma comunidade. Como ele próprio destacou, teve suas primeiras oportunidades em uma escolinha. Foi visto jogando futebol na rua, com seus amigos da vizinhança. Após isso, teve oportunidade de fazer teste no clube onde joga atualmente e permaneceu. Lá, chegou a pensar em parar de jogar, em função de ficar distante de sua família. Mas suas metas permaneceram as mesmas.

Entrevistador: Quais são seus objetivos hoje? Onde você quer chegar?

Atleta 6: Ué! Meu objetivo é chegar no profissional, né? Poder dar uma vida boa pra minha mãe. Só esse é meu objetivo mesmo. [risos].

O Atleta 6, diferentemente dos demais, teve muitas dificuldades para expressar suas vontades. Talvez a timidez o tenha atrapalhado para a exposição de suas ideias. Sobre o futebol, contou suas experiências na escolinha e o modo como chegou ao clube onde joga hoje. Comentou a vontade de parar de jogar futebol, pois não vinha participando dos jogos. O apoio de sua família foi importante para que ele desse continuidade ao seu sonho de carreira, o de ser atleta. Observamos que seu foco na carreira de futebol mira o alto salário e a profissionalização como meio de ajudar sua família a melhorar a condição socioeconômica. As razões para que obtenha sucesso, ele atribui ao esforço e à sorte.

O objetivo dessa seção foi delimitar as estratégias de ação que os jovens atletas adotam para atingir seu objetivo final na carreira. Na primeira instância, buscamos elucidar quais eram os objetivos de carreira dos jovens investigados, para, a partir daí, demonstrarmos as ações que os jovens atletas adotam para perseguir as suas metas traçadas. Vimos que todos os atletas, sem exceção, tinham algum tipo de agente ou empresário que arrumava os seus testes no clube onde atuam ou atuaram ao longo da carreira. Além disso, observamos que o modo como percebem as oportunidades e operam para alcançar seus objetivos depende de ações planejadas ou não. Houve uma diversidade de respostas que tangenciavam as estratégias adotadas para conquistar

o objetivo de se profissionalizar no futebol. A isso, podemos atribuir a categoria de análise que definimos no início do capítulo III: os tipos ideais. No tocante a esses tipos ideais, por mais que as estratégias de ação que definimos possam se interpenetrar quando tratamos de tipos reais, identificamos modos bem distintos de escolher os meios a serem usados para atingir a profissionalização no futebol.

Concluimos que os atletas de futebol que investigamos têm quase uma origem comum nessa modalidade esportiva. Todos começaram em algum tipo de escolinha no bairro onde moravam e tiveram algum tipo de intermediador no processo de transferências de clube, antes mesmo de ter algum tipo de empresário gerenciando sua carreira. Em alguns casos, os próprios técnicos das escolinhas faziam a ponte para levar o atleta da escolinha para o clube; em outros, a própria família intervinha e buscava consolidar o sonho da carreira do jovem através de contatos com instituições esportivas. Nesse cenário, observamos alguns tipos de comportamento que demonstravam a importância da rede de relacionamentos e influência na participação para atingir o objetivo de se tornar jogador profissional.

Seja pela influência dos treinadores seja pela história familiar, identificamos que as redes sociais são quase que determinantes para a persistência do jovem atleta na carreira de futebolista. Essas redes sociais são relevantes para a carreira do atleta não só por criar as oportunidades para que ele continue seguindo o objetivo de se tornar jogador, no entanto, mais do que isso, as redes construídas pelo atleta e pela família são o apoio necessário a fim de os desafios derivados do insucesso serem superados. Os atletas chegaram a comentar as passagens malsucedidas e, às vezes, pensaram em encerrar a carreira precocemente. Relembaram, também, como essas redes fizeram com que eles desistissem de pôr fim ao processo de profissionalização.

Pensemos que as redes de relações e influências são importantes não somente para fazer com que os atletas participem de testes nos clubes de futebol, mas também para lhe dar apoio cada vez que o objetivo da profissionalização aparecer mais distante dos seus horizontes. A partir das redes sociais e dos laços que construíram ao longo da carreira, já com o projeto de profissionalização no futebol consolidado, os atletas demonstraram outra importante figura que os ajudaram a permanecer nas categorias de base do futebol: o empresário. É uma espécie de gerente da carreira no futebol. Ele aparece como o mediador das oportunidades: entra em contato com os clubes e arranja os testes para os meninos.

Todos os jovens entrevistados tinham um empresário e deixaram claro que, caso não continuassem no clube, o empresário deles seria responsável por arrumar outra forma para que eles fizessem testes em outros clubes do Brasil. Por esses dois motivos, ressaltamos a

importância do capital social para que os atletas insistam no processo que os levariam à profissionalização no futebol. A permanência e a insistência no processo de investimento no esporte, pelo menos para os atletas entrevistados, depende de uma boa rede social que tenha conhecimento sobre o contexto de atuação.

Outro dado importante que levantamos nessa seção foi a forma como os atletas percebem as oportunidades de profissionalização e atuam para fazer com que elas se tornem exequíveis. Nesse contexto, observamos que há uma importante contribuição das categorias de tipos ideais para interpretarmos os dados:

1. o tipo sonhador entende o processo de profissionalização como fruto do acaso e do esforço individual. Vimos alguns atletas que comentaram sobre a presença divina na criação das oportunidades obtidas na carreira. Não estamos aqui para nos desfazermos da fé dos meninos, pelo contrário, acreditamos que toda forma de perceber as oportunidades para o sucesso na carreira é válida. Mas esses jovens atletas atribuíam sempre ao acaso e à força da fé o surgimento de algumas chances e, propriamente, a forma como se dedicavam ao futebol teria pouca influência, caso o seu projeto de profissionalização não fosse também o projeto de Deus para eles. A forma de atuar diante dos sortilégios, portanto, funcionaria como um mecanismo compensatório do esforço realizado nos treinamentos e competições, como também o sonho de fazer o bem para os entes queridos e mudar sua condição social;

2. o tipo pragmático organiza suas ações para que as oportunidades de sucesso sejam construídas a partir do seu esforço. Indicamos na fala dos atletas que planejavam detalhadamente o modo como operariam para criar as oportunidades para atingir o objetivo da profissionalização no futebol e traçavam metas para alcançar a curto, médio e longos prazos. O processo que levariam esses atletas a atuarem diante das chances eram o de negociação junto à família, incentivadores ou empresários, buscando os caminhos mais objetivos para entrar e permanecer nas categorias de base no futebol. A tática usada que mais nos chamou a atenção foi o fato de o Atleta 4 convencer seu pai a financiar um treinamento individual para que ele adquirisse as habilidades requeridas para atuar no futebol de campo. Toda a sua transição do futsal para o campo foi amenizada pelas escolhas negociadas com seu pai;

3. o tipo contextual analisa o cenário para atuar diante das chances que surgem. Esse tipo de atleta toma a decisão a partir das consultas que realiza junto aos conhecidos, buscando elementos que o ajudem a concluir sobre a exequibilidade de uma oportunidade. Vários atletas demonstraram esse tipo de comportamento diante das decisões que tinham que tomar ao longo do processo de profissionalização.

Conforme afirmamos, é possível que o tipo real tenha características interpenetradas de todos os tipos ideais. Por essa razão, evitaremos classificar cada atleta como um tipo pré-definido, pois não é esse o objetivo da pesquisa. Na verdade, queremos entender o modo como os atletas atuam diante das oportunidades. O caso contextual, vale observar, aparece em vários momentos das entrevistas: um exemplo é o modo como os atletas falam sobre suas metas. Muitos chegaram a dizer que pretendem continuar no futebol, muito embora dependessem de estágios, momentos em sua carreira de jogador. Se não dessem certo como profissionais do futebol, buscariam ingressar em algum curso superior que os mantivesse próximos ao esporte.

Por fim, essa seção nos permitiu compreender como os atletas atuam diante das oportunidades de profissionalização no futebol e consolidam seu projeto individual de carreira. A seguir, apresentaremos e analisaremos dados sobre as experiências que os atletas têm no ambiente escolar. Esses dados podem nos ajudar a compreender o modo pelo qual acontece o investimento no futebol, pois entendemos que esse processo depende de uma secundarização do projeto paralelo de escolarização básica.

3.4 A ESCOLA COMO OPÇÃO

A seção anterior mostrou como acontece o processo que faz os jovens atletas perceberem as chances no futebol e como eles atuaram diante delas, determinando o seu investimento no projeto de carreira. Se lembrarmos que estamos tratando de jovens em situação de dupla carreira, podemos sugerir que as condições, que levam a um maior investimento no esporte em detrimento da formação escolar, podem ser influenciadas por fatores que provocam o distanciamento ou a secundarização dos bancos escolares. Os mecanismos apresentados para o investimento no futebol indicam a dependência dos atletas atrelados a uma rede social: sem esta, encontram empecilhos a fim de criar e negociar as oportunidades na carreira. O modo como atuam diante dessas oportunidades pode variar entre a crença de um mecanismo de recompensa pelo esforço dispensado por eles a uma estrutura que estima metas a curto, médio e longo prazos, adotando táticas para atingir cada uma delas.

Ao tratarmos do processo de escolarização, torna-se imprescindível caracterizar o ponto, o alvo de nossa observação. Em termos de regularidade e fluxo escolar, podemos estabelecer a relação entre a idade e o ano, no caso do Ensino Fundamental, ou a série, em se tratando do Ensino Médio.

No gráfico 18, os jovens atletas pesquisados são identificados em grupo, cuja característica associada faixa etária e ano ou série escolar, no ano de 2015. Lembrando que dentro do nosso grupo de atletas investigados, tínhamos 24 jogadores da categoria sub-15, o que significa que eles tinham entre 14 e 15 anos de idade e, em tese, deveriam estar matriculados e cursando o 9º ano, do Ensino Fundamental, ou a 1ª série do Ensino Médio. Foi possível perceber distorção entre a idade do jovem atleta e o ano ou a série, o que pode ser compreendido como atraso escolar. O 8º ano foi incluído, levando em consideração o mês de nascimento e a idade obrigatória para matrícula no Ensino Fundamental, de acordo com o art. 32, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: os que nasceram a partir do mês, posterior ao início do ano letivo, serão matriculados no ano seguinte. Essa situação, vale ressaltar, está prevista nos sistemas escolares municipais e estaduais.

Analisando os dados contidos no Gráfico 18, observa-se que, em 2015, do total de 24 atletas da categoria sub-15, 9 atletas (38%) estavam cursando a 1ª série do Ensino Médio. Os demais estavam matriculados no Ensino Fundamental: 8 atletas (33%), no 9º ano, 2 atletas (8%) no 8º ano, 4 atletas (17%), no 7º ano e 1 atleta (4%), no 5º ano. Esses dados nos mostram que a maior parte dos atletas, 19 (79%) dos respondentes, poderiam estar em uma série compatível

com sua idade. O restante, constituído por 5 deles (21%), estariam em situação de atraso escolar, variando de 1 a 3 anos.

Pelos dados apresentados no Gráfico 18, é observada a tendência de os atletas se colocarem em fluxo mais próximo do regular possível, embora tenhamos que considerar o número de retenções por mérito ou por abandono escolar. Os dados sobre as reprovações ou abandono da escola mostraremos na Tabela 10, logo abaixo do Gráfico 18.

Gráfico 18.

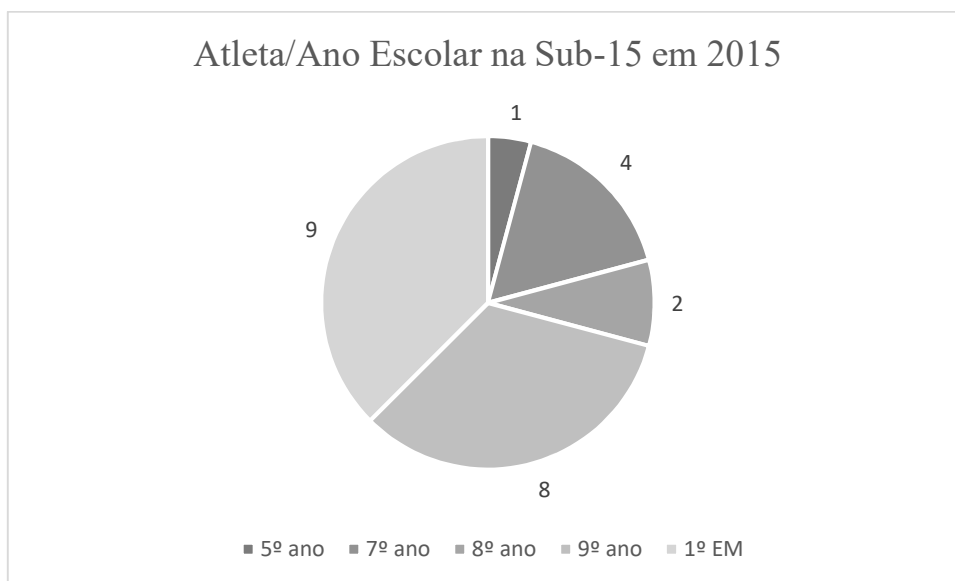


Tabela 10. Reprovações e Evasão Escolar na Categoria Sub-15

Frequência	Sub-15 que Reprovou	Sub-15 que Abandonou
Nunca	16	20
1 vez	4	3
2 vezes	3	0
3 vezes	0	0
4 vezes	0	0
Outro	1	1
Total	24	24

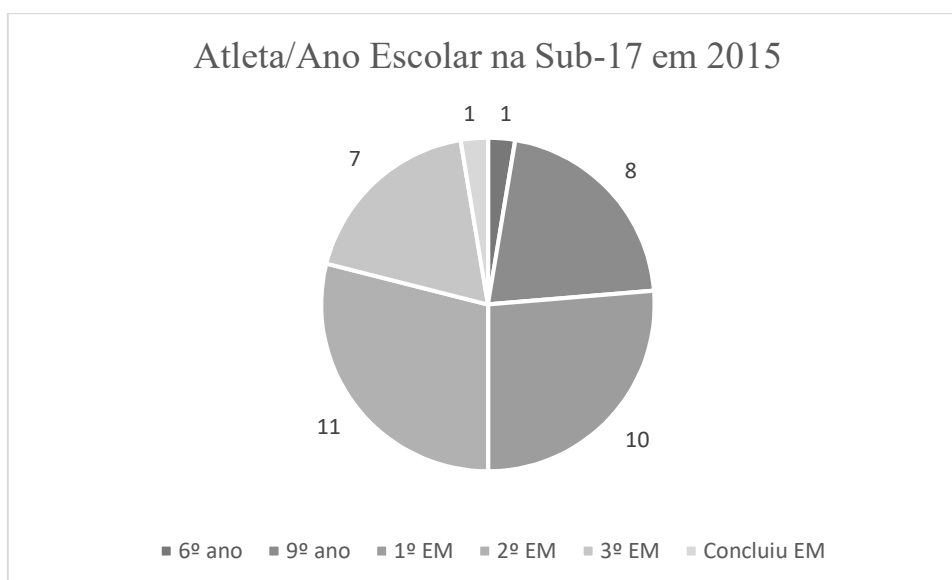
Na Tabela 10, são apresentados dados numéricos sobre reprovação e evasão escolar. Quanto ao segundo campo dessa mesma tabela, 8 atletas foram retidos nas séries durante sua trajetória escolar, sendo que 7 deles teriam sido reprovados até 2 vezes na escola. Desses 7, vale acrescentar, 3 teriam sido reprovados por terem evadido da escola.

Comparando o campo 2 com o campo 3, nota-se que o número de atletas que nunca evadiram da escola é maior que o número de atletas que nunca reprovou. Isso pode indicar que

as possíveis reprovações possam ter sido motivadas pelo mérito e não pela ausência de matrícula na escola.

Os dados sobre as reprovações e as evasões escolares para os atletas da categoria sub-15 indicam que o fluxo deles pelos anos de ensino não é tão afetado por reprovações. Há uma regularidade para dois terços dos atletas que mencionaram nunca terem sido reprovados na escola. Além disso, aqueles que reprovaram uma vez, somados ao número de atletas que não foram retidos nas séries escolares, perfazem o total de 20 casos ou, em termos percentuais, 83% do universo de atletas investigados para essa categoria. A seguir, veremos as mesmas condições dos atletas na categoria sub-17.

Gráfico 19.



O número de atletas investigados na categoria sub-17 totalizava 38 jovens. Nessa categoria, os jovens estão na faixa etária entre 16 e 17 anos. Considerando a idade regular da Educação Básica, do 1º ano do Ensino Fundamental, com 6 anos de idade, à 3ª série do Ensino Médio, tais jovens atletas deveriam cursar, respectivamente, a 2ª e a 3ª série. Caso consideremos 1 ano de discrepância entre idade para a série que ocupa, poderemos incluir a 1ª série do Ensino Médio como uma referência que não consideraria o atraso escolar.

Consideradas a idade regular da Educação Básica e possível discrepância, analisemos os dados contidos no Gráfico 19. Do total de 38 atletas investigados nessa categoria, 1 atleta (3%) concluiu o Ensino Médio; 7 atletas (18%) estão na 3ª série; 11 atletas (29%) ocupavam a 2ª série; 10 atletas (26%) estavam na 1ª série. 9 jovens atletas se encontravam matriculados no Ensino Fundamental: 8 atletas (21%), no 9º ano e 1 atleta (3%), no 6º ano

Comparando os dois casos observados no Gráfico 19, os de jovens atletas cursando o Ensino Médio e o de jovens atletas matriculados no Ensino Fundamental, observamos que 28 (76%) se encontram na faixa etária regular correspondente à 2ª e à 3ª série, e um concluiu o Ensino Médio antes do tempo devido. Os demais, um total de 9 atletas, ou 24% do total, estavam em atraso escolar, sendo o caso discrepante mais grave o do atleta que cursava o 6º ano do Ensino Fundamental.

Estabelecendo a comparação entre os dados escolares dos jovens atletas das categorias sub-15 e sub-17, poderíamos ficar com a impressão de que os dados dos atletas da sub-17 seriam bem piores se tivéssemos em mente a ideia de que os atletas dessa categoria estavam mais próximos de atingir a etapa de profissionalização. Todavia, não foi isso o que verificamos, indicando que o fluxo do atleta na categoria sub-15 é bastante regular. Em se tratando da idade ideal, vem se mostrando bastante compatível com o nível de ensino que o atleta vem cursando na categoria sub-17.

Para definirmos se o fluxo dos atletas dessa última categoria permanece regular, como ocorre na categoria sub-15, vamos observar a Tabela 11, onde é apresentado o número de reprovações e evasão escolar desses atletas.

Tabela 11. Reprovações e Evasão Escolar na Categoria Sub-17

Frequência	Sub-17 que reprovou	Sub-17 que abandonou
Nunca	19	30
1 vez	7	7
2 vezes	9	1
3 vezes	2	0
4 vezes	1	0
Outro	0	0
Total	38	38

Analisando os dados contidos na Tabela 11, observamos, mais uma vez, que o número de atletas nunca evadidos da escola representa a maior parte dos respondentes da pesquisa (30). Comparado ao número de jovens atletas dessa categoria que nunca foram reprovados (19), o número de não evasão supera, em 11 casos, o total de atletas que nunca foi reprovado. Isso volta a sugerir que as reprovações por mérito superam o número de casos que perderam, pelo menos, um ano escolar por conta da saída da escola. Todavia, considerando o número de atletas reprovados 1 vez ou mais, encontramos 7 atletas retidos 1 vez. Nesse contingente de reprovados, há, também, 9 atletas com duas reprovações, 2 atletas com 3 reprovações e 1 atleta

com 4 reprovações. Diante dessas informações, constatamos que, 19 atletas, isto é, 50% dos atletas já foram reprovados pelo menos 1 vez. Desse grupo, 8 atletas, em termos percentuais, 42,1%, evadiram da escola, pelo menos, 1 vez. Os números e os percentuais relativos à Tabela 11 mostram que a transição para o Ensino Médio pode ser algo que produz uma retenção maior dos alunos, o que também acaba refletindo nos jovens que se dedicam a uma dupla carreira no esporte e na escola.

Em resumo, de acordo com os Gráficos 18 e 19 e as Tabelas 10 e 11, os dados acima mostram que os jovens atletas investigados têm, em média, um fluxo regular na categoria sub-15 e um índice maior de retenção nas séries quando são mais velhos, atuando na categoria sub-17. Vale chamar a atenção, neste momento, para o fato de que esses dados não estão muito distantes daqueles observados entre os alunos que não se dedicam a uma dupla carreira. Isso, de certo modo, sugere que os atletas da pesquisa estão dentro da média do universo de estudantes com idade entre 14 e 17 anos no Brasil. Tendo isso em vista e resgatando os dados sobre suas expectativas de escolarização, pensamos que os jovens atletas da pesquisa podem até deixar a escola como um projeto secundário. Todavia, eles continuam investindo na trajetória escolar, pelo menos com intuito de concluir a etapa obrigatória de escolarização. Pretendemos demonstrar, na presente seção, as expectativas dos jovens atletas frente ao projeto escolar e como alguns atletas percebem o modo de interação da escola com suas esperanças de cumprir suas metas nas vias escolares.

3.4.1 Os jovens atletas e as expectativas de escolarização

Nessa etapa da tese, buscaremos responder quais são as expectativas de escolarização pretendidas pelos jovens atletas entrevistados. Vimos até aqui que os jovens atletas de futebol têm a escola como um projeto secundário para a sua profissionalização. Definimos as características que levá-los-iam a um investimento mais incisivo na carreira esportiva. E entendemos que as expectativas de escolarização pode ser um importante dado para fazermos a composição do processo que leva a um maior investimento no esporte.

No início do capítulo III, demonstramos que não é o tempo dedicado ao esporte que produz um menor tempo de investimento na escola. Indicamos que a redução do tempo de permanência na escola era devido a uma jornada escolar defasada, causada pela desorganização das normas escolares e muitas vezes motivada pela ausência de professores, principalmente, quando observamos o ensino noturno. Diante disso, pensamos ser necessário indicar se, ao

mesmo tempo em que há um processo de investimento no futebol, pode haver algum processo de desinvestimento na escola.

A redução do tempo de permanência na escola, ocasionado por uma desestruturação da instituição escolar, pode ser uma das razões para que o projeto de profissionalização pela via escolar seja posto em segundo plano. Da mesma maneira, imaginamos que a relação entre os jovens atletas com professores e gestores da escola podem criar uma espécie de motivo adicional para secundarizar o projeto escolar. Assim, descreveremos algumas experiências relatadas pelos atletas entrevistados que nos permitam identificar a razão segundo a qual as expectativas de escolarização estariam limitadas apenas ao cumprimento do que lhe é exigido obrigatoriamente.

Começaremos a descrição dos dados pelo Atleta 1. A primeira recordação que tem da escola diz respeito ao seu perfil bagunceiro. Segundo ele, a escola era um espaço para muita brincadeira, o que dava muito trabalho para sua mãe, constantemente chamada pela direção a fim de tomar conhecimento das bagunças e corrigir disciplinarmente o seu filho. Esse comportamento fora da norma da escola foi recorrente na vida do Atleta 1, mas conseguiu mudar e agir de modo diferente. Atribuiu a sua mudança de comportamento ao fato de ter saído de São Paulo para jogar futebol: morar sozinho, em outra cidade, fez com que ele passasse a pensar na escola como um espaço de aprendizado. O amadurecimento acarretou reduzir o ritmo bagunceiro na escola e levar tanto a escola quanto o futebol com um pouco mais de seriedade.

Entrevistador: Qual a sua primeira memória, primeira lembrança da sua vida na escola?

Atleta 1: De bagunçar muito [risos]. Bagunçava muito. Minha mãe ia muito na diretoria. Minha mãe ia muito na escola. Eu bagunçava muito na escola. Mas... os professores sempre disseram que eu era muito dedicado, muito... estudava muito, era bastante inteligente. Mas eu bagunçava muito mesmo na escola. E agora que eu vim parar, né? Que eu... Quando eu... Na verdade, quando eu saí de casa [para jogar futebol], que eu vim perceber que eu tava fazendo a coisa errada. Porque aí eu amadureci mais. Parei de ficar brincando na escola. E agora eu levo a sério os estudos. E o trabalho agora.

Como é de se esperar, esses atletas que moram nos alojamentos do clube, sempre terão passado por mais de uma escola, até porque eles praticamente saíram de suas cidades de origem para começar a se dedicar aos treinamentos no Rio de Janeiro. Isso não foi diferente com o Atleta 1. Todavia, ele mudou de escola também quando ainda residia na sua cidade de origem. A razão para ter mudado de escola foi o fato de ter aberto uma nova instituição de ensino próximo a sua casa, o que faria com que seus familiares deixassem de dispensar dinheiro para o transporte escolar. Essa economia era necessária para a sua própria família, que sempre foi sustentada pela sua mãe, conforme ele mesmo nos contou.

Entrevistador: Você sempre estudou na mesma escola lá em Paraisópolis? Lá em São Paulo?

Atleta 1: Eu estudava em uma escola, que eu acho que agora... não sei se ainda está aberta... Eu fiz o pré-vestibular. Eu lembro desde o pré-vestibular até a terceira série. Eu estudava em uma escola que não era em Paraisópolis. Eu tinha que pegar um ônibus pra ir pra lá. E... eu sempre ia pra escola. Eu acho que minha mãe dava um dinheiro pra van e eu sempre pegava a van no mesmo local e ela me levava pra escola. Mas... quando eu fui pra quarta série, abriu uma escola que... acho que faz pouco tempo que abriu essas escolas CEU, entendeu? Aí eu fui pra lá, fui pra Paraisópolis e completei a minha oitava série lá. Agora eu tô aqui no Ensino Médio.

O fato de quase sempre ter sido um atleta enquanto permanecia no sistema educacional nos fez perguntar ao Atleta 1 como era seu relacionamento com as pessoas da escola. Segundo ele, os professores e diretores das escolas pelas quais passou sempre procuraram compreender a condição que ele vivia, entre o futebol e a escola. Os gestores da escola buscavam flexibilizar algumas das normas regulares para que ele tivesse uma melhor maneira de organizar sua rotina entre o treinamento e as obrigações escolares. Apesar de ter sido um aluno pouco disciplinado, ele não gerava problemas no relacionamento com seus professores. O Atleta 1 considera que o projeto escolar tem que caminhar lado a lado com o projeto de profissionalização no futebol.

Entrevistador: Como é que a escola lidava com essa ideia de você ser jogador de futebol?

Atleta 1: Eu acho que... Até hoje na escola que eu frequento aqui, eles têm um contato – como sempre as pessoas falam que o futebol anda junto com a escola. Eu acho isso muita verdade, porque eles ajudam bastante dentro da escola e fora também no trabalho que a gente faz, que é jogar futebol. Eu acho que eles lidam muito bem com isso. Os diretores, os professores... Sabem que quando a gente não pode ir, eles compreendem. A gente leva uma declaração, como sempre eu fazia desde a oitava série, que eu morava lá em Paraisópolis. Levava uma declaração pra escola quando eu não podia ir. Porque era competição. E eles sempre lidavam, lidavam bem com isso. Eles me passavam a prova e eu sempre... sempre continuei estudando normal. Acho que... eu acho que isso é muito bom: andar o futebol junto com a escola junto.

A flexibilização ou o afrouxamento das normas regulares da escola é um fato comum a ser observado na rotina de dupla carreira no esporte e na escola. Embora nem sempre isso aconteça, pois certas Secretarias de Educação não consideram de modo diferenciado as faltas justificadas dos atletas, como vimos na fala dos funcionários do clube que entrevistamos. O tratamento diferenciado do caso das faltas justificadas talvez seja um dos poucos processos por meio dos quais ocorre a negociação entre atleta e escola no sentido de ajudar os meninos do futebol a conciliarem duas atividades, uma esportiva, e outra escolar. Mesmo assim, isso não garante que o atleta manterá uma relação sem obstáculos na via de escolarização. O Atleta 1, por exemplo, mencionou que tinha sido reprovado por não conseguir a matrícula regular na escola, quando foi jogar no Bahia.

Entrevistador: Você já foi reprovado alguma vez?

Atleta 1: Reprovado não [...]. Eu parei de estudar um ano, porque foi quando eu fui pra Bahia. Lá foi muito difícil de arrumar escola. E... aí quando eu arrumei uma escola, foi quando aconteceu o falecimento da minha avó. Aí eu tive que voltar pra cá [pra São Paulo]. Aí perdi um ano.

A dificuldade de conseguir uma matrícula regular em uma escola fez com que o Atleta 1 perdesse um ano escolar. Segundo ele, sua madrinha, com quem morava na Bahia, não teve tempo hábil para buscar regularizar sua situação escolar. Quando finalmente conseguiu matriculá-lo, sua avó faleceu, e ele retornou para São Paulo.

A dificuldade de gerenciar a dupla carreira no esporte e na escola não está somente na organização da rotina de treinamento com a rotina escolar. Muitos atletas passam por testes e buscam se firmar em clubes que não necessariamente são da sua cidade de origem. Isso traz transtorno tanto para o atleta quanto para as escolas que se veem na obrigação de matricular o jovem atleta em qualquer fase do ano letivo. Quando a matrícula é inviabilizada, por qualquer razão, o atleta perde o ano, como aconteceu com o Atleta 1.

Mesmo com as dificuldades para conciliar as duas carreiras, o Atleta 1 manteve seus planos pelas vias de escolarização. O seu objetivo é concluir o Ensino Médio e prosseguir, cursando uma faculdade de administração. O sucesso na carreira no futebol está no horizonte de expectativas desse jovem, tanto que a faculdade de administração é quase um objetivo instrumental de profissionalização pelas vias escolares. O desejo de se tornar um administrador é para poder gerenciar de maneira mais adequada os recursos que ele almeja conquistar jogando futebol.

Entrevistador: Quais são suas metas com a escola?

Atleta 1: Eu quero completar o ano. E também quero fazer uma faculdade. Porque minha mãe pegou tanto no meu pé, que eu quero fazer essa faculdade. Pra mim e também pra... pra deixar ela feliz. Entendeu? Eu quero fazer uma faculdade de administração, porque eu acho que, se der certo no futebol, eu quero administrar minhas coisas certas e correta pra, quando eu sair do futebol, acabar a minha carreira no futebol, eu saber como usar todo o dinheiro que eu for recebendo durante a carreira toda.

A rotina de treino e competições não afastou o jovem Atleta 1 das suas metas escolares, embora ele venha encarando-as como uma forma de responder a uma possível demanda criada pelo seu sucesso na carreira de futebolista. A relação dele com a escola pareceu algo tão harmonioso como contou sua trajetória no esporte. As escolas auxiliavam na conciliação da dupla carreira, os clubes ajudavam na escola, a família incentivava tanto a escola quanto o esporte. Enfim, parece uma história em que o projeto escolar, mesmo parecendo ser inviável, não seria ignorado.

As escolas por onde o Atleta 1 passou buscavam sempre algum meio de afrouxar as normas regulares para manter o jovem estudando e jogando futebol. Não foi o único exemplo que identificamos entre os atletas. A história do Atleta 4 também mostrou mecanismos interessantes adotados pela escola. Até os seis anos de idade, ele estudou em uma escola pública, sendo transferido logo em seguida para uma escola particular. Na fala do segundo atleta, confundiram-se as etapas de ensino e afirmou que o sexto ano escolar era o último na escola pública. No entanto, vamos encarar o sexto ano citado pelo Atleta 4, como sendo o sexto ano de vida.

Entrevistador: Em Londrina, você sempre estudou na mesma escola?

Atleta 4: Até... até, no caso, o sexto ano [de vida], né? O sexto ano foi em uma escola. Em uma escola estadual. Depois eu acabei transferindo para uma particular.

A razão para ter trocado de escola foi bem simples: a antiga escola não oferecia ensino para além da classe de alfabetização. O Atleta 4 transcreveu toda a história escolar em Londrina nessa segunda escola, tendo mudado de escola novamente só quando veio morar no Rio de Janeiro. Sobre a escola particular, o Atleta 4 falou com muito carinho e apreço da instituição. Foi a escola onde passou maior parte da sua trajetória de ensino. Mas ele relembrou que a transição do ensino público para o privado, mesmo tendo acontecido muito cedo, foi um pouco complicado, porque a escola particular lhe exigia mais. Embora isso tenha sido um efeito sentido pelo Atleta 4, lembrou que a adaptação foi rápida, pois ele era bem novo e conseguiu fazer com que as coisas corressem bem nessa escola.

Entrevistador: Me conta um pouquinho como era a escola lá de Londrina.

Atleta 4: Ué! Sempre foi uma escola muito boa da cidade. Então, a gente está... O ensino era bem... bem puxado, bem exigido. Então, acabou... a transição acabou dando uma pesada. Mas... Como eu me transféri, no caso, na primeira série, né? Então foi bem devagar... acabou sendo pesado, mas foi devagar também.

A entrevista com o Atleta 4 ainda nos trouxe duas surpresas: a primeira delas foi quanto ao mecanismo que a escola adotava para ajudar o atleta a administrar melhor a dupla carreira. A segunda, foi a qualidade do ensino quando fez a transição para a escola no Rio de Janeiro. A seguir, vamos observar a fala dele sobre como a escola lidava com a condição do aluno-atleta. Por ora, adiantamos que essa foi a primeira vez que vimos algo parecido. A sua escola atribuía-lhe 10 pontos (de 100) de avaliação que seria feita pelo seu treinador de futebol. O formulário de avaliação chegava ao treinador por intermédio do pai do atleta, em um envelope fechado e retornava para a escola pelas mesmas vias. Segundo o Atleta 4, ele nunca recebera menos que os 10 pontos dados pelo seu treinador.

Entrevistador: Como é que era esse apoio [da escola]?

Atleta 4: Notas. Como eles sabiam que a gente... no caso, a gente era eu e mais um. Eles [a escola] sabiam de toda a nossa rotina. Eles ajudavam com 10 pontos no final do bimestre. Então, já era uma ajuda muito boa, 10 pontos no final do bimestre. Por saber que a gente estudava a menos e tal. E às vezes tinham aulas à tarde, que não podia comparecer e acabava perdendo ponto por isso. Então, esses 10 pontos era praticamente 10 pontos de tarefas de aulas à tarde... essas coisas.

Segundo o Atleta 4, esse apoio da escola foi pensado a partir do sucesso de uma ex-aluna, que teria jogado handebol e também teria conseguido ingressar em uma universidade através do esporte. Sabendo da rotina dessa ex-aluna e das dificuldades que teve como estudante e atleta, a escola pensou em um mecanismo para compensar as possíveis perdas que os alunos teriam, por causa de uma demanda gerada pelo esporte. O Atleta 4 comentou que ele e seu amigo, também jogador de futebol, foram os primeiros a experimentar esse mecanismo compensatório adotado. Todavia, mesmo com essa ajuda escolar, não foi fácil conciliar a rotina de dupla carreira, como poderemos ver a seguir:

Entrevistador: [...] Quando você foi pra [escola] particular, foi também o ano que você começou a jogar bola. [...] E como é que era pra organizar tua rotina do dia a dia entre a escola e o clube?

Atleta 4: O clube era a noite. Então a tarde eu acabava estudando e o treino era às 7 e meia da noite e ia até as 8 e meia. Então acho que não foi muito complicado nesse início. Já a parte do campo, como era a tarde, eu voltava pra casa e tinha que estudar a noite. Então foi aí um pouco mais pesado. Porque dedicava na escola de manhã, dedicava no clube à tarde, voltava cansado pra casa, mas tinha que estudar. A parte do campo foi mais pesada.

Entrevistador: Me conta então como foi essa parte do campo. Você estudava em qual horário, chegava do treino...

Atleta 4: Chegava do treino por volta de seis horas [da noite]. Tomava um banho, comia e estudava de umas sete até umas 8 e meia [da noite]. [...] De 8 e meia até as 9 [horas] fazia as tarefas.

Apesar do apoio da escola, o Atleta 4 ainda tinha dificuldades de conciliar as tarefas escolares com as demandas do futebol, porque a rotina era cansativa. Mas a sua disciplina o ajudava a se organizar. Além dessa disciplina, ele tem claro que o futuro no futebol é incerto, ainda que haja a evolução nos treinamentos.

A última transição de escola para esse atleta ocorreu ao vir para o Rio de Janeiro. Além de não ter mais o mecanismo de compensação da escola, acreditamos que a diferença sentida por ele dizia respeito à qualidade de ensino.

Entrevistador: Como é que é o [nome da escola do Rio de Janeiro] pra você? Já que você teve uma... faz uma comparação entre o [nome da escola do Rio de Janeiro] e a sua escola [anterior]...

Atleta 4: Acho que o ensino é um pouco inferior. Mas tem professores que pesam mais. A gente sabe que tem uma insistência maior. E tem professores que pesam menos. Que eu acho que os pesam menos é mais fácil. Os que

pesam mais, eu acho que eu não sinto tanta dificuldade, mas exige uma insistência maior, assim, nos estudos.

Apesar de ter sentido uma diferença na qualidade de ensino, o Atleta 4 considera que há a possibilidade de buscar o ensino superior quando encerrar as atividades no Ensino Médio. Mas ele fez uma ressalva: a insistência nos planos educacionais só será levada em consideração se ele não observar nenhuma oportunidade exequível nos próximos anos de formação profissional no futebol. Lembramos que esse é o atleta que negociou com seu pai o treinador de goleiros particular para prepará-lo para a transição do futsal para o futebol de campo.

Entrevistador: E suas metas, assim, enquanto estudante, quais são?

Atleta 4: Se possível fazer a faculdade. Depois que terminar os estudos.

Entrevistador: Se possível...

Atleta 4: É... no caso, se não houver um destaque na categoria. Por exemplo: porque às vezes tem atletas que treinam aqui, tem uma conciliação com o profissional. Então, se esse destaque não acontecer, então aí tem que ter, no caso o plano B.

Outro atleta, por coincidência também de Londrina, considerava que a conciliação entre a carreira no futebol e na escola sempre foi tranquila de ser organizada de modo que uma não atrapalhasse a outra. Perguntado sobre como era a conciliação da dupla carreira, o Atleta 7 fez um breve panorama sobre toda sua trajetória esportiva e escolar. Conforme ele foi trocando de escola, também trocou de clube, o que de certa forma facilitou a organização dos horários no dia a dia de treinamento e de escola. Atualmente, ele estuda à noite e tem inglês dois dias na semana na parte da tarde. Essas aulas de inglês são oferecidas no próprio alojamento do clube. Alguns atletas foram selecionados pela própria instituição esportiva para fazer o tal curso.

Entrevistador: E como é que era a forma como você conciliava a sua rotina, organizava seus horários do dia pra dar conta da escola e do futebol?

Atleta 7: Então, o... sempre foi, sempre coube no tempo certo. Porque, quando eu estudava no Newton, que é um colégio estadual, eu estudava à tarde. Aí eu treinava à noite, futsal. E quando eu mudei pro Marx, mudei pro campo junto. Aí eu treinava... eu estudava de manhã e treinava à tarde. Aí sempre deu o tempo certinho de fazer as coisas.

Entrevistador: E... e agora?

Atleta 7: [risos] Agora eu treino de manhã, por que... por causa do calor também, melhor treinar de manhã. E à tarde eu fico livre, fazendo dever de casa. Aí tem inglês dia de terça e quinta também. E à noite eu estudo. Vou pro colégio às seis e meia.

Por ter passado por mais de uma escola e a mudança ter ocorrido por motivos diversos, pedimos para que o atleta traçasse uma comparação entre as escolas pelas quais passou.

Entrevistador: Comparando as escolas por onde você passou, qual que mais te chamou a atenção?

Atleta 7: O Marx. Por questão de estudo é o Marx. E... que nem... Quando eu estudava lá, era bom pra caramba. Aí eu vim pra cá [pro clube]. Quando eu entrei no [nome da escola no Rio de Janeiro], a primeira impressão que eu

tive, foi de... tipo uma favela. Porque lá [no Marx] era muito bom e eu fui pro muito baixo. Aí eu cheguei... aí eu fiquei em choque no começo. Eu não queria nem ir pra aula mais. Aí minha mãe veio pra cá. Ficou uma semana aqui comigo. Aí me levava pra escola, eu voltava com ela. Aí depois eu comecei a acostumar a ir. Aí tá tranquilo pra mim hoje.

Além da consequente falta de vínculo com a instituição escolar, a constante troca de estabelecimentos de ensino pode trazer uma desmotivação para o atleta. No caso do Atleta 7, ele havia comentado que trocou de escolas no Paraná, mas sempre motivado por uma questão de julgar o ensino de melhor qualidade, ou por querer estar próximo das suas amizades. Quando veio para o Rio de Janeiro, estudando à noite, a primeira impressão que teve foi a de estar entrando em um ambiente fora da sua realidade. Algo que o deixou em choque. Ele precisou da mobilização da sua mãe para que conseguisse criar a disciplina de retornar à escola. Não sabemos qual o parâmetro de comparação desse jovem atleta, mas podemos imaginar que o choque de realidade deve ter sido intenso, uma vez que ele nunca havia estudado à noite e veio a frequentar esse turno no ensino do Rio de Janeiro.

A estrutura e a organização da escola levaram o atleta a criar uma resistência a essa instituição de ensino. Além da ajuda de sua mãe, o Atleta 7 vem solicitando aos funcionários do clube uma transferência para outra escola estadual da mesma região. Caso não obtenha êxito, cogita parar de estudar. Ele escolheu a escola onde seus colegas de clube também estudam. A resistência dele a atual escola onde estuda é tanta que ele acredita nas palavras de colegas de clube sobre a qualidade de ensino da outra instituição dessa região. Não estamos julgando se os colegas de clube estão certos ou errados, não nos cabe isso. Apenas estamos comentando que além de ter vontade de encerrar os estudos, o Atleta 7 considera a opinião de pessoas iguais a ele sobre a qualidade da escola em que são estudantes.

Apesar da vontade de parar os estudos, o Atleta 7 não fechou os olhos para as oportunidades após o processo obrigatório de escolarização. As suas referências familiares de sucesso pelas vias de escolarização parecem ser bastante fortes. Vários membros da família cursaram o ensino superior e, caso ele não atinja o sucesso que almeja no futebol, seu projeto educacional continuará em vigor. Acredita que conseguirá ter bom desempenho na carreira de exatas, uma vez que seus resultados na escola são satisfatórios nessa área. Além disso, seus familiares citados na entrevista, seguiram ou estão pretendendo seguir alguma carreira na área de exatas.

Entrevistador: E... além do futebol, você tem algum outro objetivo?

Atleta 7: Eu quero fazer uma faculdade também. Fazer... ou Educação Física, que é mais pra área de futebol. Ou se eu não for jogar futebol, queria fazer alguma de exatas.

Entrevistador: Alguma em mente?

Atleta 7: Alguma engenharia [risos]. Ou matemática mesmo.

Entrevistador: Qual a razão, assim? Qual o motivo?

Atleta 7: Não tem uma razão. É que... em questão de exatas, eu sou bom. Porque meu pai fez Matemática. Minha irmã tá fazendo Engenharia Elétrica. Minha tia fez Engenharia Elétrica. Meu tio fez Engenharia da Computação. Então, já segue todo o caminho.

Observemos que o Atleta 7 tem uma série de referências em sua família que atingiram algum grau acadêmico, por ele consideradas pessoas de sucesso. Isso faz com que o plano de se dedicar à escola não seja descartado completamente. Vamos entender que a ideia de escolarização foi posta como o apoio que o atleta necessita para seguir com objetivo de terminar o Ensino Médio atualmente, embora a escola onde ele vem estudando não lhe agrade tanto em questões de qualidade de ensino quanto em questões estruturais. Esses pontos negativos afastaram momentaneamente seu desejo de continuar estudando e ele precisou do apoio familiar para retomar o rumo da escolarização. Nem todos os atletas relataram grandes problemas de adaptação com a escola do Rio de Janeiro. Talvez porque tenham em mente a ideia de que o projeto escolar não deva ser abandonado precocemente. Esse é o caso do Atleta 8 que, através de seu pai, conhece casos de dificuldade de aplicação do capital futebolístico em profissões fora do esporte.

O Atleta 8 comentou sobre como seu pai conversa com ele acerca da escola. De acordo com esse atleta, seu pai teria dito que ele deveria levar a escola como o primeiro plano de carreira. Porém, ele poderia chegar a abandonar o projeto de profissionalização pelas vias escolares quando já estivesse formado no futebol. O jovem atleta também mencionou casos de conhecidos do seu pai que não tiveram tanto sucesso no futebol e depois encontraram dificuldades para reconverter o capital corporal adquirido nesse período de formação no esporte para exercer outras profissões fora do campo esportivo.

Entrevistador: Como é que a escola é pra você? Desde que você começou a jogar futebol, como é que vem sendo a sua relação com a escola?

Atleta 8: Sempre foi... meu pai sempre falava: “[Atleta 8], plano A é a escola”. Quando você vir que você tá formado no futebol, aí você deixa... você pode, quando você tiver formado no futebol, lá no profissional, aí você pode deixar a escola. E, mesmo assim, você ainda tem que ter um pé na realidade. Porque meu pai conhece pessoas que chegaram no profissional e mesmo assim não conseguiram dar sequência na carreira e não conseguiram também dar sequência em uma vida particular, porque não deram valor à escola. Então ele falava pra mim: “Dê valor à escola. Primeiro plano é a escola. E quando você tiver sua vida formada no profissional, você pode deixar [o projeto escolar] um pouco de lado”. E eu levo isso comigo. Pra mim, o plano A é a escola e, quando eu tiver algo formado no futebol, aí eu posso... eu acho que eu posso deixar um pouco a escola e dar sequência na minha carreira.

Enquanto uns atletas apontam referências positivas de projeto de escolarização, outros encontram nos exemplos ruins da rede de relações suas e de seus familiares elementos para definir o projeto educacional como algo que não deva ser abandonado. A dificuldade de reconversão das habilidades adquiridas nos anos de formação profissional para o futebol é assunto presente no seio familiar do jovem Atleta 8. Amigos de seu pai e seu próprio pai exercem profissões que não dependem de formação acadêmica superior.

Hoje seu pai é garçom em Brasília, passou por períodos sem exercer qualquer profissão ou “encostado pelo INSS”, quando, por exemplo, acompanhou o filho que foi para a Bahia. Sem nenhum demérito em relação às profissões que não dependem de diploma acadêmico superior ou formação técnico profissional e levando em consideração o mercado de trabalho brasileiro, os ganhos advindos delas estão muito aquém do que se pretende ganhar com o futebol. Além disso, o trabalho manual dessas profissões não tem o mesmo apelo social característico do futebol.

Com 11 anos de idade, o Atleta 8 migrou para outro estado para jogar futebol. Foi acompanhado por seu pai e não teve muitas dificuldades para matricular-se em uma escola na Bahia. A comparação entre as escolas por onde passou, em Brasília e na Bahia, trouxe memórias bastante distintas para o Atleta 8: enquanto ele comentou que a escola brasiliense era uma boa escola em termos de ensino, estrutura e relação com os professores, a escola baiana não tinha a mesma representação para ele.

Entrevistador: [...] Como é que era a escola na Bahia? Compare aí as escolas que você passou...

Atleta 8: Ah! É diferente. Achei bem diferente. O ensino eu achei diferente. As pessoas diferentes, como eu já te falei. Achei bem diferente.

Entrevistador: O ensino era diferente como?

Atleta 8: Mais fraquinho...

Apesar das orientações de seu pai de se manter com os pés na realidade, como ele mesmo relatou, sabe que a carreira no futebol pode ser insegura por ser difícil firmar-se no mercado esportivo e estabilizar-se. Embora o plano A para sua família seja a dedicação à escola, o Atleta 8 não vislumbra nenhuma carreira que dependa de diploma acadêmico. Seu foco está voltado totalmente para a profissionalização no futebol. Se na seção anterior apresentamos o futebol como um sonho do Atleta 8, agora estamos afirmando que ele é o único objetivo de carreira desse jovem. A partir do possível sucesso nesse esporte, ele pretende formar uma empresa e transformar seu pai em um empresário de futebol.

Entrevistador: Quais são suas metas de carreira hoje?

Atleta 8: Eu!? Eu só penso no futebol. Eu estudo, mas eu não tenho meta como... tipo: “Ah! Eu quero ser um advogado”. Eu só penso em ser um jogador de futebol.

As transferências de clubes e, às vezes, de cidade fazem com que os atletas experimentem muitos tipos de escolas diferentes. O Atleta 7, por exemplo, teve um impacto visual e emotivo quando veio para a escola no Rio de Janeiro. O Atleta 8 comentou que a escola na Bahia também lhe causou estranheza em vários aspectos. Todavia, ainda existem outros problemas relacionados à escola que outros atletas presenciaram ou experimentaram por si mesmos. É o caso do Atleta 9. O menino comentou que sofreu *bullying* na escola quando mais novo. Sem qualquer razão, alunos mais velhos o agrediam e ele sequer tinha como reagir a essas agressões.

Entrevistador: Você sempre estudou na mesma escola lá em [São Paulo]?

Atleta 9: Até a quinta série, eu estudei em uma escola. Da quinta série ao primeiro colegial... não, ao segundo. Da sexta série até o segundo colegial eu passei por duas escolas, três escolas. Aí foi isso mais ou menos.

Entrevistador: [...] Me conta um pouquinho sobre as escolas que você passou, como é que elas eram e tal?

Atleta 9: Até a quinta série, era uma escola muito boa, porque era uma das mais concorridas da cidade. Até então eu ia bem, as notas... 9 e 10 só. Aí na sexta série eu já entrei em uma escola. Só que eu sofria *bullying* nessa escola. Sofria *bullying* nessa escola. Pessoal do segundo colegial, e eu tava na sexta série, me batia. Do nada, chegava e me batia do nada. E eu era pequenininho e não sabia me defender. Só chorava. Aí eu falei pra minha mãe um dia. Aí ela falou: “Então nós vamos mudar você de escola”. Então foi lá e mudou pra escola pública. Aí no final da... no final da sexta série e a sétima série inteira, eu estudei no Objetivo. Aí no comecinho da oitava, do oitavo ano, eu fui pra outra escola pública. Fiquei meio ano e lá fizeram *bullying* em mim também. Me batiam do nada e eu também não sabia me defender ainda, porque era pequenininho, era magrinho. Aí contei pra minha mãe de novo e eles foram, me mudaram pra escola particular de novo. Aí metade do oitavo ano e o nono ano inteiro, eu estudei em escola particular. Aí o primeiro e o segundo eu estudei em escola pública. Aí no primeiro e segundo [anos do Ensino Médio], eu voltei para aquela escola que eu sofria *bullying* na sexta série. Mas ninguém mais mexia comigo.

O Atleta 9 mudou de escolas muitas vezes por conta das relações dentro da própria escola. Sem qualquer explicação, o agredido na sexta série e foi respeitado no Ensino Médio. Todavia, o atleta nunca se preocupou em procurar saber as razões para que toda aquela agressão acontecesse. Segundo ele, fazia parte do passado. Na segunda escola, onde foi agredido, o Atleta 9 considerava que o *bullying* era por causa da sua condição em relação aos demais alunos da escola. Como ele havia chegado de uma escola particular, os demais alunos o consideravam um “*playboyzinho*”. Além disso, ele mencionou que as meninas da escola lhe davam mais atenção e ele acabava em pequenos relacionamentos com essas meninas, o que também despertava a ira dos demais colegas.

O fato de ter sofrido agressões nas escolas por onde passou fez com que o Atleta 9 ficasse inseguro na relação interpessoal. Mesmo assim, ele comentou que esses fatos não lhe trouxeram uma perda de rendimento na escola. Não nas notas. Ele passou a confiar menos nas pessoas e ter dificuldade de relacionamento. Esse isolamento social pode contribuir para uma baixa expectativa no ambiente de trabalho, nesse caso, no ambiente escolar. Superado o desafio das agressões na escola, o Atleta 9 não planejou objetivos para cumprir além da escolarização obrigatória. Ele tem o desejo de terminar o Ensino Médio, mas lembra que a dedicação aos estudos não é seu forte. A única informação, próxima a uma meta para além do cumprimento da obrigatoriedade escolar, é o desejo de talvez cursar Educação Física para poder continuar lidando com o futebol mesmo após sua aposentadoria no esporte.

Entrevistador: E como estudante, quais são suas metas?

Atleta 9: Eu não gosto de estudar muito, então... No momento, eu tenho a mentalidade de terminar o terceiro [ano do Ensino Médio] e não... não fazer mais nada. Mas aí se me... Eu tenho vontade de fazer Educação Física também. Porque aí se eu me aposentar da carreira de futebol, eu tenho... eu posso ser treinador, posso ser outra coisa que envolve o meio do futebol. Porque eu não sei fazer outra coisa além de jogar futebol.

O desejo de estudar Educação Física após a carreira no futebol se define de forma quase instrumental do projeto de profissionalização no esporte, mas sua fala enfraquece o projeto de escolarização ainda que seja funcional continuar no espaço de sua paixão, o futebol. A vontade do Atleta 9 é a de continuar no meio esportivo, pois, segundo ele, a única profissão que conseguiria exercer seria ligada ao futebol. Portanto, seja como jogador, treinador ou qualquer outra profissão que esteja no meio futebolista, ele tem a vontade de manter vínculo com esse campo profissional. Todavia, mesmo superados os problemas vividos no ambiente escolar, podemos pensar que a escola nunca representou um lugar de experiências positivas segundo sua narrativa. Como reforço à tendência de secundarização da escola, o projeto de profissionalização no futebol acaba por limitar as expectativas escolares.

O Atleta 10 comentou um efeito da dedicação ao futebol em relação ao dia a dia na escola. Sabemos que a rotina do esporte pode ser cansativa e afetar o rendimento na escola por causa do cansaço físico ocasionado pelos treinamentos. Porém, ainda pode-se considerar que o estresse psicológico da constante avaliação também pode ser um fator que atrapalha o rendimento do atleta quando trata da dedicação à escola. O Atleta 10 reconheceu o esforço que precisa dispensar para o futebol e, talvez, conseguir o sucesso profissional no esporte. Ele acreditava que o tempo de dedicação às atividades futebolistas seria muito importante para aumentar suas chances de profissionalização nessa via. Além disso, ele ainda achava que quanto menos erros cometesse nos treinamentos e nos jogos, isso poderia auxiliá-lo a atingir seu

objetivo no futebol. Refletindo sobre isso, questionamos se essa relação forte com o futebol poderia atrapalhá-lo de alguma forma na dedicação aos bancos escolares.

Entrevistador: Você acha que esse tempo que você vai se dedicar... a ser “o cara” pode te atrapalhar na escola?

Atleta 10: Pode.

Entrevistador: E aí como é que você se organiza pra lidar com essas duas...

Atleta 10: Ah! Eu tenho que botar na cabeça também. Mas aí as vezes foca muito no futebol e esquece da escola. Ainda mais quando tá mal no futebol assim, ele tem que... ficar pensando: “Tenho que melhorar.” Aí esquece da escola. [...] Aí tu vai pra escola, fica pensando no futebol: “Ah! O que que eu errei? Não sei o quê”. Aí tu vai mal na escola.

A resposta do Atleta 10 sobre esse assunto foi contundente: quanto mais se dedica e se espera do futebol, mais fácil de se desconcentrar na escola. A pressão psicológica da rotina de treinamento e competições, o rendimento no futebol e os erros que por ventura pode vir a ocorrer na dedicação ao esporte são falas observadas e consideradas nas entrevistas. Os atletas sabem que estão em constante avaliação. Se estiverem mal no futebol, podem ser dispensados pelo clube. Dessa forma, o quanto melhor renderem no campo, mais tranquilidade terão para cumprir as outras obrigações do dia a dia.

O Atleta 10 deixou isso expresso de uma maneira bem simples: quando ele sente que errou ou não atravessa uma boa fase no futebol, seu pensamento é tomado pelo modo como ele deverá agir para superar a má fase e começar a render o que dele se espera no futebol. O errar e a má fase no esporte são considerados fatores que atrapalham o rendimento escolar.

Embora tenha sido uma verdade demonstrada pelo Atleta 10, ele não crê que sua dedicação à escola possa lhe render frutos tão promissores quanto o futebol pode vir a lhe proporcionar no futuro. Acredita que o mercado do futebol pode lhe trazer mais oportunidades que as vias de escolarização. O Atleta 10 reconhece que os tempos atuais não oportunizam muitas chances de sucesso na carreira daquele que obtém o diploma acadêmico. Ele mesmo mencionou que não está fácil conseguir ganhar um bom salário e ter oportunidade de emprego a partir da dedicação aos anos de estudos. Essa sua crença faz com que ele dedique poucas metas para além da escolaridade obrigatória, como poderemos acompanhar a seguir.

Entrevistador: No caso da escola, até onde você pretende chegar?

Atleta 10: Ah! Eu pretendo terminar o estudo [terminar o Ensino Médio].

Entrevistador: Como você acha que a escola pode te ajudar a ter um futuro bacana como você poderia ter no futebol por exemplo?

Atleta 10: Ah! Não sei como. Não sei como não. É... eu tenho que estudar. Se me dedicar, se fizer a faculdade pra ganhar bem. Porque hoje em dia até assim tá difícil, mas... no futebol acho que seria mais... tipo: mais fácil de se conseguir virar jogador...

A fala do Atleta 10 mostra que a escola, apesar de ser reconhecida por ele como um investimento seguro, pode lhe proporcionar menos oportunidades de ganhos e estabilidade financeira como ele deseja. Não significa dizer que ele saiba como se comporta a pirâmide salarial do futebol. Ao contrário, é possível até que ele não a conheça. Todavia, ele acredita que o esforço individual e a dedicação ao esporte em tela poderá lhe render uma expectativa salarial maior do que a que ele teria pelas vias de educação. O problema com as expectativas de ganhos e empregabilidade no futuro não é o único a ser apresentado pelos atletas entrevistados. A relação com a escola não é uma tarefa fácil. Um deslize na instituição de ensino pode ser reportado ao clube, o que pode gerar consequências para o atleta. O Atleta 6 comentou que, quando ele ficou muito tempo sem ir para a escola, a diretora da instituição entrou em contato com o clube, o que fez com que ele ficasse um tempo sem participar dos jogos.

Entrevistador: Você já teve algum problema na escola que te chamaram a atenção?

Atleta 6: Já. Teve um tempo que eu não tava indo. Aí chamaram... me chamaram a atenção. Falaram aqui em cima [no clube] e tudo. Aí agora eu tô indo.

O fato de ter ficado de fora dos jogos pode ter dado ao Atleta 6 a noção de que há uma obrigatoriedade de frequentar a instituição de ensino. Isso teria feito com que ele retornasse para os bancos escolares. Todavia, a sua volta à escola não significou reassumir a responsabilidade e aguçar a vontade de continuar investindo no processo de escolarização. Ele estava cursando o Ensino Fundamental e suas expectativas escolares se restringiam ao término do Ensino Médio. A escola, para ele, não se constitui como um projeto paralelo: significa o estrito cumprimento da obrigatoriedade legal.

Entrevistador: Você tem algum outro tipo de plano de carreira caso você não dê certo no futebol?

Atleta 6: Nenhum.

O Atleta 5 já chegou a perder um ano de estudos por causa do futebol. Quando ele treinava no Ceará, como o centro de treinamento ficava muito distante de onde morava e estudava, tinha que sair muitas vezes mais cedo da escola para ir treinar. Outra coisa que lhe aconteceu foi o assédio das escolas particulares. Como comentou, algumas escolas lhe ofereciam bolsas de estudos para que ele passasse a jogar pela equipe da instituição. Podemos pensar que isso seja algo interessante e talvez importante para um jovem que não teria condições de arcar com os custos de uma educação privada. Mas nem tudo correria às mil maravilhas: o Atleta 5 chegou a contar que precisava tanto do apoio dos colegas de classe, como do dono da cantina escolar para poder lanchar.

Entrevistador: Como é que era sua vida nessas escolas? O que que você lembra dessas escolas por onde você passou? Além de ter recebido a bolsa. Era sempre escola particular, no caso, né?

Atleta 5: Não. Só uma [era particular]. Nunca tive condições de estudar em escola particular não. Só quando eu ganhei bolsa. [...] Porque eu não pagava nada. Aí tive condição de estudar lá. Foi dois anos ainda. Sofrendo. Via todo mundo lanchando e não poder lancha, porque não tinha dinheiro pra comprar lanche, né? Às vezes o cara me dava uma moral lá. Os moleques também inteiravam pra fazer a vaquinha. Porque eu nunca tive condição. No colégio público aí... tipo assim: eu não sabia ainda o que era também. Porque eu era muito novo também. Depois que eu fui pro Cora [Coralina, escola privada] foi que eu tive mentalidade do que era estudar de verdade. Tipo assim: eu passava [nas escolas públicas] sem estudar. Era novo também. Só desenhar um negócio, passava já de ano. Sempre foi assim meus estudos.

Talvez o tempo que o Atleta 5 tenha estudado no Cora Coralina, no Ceará, tenha sido a fase escolar da sua vida em que ele mais teve apoio dos professores. Contou que os docentes dessa escola chegaram a lhe ceder livros, pois sua família não tinha condições sequer de comprar o material didático requerido ao início e durante o correr do ano letivo. Mas nem toda trajetória escolar do Atleta 5 foi preenchida por experiências positivas. Do começo da trajetória escolar, o jovem atleta ainda mantém boas lembranças. Na educação infantil, antes de começar a jogar futebol de campo, as melhores recordações mantidas da escola concernem à sua relação com os professores. Com seu carisma contagiante, teria grande facilidade para conquistar a atenção dos educadores. Além disso, por se tratar da educação infantil, ele sempre julgou ser fácil passar de ano escolar.

Entrevistador: Aí o que que você lembra das escolas mais antigas? Antes de chegar ao Cora Coralina, o que que você lembra das escolas? O que que te chamava atenção? O que que era bom? O que que era ruim? O que que você sente falta ou não sente falta?

Atleta 5: Ah! Os professores. Davam muita atenção, mesmo que seja em colégio público, mas eles davam muita atenção pros alunos. Principalmente pra mim. Sempre assim... tipo: onde eu cheguei, todo mundo gosta de mim, não sei por quê. Eu tenho um carisma que não sei nem explicar. Tipo: eu sempre tava... tipo assim: eu tava em dúvida no início, as professoras chegavam e me ajudavam. Sempre as professoras. Essa escola também era uma escola boa. Tinha quadra, né? Escola que tem quadra pra mim é boa [risos].

Embora suas primeiras experiências escolares tenham sido boas, as seguintes, principalmente, quando ainda jogava no Ceará, não foram das melhores, pois não manteve boa relação com a escola. A razão para que isso acontecesse foi exatamente o fato de ele ter que se ausentar cedo das obrigações escolares para pegar o ônibus e chegar ao Centro de Treinamento do Ceará. Como ele explicou, porque o treino era muito junto do horário escolar e precisava de mais tempo para se deslocar, sempre precisou sair da escola antes do horário oficial de dispensa

dos alunos. Isso lhe acarretou muitos problemas derivados de não poder realizar devidamente todas as atividades escolares no tempo determinado pela escola

Entrevistador: [...] Aí quando você passou a jogar futebol, quando você inclusive chegou a ir pro Ceará, você estudava onde?

Atleta 5: No V7.

Entrevistador: Aí passou 3 anos lá no V7, sendo desses 3 anos, 2 anos, tendo que sair mais cedo, né?

Atleta 5: Tendo que sair mais cedo [risos]. E as professoras ficavam putas comigo. “Esse menino não estuda. Como vou passar ele assim?” [reproduzindo a fala das professoras]. Aí me davam trabalho. Chegava do Ceará 9 e meia da noite, ia fazer trabalho. Ia na casa de algum amigo pegar “pesca”, sei lá. Pra tentar fazer, porque era muito corrido. No outro dia, levava esporro na escola...

Entrevistador: Tinha algum tipo de tratamento diferente [das professoras com você], além dessas conversas no canto, né? Que te chamavam no canto para conversar sobre isso. Tinha algum tipo de tratamento dessas professoras em relação a você comparado a seus colegas?

Atleta 5: Sim. Me tratavam mal pra caralho lá. Porque, tipo assim: eles pensavam que o moleque que se acha o foda, se acha o melhor, não sei o que. Aí sempre me tratava mal. Tipo assim: negócio, de bagulho [trabalho, excursão, etc.] de turma na sala, me deixavam de fora, me deixavam de fora de algum trabalho, de pesquisa, me deixavam de fora. Sempre foi difícil pra mim. As provas pra mim eram diferentes, não sei por quê. Mas sempre foi diferente, as provas pra mim. Sempre foi mais difícil. Saía dizendo que eu não sabia de nada, né? Eu não ia pras aulas, ia pouco. Aí pra mim era diferente as aulas, as provas diferentes.

No relato do Atleta 5, como podemos perceber, havia um certo estigma estabelecido na relação aluno-professor: considerava-se que o jovem atleta não tinha grandes pretensões de investir nas vias escolares. No início, ele era convocado para conversas particulares cujo propósito era mostrar que a relação mantida por ele com a escola poderia prejudicá-lo ao final ano letivo. No tocante a essas conversas, a reação dele não era positiva: comentou que apenas sorria quando lhe chamavam a atenção. Tal reação acabava provocando os professores que acabavam tratando-o com desdém: como seria possível promover, com aprovação, um aluno que mantém uma relação distante com os bancos escolares e não cumpre as obrigações e realiza as tarefas tal como orientadas pelos docentes? Esse modelo de relação aluno-escola não foi suficiente para limitar as expectativas escolares desse jovem. Como estudante, ele pretende terminar o Ensino Médio e continuar seguindo a carreira no futebol.

Entrevistador: Quais são suas metas como estudante?

Atleta 5: [...] Terminar o Ensino Médio e fazer um curso de inglês.

A estigmatização da condição de aluno-atleta não foi percebida apenas na entrevista do Atleta 5. Vimos isso também na rotina escolar do Atleta 2. Esse atleta comentou que nunca foi de contar aos funcionários da escola que era um atleta de futebol. Justificou essa escolha, pois pensava que poderia ser rotulado como algo que ele não desejava, ou algo que fosse diferente

das suas características como aluno. Por esse motivo, preferia não externar o trabalho que vinha desenvolvendo no clube de futebol. Suas expectativas sobre esse fato acabaram correspondendo à realidade. Quando foi morar no clube onde joga atualmente, mudou de escola e foi para uma indicada pela própria instituição esportiva. O resultado foi que, já no primeiro dia de aula, sua hipótese sobre o estigma do jogador de futebol foi confirmada.

Entrevistador: E os professores... Você lembra de alguma coisa, assim, que os professores comentavam sobre você?

Atleta 2: Não. Eu não gostava de falar que eu jogava bola pra não ficarem comentando. Pra não falarem: “Ah! Não tá fazendo isso”, que não sei o que. Ficar criticando e querer julgar meu trabalho. Não comentava nada. Ficava quieto.

Entrevistador: Você ficava na sua nessa época. Então nenhum professor naquela época sabia que você jogava bola?

Atleta 2: Nenhum. Só agora mesmo que eles estão sabendo. Porque o [clube] que indica o colégio pra gente.

Entrevistador: E você acha que isso muda a relação com o professor?

Atleta 2: Muda. Muda. Muda. Porque eles acham que a gente é preguiçoso. A gente não quer estudar. A gente não quer nada com nada. Só quer saber de jogar bola. E acaba virando um certo tipo de discriminação.

Entrevistador: Você identifica isso?

Atleta 2: Identifico. No meu primeiro dia de aula, a mulher [a coordenadora pedagógica] me chamou de estúpido. E ficou... de criatura. Aí eu falei... dei o boa noite pra ela, dei a carteirinha. E ela: “Tá atrasado”, que não sei o que... começou a gritar. Eu peguei e subi [pra sala de aula]. Aí, se eu respondo, quem taria errado era eu.

Entenderemos a reação da coordenadora pedagógica como um resultado de experiências anteriores com o tipo aluno-atleta, mas não consideraremos ser a melhor maneira de dar boas-vindas a um estudante novo. O Atleta 2 comentou que, com o tempo, a sua relação com a coordenadora pedagógica foi melhorando no ambiente escolar, porque ela reparou que ele vinha se dedicando à escola. Alguns professores, também, costumavam reagir mal à presença de atletas na sala de aula. A ideia de desinteresse discente chegou a evocar o discurso do poder tendo em vista os possíveis salários desses jovens atletas.

Entrevistador: E em relação aos professores, o que eles comentam com vocês?

Atleta 2: Tem uns que gostam outros que não. Uns que cobram muito, outros que tratam a gente normal.

Entrevistador: Cobrar muito significa o quê?

Atleta 2: Ah! Achar que a gente tem que tirar 10. Pô, 9. Acha que a gente, pô... eles acham que a gente não tá se dedicando. Só que eles não sabem que a gente não tem tempo que os outros têm. Aí eles cobram mesmo uma nota maior.

Entrevistador: [...] E como eles passam esse recado, sei lá: “ah! Vocês têm que estudar mais”, não sei o quê?

Atleta 2: Eles falam no meio da turma. Eles gostam de querer se exibir mesmo. De querer falar assim na nossa frente: “Ah! Não é porque vocês ganham mais que a gente”, que não sei o quê. Daí a gente fica quieto. A gente deixa eles ficarem falando sozinho.

A fala do Atleta 2 é bastante enfática ao se reportar a sua experiência vivenciada no espaço da escola. Durante a entrevista, ele chegou a imitar a voz de pessoas que estavam proferindo um discurso raivoso para designar a ação dos professores. Além disso, esse não foi o único exemplo de discriminação que o Atleta 2 teria sofrido nessa escola. Comentou que, em um dia de aula, sairia mais cedo, por causa da ausência da professora. Houve um problema em decorrência da falta de comunicação entre a coordenação pedagógica, a professora e o próprio grupo de alunos liberados mais cedo. Apesar de a coordenadora pedagógica ter permitido a dispensa dos alunos mais cedo, acatando o pedido deles, a professora que havia chegado atrasada passou um trabalho para a turma e deu 0 para os alunos que não estavam lá. O problema só foi resolvido, porque o Atleta 2 sugeriu uma acareação entre ele, a coordenadora pedagógica e a professora. Asseverou que, se ele não tivesse tomado essa atitude, sua nota permaneceria sendo o zero dado pela docente.

A criação do estigma negativo decorre da tendência de desejar fixar conhecimento sobre o aluno tendo em vista o que supostamente ele faz, e é julgado errado. A partir daí, as ações discentes serão justificadas em decorrência de sua propensão a cometer faltas. Assim, não são criados canais de comunicação de modo que, por meio do diálogo, seja possível compreender o sujeito professor e o sujeito aluno participando de um mesmo processo educativo.

No caso dos atletas, ao perceberem como são encarados de forma diferente, assumem uma postura tímida diante dos docentes e da escola como um todo. Com isso, os jovens atletas precisam dedicar-se ou, pelo menos, demonstrar que são mais esforçados do que os demais alunos da escola para, possivelmente, obter resultado dentro da média necessária para obter a promoção. A escolha do Atleta 2 para lidar com essa situação foi ignorar os agentes da escola. O problema é que isso pode despertar ainda mais o descaso em relação a ele.

Entrevistador: [...] Como é esse tratamento diferente? Como é sentir... como vocês sentem isso?

Atleta 2: Acho chato, né? Chega a ser chato. Às vezes dá vontade de responder, mas a gente acaba, de tanto ouvir essa discriminação, ficando quieto e bota o fone de ouvido e deixa eles ficarem falando sozinho.

A consequência desses exemplos de estigma e discriminação relatados pelo Atleta 2 foi a sua reprovação em 2015. O atleta que cursava o terceiro ano do Ensino Médio, aos 16 anos, acabou sendo reprovado por falta. Os motivos que o levaram a faltar mais do que o permitido pela lei foram a falta de adaptação ao novo ambiente escolar e a rotina de viagens para competir pelo clube ao qual estava oficialmente vinculado. Por mais que haja uma declaração do clube para a escola, no sentido de tentar justificar a falta dos atletas, já vimos que há uma resistência

da secretaria de educação em considerar as faltas justificadas no caso desses jovens em dupla carreira.

Entrevistador: Você nunca reprovou, né?

Atleta 2: Reprovei ano passado. Eu era adiantado. Porque eu viajei... esse ano... não. Eu reprovei ano passado por causa de falta mesmo. Por causa dos treinos. Eu não me acostumei, eu não me adaptei.

Entrevistador: Você não se adaptou à escola?

Atleta 2: É. Porque eu vim parar aqui [no clube] no meio do ano passado. Aí eu não consegui me adaptar. Aí eu falei com a [funcionário do clube]. Conversou com o colégio. Aí resolvemos lá tudo.

Entrevistador: Resolveram o quê?

Atleta 2: A questão, tipo assim: d'eu reprovar. Porque eles queriam chamar meus pais. Queriam fazer um fuzuê todo. Eu falei: "Reprovou, reprovou, filho!". Eu falei: "Eu tô adiantado ainda. Vocês ainda querem reclamar".

Entrevistador: Chegaram a conversar...

Atleta 2: Sim, claro! Chegaram a conversar. Mas queriam prender meus pais. Eu falei: "Tem outras pessoas que são reprovadas e vocês estão aí. Mas só porque sou eu, vocês querem fazer isso tudo".

Entrevistador: [...] Aí você reprovou por falta?

Atleta 2: É.

Entrevistador: Você tinha nota?

Atleta 2: Tinha.

Talvez devamos interpretar essa reprovação como um resultado do estigma do jogador de futebol. Se identificamos que os professores reagem mal à presença de atletas na sua sala de aula e sabemos que o conselho de classe é soberano, talvez, haveria a necessidade de tratar o caso não como mais um, mas sim com surgido em decorrência de fatos comprovados por meio de documentos. Ademais, tal caso seria analisado levando em consideração, também, o desempenho escolar do estudante. Foi usada com justifica para a retenção do aluno na série a quantidade de faltas. Não estamos aqui para nos fazermos de juízes ou advogados de defesa dos jovens atletas, no entanto não podemos deixar de observar que o estigma do jogador de futebol acaba provocando-lhe prejuízos na escola e inibindo o seu investimento na educação. Apesar de tudo isso, o Atleta 2 tem a intenção de cursar a faculdade, caso não venha a obter o sucesso que deseja na carreira de atleta.

Entrevistador: [...] Você tem alguma projeção do tipo: "se eu não der certo no futebol"...

Atleta 2: Aí eu vou morar em Fortaleza com meu pai e vou fazer faculdade.

O Atleta 3 estuda na mesma escola do Atleta 2. Observemos que os dois casos não estão isolados. O Atleta 3 comentou que se sentiu tratado de modo diferente, como se os professores exigissem mais dele e dos demais colegas de turma que se dedicam ao futebol. O exemplo que ele usou foi voltado exatamente pra essa tese: o aluno não atleta recebe problemas mais fáceis de serem resolvidos, enquanto a cobrança sobre aqueles que jogam futebol é muito maior, e a

exigência cresce igualmente. No mesmo exemplo, o Atleta 3 disse que os professores e as pessoas da escola os viam como “vagabundos” ou como alguém que não tem grandes intenções na escola.

Entrevistador: [...] Por ser jogador de futebol, em algum momento você se sentiu...

Atleta 3: Injustiçado?

Entrevistador: Ou tratado de um modo diferente na escola.

Atleta 3: Lá em Limeira, não. Aqui eu já me senti já.

Entrevistador: Como?

Atleta 3: Ah! Às vezes, a pessoa acha que porque a gente é jogador que a gente é vagabundo. Que a gente não quer nada. Então eles não vão ajudar a gente. Tudo. Já aconteceu isso já.

Mesmo convivendo com o estigma de jogador de futebol, o Atleta 3 tem a intenção de terminar o Ensino Médio para poder continuar dedicando-se exclusivamente à carreira no esporte. Para ele, não há outra opção que não seja abandonar a dupla carreira após terminar a etapa obrigatória de estudos, pois o futebol exigirá mais tempo e dedicação. Diante desse quadro, a continuidade nos estudos foi colocada em segundo plano, tendo, o Atleta 3, o foco voltado para a tentativa de profissionalização no esporte como principal meio para fundamentar sua carreira.

Entrevistador: [...] O que você acha assim que te levou a tomar a decisão de focar no futebol e deixar a escola em segundo plano?

Atleta 3: Não falo de segundo plano, né? Mas é que a minha vida vai levar pra ou um caminho ou o outro. E... ou eu escolho estudar, focar em estudar. Ou eu escolho no meu futuro o futebol. Não que o estudo não seja um futuro, né?, mas... é um caminho ou o outro quando eu terminar a escola. E eu vou pro caminho do futebol. É o meu primeiro caminho. O segundo caminho vai ser o estudo, lógico!

O foco na carreira voltado para a profissionalização no futebol não eliminou a ideia de que o estudo também pode fluir como uma oportunidade de profissionalização. O que o Atleta 3 quis dizer foi que, na categoria profissional, a exigência do atleta cresce de modo a dificultar ainda mais qualquer pretensão de seguir uma dupla carreira. Portanto, o projeto de profissionalização pelas vias da educação é secundarizado e adiado para o caso dele não obter o sucesso que deseja na condição de atleta de futebol.

Vimos nessa seção que o projeto de educação dos jovens atletas não pode ser compreendido como algo que foi abandonado por eles. Ao contrário, observamos que a escolarização corre em paralelo à trajetória no futebol. A partir dessa observação, buscamos identificar os meandros nos quais a dedicação ao futebol se caracterizaria como um empecilho ao investimento na escola. Notamos que o desejo desses jovens não difere muito da juventude

em geral: pelo menos, eles querem terminar o Ensino Médio. O segundo passo que podemos destacar é a presença do curso superior no discurso de alguns atletas, todavia evidenciamos que o desejo de fazer uma faculdade aparece como uma intenção instrumental de aquisição do diploma do ensino superior.

Cursar o nível superior surge como desejo de gerenciar os ganhos adquiridos com o futebol ou permanecer na carreira nesse esporte, exercendo outra função que dependa desse nível de ensino. Não estamos dizendo que tal desejo seja uma forma ruim de lidar com o projeto de educação. Observamos apenas que a intenção desses jovens atletas, caso não obtenham sucesso na carreira de jogador de futebol, é permanecer no meio onde eles construíram suas identidades.

O insucesso na carreira de futebolista é um exemplo presente para muitos desses atletas. Alguns têm pais ou familiares que tentaram a carreira nesse esporte, e outros citaram exemplos de amigos. Tais exemplos eram usados pelos próprios atletas a fim de justificar o motivo pelo qual mantinham o desejo de continuar estudando. Para eles, o insucesso no futebol dificulta a oportunidade de ter outra carreira fora do esporte, caso não se dediquem à escola.

Além disso, observamos que as demandas do futebol não podem ser encaradas como problemas exclusivos da relação entre a formação profissional nesse esporte e a escolarização básica dos jovens atletas. Pela descrição dos próprios atletas investigados, verificamos que há uma demanda interna do esporte e uma demanda que depende da escola. Consequentemente, o somatório dessas duas forças faz com que o processo de conciliação da dupla carreira, no esporte e na escola, seja dificultado. As demandas do futebol que podemos indicar são:

1. cansaço físico pela rotina de treinamento e os desgastes causados pelas competições. O cansaço físico gerado pela quantidade extenuante de treino faz com que os atletas cheguem cansados à escola e reduzam a sua capacidade de concentração durante a aula;

2. expectativa de profissionalização e a dedicação aos treinos. Como verificamos, alguns atletas mencionaram o fato de saberem que estão sendo constantemente avaliados nos treinamentos e também reconhecem que sempre são obrigados a ter muito bom rendimento no futebol. Essa pressão pelo melhor rendimento nos treinos, somados ao tempo de dedicação e à expectativa de profissionalização no esporte acarreta, ao atleta, perda de foco e concentração na sala de aula, caso não venha correspondendo ao que se espera dele durante os treinamentos e jogos;

3. rotina de viagens. A rotina de viagens no futebol não é limitada. Há jogos fora do estado, do município e, às vezes, fora do país. Isso leva os atletas a se ausentar na escola. Embora tenhamos mostrado que o índice de frequência deles seja próximo do exigido por lei,

observamos que a secretaria de educação não considera a condição do jovem atleta como uma situação especial, o que pode levar os atletas a ficarem retidos no ano ou na série escolar;

4. a constante troca de clubes e de cidades faz com que os atletas criem pouco vínculo com as escolas, pois acabam trocando muitas vezes de instituições de ensino. Isso pode levá-los a perder a referência sobre a educação ou a experimentar formas positivas e negativas de relacionar-se com a escola.

Se antes considerávamos essas condições geradas pelo futebol como, talvez, o fator que levaria os atletas a um desinvestimento na escola, nessa seção foi mostrado que também existem outros mecanismos que não são dependentes desse esporte, mas que também trazem algum prejuízo à escolarização desses atletas. Relacionaremos, a seguir, mecanismos dependentes da escola que nos fazem colocar essa instituição de ensino como corresponsável por qualquer prejuízo educacional que o atleta possa vir a ter na sua trajetória de conciliação da dupla carreira:

1. a desorganização da jornada escolar. Esta, notamos, se caracteriza como um dos principais fatores a fim de o atleta ter seu tempo de permanência na escola reduzido, quando passa de uma categoria para outra. Vale observar que a desorganização da instituição escolar para cumprir uma jornada mínima de 4 horas diárias pode levar qualquer aluno a um prejuízo na sua escolarização;

2. as diferentes estruturas das escolas. Em alguns casos, os atletas comentaram sobre as estruturas das escolas pelas quais passaram, sejam elas públicas ou privadas. O caso que despertou nossa atenção foi justamente quando o atleta chegou a criar uma baixa expectativa quanto a sua continuidade na instituição de ensino, porque a considerou de modo negativo, definindo-a como um ambiente desagradável. O clima escolar e a desorganização, de acordo com nosso ponto de vista, são fatores importantes para uma maior adesão do aluno ao plano educacional;

3. a desarticulação entre a escola e a secretaria de educação. Enquanto a primeira instituição pretende justificar as faltas dos atletas, a segunda não aceita qualquer justificativa. Como consequência dessa desarticulação, o Atleta 2 foi retido por falta, embora tivesse alcançado desempenho escolar igual ou superior à média necessária à aprovação;

4. a estigmatização da carreira de jogador de futebol. O problema do estigma é justamente criar baixa expectativa em docentes e gestores escolares no tocante ao aluno-atleta. Quando isso acontece, o estudante se vê obrigado a dispensar maior esforço para obter um resultado igual aos demais alunos não atletas. O problema desse estigma é que a relação do atleta com a escola fica comprometida pela injustiça escolar notada por ele.

Por fim, indicamos que a relação de dupla carreira é algo que precisa ser melhor estudado. Não podemos apenas atribuir os prejuízos educacionais apenas a uma demanda do futebol. A escola é uma instituição corresponsável para lidar e mediar problemas relacionados a ela e à formação do jogador. O jovem atleta ainda quer, pelo menos, terminar os anos de estudo que lhes são obrigatórios, mesmo secundarizando o projeto escolar. Sabemos que podem existir atletas que não queiram continuar estudando, sejam indisciplinados e não depositem na escola uma esperança de um futuro melhor para sua família. Isso justificaria o descaso em relação à escolarização, mas não iria inviabilizá-la para todos, pois existem atletas que reconhecem na escola um ponto de apoio necessário para sua vida futura. Ademais, não é possível vilipendiar o direito à educação do jovem atleta por causa do status ou estigma da profissão escolhida por ele.

CAPÍTULO IV: DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

4. APRESENTAÇÃO

Discutiremos, no presente capítulo, os dados apresentados até o momento. Analisando-os, chegaremos a inferências e a conclusões pertinentes ao contexto dessa pesquisa. Antes que realizemos qualquer tipo de discussão, faz-se necessário apontar alguns dos limites que atingimos durante a realização de nosso trabalho.

Os limites do desenho de pesquisa irão nos ajudar a definir até que ponto conseguimos chegar à nossa proposta de construção de um modelo que explique fatores que intervêm no processo de investimento no esporte e secundarização do projeto escolar. Durante a descrição dos dados, desenvolvemos breve discussão em cada seção, que se referia exclusivamente a cada uma das etapas do trabalho apresentado. A partir daqui, buscaremos acrescentar a essas discussões o uso das pesquisas já apresentadas no capítulo I e de outras acerca da escolarização de atletas feitas no contexto internacional.

A discussão seguirá com os apontamentos sobre a formação do projeto individual de carreira e como o jovem atleta delimitou dois objetivos de vida tendo consciência, ou não, sobre a possibilidade de correrem paralelamente ao seu desenvolvimento. Como apresentamos sinteticamente, o projeto individual de carreira caracteriza-se pelas metas e estratégias adotadas pelos indivíduos dentro de um contexto de oportunidades. Dessa forma, o cenário do futebol e da escola foram desenhados e representados de forma distintas pelos jovens atletas. Em suas falas, percebemos o foco na carreira de atleta e a secundarização da escola básica. Notamos, também, o como eles percebem o processo que põe em segundo plano o projeto escolar feito pela própria instituição em relação aos jovens atletas. Por fim, na última seção do capítulo, responderemos às questões de nossa pesquisa e concluiremos nossas ações investigativas.

Nossa investigação foi realizada a partir da escolha que recaiu sobre um clube do município do Rio de Janeiro. Essa instituição esportiva, reconhecidamente, dispõe de uma das melhores estruturas para a formação profissional de jovens atletas de futebol no país. Além disso, a condição de Clube Formador a coloca em um restrito campo de investigação: em 2015, por exemplo, a Confederação Brasileira de Futebol – CBF - registrava 776 clubes profissionais no Brasil²⁴, sendo que, dentre eles, apenas 27 clubes eram detentores do Certificado de Clube Formador.

²⁴

Ver: <http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-numero-de-clubes-e-jogadores#.WCnsRiS1PIU>. Acesso em: 14 nov. 2016.

Em fevereiro de 2016, o número de clubes formadores subiu para 42 e, em novembro do mesmo ano, esse número, atualizado pela CBF, havia sido reduzido para 35 entidades. Essa redução, de certa forma, também, acompanharia o que ocorrera com o quadro de clubes profissionais ativos que, em agosto de 2016, sofreu uma baixa de 112, passando a reunir 664 instituições esportivas²⁵. Apesar de ter ocorrido essas duas variações em âmbito nacional, a situação do clube escolhido para o desenvolvimento de nossa pesquisa foi mantida, assegurando-nos a possibilidade de iniciar e terminar a nossa investigação.

Nossa investigação, em resumo, foi desenvolvida a partir da escolha de um clube detentor do Certificado de Clube Formador, que dispunha de centro de treinamento com alojamento para os jovens atletas.

Escolhido o clube, optamos por realizar a nossa pesquisa exclusivamente com jovens que estavam residindo no alojamento do clube em 2015 e 2016, em um universo constituído por 62 atletas, na faixa etária de 14 a 17 anos. Isso acarretou restringir ainda mais nossa pesquisa, porque se trata de uma parcela de jovens em formação profissional no futebol que têm um tratamento diferenciado: como o pouco deslocamento para o clube e para a escola; a alimentação balanceada e orientada pelo próprio clube; a escola escolhida pelo próprio clube em que atuam; a ausência da família no dia a dia intervindo nas tarefas, etc.

A condição do atleta residente no alojamento nos permitiu testar algumas questões da pesquisa, que também restringem nossa capacidade de generalização dos resultados. Entretanto, essa restrição do nosso campo investigativo nos permitiu formular e avaliar algumas hipóteses que antes só estavam sugeridas pelas pesquisas anteriores do Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo.

Um exemplo de algo que pudemos testar durante o desenvolvimento de nossa investigação foi a influência do tempo de dedicação ao futebol na diminuição do tempo de permanência na escola, sugerido pela pesquisa de Melo (2010). Em 2010, imaginávamos que um maior tempo de dedicação ao futebol poderia diminuir o tempo nos bancos escolares. Os dados da pesquisa de Melo (2010) apenas sugeriam que uma maior demanda no futebol levaria o atleta das categorias mais próximas do futebol profissional à migração para o ensino noturno. Isso, conseqüentemente, deixaria o jovem atleta em alguma situação de ser obrigado a assumir possíveis prejuízos educacionais, visto que o ensino noturno seria de menor qualidade.

²⁵ Ver: <http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/relatorio-da-diretoria-de-registro-e-transferencia#.Wb5lg9FrzIV>. Acesso em: 14 nov. 2016.

Foi possível perceber no desenvolvimento de nossa investigação que Melo (2010) estava certo por um lado: as demandas do futebol podem levar o atleta a migrar para o ensino noturno. Mas, por outro lado, faltou acrescentar o que observamos durante a realização de nossa pesquisa: não é o tempo de investimento no treinamento que faz reduzir o tempo de permanência na escola. Demonstramos que o tempo de permanência na escola varia para menos independentemente da variação do tempo de dedicação ao futebol.

A pesquisa de Melo (2010) foi um importante legado do Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo para o registro de pesquisas sobre escolarização de jovens atletas no Brasil. Porém, precisamos avançar no campo de investigação para que cheguemos mais perto possível de demonstrar a realidade da formação profissional de atletas no Brasil. Melo (2010), usou dados de 417 atletas, de 19 clubes do estado do Rio de Janeiro, o que lhe conferiria um grau de generalização um pouco mais amplo do que em nossa pesquisa.

Embora o exposto no parágrafo anterior possa ser uma verdade, há de se observar também que dificulta a análise da pesquisa realizada pelo seu autor. Por exemplo, como encontrou uma variação grande entre o tempo de treinamento nos clubes do Rio de Janeiro, a condição de variação simultânea entre as variáveis que estavam sendo testadas, buscando uma relação causal, acontecia de modo sistemático. Para que ele chegasse à conclusão de que o tempo de escola iria ser diferente em qualquer situação, independentemente da variação do tempo de dedicação ao futebol, teria sido necessário testar essa hipótese na qual o tempo de futebol seria mantido constante. Ao não realizar esse teste, a análise final do resultado ficou comprometida, ao inferir que o tempo de dedicação ao futebol é um possível responsável pela redução de tempo de dedicação à escola.

A condição restrita de nossa pesquisa, ou seja, o fato de estarmos realizando-a em um único clube, por um lado, pode nos limitar no tocante à capacidade de generalização. Todavia, permitiu-nos realizar o teste da hipótese de que o tempo de dedicação no futebol seria ou não o responsável pela redução do tempo de permanência na escola. Ao realizarmos a pesquisa nesse único clube de futebol, a variável tempo de futebol permaneceu constante nas duas categorias investigadas (o que também poderia variar, mas não foi o caso visto). O tempo de permanência na escola diminuiu conforme os atletas avançavam para o Ensino Médio e migravam para o ensino noturno. Não estamos excluindo o fato das demandas do futebol acabarem levando os atletas mais velhos para o ensino noturno, mas estamos destacando que a diminuição do tempo de permanência na escola é uma condição relativa à escola e varia de forma independente do futebol.

O grupo que investigamos faz parte de um universo bastante restrito na formação de profissionais para o futebol. Embora essa seja uma verdade que limita nossas intenções de generalização, levantamos um conjunto de resultados que irão nos permitir propor um modelo explicativo para as intervenções que ocorrem no processo de investimento no futebol e o posicionamento do projeto de escolarização em um plano secundário. Algumas das respostas alcançadas por esse estudo podem ser generalizadas até certo ponto em alguns casos. Em outros, deverão ser relativizadas ou, quiçá, potencializadas quando buscarmos uma pesquisa em escala e compararmos com outros grupos que estejam pareados pelo nível socioeconômico, tipo de escola onde estudam, etc. O que nessa pesquisa sugerimos é a construção de modelos que estimem probabilidades de investimento na escola e em outros afazeres dos alunos regulares, trabalhadores e atletas.

O fato de demonstrarmos que o tempo de escola varia de forma independente do futebol nos ajuda a apontar a hipótese de que tanto uma quanto o outro fazem parte de uma mesma categoria dependente de outras variáveis de contexto. Esse fato nos faz indicar a validade interna de nossa pesquisa, pois sugerimos indícios de que a hipótese poderia ser verdadeira dentro do nosso cenário restrito de investigação (CANO, 2006). A definição de validade interna da pesquisa é dada pelos seguintes argumentos:

Validade interna é o grau de certeza de que o efeito na variável dependente do experimento foi causado pela variável independente do investimento. Em outras palavras, é a certeza de que foi a causa pesquisada, e não outro fator, que produziu os efeitos observados. Essa certeza vai depender fundamentalmente do desenho de pesquisa. Quando a confiança na inferência causal é alta, dizemos que o estudo tem alta validade interna. Quando não se tem certeza de que aquilo que causou a mudança (ou a estabilidade) na variável dependente, falamos em baixa validade interna. De fato, não é uma decisão dicotômica, ter ou não ter validade interna, mas gradativa. Na definição apresentada no começo deste parágrafo aparece um elemento redundante: “do experimento”. O objetivo é justamente frisar que a validade interna concerne à inferência causal entre causa e efeito tal como foram definidos e operacionalizados no experimento, sem pretensão de generalização (CANO, 2006, p. 29).

Os dados gerados por essa pesquisa nos ajudaram a interpretar justamente como a escola e o futebol (ou esporte) podem vir a fazer parte de uma mesma categoria de variáveis que dependem de um conjunto de variável de contexto. Somente dessa forma poderíamos dar o passo que pretendíamos desenvolvendo a pesquisa, ou seja, justificar como esse conjunto de variáveis de contexto podem influenciar no investimento na formação profissional no futebol. Para isso, realizamos as entrevistas com os funcionários do clube e com os atletas que nos fizeram demonstrar um cenário em que a dupla carreira não era um problema somente para o

atleta. A instituição esportiva e a escola também têm grandes problemas na relação e mediação da dupla carreira.

O clube sofre uma dupla pressão do mercado futebolístico e da legislação que deve cumprir para a garantia do direito dos jovens atletas. Ao mesmo tempo, considerando o valor do atleta no mercado, a instituição esportiva encontra dificuldades para cumprir as normas disciplinadoras da própria entidade reguladora. Ademais, outros atores que atuam no mercado do futebol podem tender a criar empecilhos, prejudicando a relação do atleta com a escola. O exemplo que o Funcionário 2 do clube deu sobre a relação dos empresários com os jovens atletas marca a seção da pesquisa que trata da maneira como o clube auxilia na mediação da dupla carreira. Enquanto os funcionários tentam garantir que os atletas harmonizem as rotinas do futebol com a escolar, há uma grande pressão dos empresários no sentido de os atletas não desviarem o foco da profissionalização no esporte. Além desses, há exemplos de famílias que também ajudam a tornar mais complexa a relação do atleta com a escola. É evidente que não devemos extinguir o protagonismo do jovem atleta nessa história, afinal, como também demonstramos, existe certa tendência a priorizar o projeto de formação profissional.

O esforço do clube para que o atleta concilie a dupla carreira se torna mais complexo quando as relações interpessoais reforçam a crença de que o futebol será um futuro de profissionalização rentável e seguro. Além disso, há uma tensão dentro do próprio clube que lida com o valor que o atleta tem no mercado e a dedicação desse jovem aos bancos escolares. A dificuldade de aplicar as sanções normalizadoras, no caso do atleta que se desvia da obrigação de frequentar a escola, coloca o clube em uma posição de copartícipe na produção de dificuldades para a conciliação da dupla carreira. A escola também sofre com as demandas desse processo no qual o jovem atleta se divide entre a atividade esportiva e a escolar: ao mesmo tempo em que estabelece uma espécie de acordo de cavaleiros com o clube, elas têm que prestar contas à Secretaria de Educação do estado ou do município onde instituição esportiva desenvolve suas atividades. O problema é que não há respaldo legal para fazer com que os acordos firmados entre escola e clube sejam cumpridos. Assim, a relação entre essas duas instituições é cercada de incertezas sobre o modo como poderão criar mecanismos de conciliação que garantam a dupla carreira.

As relações complexas entre o clube, escola, famílias, empresários e o próprio atleta acabam sendo responsáveis pela criação de problemas para a dupla carreira. Nesse cenário, o jovem atleta exerce seu direito de escolhas entre seus desejos e as oportunidades que lhes são possíveis. Ele reconhece a complexidade nas relações estabelecidas e atua conforme acredita ter maiores oportunidades de sucesso nos seus projetos em curso.

A percepção sobre as oportunidades na carreira de futebolista varia de atleta para atleta, mas eles acreditam que o projeto de profissionalização no futebol requer uma atenção mais urgente do que o projeto escolar. Dessa forma, o esforço individual para atingir o objetivo de se formar um atleta profissional de sucesso é reconhecido por todos: quanto mais esforço e foco em campo, mais chances terão de chegar ao nível profissional. Alguns atletas utilizam táticas mais elaboradas, com metas a serem atingidas, a curto, médio e longo prazos, outros se debruçam na fé e esperam uma recompensa divina pelo esforço e sacrifícios que estão fazendo no momento. Há, também, um terceiro grupo, o daqueles que analisam as oportunidades de sucesso no esporte e na escola a partir dos contextos e tomam as decisões de adiar o projeto escolar pelo motivo de terem mais oportunidades concretas de realização do objetivo de profissionalização no futebol no momento.

A percepção das oportunidades de sucesso na carreira e o modo como os atletas tomam a decisão de investir mais no esporte ou na escola dependem também das relações construídas por eles ao longo do tempo. Todos os atletas mencionaram participar de algum tipo de rede social por meio da qual seria possível avistar uma oportunidade concreta de profissionalização no futebol. Essas redes sociais, com laços que permitiam a troca de influências entre as oportunidades de profissionalização no futebol e o próprio atleta, foram usadas categoricamente pelos jovens investigados. Foi um sem número de mudanças de clubes e relatos de que tiveram as portas abertas em vários clubes do país a partir dos próprios empresários, amigos, conhecidos ou familiares possuidores de algum conhecimento sobre o mercado do futebol. Esse conjunto de forças atuantes nas e entre as redes sociais permitiu aos atletas decidirem se esforçar durante o processo de profissionalização no futebol. A justificativa usada era ter de fato algo em que se inspirar para continuar perseguindo o sonho de se tornar profissional.

Por fim, a última característica que reunimos e nos permitiu traçar e testar a hipótese de que futebol e escola faziam parte de uma mesma categoria de variáveis, influenciadas pelo mesmo conjunto de variáveis de origem, é o nível socioeconômico dos jovens investigados. Vimos não haver variação significativa no nível socioeconômico em que os atletas estão posicionados. Observamos que essa condição de origem é quase constante no grupo investigado. Isso nos sugere que a permanência no futebol é característica de um determinado grupo de nível socioeconômico médio: nem os mais pobres, nem os mais ricos tendem a investir no processo de profissionalização no esporte. Embora essa variável seja uma constante de acordo com os dados coletados, isso nos mostra que esse é um importante elemento a nos ajudar na definição do processo de investimento no futebol. O saber que os mais pobres e os mais ricos têm menos chances de investir na carreira de jogador de futebol nos serve de indicador para nos

concentrarmos em uma classe social diferente daquela dos mais abastados ou daquela dos mais desprovidos de recursos econômicos.

Embora tenhamos investigado um grupo muito restrito no futebol brasileiro, a pesquisa em tela nos permitiu determinar um importante passo para as futuras investigações sobre escolarização de jovens atletas. Mesmo que tenhamos dificuldades de apontar generalizações dos nossos dados, a hipótese que levantamos e testamos na pesquisa atual sugere um quadro que podemos torná-lo objetivo a ponto de propormos um modelo de investigação que explique as probabilidades de investimento na dupla carreira a ser testado em uma pesquisa em escala. Como essa era a intenção da presente investigação, cremos que atingimos o objetivo traçado. Todavia, antes de concluirmos o estudo, precisamos travar um diálogo com a literatura internacional que trata do tema escolarização de jovens atletas a fim de detectarmos uma possível contribuição da pesquisa em tela para futuros estudos.

4.1 DISCUTINDO A DUPLA CARREIRA

A relação da dupla carreira no esporte e na escola no Brasil foi explorada no capítulo I. O esporte, com vistas à formação profissional, não pode ser encarado da mesma forma no nosso país. Não obstante ao fato de que temos uma galeria de esportes que se diferem quanto ao investimento do e no atleta, em nível internacional, as pesquisas relatam problemas parecidos com o encontrado em nossa nação, no tocante a trabalhos sobre dupla carreira no esporte e na escola. Nessa seção serão apresentados elementos focalizados em estudos internacionais que possam servir de contra-argumentos às apostas que fizemos a partir dos relatos descritos no capítulo III da presente tese. Queremos submeter nossas impressões aos relatos de pesquisas internacionais a fim de entendermos se estamos caminhando em um sentido que pareça pertinente. Nosso propósito, vale ressaltar, é encontrarmos algum elo explicativo concernente ao investimento na carreira esportiva.

O problema que encaramos nessa tese não parece ser exclusividade nacional. Um estudo de revisão de literatura realizado e publicado na Europa colecionou relatos de várias pesquisas que buscaram de alguma forma tratar da dupla carreira. A revisão de literatura feita por Guidotti, Cortis e Capranica (2015) objetivou sistematizar as contribuições que as diferentes pesquisas realizadas nos países membro da União Europeia consolidaram sobre a formação profissional e a formação escolar de estudantes-atletas.

O estudo das autoras construiu rigorosos critérios para definir quais abordagens seriam contempladas pela revisão da literatura. O período indicado para selecionar os artigos variou de janeiro de 2007 a dezembro de 2014. Os contemplados pela pesquisa deveriam estar respaldados pelos seguintes critérios: 1) ter alguma relação com a situação de dupla carreira voltada para atletas; 2) indicar o termo “dupla carreira” no texto ou nas palavras-chave ao menos uma vez; 3) ter sido publicado no intervalo descrito para as publicações selecionáveis; 4) a pesquisa deveria ter sido feita em um dos Estados membro da União Europeia; 5) ser um artigo, livro ou capítulo de livro; 6) ter ao menos um resumo escrito na língua inglesa (idem).

A preocupação de Guidotti, Cortis e Capranica (2015) se instala na medida em que, embora a Europa venha dedicando programas que visem a mediar a relação de dupla carreira, a recente inclusão de jovens entre 14 e 18 anos nos Jogos Olímpicos da Juventude poderia elevar os desacordos entre a formação esportiva e a formação acadêmica aos níveis da educação básica. O problema encarado pelas autoras é que os programas europeus para mediar os conflitos da dupla carreira se concentram em medidas através das quais busquem um currículo diferenciado para os atletas de elite. Enquanto não ocorre isso, a formação de atletas de alto

rendimento tende a provocar dificuldades escolares para aqueles que optam e ingressam na dupla carreira. Assim, a sistematização dos dados nesse trabalho de revisão de literatura, para essas autoras, seria relevante para estimar o estágio de pesquisa em que a comunidade europeia estaria e definir novos rumos de investigação. Dessa forma, as autoras concluíram que:

The present analysis of the early approaches and further evolutions of studies on DC provided a sound ground for future studies and for the promotion of the EU commitment in this field. This work contributed to systematize the definition, delimitations, and trends in the area of DC as precursor of future research and interventions. In particular, the efforts of researchers and EU policy makers appeared crucial. However, the complex individual, interpersonal, social/environmental and policy aspects at National level of DC in different EU Countries determine difficulties in supporting one perspective, theory or approach to understand the combination of sport and education of European student-athletes. Surely, researchers and decision makers envisioning the promotion of the combination of sport and education of elite athletes should consider an ecological framework, which necessitates the cooperation of trans-disciplinary and cross-national expertises. Thus, future studies should: 1) Explore the intertwined relationships between different dimensions of DC, integrating qualitative and quantitative methodologies to achieve both deep insights and generalization of findings and actions; 2) Develop scales to measure the effectiveness of DC paths for student-athletes (GUIDOTTI, CORTIS, CAPRANICA, 2015, p. 17).

As contribuições da comunidade europeia para a relação de dupla carreira no esporte e na escola estaria em estágio inicial, em que as descobertas ainda não exploraram caminhos intrínsecos à relação de investimento no esporte. As pesquisas contempladas pela revisão de literatura mostraram que no contexto maior, o apoio de políticas públicas e intervenções do Estado são bastante distintos entre os países da União Europeia. O fato desse apoio ser inteiramente difuso entre os países-membros da comunidade europeia traria alguma dificuldade para interpretar os dados sobre a formação profissional e a formação acadêmica à luz de uma teoria que incidisse em uma explicação concreta sobre os obstáculos para esses dois tipos de formação e as tomadas de decisão que pudessem contribuir para melhorar essa relação (GUIDOTTI, CORTIS, CAPRANICA, 2015). Além disso, defendem a ideia segundo a qual as novas investigações devem buscar uma orientação em fatores de relações interpessoais, entrelaçadas com mecanismos associados ao ambiente em que essas redes se associam para melhor explorar a relação de dupla carreira.

As explicações dadas pelas autoras sobre o estágio em que as pesquisas na comunidade europeia estão nos ajudam a compreender a relevância de nossa tese. Estamos buscando justamente entender as relações interpessoais e de contextos de origem que incidem em um processo de investimento no esporte para tentar formalizar uma pesquisa em larga escala a partir desse estudo exploratório. Além disso, saímos do cenário que procura entender apenas a relação

esporte e escola em um contexto isolado das demais situações que podem incidir sobre a tomada de decisão do indivíduo. Sendo assim, podemos considerar nosso estudo como um passo que está sendo dado no sentido de compreender melhor como se dá a relação de dupla carreira no esporte e na escola, a partir da identificação dos meios que levam a um processo de investimento no esporte, secundarizando o projeto escolar.

O problema da dificuldade de conciliação na dupla carreira afeta não somente os atuais pretendentes à profissionalização no esporte que ainda estão em processo de escolarização, mas também atinge aqueles que já encerraram sua carreira esportiva²⁶. Ao que parece, as habilidades adquiridas durante a profissionalização no esporte não são pouco valorizadas somente no cenário brasileiro. Metsä-Tokila (2002) abordou o tema de como o esporte de alto rendimento veio a fazer parte do sistema educacional na ex-União Soviética, Finlândia e Suécia. A justificativa para a implementação de programas esportivos nos sistemas de educação desses países estava apoiada em questões sobre como era complexa a gestão da rotina requerida pelo esporte e o processo de adequação à rotina escolar. O vislumbre dos programas desses países indicava a necessidade de fornecer uma educação adequada para a qualificação dos indivíduos que estivessem buscando a formação esportiva em concomitância com o período de dedicação aos bancos escolares.

O estudo de Metsä-Tokila (2002) chegou à conclusão de que os atletas após o término da carreira têm dificuldades não somente de se inserir em um mercado profissional fora do esporte. Além disso, eles ainda têm problemas ao tentar empregabilidade em profissões que também estejam relacionadas ao mundo esportivo de que participou. Esse dado é relevante na medida em que indica que o mercado esportivo também não gera postos de trabalho para absorver o contingente de mão de obra por ele formado. Ademais, o autor ainda insinuou que a dificuldade de alocação em algum emprego dependente, ou não, do mercado esportivo derivaria de uma relação de dupla carreira deficiente para a dedicação aos estudos. A sugestão da pesquisa citada estaria justamente em como as duas instituições, esporte e escola, lidariam com a adequação dos seus calendários, buscando uma melhor formação dos jovens atletas envolvidos.

A pesquisa de Metsä-Tokila (2002) não foi contemplada na revisão feita por Guidotti, Cortis e Capranica (2015), porque não atendia a certos critérios, como, por exemplo, o de ter sido publicada entre 2007 e 2014. Todavia, ela levantou uma importante reflexão sobre as possíveis consequências de uma dupla carreira com poucas oportunidades de adequação das

²⁶ Abordamos a dificuldade de reconversão do capital corporal adquirido na formação esportiva para postos de trabalho fora do esporte no Capítulo I dessa tese, quando falamos da pesquisa de Souza *et. al.* (2008). Essa pesquisa tratou de dois casos no cenário brasileiro.

rotinas da escola e do esporte no dia a dia do atleta. Embora ele sugira uma espécie de políticas públicas ou institucionais que vejam o mérito de negociar as formas como o atleta poderá compatibilizar os horários de dedicação ao esporte e à escola, essa pesquisa reforça o efeito negativo de uma dupla carreira que não tem qualquer tipo de mediação. Os encargos da dupla carreira são sentidos por todos, e a falta de mediação poderia prejudicar a formação esportiva ou a formação escolar do jovem atleta. No caso citado, vimos que os atletas ao término da carreira sentiram dificuldades para se manterem inseridos no mercado de trabalho esportivo ou para se empregarem em outro ramo em função da qualificação escolar deficiente.

A experiência de políticas institucionais que visam à adequação da rotina de dupla carreira foi implementada na Dinamarca. Christensen e Sørensen (2009) comentaram sobre a *Team Danmark*, instituição responsável por gerir a dupla carreira de atletas em formação nesse país. O lema dessa instituição é *Denmark the Best place in the world to be an athlete*, em alusão aos mecanismos de gerência da dupla carreira que essa instituição promove para atletas de alto rendimento.

A *Team Danmark* buscou uma estratégia para garantir um currículo com menos horas de aulas diárias. Nesse caso, o ensino secundário é estendido em um ano para os jovens atletas. Isso significa dizer que os atletas de alto rendimento, filiados à *Team Danmark*, teriam sua carga horária escolar reduzida ao longo do ano letivo para poderem se dedicar mais aos períodos de treinamento. Como consequência disso, ao ensino secundário seria acrescido um ano, passando de 3 para 4 anos.

O intuito dessa política institucional seria o de diminuir as consequências de uma dupla carreira no esporte e na escola, como a rotina extenuante e o cansaço físico que alquebrava os jovens atletas. Esse tipo de política institucional, vale observar, não contemplaria todos os atletas em formação profissional ou atletas de alto rendimento na Dinamarca, o que caracterizava um problema. Este se justificava tendo em vista que as formas de compatibilização da dupla carreira e a redução dos seus efeitos ficariam restritas a poucos afortunados, inseridos nessa política. Ademais, os relatos de Christensen e Sørensen (2009) se voltam para os impactos reais dessa política institucional na relação de dupla carreira do estudante-atleta: a *Team Danmark* era responsável por conseguir abono de faltas e remarcação de avaliações para os jovens atletas vinculados a essa instituição.

O fato de a *Team Danmark* conseguir nada além de abono de faltas e remarcação de avaliações dos jovens atletas nas escolas sempre foi alvo de críticas das nossas pesquisas do LABEC. Indicávamos que esse mecanismo compensatório adotado por essa instituição já vinha

sendo uma conquista dos atletas por nós investigados, isto sem auxílio algum de políticas institucionais.

A partir da presente tese, pensamos que podemos rever as nossas críticas, uma vez que o abono de faltas e remarcação de avaliações não é uma prerrogativa garantida aos jovens atletas investigados durante o desenvolvimento de nossa pesquisa. Por um lado, acreditamos nas suas declarações sobre como conseguem levar uma declaração de seus clubes para as escolas, justificando suas faltas. Por outro, vivemos o dilema de também acreditar nas declarações do clube e de outros atletas sobre o fato dessas faltas não serem abonadas no âmbito de certas Secretarias de Educação. Por esse motivo, indicamos que essa crítica que fizemos seja alvo de uma investigação mais aprofundada. É possível que tenhamos instituições que, de fato, não incluem as faltas dos jovens atletas no relatório final a ser entregue ao órgão superior ao qual está vinculada administrativamente. Porém, podemos pensar também que existem outras escolas, levando essas faltas a última instância no sentido de serem avaliadas. De qualquer forma, não há nenhuma garantia de que elas sejam abonadas do histórico do jovem atleta, comprometendo a sua vida na escola.

O tema sobre escolarização de jovens atletas não é nenhuma novidade no cenário internacional. Tantas outras pesquisas foram realizadas e poucas chegaram à diferentes conclusões sobre a forma como os atletas de alto rendimento conciliam a sua rotina de treinamento com a rotina escolar (BORGGRÈFE, CACHAY, 2012; RENS, ELLING, REIIGERSBERG, 2012; HENRY, 2010; AGERGAARD, SØRENSEN, 2009; HICKEY, KELLY, 2008; MCGILLIVRAY, MCINTOSH, 2006; BOURKE, 2003; PARKER, 2000; SACK, THIEL, 1979). Entretanto, não podemos deixar de destacar que essas pesquisas estão focadas nas consequências de uma dupla carreira para a formação do projeto de formação esportiva e o projeto escolar dos jovens atletas. Assim sendo, podemos supor que as respostas para essas demandas sejam muito parecidas, para não dizer as mesmas. Talvez não seja só coincidência quando identificamos que a rotina de treinamento causa cansaço físico ou que as tentativas de formação, vinculadas a programas cujo propósito seja mediar a relação conflituosa na dupla carreira, não se restrinjam ao abono de faltas e remarcações de prova. Outra alternativa não desejável é a criação de escolas especializadas que não atentam para a importância do acompanhamento do desempenho escolar dos jovens atletas e, conseqüentemente, produzem resultados deficientes, quando comparados aos dos atletas que frequentam escolas regulares. Todavia, essa relação de conflito entre a formação no esporte de alto rendimento e a formação na escola básica só é verdadeira para os atletas de elite, isto é, para aqueles que estão investindo

de fato no esporte. Dessa forma, investigar as consequências desse tipo de dupla carreira não contribui para entendermos como se forma o processo de investimento no esporte.

Retomando as indagações das pesquisas realizadas pelo Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo, observamos que os jovens atletas em rotina profissional não seguem uma mesma ordem quanto às consequências educacionais geradas pela dupla carreira. Vimos que há um padrão quanto ao cansaço físico causado pela rotina de treinamento. Porém, quando se investigou como essa rotina de treinamento afetava a dedicação à escola básica, o cenário apresentado variou de modo considerável. Levantamos no capítulo I da presente tese que podíamos encontrar alguns tipos de motivação para o investimento na formação esportiva, como por exemplo: 1) a dedicação visando à profissionalização no esporte; 2) o investimento com a intenção de buscar uma bolsa no ensino superior através do esporte.

Nesse contexto de respostas às consequências do investimento na dupla carreira no Brasil, podemos supor que no caso em que o atleta investe no esporte, buscando o caminho de profissionalizar-se nesse mercado há de fato um processo que deixa o projeto escolar em segundo plano. No outro cenário, quando o esporte é visto como uma ferramenta para alcançar níveis de ensino mais elevados, há uma resposta que supõe que o projeto esportivo poderá ser abandonado quando se atingir o objetivo desejado de ingressar no ensino superior. Pensemos que essas duas possibilidades são verdadeiras no cenário nacional. Todavia, além de não nos permitir traçar um padrão de comportamento entre as variadas modalidades esportivas, ainda nos deixa restritos às comparações com o cenário de pesquisas realizadas na Europa.

Devemos restringir as nossas comparações a níveis em que elas sejam possíveis. Por exemplo, quando citamos as pesquisas internacionais, comentamos que elas estão focadas desde a formação do jovem atleta até a preocupação com o que será desse indivíduo que investiu no esporte após o término da sua carreira esportiva. As pesquisas internacionais demonstram que esses personagens que investiram no esporte com vistas à profissionalização têm grandes dificuldades de conciliar as demandas das rotinas esportivas com as obrigações escolares. Até aí podemos traçar uma comparação com o cenário nacional, uma vez que, ao analisarmos as consequências de uma dupla carreira, verificamos que há uma semelhança entre os diversos casos.

Há também a possibilidade de traçarmos meios de comparação com os jovens que tentaram a profissionalização no esporte, secundarizaram a dedicação à escola e, por ventura, não obtiveram sucesso na carreira esportiva. Tanto no cenário internacional quanto no contexto brasileiro, esses indivíduos podem demandar mais esforços para obter um cargo no mercado de trabalho dentro ou fora do esporte, pois não possuem formação técnico-profissional para

exercer algumas funções. Ao investigarmos as consequências de uma dupla carreira podemos encontrar semelhança entre os casos de jovens que decidiram investir na formação esportiva. Não vemos nenhum problema em buscar esse tipo de pesquisa. Talvez, o problema esteja apenas em não conseguir traçar uma estratégia que tenha eficácia na mediação da dupla carreira.

As pesquisas que o LABEC realizou no cenário nacional acabam por provocar essa reflexão, pois questionam e criticam as estratégias internacionais para mediação da dupla carreira, justamente porque essas táticas não atingem metas muito maiores que as estratégias individuais de negociação entre os atores desse cenário no Brasil. Aqui estamos problematizando essas críticas: enquanto há estratégias em outros países, via programas ou políticas institucionais, que tendem a mediar a relação de dupla carreira, o Brasil ainda depende da boa vontade e da insistência dos atores afetados pelos prejuízos da dupla carreira para estabelecer uma melhor compatibilização de suas demandas de rotina.

O que nós mostramos nessa tese foi que as consequências da dupla carreira para jovens atletas de futebol, que estão pretendendo a profissionalização em um clube com o Certificado de Clube Formador, afetam também essa instituição esportiva, pois ela sofre com os percalços da rotina de treinamento, relacionados às obrigações escolares. Além disso, esses jovens ainda acreditam que algumas formas de negociação entre clube e escola podem funcionar, como a emissão de declarações do clube para justificar ou abonar suas faltas na escola. Pudemos observar que, embora essas formas de negociação surtam efeito na relação entre clube e escola, não se pode dizer o mesmo quando se alcança níveis hierarquicamente superiores à escola, como as Secretarias de Educação. Dessa forma, podemos sugerir que a falta de uma política, seja ela pública ou institucional, deixa margem para a discricionariedade dos atores a fim de tomarem a decisão sobre qualquer necessidade de mediação no tocante à dupla carreira.

Quando trouxemos a ideia de que a condição de subinclusão na qual se encontram os jovens atletas na legislação nacional²⁷ poderia ser um fator que pudesse dificultar a relação de dupla carreira, pensamos na decisão de julgar, caso a caso, a pertinência de táticas que pudessem facilitar a dupla jornada de jovens atletas. Apontamos que há uma lacuna entre a relação clube, escola e Secretaria de Educação que tende a criar mais empecilhos para o desenvolvimento do processo no qual o jovem se profissionaliza na atividade esportiva e se forma na escola concomitantemente. Se, por um lado, um acordo com a escola faz-se necessário para justificar as faltas dos jovens atletas, por outro lado, esse mesmo acordo precisa ser ratificado pela Secretaria de Educação a fim de que não aconteça o que vem ocorrendo no concernente às faltas

²⁷ Ver Capítulo I da presente tese.

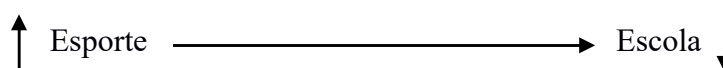
justificadas. Com isso, poderia ser evitada a situação na qual uma decisão da Secretaria de Educação optou por não amparar a justificativa para ausência de um atleta dos bancos escolares. A consequência disso foi a reprovação desse mesmo atleta aos 16 anos de idade, quando já frequentava a 3ª série do Ensino Médio.

Aqui não está sendo feita a defesa da ideia segundo a qual o jovem atleta pode vir a deixar de frequentar as aulas além do limite legal de, no mínimo, 75% de frequência às atividades letivas, estabelecido no Inciso VI, do art. 24, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, BRASIL, 1996). Essa situação não é exclusiva do jovem atleta ela se estende para outros que optaram pela dupla carreira, investindo, ao mesmo tempo, na formação profissional e na formação escolar. Todavia, sugerimos, a partir dos nossos dados, que a condição de atleta ainda traz um estigma para esse jovem através do *status* de sua profissão, da identidade do jogador de futebol e das demandas de trabalho que exige uma disponibilidade para viagens, competições, etc. Essa diferenciação entre jovem atleta e jovem trabalhador, por causa da crença sobre a profissão de jogador de futebol, pode pender negativamente quando se pensa em tomar uma decisão para facilitar a conciliação da dupla carreira no caso desse tipo de atleta.

Esses são bons motivos para que comecemos a relativizar ou, ao menos, problematizar as críticas que traçamos sobre as táticas internacionais para a mediação da relação de dupla carreira de jovem atleta. Por mais que eles não atinjam mais objetivos que alguns atletas brasileiros conseguem a partir de negociação individual, há uma ideia de que o jovem atleta é um jovem trabalhador e, por esse motivo, precisa de meios para ajustar a sua rotina esportiva à rotina escolar. Todavia, podemos também começar a pensar em outros modos de levantar questionamentos sobre essas estratégias adotadas por países estrangeiros para mediar a conciliação entre a rotina escolar e a esportiva.

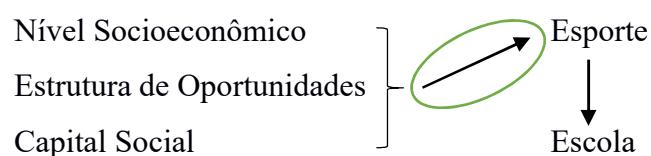
Como já comentamos, tanto as pesquisas nacionais quanto as internacionais estão concentradas em analisar as consequências de uma dupla carreira. Ao se pesquisar as consequências de uma dupla carreira, os dados gerados por essas investigações são importantes para definirmos o que ocorre quando o jovem decide investir em dois projetos de profissionalização simultaneamente. Todavia não acrescentam elementos a fim de interpretarmos como se chega à tomada de decisão sobre o investimento nesses dois projetos. O problema disso é que essas referidas pesquisas se constituem como uma solução para as demandas da consequência da dupla carreira, mas não vão além disso, pois, de forma alguma, atacam a causa do investimento na dupla carreira.

Já foi indicado anteriormente o esquema no qual é apresentada a maior parte dos resultados das pesquisas no LABEC. Além disso, observamos que o mesmo esquema pode representar as pesquisas internacionais que tratam de jovens em dupla carreira no esporte e na escola. Vamos dar novas interpretações a esse esquema e como podemos contribuir com os dados da nossa tese. Vejamos abaixo:



No esquema logo acima, é representada a situação em que conclusão apresentada anteriormente: um maior investimento no esporte tende a causar um menor investimento na escola. Esse é um exemplo da consequência de uma dupla carreira no esporte e na escola. Não estamos em desacordo com esse esquema. Ao contrário, mostramos que é um esquema válido tanto para o Brasil quanto para as pesquisas internacionais, embora também tenhamos sugerido que, no cenário nacional, o desinvestimento na escola também pode ser causado por demandas internas à própria escola, como, por exemplo, a diminuição da jornada escolar, a estigmatização do atleta, etc.

Esse é o esquema que define a consequência de uma dupla carreira no esporte e na escola. O problema é que esse modelo não questiona ou problematiza como o jovem atleta tende a aumentar o seu investimento no esporte, produzindo uma secundarização do projeto escolar. Esse é o ponto que estamos levantando nesse estudo piloto. Queremos definir como acontece o processo de investimento no esporte para então buscarmos possíveis soluções estratégicas para um modelo de mediação no tocante à conciliação da dupla carreira. O esquema que definimos para orientar a nossa pesquisa vem logo a seguir:



A presente tese buscou demonstrar o processo de investimento no esporte e como a variável esporte e a variável escola poderiam estar relacionadas a um conjunto comum de variáveis que podiam impactar nos dois processos de investimento. Ao sugerirmos a necessidade de dar um passo atrás no processo de dupla carreira no sentido de identificarmos a causa de um maior investimento no esporte, estamos traçando um novo rumo para as pesquisas dessa área de investigação. Mostramos que o processo de investimento no esporte depende,

sim, do nível socioeconômico dos atletas. No caso do futebol, foi sugerido que os níveis socioeconômicos que produzem os extremos das rendas estimadas tendem a não permanecer nesse esporte. Ao mesmo tempo, apontamos que a percepção de uma oportunidade concreta no futebol depende de como os atletas vão adquirindo experiências e produzem meios para permanecer nos clubes onde atuam. Por exemplo, o esforço individual é uma importante vertente que impacta na percepção sobre as oportunidades desses jovens atletas. E, por fim, observamos a rede social que esses atletas constroem e como ela é importante na compreensão do modo como esses jovens encaram e percebem as oportunidades de sucesso no futebol.

Ao demonstrarmos isso nesse estudo, estamos sugerindo um estudo em escala, a fim de ampliar o campo de investigação para outras modalidades esportivas, como também os recursos metodológicos a serem empregados para, de fato, testar a hipótese, por ora, demonstrada (ou parcialmente demonstrada) nessa tese. Ao ganhar escala e variação nas modalidades esportivas, poderemos entender como cada uma dessas variáveis de contexto podem influenciar individualmente no processo de investimento feito pelo jovem atleta ao optar pela modalidade esportiva, produzindo a consequência já conhecida, o desinvestimento na escola.

Essa pesquisa pode ser o início de um novo ciclo de investigações, assim como sugeriu Guidotti, Cortis e Capranica (2015), quando relataram a importância de ampliarmos a escala e as estratégias metodológicas. Indo além disso, as autoras mencionaram a relevância de buscar entender como as redes intrincadas dos contextos de escolhas dos jovens atletas o ajudam a tomar a decisão acerca de priorizar o esporte.

Ao considerarmos as condições do contexto e o modo como os atletas percebem e criam as oportunidades, poderemos buscar entender os modos de conciliação da dupla carreira traçados por eles, assim como negociam inclusive alguns dos seus direitos para continuar investindo e priorizando a carreira esportiva. Além disso, poderemos de fato gerar dados acerca da causa do investimento em uma dupla carreira, permitindo a elaboração de políticas públicas, institucionais ou programas que melhorem a relação desse jovem atleta com a necessidade de alcançar a formação escolar na educação básica. Talvez seja esse o caminho para reduzirmos os problemas causados pelas consequências de uma dupla carreira deficiente no processo de escolarização.

Por fim, em resumo, na presente seção buscamos problematizar o modo como as pesquisas sobre dupla carreira no esporte e na escola observam a rotina dos jovens atletas que se desdobram para atender às exigências do clube onde atuam e da escola. Foi possível perceber que as pesquisas nacionais e internacionais focam suas análises nas consequências desse referido processo no qual ocorre a secundarização do projeto escolar. Com isso, limitamos as

estratégias adotadas a empenhar esforços no sentido de minimizar as consequências dessa dupla carreira, mas deixamos de lidar com as causas delas. Sendo assim, compreendemos que a nossa abordagem se constitui como um elemento, cujo propósito é estimular o desenvolvimento de novas investigações, identificando como objeto de estudo as causas do investimento na dupla carreira. Essa identificação acrescentará subsídios à elaboração e à implementação de estratégias mais eficazes no sentido de reduzir os custos de todo investimento feito por jovens atletas.

4.2 DISCUTINDO A ATUAÇÃO DOS JOVENS ATLETAS DIANTE DAS OPORTUNIDADES NA DUPLA CARREIRA

Entender como os jovens atletas atuam diante das oportunidades que percebem para tomar sua decisão é um importante passo para compreendermos o processo de investimento no esporte. Essa ideia pressupõe a composição de um projeto individual de carreira. Projetar um percurso para que seja alcançada a profissionalização no esporte pressupõe a antecipação de uma meta de vida, realização de escolhas dentro de um tempo e espaço específicos, enredar objetivos e táticas para alcançá-los, levando a tomada de decisões muitas vezes de modo consciente e individual (VELHO, 1997, 2003, 2010). A presente seção quer discutir como os jovens atletas dessa pesquisa tramaram seus objetivos de vida centrados na carreira esportiva, ao mesmo tempo em que se dedicam à escola básica. Pudemos perceber que, na vida desses jovens, há dois projetos em curso e ambos dependentes de esforço e dedicação.

A estruturação de um projeto individual de carreira não acontece em um espaço alheio ao indivíduo. Na verdade, os contextos sócio-históricos agem como moduladores de desejos e expectativas desses atores sociais, que atuam e dialogam com esses contextos para formular objetivos e traçar estratégias para alcançá-los. A interação entre indivíduo e sociedade é o que faz com que as oportunidades sejam criadas e percebidas como exequíveis. Por esse motivo, temos a intenção de apresentar de forma breve como os projetos individuais de carreira podem ser pensados dentro de uma estrutura de sociedade que, de modos diferentes, encara o esporte e a escola. Além disso, pensamos ser necessário esclarecer a base conceitual utilizada por nós com a finalidade de definir a ideia de projeto individual de carreira. O estado em que os projetos de carreira são estabelecidos não pode ser visto simploriamente. Velho (2003) afirma que

[...] Nas sociedades complexas moderno-contemporâneas [...] existe uma tendência de constituição de identidades a partir de um jogo intenso e dinâmico de papéis sociais, que associam-se a experiências e a níveis de realidade diversificados, quando não conflituosos e contraditórios (p. 8).

Como observamos, os projetos individuais de carreira são formulados em um habitat próprio do indivíduo. Na fala de Velho (2003), a sociedade complexa, moderno-contemporânea, é tratada como sendo algo que agrega um sem número de identidades individuais e coletivas que se diferem uma da outra. A dinâmica entre esses diferentes grupos, consequentemente, produz algo que extrapola o âmbito individual, permitindo uma maior interação entre os projetos individuais de carreira. Pensemos que essa dinâmica criada por essa característica do tipo de sociedade observado pelo mesmo autor faz com que os indivíduos tenham um campo de possibilidades ou um conjunto de oportunidades mais diversificado. Essa premissa já foi

apresentada no capítulo II²⁸ e no capítulo III ao tratarmos das redes sociais²⁹ na presente tese. É justificada a partir da seguinte compreensão: quanto maior for a interação dos indivíduos na sociedade onde estão inseridos, maiores serão as chances de ampliar o seu conjunto de oportunidades.

A definição de uma sociedade complexa, moderno-contemporânea, vem de uma importante inspiração que Gilberto Velho teve refletindo sobre a conferência clássica de Georg Simmel – “A Metrópole e a Vida Mental” – proferida em 1902 e republicada no livro “O fenômeno Urbano”, de Otávio Guilherme Velho, de 1973 (SIMMEL, 1973). A metrópole de Simmel (1973) é fruto de um contexto socio-histórico produzido pela revolução industrial, os novos modos de produção e imigração para o ambiente urbano. Esse novo cenário, preenchido por atores com diferentes experiências, instituiu um modo de agir dos indivíduos, no qual se buscava preservar a identidade individual ao mesmo tempo em que eles se viam restritos ao existir processo disciplinador constituído por regras rígidas adotadas pelas instituições sociais.

A metrópole de Simmel (1973) é caracterizada pelo intenso e constante estímulo ao indivíduo, o que faz com que este busque mecanismos de autopreservação para a sua identidade. A constante, intensa e dinâmica forma de estimulação dos sentidos individuais produz uma espécie de autodefesa, na qual o indivíduo age de forma indiferente a estímulos sociais que não lhes fazem alguma referência. Se por um lado o indivíduo possa adotar certa indiferença a fenômenos sociais que não fazem parte do seu universo de possibilidades, em atitude *blasé* –, por outro, o indivíduo, constantemente estimulado, pode criar aversões – reserva – a certos tipos de induções das estruturas da sociedade. Enquanto a atitude *blasé* pode significar uma diminuição tênue da diferenciação ou até mesmo uma naturalização de fenômenos sociais ao ponto desse indivíduo não esboçar reação a tais estímulos, a atitude de reserva se configura pelo afastamento consciente de fenômenos a serem possivelmente julgados pelo indivíduo como sendo nocivos à sua saúde mental.

As duas atitudes individuais de autopreservação de sua identidade são forças que limitariam a interação do indivíduo com os fenômenos sociais presentes em uma sociedade complexa, moderno-contemporânea. Para Simmel (1973), o convívio nesse tipo de metrópole

²⁸ No Capítulo II, tratamos das chances de sucesso na escola entre indivíduos que têm maior contato com diferentes papéis sociais que obtiveram sucesso a partir da escolarização (KOSLINSKI, ALVES, 2012).

²⁹ No Capítulo III, abordamos o conceito de rede social e a possibilidade de ampliação do conjunto de oportunidades individuais. Quanto maior for a interação dos indivíduos com diferentes redes sociais mais provável se torna obter um número maior de chances para criar mais oportunidades no seu campo de possibilidades (BOTT, 1976).

só é possível por causa dessas atitudes, uma vez que o contrário disso poderia produzir um efeito em que o indivíduo ficaria completamente atônito diante de tantos estímulos produzidos pelas instituições e interações sociais. Todavia, como explicamos no tocante à formação profissional no esporte e à formação escolar, a conformação de um projeto individual de carreira também pode depender da aceitação individual em superar os desafios da metrópole de Simmel (1973). De fato, se cada indivíduo produzisse respostas a todas as suas interações dentro desse tipo de sociedade, é possível que a dispersão de atitudes individuais tendesse ao infinito e com poucas possibilidades de respostas exequíveis dentro de um conjunto de oportunidades.

A aceitação do desafio da metrópole de Simmel (1973) seria a permissividade do indivíduo de interagir com variados estímulos desse tipo de configuração de sociedade. Vianna (1999) fez um importante contraponto entre as atitudes individuais propostas por Simmel (1973) e sua própria impressão a partir da análise do “Livro do Desassossego”, de Fernando Pessoa. Vianna (1999) colocou em jogo um novo tipo individual que aceitaria o desafio da metrópole, buscando interagir com diferentes estímulos, despertando no indivíduo uma espécie de sentimento afetoso e mútuo, definido por ele como “ternura”.

Nesse caso, em resumo, se Simmel (1973) propôs um tipo de interação individual aos estímulos intensos da metrópole no sentido de autopreservação da sua identidade, Vianna (1999) somou a essa interpretação uma nova forma de atuar a partir desses estímulos, aceitando que o indivíduo pode assumir novos papéis e configurar novos conjuntos de oportunidades a partir da sua identificação com os estímulos da sociedade complexa, moderno-contemporânea.

A interpretação desses autores sobre como os indivíduos agem sob e sobre os estímulos de uma metrópole nos permite identificar diferentes modos de agir individual que podem contribuir para a conformação do projeto individual de carreira. Concordamos, por um lado, que o indivíduo pode adotar atitudes de autopreservação de sua identidade para conviver em uma sociedade onde os estímulos são diversos e intensos, por outro lado, porém, podemos aceitar também que assumir o risco de reagir aos diversos estímulos da sociedade complexa, moderno-contemporânea, contribui para que o indivíduo amplie o seu campo de possibilidades ou conjunto de oportunidades. Essa forma com que vamos encarar as reações individuais aos estímulos da sociedade ajudarão a compreender como os jovens atletas colocam dois projetos em curso simultaneamente e, por ventura, tendem a priorizar um deles no momento em que têm que tomar alguma decisão.

A tomada de decisão é outro importante aspecto que devemos abordar nessa seção. Compreenderemos qualquer ação individual como decorrente de uma racionalidade, mas que, também, depende do modo pelo qual esse indivíduo identifica e reage aos estímulos da

sociedade. Aceitar o desafio da metrópole é configurar novas chances no seu campo de possibilidades. Essa é uma afirmação que já adotamos para entender certos procedimentos adotados pelos jovens atletas ao colocarem dois projetos de profissionalização em curso. Todavia, é importante também compreender do mesmo modo as decisões tomadas em um contexto geral. Para isso, buscaremos as explicações de Elster (1994, 2009) sobre a teoria da escolha racional.

Essa teoria consiste na premissa de que os indivíduos fazem uso de um cálculo segundo o qual julgam as chances de alcançar um desejo ou objetivo em contraponto ao conjunto de oportunidades exequíveis percebidas por ele (ELSTER, 1994, 2009). Tais alternativas aqui são compreendidas como duas categorias. Baseando-nos nelas, será possível explicar o processo de acordo com o qual os indivíduos priorizam certa oportunidade.

Como já indicamos, o modo como os indivíduos aceitam ou não os desafios da metrópole podem fazer com que o seu conjunto de oportunidades aumente ou fique restrito ao seu contexto específico. Não se pode prescindir a ideia de que as forças sociais (legislação, condições econômicas, físicas, redes sociais, etc.) exercem uma função coercitiva ou se constituem como estímulos externos aos indivíduos. A forma como o indivíduo tomará decisão dentro desse contexto dependerá do modo como ele vai aceitar ou não os desafios decorrentes de viver na metrópole.

Assumimos o fato de que o conjunto de oportunidades reage de modo parecido com um efeito da aceitação do desafio da metrópole: se o indivíduo se permite interagir com vários e diferentes estímulos, tenderá a aumentar o seu conjunto de oportunidades. A relação inversa também é aceitável, ou seja, se houver o aumento do seu conjunto de oportunidades, haverá permissão para que o indivíduo interaja com certa relação de estímulos, ampla e diversa.

A partir da definição desse conjunto de oportunidades, vamos pensar no modo como esses indivíduos podem agir diante delas. A forma definida por eles a fim de identificar a exequibilidade de uma oportunidade também irá ajudar-nos a determinar a maneira a partir da qual será tomada a decisão de colocar o projeto em curso, ou não. Os desejos, a condição interna e subjetiva do indivíduo, podem contribuir para modular uma oportunidade, algo possível de ser alcançado. Assim, entendemos que a ação individual ocorre no sentido de tentar garantir um resultado positivo para que seja atingida uma oportunidade identificada como um objetivo plausível.

Ressaltamos que a escolha racional é um produto interativo entre o que o indivíduo admite como uma oportunidade exequível e os seus desejos. Mesmo que as ações individuais possam ser tomadas, vislumbrando a preponderância de alcançar os objetivos do projeto em

curso, podemos entender que nem toda ação racional resultará em fins desejáveis ou previstos no projeto individual (ELSTER, 1994, 2009). A leitura sobre a exequibilidade de uma oportunidade ou do contexto onde ela aparece, vale ressaltar, pode não ser realizada de forma puramente racional, na qual o indivíduo reúne todos os elementos constitutivos do ambiente social em que se dá o aparecimento dessa oportunidade. Dessa forma, embora se chegue à conclusão de que a escolha tenha sido racional, o resultado pode ficar aquém do planejado.

Elster (1994, 2009), em resumo, ajuda a compreender que nem toda ação racional resulta em fins esperados ao ser feita a afirmação de que a compreensão do conjunto de oportunidades poderá ser limitada. Tal limitação ocorrerá pela falta de reconhecimento dos elementos do contexto, ou porque algum tipo de envolvimento emocional não permitiu ao indivíduo identificar os resultados diferentes daqueles previstos.

Outra maneira de entendermos como as oportunidades e os projetos são colocados em andamento é observando a maneira de os indivíduos interpretarem o contexto onde vivem e admitem os desafios da metrópole. A configuração de um projeto individual de carreira e a leitura do contexto feita pelo indivíduo acerca do ambiente social em que está inserido se constituem de acordo com uma forma particular de compreensão. Além disso, podem, também, assumir diferentes modelos para diferentes indivíduos na mesma condição (WEBER, 2001). Por exemplo, pessoas com as mesmas orientações e condições sociais estruturais podem admitir significados distintos no tocante à exequibilidade de uma oportunidade. Consequentemente, o modo como vão operar para colocar, ou não, um projeto em curso vai depender da imagem que vão construir sobre tal oportunidade.

Observamos, em síntese, que a configuração de um projeto individual de carreira depende de algumas orientações em nível estrutural e individual, tendo em vista certas orientações: 1) é preciso reconhecer o contexto em que as oportunidades podem ser apresentadas; 2) o modo como os indivíduos vão agir diante dos estímulos que lhes são colocados pelo desafio da metrópole farão com que percebam a exequibilidade de uma oportunidade; 3) a escolha é executada quando o indivíduo realiza um julgamento racional no qual ele pesa as expectativas de vida e a percepção sobre a exequibilidade de uma oportunidade; 4) a escolha colocada em prática pelo indivíduo pode provocar efeitos diversos, dependendo do modo como ele realizou a leitura sobre esse contexto de oportunidades; 5) a elaboração e execução de um projeto individual de carreira pode assumir distintas configurações mesmo para indivíduos semelhantes em dado contexto social.

Apresentamos, anteriormente, uma perspectiva segundo a qual orientamos a abordagem acerca da forma como os jovens atletas, participantes da pesquisa, realizaram a escolha a fim

de priorizar o investimento no futebol e secundarizar o projeto escolar. Vimos, no capítulo II da presente tese, o contexto onde esses jovens colocam em prática o seu projeto de carreira. Apenas para relembrar, reportamo-nos a um esporte que oferece poucas oportunidades concretas para a ocupação de um posto de trabalho, que esteja de acordo com valorização almejada pelos jovens atletas. Descrevemos um cenário escolar que não está distante do pessimismo das oportunidades de sucesso. A partir daí, observamos que qualquer julgamento sobre o projeto individual de carreira do atleta que não considere as suas interpretações desse contexto de escolha estará distante da realidade onde esse fato social se manifesta.

4.2.1 Contexto de escolhas e atuação diante das oportunidades

Reconhecer o potencial de escolhas dos indivíduos se torna uma análise indispensável para o presente trabalho. No capítulo II dessa tese, apresentamos dois cenários onde os jovens atletas colocaram seu projeto em curso. Para o leitor, a apresentação desses contextos ganharia uma conotação pessimista, ou uma razão determinante para a escolha individual, como se o cenário apresentado condicionasse a tomada de decisão dos jovens atletas. Não foi essa a nossa intenção. Porém, não podemos ignorar o fato de que o conjunto de oportunidades, oferecidas aos os jovens atletas tanto no futebol quanto na escola, talvez, esteja muito aquém das suas intenções ou pretensões referentes às suas possíveis carreiras profissionais.

A educação básica, de acordo com o Inciso I, do art. 4º, da LDB é obrigatória dos 4 aos 17 anos. O atleta, a família, a escola e o clube devem atuar no sentido de garantir o direito à formação escolar necessária ao desenvolvimento das capacidades individuais e à ampliação da participação em nossa sociedade.

O discernimento sobre os direitos à educação deve ser acompanhado de reflexão que nos leve a problematizar o projeto de escolarização oferecido pelas instituições educacionais. Esse projeto de escolarização tem um caráter propedêutico que nos leva a entender que precisamos concluir a educação básica para termos acesso à educação superior (SCHWARTZMAN, 2011). Nesse caso, a educação tem razão em si mesma e, conseqüentemente, não desempenha o papel de formar sujeitos capazes de desenvolver suas competências individuais e ampliar a sua participação social. Além disso, é gerado um dilema em função de esse projeto de escolarização não contemplar os diferentes projetos individuais existentes na escola nem oferece um mecanismo de compensação no sentido de, pelo menos, abrandar as diferenças sociais refletidas em tratamentos desiguais dispensados na escola.

Schwartzman (2016) conduziu uma importante reflexão no livro, intitulado “Educação média profissional no Brasil”, sobre como o contexto da juventude brasileira entra em conflito com o projeto de escolarização e gera resultados pouco esperados pelos jovens e pela escola. Já no primeiro capítulo de sua obra, o autor sugere que o processo de amadurecimento dos indivíduos cria diferentes caminhos para múltiplas inteligências, indicando que o cérebro de um jovem já converge para um perfil muito próximo ao de um adulto. Todavia, a completude desse amadurecimento viria com o tempo. Além disso, duas características marcantes do período da adolescência seria o modo como esses indivíduos lidam com as emoções de forma mais intensa e a vontade de assumir riscos ou projetos arriscados para suas vidas.

Schwartzman (2016) vai delimitando o contexto da juventude e comparando com as desigualdades de oportunidades escolares no cenário brasileiro, assim como fizemos no Capítulo II do presente trabalho. O sistema educacional brasileiro além de ter um projeto único para os indivíduos que nele ingressam, tem outros indicadores que ressaltam as desigualdades de oportunidades educacionais. O mesmo autor observou que:

Um indicador importante da desigualdade de especial interesse para o Brasil, é a quantidade de jovens que abandonam o sistema escolar antes de seu término (*dropouts*). Comparações internacionais confirmam que o abandono escolar está fortemente relacionado às características socioeconômicas dos estudantes e também à organização dos sistemas escolares. Alunos de famílias mais pobres, menos educadas, vivendo em regiões mais isoladas tendem a abandonar a escola com mais frequência. Nos países em que a diferenciação do ensino secundário é menor, o acesso ao ensino superior é mais amplo, mas o abandono escolar tende a ser maior. Inversamente, nos países mais diferenciados, as taxas de abandono tendem a ser menores (p. 26).

As características do sistema educacional brasileiro de ter poucas vias efetivas de escoamento da massa de estudantes provocam problemas cujas soluções não são encontradas a curto, médio ou longo prazo. Por ter um caráter propedêutico e não terminalístico, não é sinalizado que, por exemplo concluindo a educação básica, o indivíduo pode optar pelo ingresso no mercado de trabalho ou prosseguir com seus estudos na educação superior. A decisão tomada decorrerá da reflexão sobre as oportunidades oferecidas pelo mercado e acerca do acesso e permanência na educação superior nas quais, no tocante ao primeiro caso, a profissionalização se constituirá como um elemento que agregará valor à força de trabalho. Quanto ao segundo caso, hão de serem observadas as oportunidades de preenchimento de vagas em cursos superiores e as condições necessárias ao desenvolvimento dos estudos. Ainda neste caso, o acesso à educação superior não é garantido a todos e nela são reproduzidas desigualdades sociais presentes em nossa sociedade.

Por mais que saibamos que é perigoso assumir o discurso pessimista, uma vez que existem escolas com alunado de perfil socioeconômico desfavorável produzindo resultados bem além da média geral, no entanto continuam a reproduzir a desigualdade oferecendo melhores oportunidades para uns em detrimento de outros (SOARES, ANDRADE, 2006). Além disso, soma-se as características dos adolescentes e jovens que tendem a lidar com as emoções de modo mais intenso e assumem mais riscos nas suas tomadas de decisão (SCHWARTZMAN, 2016). Nesse contexto escolar, os jovens atletas exercem seu potencial de escolha ao insistir em dois projetos simultaneamente: o da escolarização obrigatória e o desejo de se tornar profissional no futebol.

O cenário do futebol no Brasil não pode ser encarado como algo muito mais favorável do que a escola. Vimos, no Capítulo II da presente tese, que os riscos de empregabilidade e ganhos financeiros nesse projeto de profissionalização são elevados. As chances de ingresso e permanência no futebol decaem conforme os atletas conseguem acesso ao mercado futebolista e são acompanhados logo que avançam rumo às categorias mais próximas à profissional. A relação candidato/vaga para ingressos nas categorias de base de um clube de futebol é superior a mesma relação em qualquer pleito para acesso às universidades do Brasil. A média dessa relação candidato/vaga para o futebol gira em torno de 160 indivíduos para cada vaga nas categorias de base (4ª DIVISÃO, 2009). Acrescenta-se a isso o fato de que o acesso ao processo de profissionalização no futebol não é uma garantia para o ingresso e a permanência no mercado profissional desse esporte.

Os dados para o acesso e permanência no processo de profissionalização no futebol não são precisos. Os próprios funcionários do clube comentam que menos de 1% dos meninos que ingressam nas categorias de base atingirão a categoria profissional. Se pensarmos que o acesso às categorias de base foi difícil, a permanência nela também não é nada fácil. Além disso, a espetacularização do futebol cria uma crença de que essa carreira gera postos de trabalho com uma remuneração muito acima de qualquer expectativa. O grande problema: essa crença é frustrada quando se percebe que a maior parte dos jogadores de futebol no Brasil recebe salários de até R\$1.000,00 (CBF, 2016). Ademais, sabemos que a maior parte dos contratos profissionais para jogadores de futebol no Brasil tem duração de até 4 meses no ano (4ª DIVISÃO, 2009; CORREIA, 2014).

A dupla carreira no futebol e na escola não constrói um cenário no qual são garantidas muitas oportunidades de sucesso. Se pensarmos no caminho da escolarização, as expectativas dos jovens atletas não estão aquém da população geral dos jovens brasileiros. Apesar de a escolarização básica ser uma obrigação legal, as dificuldades de cumprir o projeto escolar são

relativamente iguais para todos os ingressantes no sistema educacional brasileiro. No tocante ao futebol, os riscos da dupla carreira são assumidos pelos jovens atletas sem saber se ocuparão uma vaga, manter-se-ão no mercado futebolista e receberão um salário condizente com todo investimento feito e as expectativas criadas por eles e por seus familiares e amigos.

As incertezas envolvidas no processo que leva o jovem optar por dupla carreira, não são exclusivas àqueles ligados às atividades futebolistas, mas a todos os optantes pela formação escolar e pela formação profissional na área que for. Os desafios colocados para esses jovens são de ordens diversas, como, por exemplo, a superação do cansaço físico decorrente dos treinamentos e da carga de estudo e a superação dos estigmas criados em torno dos que se encontram em formação no futebol, presos, em certos casos, ao *status* e às crenças injustificáveis sobre a prática esportiva.

Os problemas particulares da dupla carreira no futebol e na escola podem contribuir para entendermos como os jovens atletas decidem insistir no processo de profissionalização no respectivo esporte. Não que isso justifique um desinvestimento no projeto escolar, até porque nossos dados não mostram significativo abandono ou taxa de reprovação na escola. Conseguimos demonstrar que o projeto de escolarização se mantém em curso, preso à meta, em geral, de concluir o estágio obrigatório desse projeto. Terminar o ensino médio é discurso unânime entre os jovens atletas dessa pesquisa. Isso, conseqüentemente, nos ajuda a entender que, mesmo com as dificuldades de conciliação da dupla carreira, os jovens atletas de futebol acreditam que a conclusão do processo de escolarização poderá lhe ser útil nos casos de insucesso na carreira de jogador de futebol, ou após a sua aposentadoria no esporte.

Muitos desses atletas têm referências familiares de sucesso pelas vias de escolarização, e alguns até pretendem fazer o curso superior. Embora alguns atletas tenham mencionado a permanência no projeto de escolarização após a fase obrigatória, isto estaria condicionado ao aproveitamento de oportunidades e a obtenção de sucesso na profissionalização no futebol. Além disso, observamos que o desejo de carreira pelas vias de escolarização é o que podemos chamar de instrumental: os jovens atletas pretendem fazer cursos que tenham alguma ligação com o futebol, como educação física e administração. Neste segundo caso de curso superior, a finalidade seria gerenciar os valores que pretendem ganhar como jogadores, ou criar empresas para gerenciar a carreira de jogadores de futebol.

O investimento na dupla carreira, no futebol e na escola, não significa necessariamente um afastamento gradual do projeto de escolarização. Existem dificuldades nessa relação tanto para o jovem atleta e sua família, quanto para o clube e para a escola. Esse conflito entre as instituições e os diferentes projetos de profissionalização não gera uma desmotivação no projeto

escolar, mas, talvez, um investimento menor, secundário, sem que ocorra um abandono total. Podemos dizer que os jovens atletas assumiram o desafio da metrópole e buscam a escola como um suporte para um possível insucesso na carreira de jogador de futebol. Afinal, alguns deles têm boas referências nas suas redes de sociabilidade de indivíduos que tentaram a carreira no futebol e não alcançaram os postos valorizados dessa carreira, tendo também dificuldades de alocação em postos de trabalho fora do esporte por causa de desinvestimento nos estudos.

Os jovens atletas de nossa pesquisa talvez não tenham conhecimento dos dados objetivos da carreira no futebol como mostramos aqui. Porém, certamente, entendem que o investimento nesse processo de profissionalização não é seguro. A aposta realizada por eles nesse mercado é arriscada e têm noção das dificuldades a serem encontradas a fim de se afirmarem, exercendo a condição de jogadores de futebol.

Em resumo, tornar-se um jogador de futebol de sucesso, alcançar os níveis mais altos da profissão, jogar na seleção brasileira e faturar com altos salários e contratos fazem parte do sonho desses jovens atletas. As estratégias assumidas por eles no sentido de perseguir esse sonho, ou objetivo de vida posto em prática, se diferenciam de atleta para atleta.

A partir das pesquisas do LABEC definimos três tipos ideais e estratégias que esses referidos tipos usariam para exercer seu potencial de escolha dentro do cenário da dupla carreira. Assumimos que as características dos tipos ideais se interpenetram quando analisamos o discurso real dos entrevistados. Podemos dizer que as estratégias adotadas pelos jovens atletas dessa pesquisa tendem para uma articulação das previsões dos tipos ideais. Porém, também podemos indicar que um atleta prefere mais um tipo ideal a outro a partir do modo como elaboraram as táticas para atingir seu objetivo de profissionalização no futebol. De um modo geral, em termos de crenças para o sucesso profissional no esporte, os jovens atletas creem que esse êxito depende do esforço individual e da dedicação dispensados no dia a dia de treinamento. Essa crença, vale observar, não lhes faculta julgar os resultados obtidos e compreender que não são decorrentes exclusivamente da dedicação diária aos treinamentos e o empenho durante a sua participação em jogos.

Ademais, vimos que o processo de investimento no futebol pode ser dependente de uma articulação com uma rede social que tenha influência nos clubes para o acesso dos jogadores às categorias de base. Os empresários estabelecem ligações entre o jovem atleta e as instituições esportivas, contribuindo para que ele tenha mais chances de permanecer nas fases iniciais da profissionalização no futebol. O mérito do uso de redes sociais foi claramente percebido pelos dados da pesquisa. Acrescentam-se a essa percepção o modo como os jovens atletas construíram suas redes de relações e o estabelecimento de ligação com as categorias de base dos clubes,

sendo que ambos se distinguem entre si. Houve investimentos intencionais, mas também existe aquele que acreditava no acaso. Tudo isso tem a ver com o que definimos como percepção das oportunidades a partir dos tipos ideais.

Quando tratamos das escolhas e da percepção das oportunidades do tipo sonhador, vimos que alguns atletas atribuíram ao acaso, ao estar no local certo, na hora certa, o fato de terem conhecido pessoas que lhes proporcionaram oportunidades de ingressar nas categorias de base do clube onde atuam. A sorte ou a vontade de Deus foram usadas como argumentos para fundamentar o surgimento de oportunidades a fim de dar continuidade ao processo de profissionalização no futebol. Esses argumentos fizeram com que esses jovens acreditassem nas chances de sucesso na carreira.

O tipo pragmático justifica de outra maneira o modo como eles percebem e criam as oportunidades no futebol. Alguns atletas investigados demonstraram táticas bem definidas para atingir o objetivo inicial de ingressar nas categorias de base em um clube. Vimos, por exemplo, que um atleta pensou o passo a passo para transitar do futsal para o futebol de campo. O fato de ser goleiro faria com que sua mudança de modalidade esportiva lhe trouxesse problemas de adaptação. Dessa forma, ele convenceu seu pai a lhe proporcionar um treinamento particular para facilitar essa transição. Esse caso é emblemático, pois mostra como o jovem atleta articula metas a curto prazo para atingir o objetivo final da profissionalização no futebol. Esses jovens acreditam que o sucesso na carreira de jogador de futebol depende fortemente do esforço individual nos treinamentos, mas também é articulado com o modo como operam para criar as oportunidades nesse esporte.

O último tipo é o contextual. Observamos que há características desse tipo ideal em todos os atletas entrevistados, pois promove suas escolhas a partir da percepção que têm dos contextos da dupla carreira. O modo como vão operar diante das percepções das oportunidades vão variar conforme o traço predominante de suas personalidades.

No caso mais enfático do tipo contextual, o atleta usa o discurso de que as chances de sucesso no futebol serão medidas a partir das oportunidades que terá para frequentar o treinamento na equipe adulta. Assim, poderá definir se vai continuar investindo no processo de profissionalização ou se insistirá no projeto educacional caso as oportunidades de sucesso no futebol, a curto prazo, não estejam tão palpáveis.

A percepção dos contextos, nos quais as escolhas são realizadas, se torna um traço fundamental para entendermos como os jovens atletas investem no processo de profissionalização no futebol. Observamos que a opção por esse processo não acarreta necessariamente um abandono do projeto escolar. A insistência na dupla carreira se caracteriza

como um desafio assumido por esses jovens, talvez por conta das características dos jovens de assumir riscos e lidar de forma intensa com suas emoções e desejos.

Assumimos as dificuldades da conciliação de uma dupla carreira para qualquer que seja a profissão e para as instituições envolvidas. Elas estão lidando com as obrigações legais e os desejos individuais de jovens que decidiram arriscar-se nesse processo. Se, por um lado, nem sempre a escola tem como traduzir e articular os desejos individuais com as propostas de escolarização, por outro, o clube nem sempre consegue fazer com que as obrigações legais estejam contempladas nas vontades dos atletas. A forma individual de lidar com os contextos da dupla carreira gera conflitos, e entendermos o processo de investimento na formação esportiva pode nos ajudar a interpretar as querelas da relação entre a formação profissional no esporte ou em qualquer outra área de atividade humana e a formação escolar.

Por fim, levantamos importantes elementos para traduzirmos como os jovens atletas optam por investir no processo de profissionalização no futebol. Não é uma crença limitada às oportunidades de sucesso nessa carreira que permeiam a análise contextual dos jovens atletas. Ao contrário, as dificuldades de profissionalização estão presentes no cálculo racional desses indivíduos. Talvez não com todos os dados objetivos, mas certamente em uma categoria geral. Podemos indicar que a leitura sobre a realidade do processo de profissionalização no futebol pode estar embaçada pelo desejo de atingir o objetivo de vida e pelo *status* da profissão. Todavia, não de modo a restringir o horizonte dos jovens atletas a somente oportunidades de sucesso.

Além disso, um maior investimento no futebol pode surgir também, porque a escola pode demonstrar um desinvestimento no jovem atleta. Isso foi sugerido pelo relato de alguns jovens atletas quando trataram da estigmatização da sua carreira no ambiente escolar. Percebemos aqui que o *status* da profissão de jogador de futebol é entendido a partir de uma leitura rasa da realidade no senso comum. Embora os jovens atletas reconheçam as dificuldades de se tornar um jogador de futebol de prestígio e com altos salários, o mesmo não é visto pelas pessoas no seu entorno. O problema do estigma relacionado ao jogador de futebol produz uma diferenciação no tratamento desses jovens em relação aos seus colegas de turma, podendo diminuir a sua vontade de perseguir o processo de dedicação ao projeto de escolarização.

4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas realizadas pelo Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro se voltavam para o estudo da escolarização de jovens atletas tendo em vista possíveis consequências derivadas da opção pela dupla carreira. A partir da reflexão acerca dos resultados dessas pesquisas, feitas ao longo de quase dez anos, percebemos que analisar efeitos decorrentes da adoção de uma dupla carreira não estava nos permitindo elaborar um modelo explicativo que desse conta do como que se estruturavam as relações entre os atores envolvidos. A presente tese teve a intenção de propor uma possível explicação para o investimento na carreira esportiva e a secundarização da escola. O primeiro passo que realizamos foi concordar que esporte e escola faziam parte de uma mesma categoria de variáveis dependentes, as quais poderiam ser afetadas por outro conjunto de dados ligados às origens e às percepções dos contextos aos quais estava relacionada a dupla carreira.

A partir desse ponto, dentro do cenário de reestruturação do nosso modelo hipotético-dedutivo, elaboramos um novo objetivo de investigação que foi explorado nessa tese, a saber: analisar como os jovens atletas observam as oportunidades de profissionalização através do esporte e da escola, atuando e estruturando seu planejamento para o curso de vida. Pensamos que esse objetivo poderia contribuir para que formulássemos uma proposta que servisse de explicação para o modo como a dupla carreira foi assumida e se caracterizou como uma decisão de investimento na vida desses jovens atletas. Ao longo do trabalho, pensamos que o objetivo geral reelaborado foi atingido ao chegarmos à conclusão de que a ideia inicial, segundo a qual esporte e escola faziam parte de uma mesma categoria, têm forte influência na decisão tomada pelos jovens atletas em investir na dupla carreira, especificamente, priorizando o futebol.

O nosso principal questionamento nessa pesquisa foi o seguinte: como os atletas observam as oportunidades de profissionalização através do esporte e da escola, atuam e estruturam seu planejamento e curso de vida? A resposta para essa pergunta nos permitiu entender como acontece o investimento na carreira esportiva. Se por um lado identificamos que as redes sociais dos jovens atletas os ajudavam a enxergar oportunidades exequíveis de profissionalização no esporte, por outro, às vezes, as ações da escola podiam aparentar certo desestímulo para o atleta. Esse modo de analisar as relações complexas da dupla carreira, no esporte e na escola, nos fez notar que um maior investimento na carreira esportiva poderia também estar associado a uma possível falta de investimento da instituição de ensino no jovem atleta. Todavia, demonstramos, também, que, mesmo com a estigmatização negativa da carreira

de jogador de futebol manifestada no ambiente escolar, os atletas investigados ainda apostavam no projeto escolar como um suporte para possível fracasso na carreira esportiva.

O projeto de escolarização para esses jovens atletas era encarado como ele de fato é: uma obrigação legal. Ainda assim, projetam para o futuro as oportunidades exequíveis, dentro e fora do esporte, e percebem que o cumprimento da obrigatoriedade legal na escola pode ser um alicerce para pôr em prática as táticas para alcançar tais oportunidades.

No transcorrer de nosso trabalho, conseguimos estruturar uma rede explicativa para o investimento na dupla carreira no esporte e na escola. Embora esse modelo careça de um teste em escala, proporemos um novo esquema de construção dos dados objetivos que possa complementar o modo como o investimento no esporte é afetado³⁰.

A resposta para o nosso problema principal de pesquisa está justificada justamente no ponto em que o esporte possui uma série de características persuasivas de modo que os jovens atletas acreditem nas oportunidades de sucesso nessa via de profissionalização. Por exemplo, o fato da rede social dos atletas lhes permitir estar em contato constante com novos clubes e testes para as categorias de base em clubes de futebol é um importante dado para pensarmos sobre como essas redes ajudam os jovens na tomada de decisão acerca de se manter investindo no futebol. Mesmo sendo reconhecidamente difícil o contexto profissional desse esporte, há uma naturalização da visão sobre o jogador de futebol: esse profissional está ungido de uma espécie de *status* que alça as expectativas dos jovens atletas aos níveis mais altos da carreira.

O *status*, a identidade e a imagem da carreira do jogador de futebol afetam naturalmente a percepção sobre as oportunidades concretas e exequíveis de sucesso na profissionalização. Além disso, esse tipo de trabalho forja um traço importante na identidade do indivíduo que o diferenciara dos seus pares comuns, mesmo se o seu futuro não for o que ele espera. Os jovens atletas relataram histórias de como alguns de seus familiares e amigos tentaram se profissionalizar no futebol e não obtiveram o sucesso desejado. Esses relatos de insucesso vinham acompanhado de contos romantizados da carreira de jogador de futebol, nos quais era realçada uma ideia, a de que o indivíduo se esforçou, e, conseqüentemente, não foi a falta de esforço individual que o fez fracassar na carreira.

Na verdade, fatores externos ao cenário do futebol poderiam produzir tais fracassos como um filho não planejado, a rotina de festas e outros fatores que não se relacionavam com a ideia de que o mercado do futebol é bastante restritivo no tocante ao oferecimento de oportunidades e a ganhos de altos salários, por exemplo. Os jovens atletas acreditavam que o

³⁰ Ver Anexo III.

sucesso na carreira era inversamente proporcional às atitudes que suas referências no esporte haviam adotado. Além disso, a dedicação e o esforço individual no dia a dia de treinamento e nas competições poderiam funcionar como mecanismos que desencadeariam recompensas futuras dentro do esporte. Por esse ângulo, observamos que a percepção sobre as oportunidades de sucesso na carreira de jogador de futebol estava intimamente ligada ao modo como os atletas se dedicavam e investiam no esporte, somado às histórias das referências e às oportunidades surgidas em suas redes sociais por manter efetivos e constantes contatos com outros agentes delas participantes.

Além disso, quando tratavam da relação com a escola, os jovens atletas chegaram a apontar o fato de os prêmios educacionais estarem distantes de suas expectativas imediatas. Apesar disso, alguns exemplos de escolas que buscavam ajudar na conciliação da dupla carreira foram citados, como a escola de Londrina que delegava ao treinador de futebol a incumbência de avaliar o jovem atleta que por ventura perdia aulas para participar da rotina de treinamento. Os casos em que as escolas acreditavam em uma melhor conciliação da dupla carreira para a formação desse jovem atleta e por isso buscava métodos para facilitar essa relação foram raros. O mais comum foi observarmos escolas que não tinham nenhuma estratégia de conciliação da dupla carreira. Mais uma vez destacamos que o ônus da dupla carreira é para todos os atores envolvidos e seríamos injustos se condenássemos a escola por não adotar políticas institucionais para mediar a dupla carreira de jovens atletas.

Outros casos de relatos dos jovens atletas nos ajudaram a pensar em uma escola que cria dificuldades para a conciliação da dupla carreira. Isto se dá quando a instituição de ensino preconcebe o estudante, fixando-se na imagem do jogador de futebol, criada socialmente. Porque ele busca o estrelato e supostamente receberá maiores e melhores salários, não observa as rotinas escolares responsabilmente. Essa preconceção, ao não ser colocada em dúvida, fundamenta um tratamento escolar que beira o descaso. Quando posta em xeque a imagem preconcebida do jogador de futebol, a escola poderá observar que o jovem atleta não deve ser estigmatizado, mas receber a atenção devida de modo que encare a sua formação escolar como algo precípuo, derivado da consciência acerca da necessidade de ampliar a sua participação na sociedade.

De modo objetivo, a escola onde os jovens atletas estudavam não colocava em dúvida a imagem do jogador de futebol, criada socialmente. Observamos que ela foi transformada em um estigma, segundo o qual jovem atleta se caracteriza por não cumprir com as obrigações escolares e não se voltar responsabilmente para os estudos. O relato de alguns jovens atletas sobre casos em que eles foram ou são tratados de modo diferente, ao serem comparados aos

demais estudantes da sala de aula e da escola foi visto na nossa pesquisa. Destacamos que essa forma de lidar com esse jovem atleta em formação profissional no futebol pode fazer com que o desempenho escolar dele seja afetado negativamente ou, para mantê-lo na ou acima da média, tenham que se desdobrar além do normal. Não nos cabe, aqui, defender a figura do jovem atleta, no entanto compreendemos que a estigmatização e o tratamento diferenciado podem ser usados como justificativa ao optarem pela secundarização do projeto escolar.

Embora o processo de estigmatização do jovem atleta de futebol possa vir a ser um elemento explicativo para a secundarização do projeto escolar, torna-se difícil identificá-lo pois ocorre de modo velado no dia a dia da escola. Assim, como não se manifesta declaradamente, não é tratado de modo devido, e mantém-se na surdina.

Apresentamos, também, a ideia do tratamento institucional sobre o jovem atleta. Tal tratamento não reconhece o jovem atleta como um trabalhador do esporte, o que está em desacordo com a posição do Ministério Público do Trabalho descrita ao longo do Capítulo I da presente tese. Sabendo que a profissionalização nessa modalidade esportiva gera demandas que afastam esporadicamente os jovens atletas das obrigações escolares, pensamos que as ações previstas legalmente para trabalhadores, em geral, poderiam ser usadas para mediar a conciliação da dupla carreira, esportiva e escolar.

Ainda no capítulo I da presente tese, desconstruímos essa ideia. Por mais que acreditemos que o jovem atleta seja um trabalhador do esporte, merecedor de gozar dos mesmos direitos de qualquer outro trabalhador, a condição de subinclusão do jovem atleta na legislação brasileira o afasta da garantia desses direitos. No discurso dos jovens atletas, eles até acreditam que têm suas faltas justificadas ou abonadas a partir de uma declaração emitida pelo clube e enviada para a escola e para a secretaria de educação. Porém, vimos nas falas dos funcionários do clube que essas justificativas não são aceitas pelas secretarias de educação. Justifica-se a não aceitação dessas declarações como comprovantes para abono de faltas por não existir respaldo legal à adoção de medida educacional que contemple casos excepcionais.

Pode ser observado, também, que não existe um padrão de aceitação das justificativas para as faltas dos jovens atletas: se um órgão superior não as aceita em um município, em outro, são acatadas. Isto significa que esse problema acaba ficando à mercê da administração central da rede escolar. Como consequência dessa situação, um dos jovens atletas investigados que, no terceiro ano do Ensino Médio, aos 16 anos de idade, ele fora reprovado por falta, tendo o mérito alcançado nas avaliações. A explicação para a não promoção do estudante pode ter duas razões: 1) esse jovem atleta relatou que recebeu tratamento diferenciado, dispensado por professores e diretores, estigmatizando-o, e, por conseguinte, a sua reprovação foi decorrente da

estigmatização criada acerca de ele ser jogador de futebol; 2) a falta de embasamento legal a fim de serem relevadas as faltas e considerados a aplicação do estudante aos estudos e o desempenho escolar: na atual LDB, não há qualquer dispositivo que garanta a aprovação do aluno no caso de ele ter frequência abaixo de 75%, como na alínea b, do § 3º, da Lei federal nº 5692, de 11 de agosto de 1971, por exemplo³¹.

Observamos, portanto, que o investimento no futebol não vem necessariamente associado a um desinvestimento sumário no projeto de escolarização. Não houve a percepção de que os jovens atletas optariam pelo abandono do projeto de escolarização. Ao contrário, verificamos que existe, sim, um processo de cumprimento da obrigatoriedade legal de concluir o Ensino Médio. Vale acrescentar que o modo como os atletas percebiam as oportunidades nas duas carreiras estava associada à construção de suas redes sociais. Se, por um lado, as suas referências, tanto para o esporte quanto para a escola, os faziam acreditar que o investimento no futebol proporcionaria algum tipo de recompensa no futuro, por outro lado, seria imprescindível o projeto escolar para o caso de algum tropeço ou insucesso na carreira de jogador de futebol e a necessidade de ingressar em outra carreira profissional.

Dando prosseguimento às nossas considerações finais retomaremos os questionamentos que apresentamos ao longo da presente tese. Mostraremos como a decisão pelo investimento na carreira no futebol pode afetar o processo de escolarização. Além disso, indicaremos as demandas da escola e do esporte e a forma como os atletas escolheram dedicar-se ao projeto de profissionalização no futebol. Por fim, focalizaremos a maneira como os atletas atuaram e responderam às oportunidades de carreira, legitimando suas escolhas para consolidação do seu projeto individual. As questões a serem retomadas e respondidas a seguir são referentes ao capítulo II deste nosso trabalho.

Como os jovens atletas em formação profissional no futebol conciliam as demandas da dupla carreira?

Para que compreendêssemos o processo de investimento no futebol, foi necessário pensarmos, também, nas consequências desse processo. A dupla carreira como foi explorada pelas pesquisas do LABEC também foram testadas pela nossa pesquisa. Identificamos alguns elementos diferentes do que vínhamos defendendo a partir dos outros processos investigativos. Para tratarmos da resposta para esse questionamento, levamos em consideração o fato de

³¹ § 3º Ter-se-á como aprovado quanto à assiduidade: [...] b) o aluno de frequência inferior a 75% que tenha tido aproveitamento superior a 80% da escala de notas ou menções adotadas pelo estabelecimento (BRASIL, 1971).

estarmos lidando com um grupo de jovens atletas alojados em um grande clube de futebol do estado do Rio de Janeiro, detentor do Certificado de Clube Formador. Esse grupo de atletas foi selecionado a partir da sua faixa etária, dos 14 aos 17 anos: entendemos que, nesse período da vida, os jovens tomam alguma decisão sobre seu projeto de carreira, seja ele na via de escolarização, seja no esporte.

O principal traço discutido pelas pesquisas sobre a conciliação da dupla carreira tanto pelo LABEC quanto pelas pesquisas internacionais diz respeito ao fato de os jovens atletas encontrarem grandes dificuldades para a adequação dos tempos destinados às atividades obrigatórias dessas duas carreiras. Mostramos que o cansaço físico e a pressão psicológica para se tornar um jogador de futebol de sucesso, associado à dedicação exagerada à rotina de treinamento, pode afetar a concentração necessária a fim de serem cumpridas as obrigações escolares. No caso investigado por nós, concernente ao tempo de escolarização e ao tempo de investimento no futebol, não foi possível atrelarmos certa relação entre causa e efeito, quando observados o tempo de dedicação à rotina do futebol e o tempo de dedicação à escola.

Realizamos a descrição dos dados quantitativos buscando essa relação entre causa e efeito e verificamos que a jornada escolar variava de modo independente do tempo dedicado ao futebol. Isso nos fez refletir sobre as pesquisas do LABEC que questionavam exatamente esse prejuízo associado ao tempo de futebol. A conciliação da dupla carreira, quando se usa o tempo delas para buscar alguma relação de causalidade para justificar os prejuízos educacionais, mostra que o esporte não é o principal causador da diminuição do tempo de dedicação à escola. Observamos que a redução do tempo de permanência na escola dos jovens investigados estava intimamente ligada à redução da jornada escolar no ensino noturno, por exemplo.

Demonstramos que a rotina de viagens e competições afetava a frequência do jovem atleta à escola e contribuía para a redução do tempo de permanência dos jovens atletas na instituição escolar. Todavia, os dados de frequência escolar estavam muito próximos da obrigatoriedade legal, e, ainda que mantivéssemos constante a frequência à escola, a jornada escolar também seria responsável por reduzir o tempo de permanência na escola. Essa redução de tempo pode contribuir para rendimentos menores nos testes de proficiência, como sugerem as pesquisas educacionais. Ressaltamos que essa redução do tempo de permanência na escola, a partir da diminuição da jornada escolar, é algo que afeta a todos os alunos, não sendo exclusivo do jovem atleta.

A conciliação da dupla carreira no esporte e na escola não é uma demanda somente do jovem atleta: o clube e a própria escola são corresponsáveis durante o desenvolvimento desse processo. No tocante ao papel do clube, há características relativas ao futebol que prejudicam a

instituição esportiva na tentativa de melhorar a frequência escolar do menor, mantido sob sua responsabilidade. Por exemplo, se pensarmos em regras para disciplinar o jovem atleta, imaginamos também que existem punições a serem adotadas no sentido de normalizar comportamentos inadequados a essas mesmas regras. No caso, o clube possui e deve aplicar norma disciplinar a fim de punir o atleta em caso de ausência à escola. Porém, existindo uma tensão entre as demandas do futebol e o departamento responsável pela conciliação da dupla carreira, a aplicação das sanções normalizadoras acabada sendo limitada. A consequência disso é que os desvios relacionados às demandas escolares nem sempre são evitados ou reduzidos.

Outro problema apontado que afeta a relação do clube na mediação da dupla carreira é o fato de haver agentes com pouco compromisso no concernente à escolarização dos jovens atletas. Os funcionários do clube indicaram situações nas quais empresários do futebol ignoravam a frequência dos jovens atletas à escola e os levavam para almoçar, por exemplo. Além disso, os funcionários do clube mencionaram a ideia de que alguns empresários estariam preocupados com o valor do atleta no mercado do futebol e desconsideravam as demandas do clube referentes à garantia de acesso e permanência dos jovens atletas na escola. As tensões entre os agentes do mercado do futebol e a garantia legal da escolarização dos jovens atletas é outro problema que afeta a instituição esportiva na mediação da dupla carreira.

Se o clube tem que enfrentar complicações na mediação da dupla carreira, a escola enfrenta situações semelhantes. Focalizamos, anteriormente, o fato de as secretarias de educação não verem respaldas legalmente a fim de aceitar justificativas à falta de assiduidade dos jovens atletas. Em decorrência disso, por mais que as escolas estabeleçam uma boa relação com o clube, buscando medidas que melhorem a conciliação das rotinas de dupla carreira, nem sempre será possível solucionar os problemas institucionais para melhor adequação das demandas dessa relação.

A frente disso, a figura do jovem atleta atua de modo a reconhecer tais dificuldades das demandas do futebol e da escola na sua conciliação da dupla carreira. Associa, a essa demanda, uma rotina diária e cansativa. Lida com esses problemas e, por vezes, utiliza-se de pequenos desvios para garantir as oportunidades de sucesso na carreira de futebol sempre abertas. A ausência aos bancos escolares é compulsória, quando têm viagens para competições, por exemplo. Todavia, há momentos em que os jovens atletas deixam de comparecer, porque querem fazer qualquer outra atividade, ou, simplesmente, “matar aula”.

A conciliação da dupla carreira é mais complexa do que vínhamos tratando nas pesquisas do LABEC. O limite dessas pesquisas e das pesquisas internacionais estavam justamente no ponto em que se restringiam a indagar sobre as consequências da dupla carreira.

Ao ocorrer essa restrição, as estratégias adotadas para melhorar a conciliação da dupla carreira poderiam não ser tão efetivas, garantindo apenas um afrouxamento do currículo ou das normas escolares. As causas da formação profissional no esporte e a formação escolar permaneceriam inalteradas, fazendo com que as críticas às estratégias internacionais se fizessem pertinentes por um lado. Mas, por outro, ignoravam que, no nosso caso, não havia qualquer estratégia institucional de mediação da dupla carreira, deixando os jovens atletas em um limbo de todo esse processo.

Como os jovens atletas percebem a exequibilidade das oportunidades nas vias de escolarização e na profissionalização no futebol para determinar seu curso de vida?

O cenário apresentado no capítulo II para as duas carreiras não era tão promissor para nenhum dos campos: observamos a escola como uma via que delimitava um caminho único para o meio acadêmico e a profissionalização no futebol como uma outra via muito concorrida, que não contemplava o desejo da maioria dos jovens atletas de ganhar altos salários. Compreender o contexto em que as decisões são tomadas é necessário para encontrarmos explicações para os comportamentos vistos neles. Os jovens atletas de futebol investigados por nós tinham clara percepção sobre as dificuldades dos caminhos de profissionalização no esporte. Reconheciam, também, que existiam problemas para chegar e permanecer no ambiente escolar.

Nesse contexto, os jovens atletas criaram estratégias no sentido de as chances de execução de uma oportunidade desejada se tornarem mais plausíveis. Diante disso, a análise que faziam do cenário da dupla carreira envolvia os custos e os benefícios do investimento em ambos os casos. Por exemplo, em relação à profissionalização no futebol, uma característica comum aos jovens atletas investigados que, para eles, aumentavam as probabilidades de ingressar nas categorias de base é o acordo firmado por meio de contrato com um profissional especializado e reconhecido. Isso se confirmou ao percebermos que todos os atletas participantes da pesquisa mantinham alguma ligação ou contrato com um empresário.

A presença da figura do empresário gerenciando a carreira do jovem atleta em formação não lhe garante o contrato de profissionalização no futebol. Todavia, faz com que o jovem atleta tenha chances de participar de mais testes nas categorias de base dos clubes. Os empresários funcionam como um elo que une o desejo de profissionalização com a oportunidade de participar de uma seleção promovida por uma instituição esportiva. Assim, verificamos que os jovens atletas buscavam meios para firmar um contrato com um empresário ou acabavam

contando com a sorte de participar de um processo seletivo e ser reconhecido com um jogador em potencial, possível alvo para despertar a atenção de algum empresário.

A forma como os jovens atletas estudam o contexto de profissionalização no futebol os chamou a atenção justamente por reconhecerem a importância da figura do empresário, mas, ao mesmo tempo, por buscarem se precaver de certos agentes cujo propósito é a exploração da carreira do jogador. Dessa forma, os atletas entrevistados comentaram que os contratos que firmaram com seus empresários quase sempre não possuem características que exponham meios de exploração desses atletas. Essa forma de entender o mercado do futebol fez com que essa estratégia se tornasse um importante vínculo do jovem com a profissionalização no campo esportivo.

Outro fator são as referências que os jovens atletas tinham no futebol, as quais fizeram com que incluíssem a possibilidade de profissionalização nesse esporte como uma oportunidade exequível para sua carreira. Vislumbrar a carreira de jogador de futebol talvez seja um desejo de muitos jovens no Brasil. Ter uma referência próxima de amigos ou familiares, que tentaram e chegaram à profissionalização no futebol, pode ser um meio importante para o entendimento desse caminho como uma oportunidade de formação profissional. Entretanto, vimos que nem todas as referências citadas representavam o sucesso na carreira. Caso consideremos o cenário objetivo desse esporte, poderemos entender que esses casos condiziam com a realidade da profissionalização no futebol no Brasil.

As experiências daqueles que se constituíram como referência de profissionais do futebol levavam os jovens atletas a perceberem caminhos que poderiam ajudá-los a alcançar o sucesso nesse esporte. Se esses amigos ou familiares não representavam a figura do sucesso na carreira profissional, eram usados como exemplo para determinar a forma como não se devia agir para se garantir o sucesso no esporte. Assim, observamos que os jovens atletas tinham na sua rede de socialização agentes à disposição para ajudá-los na seleção e participação nas categorias de base.

No tocante à escola, alguns dos jovens atletas investigados tinham importantes referências de sucesso pelas vias escolares. Esses exemplos positivos permitiam-lhes colocar o projeto escolar como um apoio necessário para apostar em uma carreira profissional no futebol com preocupações menores quanto ao seu insucesso. Não pensavam no fracasso esportivo, mas entendiam que, ao investir na conclusão do Ensino Médio, futuramente, eles poderiam continuar explorando as vias educacionais até o nível superior, fosse por conta do fracasso na carreira de jogador de futebol, fosse pela aposentadoria no esporte.

O projeto de escolarização poderia ficar em segundo plano, porém as metas maiores apontavam para o ensino superior, independentemente do momento ou da forma como saíssem do futebol. O investimento no ensino superior fazia parte quase de um desejo instrumental dessa carreira: os atletas mencionaram que poderiam buscar carreiras que não os afastassem do mercado profissional do futebol. Educação Física e Administração foram cursos mencionados pelos jovens atletas e ambos seriam necessários, segundo eles, para que não abandonassem o esporte, mesmo após a conclusão da carreira futebolista.

O investimento nas vias educacionais oscilava entre um desejo instrumental e o cumprimento de uma obrigação social. Mas, mesmo assim, não podemos associar o futebol ao desinvestimento nas vias escolares. Por mais dificuldades que os atletas encontrassem na conciliação da dupla carreira, o desejo deles de continuar estudando ficou em evidência nas suas respostas. A única coisa que podemos afirmar é que esse desejo de uma maior escolarização para esses jovens atletas poderia e seria adiado caso eles continuassem a acreditar no sucesso da profissionalização no esporte. E, ainda, podemos indicar que a preponderância do projeto de profissionalização acabava forjando um projeto escolar também voltado para o mercado profissional futebolista.

Como os jovens atletas do futebol percebem as estruturas de oportunidades objetivas na dupla carreira e legitimam suas escolhas na conformação do seu projeto individual de carreira?

Ao longo desse trabalho, indicamos que três características de origem poderiam contribuir para a escolha do jovem atleta recair sobre o investimento no processo de profissionalização no futebol e, em consequência, geraria dificuldades para a conciliação com o projeto de escolarização: o nível socioeconômico, a estrutura de circunstâncias favoráveis e o capital social. Sobre a forma com os jovens atletas percebiam a exequibilidade das oportunidades que percebiam na dupla carreira, vimos que havia uma combinação entre o contexto de chances no futebol e na escola e a forma como a rede de sociabilidade contribuía no sentido de os jovens atletas identificarem como poderiam colocar em prática o plano de alcançar uma oportunidade desejada.

O problema dessa pergunta é a questão da legitimidade da escolha do jovem atleta em investir no futebol e secundarizar a escola básica. Apontamos que a dedicação ao futebol causa problemas para a conciliação, muitas vezes, associados ao cansaço físico e à pressão psicológica que os jovens atletas sofrem ao longo desse tipo de profissionalização. Além disso, a rotina de viagens e competições produzem um efeito que diminui a frequência aos bancos escolares. Por

esse motivo, é possível compreender que a opção pelo futebol acaba limitando a garantia do direito básico à educação.

Conforme apontamos no capítulo I, o Ministério Público do Trabalho caracterizou o esporte, principalmente, o futebol como uma categoria de trabalho para todos e quaisquer fins de ações jurídicas. Sendo assim, a preocupação do órgão público estaria concentrada nos fatos de abuso ou violação dos direitos e garantias na relação de dupla carreira do jovem atleta. Dessa forma, foram elencados alguns exemplos de ações adotadas com a finalidade combater as violações dos direitos dos jovens atletas em dupla carreira no esporte e na escola. Observamos algumas dessas ações que vieram a público como exemplo que representavam quase a totalidade dos artifícios usados pelo Ministério Público. Apresentamos a nossa preocupação com a relação de dupla carreira no esporte e na escola, uma vez que as ações do Ministério Público estavam concentradas em casos extremos e não dava a devida atenção aos casos médios de violação de direitos fundamentais.

Mantivemos nossa preocupação, apesar de afirmarmos que a relação de dupla carreira, demonstrada na presente tese, não indica uma violação exagerada dos direitos fundamentais do jovem atleta. Afirmamos que o projeto escolar continua na ativa e que os atletas têm o desejo de concluir o Ensino Médio. Mostramos que a sua frequência está próxima do mínimo requerido pela legislação. Todavia, indicamos um problema que diferencia o jovem atleta dos demais alunos regulares do ensino noturno: a condição de subinclusão na legislação pertinente ao trabalho e a estigmatização da carreira de jogador de futebol. Entendemos que a criação de uma categoria jurídica, na qual o jovem atleta é incluído como um trabalhador do esporte, servirá de base legal para acolher as justificativas a casos excepcionais de falta de assiduidade e evitar punição retendo-o no ano, se for matriculado no Ensino Fundamental, ou na série, caso tenha matrícula no Ensino Médio.

Sobre a questão da estigmatização acreditamos não haver nenhum mecanismo que busque minimizar esse processo, talvez por ter origem em nossa cultura e, também, por depender de uma decisão individual. Apenas podemos admitir que a relação do jovem atleta com a escola e a sua identificação com o projeto de escolarização pode ser afetado por um estigma criado social e culturalmente. Além disso, podemos sugerir que por serem jovens, os atletas também adotam estratégias para “matar” aula, demonstrar desinteresse ou não cumprir as obrigações escolares; porém, também acreditamos que tenham jovens atletas que desejam continuar estudando e investindo no projeto de escolarização, são disciplinados e cumpridores de seus deveres. Isso tudo porque eles fazem parte de uma mesma categoria, a dos jovens.

O processo de investimento no futebol é algo que depende do nível socioeconômico, da percepção da estrutura de oportunidades e do capital social dos jovens atletas. Ao longo da presente tese, procuramos estudar esse processo a partir da identificação de problemas e pesquisa de campo. Foi possível observar que as escolhas feitas no cenário da dupla carreira acabam sendo legitimadas pelo próprio contexto. As decisões tomadas, envolvendo riscos à garantia do direito à educação, são assumidas, e os atletas acabam lidando com as demandas do esporte e da escola quase sempre de modo responsável.

Notamos que os jovens atletas participantes de nossa pesquisa assumiram os riscos e os desafios da sociedade complexa moderno-contemporânea. Colocaram em curso dois projetos que entraram em conflito. No entanto, buscaram encontrar meios e definir estratégias a fim de a conciliação dessa dupla carreira minimizar os prejuízos que poderiam vir a ter nos dois processos em curso. Apostar no futebol, para eles, não significava obrigatoriamente abandonar a escola. A leitura desenvolvida sobre os dados da dupla carreira pode contribuir para formar um modelo de causalidade que nos possibilite compreender o que justifica e o modo como acontece o processo de investimento e o impacto das variáveis de origem quando o jovem se dedica à formação profissional e, ao mesmo tempo, à formação escolar. Assim, poderemos propor um estudo com uma escala e uma variação maior, buscando uma forma melhor de subsidiar políticas públicas ou institucionais cujo propósito seja melhorar a conciliação da dupla carreira no esporte e na escola.

O estudo em tela tratou-se de um modelo exploratório de um novo desenho de pesquisa proposto para investigar a relação de dupla carreira no esporte e na escola. Compreendemos que as possibilidades de generalização dos nossos dados ficam restritas, uma vez que buscamos lidar com um grupo muito específico do futebol. Essa compreensão não nos tirou a preocupação referente ao contexto geral desse esporte: desenvolvemos nossa pesquisa com uma relação de jovens atletas que estavam no melhor dos quadros para a mediação da conciliação da dupla carreira. Apesar disso, vale ressaltar, identificamos muitos problemas que ainda devem ser explorados e adensados por outros estudos sobre o mesmo assunto.

O modelo exploratório de nosso estudo nos permitiu demonstrar que esporte e escola fazem parte de uma mesma categoria que sofre influências de um grupo de variáveis de origem comuns. Compreendemos que a reformulação do questionário de pesquisa, proposta no Anexo III, poderá nos trazer novos elementos para problematizarmos e buscarmos respostas para a conciliação da dupla carreira. Por fim, essa tese revelou que a criação de uma categoria jurídica de jovem atleta pode ser um passo importante para a mediação da dupla carreira no esporte e

na escola. Além disso, indicamos a necessidade de que sejam desenvolvidos estudos mais acurados, com coleta de dados e tratamento em escala que permita revelar como esse modelo explicativo proposto na presente tese se comportaria em novos campos de investigação.

REFERÊNCIAS

1. 4ª DIVISÃO: o lado D do futebol. *Jornal da Globo*. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 20-24 de julho de 2009. Série apresentada em programa de TV.
2. ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. *Alterações na Aplicação do Critério Brasil, válidas a partir de 01/01/2015*. Disponível em: <<http://www.abep.org/criterio-brasil>>. Acesso em: 01 nov. 2016.
3. AGERGAARD, S.; SØRENSEN, J. K. The dream of social mobility: ethnic minority players in Danish football clubs. *Soccer and Society*, v. 10, n. 6, p. 766-780, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/14660970903239966>>. Acesso em: 17 nov. 2016.
4. ALCANTARA, H. A magia do futebol. *Estud. av.*, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 297-313, ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142006000200021>.
5. ALVES, T.; SILVA, R. M. da. Estratificação das oportunidades educacionais no Brasil: contextos e desafios para a oferta de ensino em condições de qualidade para todos. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 34, n. 124, p. 851-879, set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302013000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302013000300011>.
6. ALVES, L.; BATISTA, A. A. G. Em busca de alunos "mais calminhos": processos ocultos de seleção de alunos em escolas públicas. IN: *Anais da 35ª Reunião da ANPED*. Porto de Galinhas, PE. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT14%20Trabalhos/GT14-2342_int.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2013.
7. ARCHETTI, E. *Masculinidades: Fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

8. BARBOSA, M. L. de O.; SANT'ANNA, M. J. G. As classes populares e a valorização da educação no Brasil. IN: RIBEIRO, L. C. de Q. *et al.* (Orgs). *Desigualdades urbanas, desigualdades escolares*. Rio de Janeiro: Letra Capital – Observatório das Metrópoles – IPPUR/UFRJ, 2010, p. 155-174.

9. BARRETO, P. H. G. *Flexibilização escolar a atletas em formação alojados em centros de treinamento no futebol: um estudo na toca da raposa e na cidade do galo*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Mestrado do Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2012. Disponível em: <http://labec-ufrj.com/dissertacoes/Dissertacao_versao_final%20Paulo%20Henrique.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2013.

10. BECKER, H. S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*/Howard S. Becker; tradução de Maria Luiza X. de Borges; revisão técnica de Karina Kuschnir. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

11. BORGGREFE, C; CACHAY, K. “Dual Careers”: The Structural Coupling of Elite Sport and School. *European Journal for Sport and Society*. 9 (1+2): p.57-80, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/16138171.2012.11687889>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

12. BOTT, E. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

13. BOUDON, R. *A desigualdade das oportunidades: a mobilidade social nas sociedades industriais*/Raymond Boudon; tradução de Carlos Alberto Lamback. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

14. BOURDIEU, Pierre. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs). *Escritos da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 218-227.

15. _____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 39-65.

16. BOURKE, A. The dream of being a professional soccer player: insights on career development options of young irish player. *Journal of Sport and Social Issues*. v. 27, n. 4, p. 399-419, nov. 2003. Disponível em: <<http://jss.sagepub.com/content/27/4/399.abstract>> Acesso em: 17 nov. 2016.

17. BRASIL. *DECRETO-LEI Nº 5.452, DE 1º DE MAIO DE 1943 – Consolidação das Leis do Trabalho*. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5452-1-maio-1943-415500-norma-pe.html>>. Acesso em: 01 mar. 2012.

18. _____. *Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971*. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 17 set. 2016.

19. _____. *CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988*. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 07 out. 2016.

20. _____. *Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 04 ago. 2011.

21. _____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 04 ago. 2011.

22. _____. *Lei Pelé – LP, Lei nº 9.615 de 24 de março de 1998*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm. Acesso em: 07 out. 2016.

23. _____. *Lei do Jovem Aprendiz – LJA, Lei nº 10.097 de 19 de dezembro de 2000*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10097.htm>. Acesso em: 07 out. 2016.

24. _____. *Lei nº 10.672 de 15 de maio de 2003*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.672.htm. Acesso em: 07 out. 2016.
25. _____. *Lei nº 12.395 de 16 de março de 2011*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112395.htm. Acesso em: 07 out. 2016.
26. _____. *Estatuto da Juventude – EJ, Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 07 out. 2016.
27. _____. *Lei nº 12.868 de 15 de outubro de 2013b*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/Lei/L12868.htm. Acesso em: 07 out. 2016.
28. _____. *Lei nº 13.155 de 04 de agosto de 2015*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13155.htm. Acesso em: 07 out. 2016.
29. BRITO, M. M. A. de. Discutindo o trabalho de crianças e adolescentes no Brasil – curso da vida, sentidos da ação econômica e transmissão intergeracional. IN: NEVES, J. A.; FERNANDES, D. C.; HELAL, D. H. (Orgs.). *Educação, Trabalho e Desigualdade Social*. Belo Horizonte, MG: Argumentum, 2009.
30. CANO, I. *Introdução à avaliação de programas sociais*. 3ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
31. CARDOSO, A. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. *CADERNO CRH*, Salvador, v. 26, n. 68, p. 293-314, Maio/Ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v26n68/a06v26n68.pdf> >. Acesso em: 10 jun. 2014.

32. CARVALHO, C. A.; GONÇALVES, J. C. A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. *Cadernos Ebape*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, jun. 2006. Disponível em: <http://www.ebape.fgv.br/cadernosebape/asp/dsp_texto_completo.asp?cd_pi=418721>. Acesso em: 22 nov. 2006.

33. CBF – Confederação Brasileira de Futebol. *Resolução da Presidência nº 1*. 2012. Disponível em: <<http://cdn.cbf.com.br/content/201210/520841145.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2016.

34. _____. *Raio X do futebol: salário dos jogadores*. 2016. Disponível em: <http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.V_giVSS1PIV>. Acesso em: 07 out. 2016.

35. _____. *Raio X do Futebol: transferências e valores*. 2016. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-transferencias-e-valores#.V-7Di621PIV>>. Acesso em: 07 out. 2016.

36. _____. *Relatório da Diretoria de Registro e Transferência*. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/relatorio-da-diretoria-de-registro-e-transferencia#.V-7CsK21PIU>>. Acesso em: 07 out. 2016.

37. CHRISTENSEN, M.; SØRENSEN, J. K. Sport or school? Dreams and dilemmas for talented young Danish football players. *European Physical Education Review*, v. 15, n. 1, p. 115-137, nov. 2009. Disponível em: <http://pure.au.dk/portal/files/53215763/Christensen_S_rensen_2009_EPER.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2016.

38. CHRISTOVÃO, A. C.; SANTOS, M. M. dos. A escola na favela ou a favela na escola? IN: RIBEIRO, L. C. de Q. *et al.* (Orgs). *Desigualdades urbanas, desigualdades escolares*. Rio de Janeiro: Letra Capital – Observatório das Metrôpoles – IPPUR/UFRJ, 2010, p. 277-297.

39. CUNHA, M. B. *Fatores de proteção às experiências de violência e vitimização de jovens: a influência do clima escolar*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

40. COLEMAN, J. *et al.* *Equality of Educational Opportunity*. Washington, D.C.: U.S. Department of Health, Education, and Welfare, 1966. Digital image copyright 2009, The University of South Carolina.

41. COORDINFÂNCIA – Coordenadoria Nacional de Combate à Exploração do Trabalho de Crianças e Adolescentes. *Relatório de Atividades: exercício de 2010*. Ministério Público do Trabalho. 2010. Disponível em: <http://www.pgt.mpt.gov.br/portalttransparencia/download.php?tabela=PDF&IDDOCUMENTO=982>>. Acesso em: 07 out. 2016.

42. CORREIA, C. A. J. *Entre a Profissionalização e a Escolarização: Projetos e Campo de Possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.educacao.ufrj.br/dcarlusaugustus.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2016.

43. CORROCHANO, M. C. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. *Avaliação* (Campinas), Sorocaba, v. 18, n. 1, p. 23-44, mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772013000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772013000100003>.

44. COSTA E SILVA, A. L. da. *Esporte e Escolarização: projetos, biografias e programa governamental*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, 2016.

45. COSTA, F. R. da. *A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina*. 2012. Tese (Doutorado em Educação

- Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2012.
46. CRAHAY, M. *L'école peut-elle-être juste et efficace?* De l'égalité des chances à l'égalité des acquis. Belgique: De Boeck, 2000.
47. DAMO, A. *Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Porto Alegre, 434p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
48. DAMO, A. *Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo e Rothchild, Anpocs, 2007.
49. DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, out. 2007, p. 1105-1128. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2013.
50. DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. *O jovem comerciário: trabalho e estudo*. Boletim Trabalho no Comércio. Ano I, n. 3, mai. 2009. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/analiseped/2009/2009pedjovenscomerciario.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2016.
51. DUBET, F. O que é uma escola justa? *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 123, set./dez. 2004, p. 539-555. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n123/a02v34123.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2013.
52. _____. *O que é uma escola justa?* A escola das oportunidades. São Paulo: Cortez, 2008

53. _____. Les dilemmes de la justice. In: DEROUET, Jean-Louis; DEROUET-BESSON, Marie-Claude (Éd.). *Repenser la justice dans le domaine de l'éducation et de la formation*. Lyon: Peter Lang, 2009. p. 29-46.

54. ELIAS, N. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1970.

55. ELSTER, J. *Peças e engrenagens das ciências sociais*/Jon Elster; tradução de Antônio Trânsito; revisão técnica de Plínio A. S. Dentzien. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

56. _____. *Ulisses Liberto: estudos sobre racionalidade, pré-compromisso e restrições*/Jon Elster; tradução de Cláudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

57. ESPORTE ESPETACULAR. A Base: da terra à grama. *Esporte Espetacular*. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, out. 2014. Série apresentada em programa de TV.

58. ESPN. *Em Go, jovens são retirados de alojamento em estado deplorável e que pagavam para ficar*. Disponível em: < http://espn.uol.com.br/noticia/442289_em-go-jovens-sao-retirados-de-alojamento-em-estado-deploravel-e-que-pagavam-para-ficar>. Acesso em: 07 out. 2016.

59. FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*/Michel Foucault; tradução de Raquel Ramalhete. 29ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

60. GUIDOTTI, F.; CORTIS, C.; CAPRANICA, L. Dual Career of European Student-athletes: a systematic literature review. *Kinesiologia Slovenica*, Ljubljana – Eslovênia, v. 21, n. 3, p. 5 – 20. 2015. Disponível em: < https://www.senato.it/application/xmanager/projects/leg17/attachments/documento_evento_procedura_commissione/files/000/003/851/revisione_della_letteratura_sulla_doppia_carriera.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2016.

61. HENRY, I. Elite Athletes and Higher Education: Lifestyle, Balance and the Managment of Sporting and Educational Performance. *Brusselles*: International Olympic Committee, University Relation Olympic Studies Centre. 2010.

62. HELAL, R. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.
63. HELAL, R. *et al.* Futebol. In: DACOSTA, L. P. *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 257-259.
64. HICKEY, Christopher; KELLY, Peter. Preparing to not be a footballer: higher education and professional sport. *Sport, Education and Society*, v. 13, n. 4, p. 477-494, nov. 2008.
65. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Trabalho Infantil*: informações sobre trabalho infantil no Brasil, com base nas informações dos Censos Demográficos 2000 e 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/apps/trabalhoinfantil/outros/graficos.html>>. Acesso em: 07 out. 2016.
66. ILO. *Versión de los Convenios núm. 138 y núm. 182 de la OIT sobre trabajo infantil destinada a los jóvenes*. Jan. 2015. Disponível em: <http://www.ilo.org/ipec/Informationresources/WCMS_IPEC_PUB_26037/lang-es/index.htm>. Acesso em: 07 out. 2016.
67. JENCKS, C. *et al.* *Inequality: A Reassessment of the Effect of Family and Schooling in America*. New York: Basic Books, 1972.
68. JESUS, A. M. S. *et. al.* *Formação Profissional Desportiva*. Brasília, DF: ESMPU, 2013. Disponível em: < <https://escola.mpu.mp.br/linha-editorial/manuais-de-atuacao/E-book%20-%20Manual%20de%20Atuacao%20Formacao%20Profissional%20Desportiva.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2016.
69. JORNAL EXTRA. *Alojamento para jovens é fechado em Bangu*. Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/alojamento-para-jovens-fechado-em-bangu-393433.html>>. Acesso em: 07 out. 2016.

70. KOSLINSKI, M. C.; ALVES, F. Novos olhares para as desigualdades de oportunidades educacionais: a segregação residencial e a relação favela-asfalto no contexto carioca. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 120, p. 805-831, Sept. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302012000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302012000300009>.

71. LEONCINI, M. P.; SILVA, M. T. Entendendo o futebol como negócio: um estudo exploratório. *Gestão e Produção*, São Carlos, v. 12, n. 1, p. 11-23, jan./abr. 2005.

72. MACHADO, R. Introdução. IN: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

73. MARTELETO, L. J.; CARVALHAES, F.; HUBERT, C. Desigualdades de oportunidades educacionais dos adolescentes no Brasil e no México. *Rev. bras. estud. popul.*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 277-302, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982012000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-30982012000200005>.

74. MCGILLIVRAY, D.; MCINTOSH, A. 'Football is my life': theorizing social practice in the Scottish professional football field. *Sport in Society*, v. 9, n. 3, p. 371-387, jul. 2006.

75. MELO, L. B. S. *Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

76. MELO, L. B. S. de; SOARES, A. J. G.; ROCHA, H. P. A. da. Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro. *Rev. bras. educ. fís. esporte*, São Paulo, v. 28, n. 4, p. 617-628, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092014000400617&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 07 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-55092014000400617>.

77. MELO L. B. S., et. al. Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2015.11.003>>. Acesso em: 07 out. 2016.

78. METSÄ-TOKILA, T. Combining competitive sports and education: how top-level sport became part of the school system in the Soviet Union, Sweden and Finland. *European Physical Education Review*, v. 8, n. 3, p. 196-206, 2002. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/249709895_Combining_Competitive_Sports_and_Education_How_Top-Level_Sport_Became_Part_of_the_School_System_in_the_Soviet_Union_Sweden_and_Finland>. Acesso em: 17 nov. 2016.

79. MOLITERNO, M. P.; STRUCHINER, N. A natureza filosófica dos casos difíceis do Direito: elementos para uma teoria de modelagem institucional. *Relatório PIBIC*, Departamento de Direito: PUC-Rio, 2009. Disponível em: < http://www.puc-rio.br/Pibic/relatorio_resumo2009/relatorio/dir/marcella.pdf>. Acesso em: 07 out. 2016.

80. NERI, M. C. (Coord.). *Tempo de Permanência na Escola*. Rio de Janeiro: FVG/IBRE, CPS, 2009a. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cps/tpe/>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

81. NERI, M. C. O paradoxo da evasão e as motivações dos sem escola. IN: VELOSO, F. et al. (Orgs.). *Educação básica no Brasil: construindo o país do futuro*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009b, p. 25-50.

82. O GLOBO. *SiSU 2014*: medicina é o curso com maior relação candidato/vaga. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/sisu-2014-medicina-o-curso-com-maior-relacao-candidatovaga-11233476>>. Acesso em: 07 out. 2016.

83. PAIXÃO, L. P. Significado da escolarização para um grupo de catadoras de um lixão. *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 124, jan./abr. 2005, p. 141-170. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n124/a0835124.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2013.

84. PAOLI, P. B. *Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos*. 2007. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.
85. PARKER, A. Training for 'Glory', Schooling for 'Failure'? : English professional football, traineeship and educational provision. *Journal of Education and work*, v. 13, n. 1, p. 61-76, 2000.
86. PEREGRINO, M. Juventude, trabalho e escola: elementos para análise de uma posição social fecunda. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 31, n. 84, p. 275-291, mai./ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v31n84/a07v31n84.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2013.
87. PLOWDEN, B. *et al. Children and their primary schools*. London: England. A Report of the Central Advisory Council for Education, 1967. Disponível em: <<http://www.educationengland.org.uk/documents/plowden/plowden1-01.html>>. Acesso em: 04 jul. 2014.
88. PLURI CONSULTORIA. *O PIB do Esporte Brasileiro*. 2016. Disponível em: <<http://www.pluriconsultoria.com.br/wp-content/uploads/2016/09/PIB-Esporte.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2016.
89. PORTAL BRASIL. *Novo Perfil do Trabalho Infantil demanda soluções inéditas*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/04/novo-perfil-do-trabalho-infantil-demanda-novas-solucoes>>. Acesso em: 07 out. 2016.
90. PRONI, M. W. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000.
91. RENS, F.E.V. ELLING, A. REIJGERSBERG, N. Topsport Talent Schools in the Netherlands: A retrospective analysis of the effect on performance in Sport and education. *International Review for the Sociology of Sport*. 0(0) 1–19. December, 2012.
92. RIAL, C. S. Futebolistas brasileiros na Espanha: emigrantes porém.... *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, Madrid, v. 61, n. 2, p. 163-190, 2006.

- Disponível em: <<http://rdtp.revistas.csic.es/index.php/rdtp/article/view/20/20>>. Acesso em: 28 abr. 2010.
93. RIBEIRO, C. A. C. *Desigualdade de oportunidades no Brasil*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.
94. _____. Desigualdade de Oportunidades e Resultados Educacionais no Brasil. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 54, no 1, 2011, pp. 41 a 87. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v54n1/02.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014.
95. RIBEIRO, V. M. What principle of justice for basic education?. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 44, n. 154, p. 1094-1109, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742014000401094&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/198053142844>.
96. ROCHA, H. P. A. *A escola dos jóqueis: a escolha da carreira do aluno atleta*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://labec-ufrrj.com/dissertacoes/disserhugopaula.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2013.
97. ROMÃO, M. G.; COSTA, F. R.; SOARES, A. J. G. Escolarização de equipes do voleibol no Rio de Janeiro. In: *XI Congresso Espírito-Santense de Educação Física*, 2011, Vitória. XI Congresso Espírito-Santense de Educação Física - Educação Física nas políticas públicas: trabalho e gestão integrada, 2011.
98. SACK, A. L.; THIEL, R. College football and social mobility: a case study of Notre Dame football players. *Sociology of Education*, v. 52, n. 1, p. 60-66, jan. 1979.
99. SALATA, A. R.; SANT'ANNA, M. J. G. Entre o mercado de trabalho e a escola: os jovens no Rio de Janeiro. IN: RIBEIRO, L. C. de Q. *et al.* (Orgs). *Desigualdades urbanas, desigualdades escolares*. Rio de Janeiro: Letra Capital – Observatório das Metrópoles – IPPUR/UFRJ, 2010, p. 91-120.

100. SAMMONS, P. As características-chave das escolas eficazes. IN: BROOKE, N.; SOARES, J. F (Orgs.). *Pesquisa em Eficácia Escolar: origem e trajetórias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

101. SCHWARTZMAN, S. O viés acadêmico na educação brasileira. *Pensamiento Educativo, Revista de Investigación Educacional Latinoamericana (PEL)*, Santiago de Chile, v. 48, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/agenda9.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2011.

102. _____. *Educação média profissional no Brasil: situação e caminhos*. São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

103. SILVA, P. B. C. da et. al. Sobre o sucesso e o fracasso no Ensino Médio em 15 anos (1999 e 2014). *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 91, p. 445-476, jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362016000200445&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362016000200009>.

104. SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. IN: VELHO, O. G. (Org.). *O fenômeno urbano*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 11-25.

105. SOARES, A. J. G. *Malandragem no gramado: o declínio de uma identidade*. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1990.

106. SOARES, A. J. G. et. al. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Porto Alegre, v. 33, n. 4, p. 905-921, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892011000400008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892011000400008>.

107. SOARES, A.J.G et. al. Time for football and school: an analysis of young brazilian players from Rio de Janeiro. *Estúdios Sociológicos*. 2013; XXXI: p. 1-14.

108. SOARES, A. J. G.; ROCHA, H. P. A.; COSTA, F. R. A Escola dos Jóqueis: a aposta de carreira do aluno atleta. In: *XV Congresso Brasileiro de Sociologia*. 2011, Curitiba-PR. Disponível em: <http://www.sistemasmart.com.br/sbs2011/arquivos/30_6_2011_15_53_43.pdf> Acesso em: 04 ago. 2011.

109. SOARES, J. F.; ANDRADE, R. J. de. Nível socioeconômico, qualidade e equidade das escolas de Belo Horizonte. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 107-125, mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362006000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362006000100008>.

110. SOUTO, S. M. Futebol: entre o simbólico e o mercado. In: OLIVEIRA, J.; GARGANTA, J.; MURAD, M. *Futebol: de muitas cores e sabores*. Porto: Campo das Letras, 2004. p.119-135.

111. SOUZA, C. A. M. de *et al.* Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. *Horiz. Antropol.*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 dez. 2010.

112. SPOSITO, M. P.; GALVÃO, I. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 2, jul./dez. 2004, p. 345-380. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9649/8876>>. Acesso em: 14 jan. 2013.

113. TOLEDO, L. H. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Hucitec, 2002.

114. VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

115. _____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
116. _____. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
117. VIANNA, H. Ternura e atitude blasé na Lisboa de Pessoa e na metrópole de Simmel. IN: VELHO, G. (Org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 109-120.
118. WEBER, M. *Metodologia das Ciências Sociais: parte 1*. 4ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
119. WHYTE, W. F. *Sociedade de esquina*/William Foote Whyte; tradução de Maria Lúcia de Oliveira; revisão técnica de Karina Kuschnir; apresentação de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ANEXO I – QUESTIONÁRIO *SURVEY*

Data de Nasc: _____ Clube: _____ Sexo: _____

Categoria: _____ Modalidade: _____

Bairro onde mora: _____ CEP: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

1 – Você mora:

1 () Na casa de seus pais ou parentes 2 () Em quarto alugado, pensão ou hotel

3 () No alojamento do clube 4 () Outro: _____

2 – Com que idade você começou a treinar em um clube vinculado a federação? (federado)

3 – Onde você nasceu?

Estado: _____ Cidade: _____ Bairro: _____

4- Em relação à cor de sua pele (IBGE), como você se CONSIDERA?

1 () Branco 2 () Negro 3 () Mulato/Pardo

4 () Amarela 5 () Indígena 6 () Não desejo declarar

7 () Outro _____

5 – Você estuda atualmente?

1 () Sim 2 () Não Obs: _____

6 – Nos mês de março, deixou de comparecer pelo menos 1 dia a escola?

1 () Sim 2 () Não

7 – Quantos dias deixou de comparecer a escola no mês de [...]?

8 – Em que série você está ou completou?

Primário (1ª à 5ª ano)	1 () 1º série/2º ano 3 () 3º série/4º ano	2 () 2º série/3º ano 4 () 4º série/5º ano
Ginásio (6ª à 9ª ano)	5 () 5º série/6º ano 7 () 7º série/8º ano	6 () 6º série/7º ano 8 () 8º série/9º ano
2º Grau (1ª à 3ª ano do ensino médio)	9 () 1º ano 10 () 2º ano 11 () 3º ano 12 () Completo	
Faculdade (Superior)	13 () Completo 14 () Incompleto	

9 – Quando você terminar o ensino médio, você pretende:

1 () Somente continuar estudando 2 () Somente trabalhar/esporte

3 () Continuar estudando e trabalhar/esporte 4 () Ainda não sei

10 - Em que turno você estuda?

Manhã	Tarde	Noite	Manhã e Tarde
1 ()	2 ()	3 ()	4 ()

11 - Em qual modalidade estuda?

1 () Regular 2 () Supletivo/EJA/PEJA 3 () Outros

12 - Sua escola passa dever de casa?

1 () Sempre 2 () Quase sempre 3 () As vezes 4 () Raramente 5 () Nunca

13 - Você faz o dever de casa?

1 () Sempre 2 () Quase sempre 3 () As vezes 4 () Raramente 5 () Nunca

14 - Você faz o dever de casa\ estuda fora da escola?

1 () Sempre 2 () Quase sempre 3 () As vezes 4 () Raramente 5 () Nunca

15 - Quantas horas por semana você gasta para estudar as matérias ou disciplinas da escola?

16 - Você viaja para competir?

1 () Sim 2 () Não

17 - Quantas vezes você viaja para competir por ano?

18 - Quando você falta aula para treinar, competir, ou qualquer outra atividade vinculada ao esporte, à escola ou os professores:

- Abonam faltas: 1 () Sim 2 () Não

- Remarcam provas: 1 () Sim 2 () Não

- Dão aulas extras: 1 () Sim 2 () Não

19 - Tomando por base sua escola comparando com outras que você conhece dê uma nota de 0 a 10 para:

Organização da escola ____

Limpeza ____

Ensino ____

Espaço físico ____

Dê uma nota global ____

20 - Como você avalia o ensino da sua escola?

1 () Muito puxado 2 () Puxado 3 () Normal 4 () Pouco puxado 5 () Fraco

21 – Você **deseja** estudar até que nível de ensino?

Até 9ª ano do Ensino Fundamental	1 ()
Até o Ensino Médio	2 ()
Até a Faculdade (Superior)	3 ()
Até a Pós-graduação	4 ()
Outros: _____	5 ()

22 – Você **acha** que vai conseguir estudar até que nível de ensino?

Até 9ª ano do Ensino Fundamental	1 ()
Até o Ensino Médio	2 ()
Até a Faculdade (Superior)	3 ()
Até a Pós-graduação	4 ()
Outros: _____	5 ()

23 – Me diga qual é seu horário de entrada e de saída da escola e dos treinos:

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Sábado	Domingo
HORÁRIO DA ESCOLA							
HORÁRIO DO TREINO/JOGO							

24 – Você chega atrasado ou sai antes do término das aulas por causa dos treinamentos?

1 () Sempre 2 () Quase sempre 3 () As vezes 4 () Raramente 5 () Nunca

25 - Em que TIPO de escola estuda?

1 () Federal 2 () Estadual 3 () Municipal 4 () Particular 5 () Outros

26 – Desde a quinta série, em que tipo de escola você estudou?

1 () Somente em escola pública 2 () Somente em escola particular 3 () Em escola pública e particular

27 – Em algum momento você precisou trocar de escola?

1 () Sim 2 () Não

28 – Qual motivo da troca?

29 - Seu clube oferece escola?

1 () Sim 2 () Não

30 - Em caso de positivo na questão anterior, você estuda na escola oferecida pelo clube?

1 () Sim 2 () Não

31 – Em caso negativo na questão anterior, por que não estuda na escola oferecida pelo clube?

32 - Nome da escola e bairro?

Escola _____

Bairro _____

Cidade _____

33 – Você já repetiu algum ano na escola?

0 () Nunca 1 () 1 vez 2 () 2 vezes 3 () 3 Vezes 4 () 4 vezes () ____ vezes

34 – Você já abandonou a escola durante o período de aulas e ficou fora da escola o resto do ano?

0 () Nunca 1 () 1 vez 2 () 2 vezes 3 () 3 Vezes 4 () 4 vezes () ____ vezes

35 - Caso positivo, em função de que?

1 () Trabalho 2 () Esporte 3 () Outros

36 - Como você vai para a escola?

1 () Ônibus 2 () Trem 3 () a pé 4 () De bicicleta 5 () Carro 6 () Moto 7 () Barca 8 () Metrô

9 () outro _____

37 – Como você vai para o treino?

1 () Ônibus 2 () Trem 3 () a pé 4 () De bicicleta 5 () Carro 6 () Moto 7 () Barca 8 () Metrô

9 () outro _____

38 – Você faz algum curso fora da escola?

1 () Curso de idiomas 2 () Teatro/ cinema / música 3 () Curso de informática

4 () Outro Qual? _____ 5 () Não faço nenhum curso

39 – Quantas horas você gasta com esses cursos por semana?

40 - Quanto tempo você gasta nos deslocamentos em dias de treinamento?

Local de origem	Local de destino	Tempo gasto
Casa		

41 – Até que série sua mãe estudou?

1ª à 4ª série	1 () Incompleto	2 () Completo
5ª à 8ª série	3 () Incompleto	4 () Completo
Ensino médio	5 () Incompleto	6 () Completo
Faculdade	7 () Incompleto	8 () Completo
9 () Não frequentou a escola	10 () Não tenho pai ou responsável	11 () Não sei

42 – Até que série seu pai estudou?

1ª à 4ª série	1 () Incompleto	2 () Completo
5ª à 8ª série	3 () Incompleto	4 () Completo
Ensino médio	5 () Incompleto	6 () Completo
Faculdade	7 () Incompleto	8 () Completo
9 () Não frequentou a escola 10 () Não tenho pai ou responsável 11 () Não sei		

43 - Assinale a frequência em que você realiza as seguintes atividades em seu tempo livre?

1 () Sempre 2 () Quase sempre 3 () As vezes 4 () Raramente 5 () Nunca

Usa o computador (MSN, Orkut, Facebook etc.)	
Vai ao cinema	
Assiste na TV	
Pratica esporte fora do clube	
Vai à boate, discoteca, funk, samba.	
Lê jornais e revistas	
Lê livros para a escola	
Lê livros por lazer	
Lê livros religiosos	
Vai à igreja ou alguma reunião religiosa	

44 – Você tem religião?

1 () Sim 2 () Não

45 – Qual? _____

46 – Você frequenta:

0 () Nunca 1 () 1 vez 2 () 2 vezes 3 () 3 vezes 4 () 4 vezes () ____ vezes

46 - O que significa ou vem a sua cabeça quando pensa nas palavras:

Treinar:

Estudar:

Ir à Escola:

Competir

Dados socioeconômicos

1 - Como você se CONSIDERA?

1 () Branco 2 () Negro 3 () Mulato/Pardo
4 () Amarela 5 () Indígena 6 () Não desejo declarar

7 () Outro _____

2 – Na sua casa tem televisão em cores?

1 () Sim, uma. 2 () Sim, duas. 3 () Sim, três ou mais. 4 () Não tem.

3 – Na sua casa tem rádio?

1 () Sim, um. 2 () Sim, dois. 3 () Sim, três ou mais 4 () Não tem.

4 – Na sua casa tem geladeira?

1 () Sim, uma. 2 () Sim, duas ou mais 3 () Não tem.

5 – Na sua casa tem freezer separado da geladeira?

1 () Sim 2 () Não 3 () Não sei

6 – Na sua casa tem máquina de lavar roupas. (Não é tanquinho)

1 () Sim 2 () Não

7 – Na sua casa tem aspirador de pó?

1 () Sim 2 () Não

8 – Na sua casa tem carro?

1 () Sim, um. 2 () Sim, dois. 3 () Sim, três ou mais () Não tem.

9 – Na sua casa tem computador?

1 () Sim, com internet. 2 () Sim, sem internet. 3 () Não

10 – Na sua casa tem banheiro?

1 () Sim, um. 2 () Sim, dois. 3 () Sim, três ou mais () Não tem.

11 – Na sua casa trabalha alguma empregada doméstica?

1 () Sim, uma diarista, uma ou duas vezes por semana.

2 () Sim, uma todos os dias uteis

3 () Sim, duas ou mais todos os dias úteis.

4 () Não

12 – Na sua casa tem quartos para dormir?

1 () Sim, um. 2 () Sim, dois. 3 () Sim, três 4 () Sim, quatro ou mais 5 () Não tem.

13 – Quantas pessoas moram com você?

1 () Moro sozinho ou com mais uma pessoa.

2 () Moro com mais duas pessoas

3 () Moro com mais três pessoas

4 () moro com mais quatro ou cinco pessoas

5 () Moro com mais seis a oito pessoas

6 () Moro com mais de oito pessoas

14 – Você mora com sua mãe?

1 () Sim 2 () Não 3 () Moro com outra mulher responsável por mim.

15 – Até que série sua mãe ou a mulher responsável por você estudou?

1 () Nunca estudou ou não completou a 4ª série 2 () Completou a 4ª série, mas não completou a 8ª série

3 () Completou a 8ª série, mas não completou o ensino médio

4 () Completou o ensino médio, mas não completou a faculdade. 5 () Completou a faculdade

6 () Não sei

16 – Sua mãe ou mulher responsável por você sabe ler e escrever?

1 () Sim 2 () Não

17 – Você vê sua mãe ou mulher responsável por você lendo?

1 () Sim 2 () Não

18 – Você mora com seu pai?

1 () Sim 2 () Não 3 () Moro com outro homem responsável por mim.

19 – Até que série seu pai ou o homem responsável por você estudou?

1 () Nunca estudou ou não completou a 4ª série

2 () Completou a 4ª série, mas não completou a 8ª série

3 () Completou a 8ª série, mas não completou o ensino médio

4 () Completou o ensino médio, mas não completou a faculdade.

5 () Completou a faculdade

6 () Não sei

20 – Seu pai ou homem responsável por você sabe ler e escrever?

1 () Sim 2 () Não

21 – Você vê seu pai ou homem responsável por você lendo?

1 () Sim 2 () Não

ANEXO II – ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS ATLETAS

Neste roteiro de entrevistas não utilizamos questões, mas eixos temáticos que orientaram o entrevistador na execução da tarefa. A ordem dos eixos temáticos é apenas ilustrativa, porque cada entrevista foi conduzida dependendo das respostas dos atletas.

Ao entrevistado: Essa entrevista se trata de uma pesquisa realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O objetivo é entender como os jovens atletas do futebol decidem investir no processo de profissionalização nesse esporte e atua em concomitância com o projeto escolar. Nenhum nome será citado no texto original da pesquisa. Substituiremos os nomes dos atletas por codinomes, garantindo, assim, o anonimato. Desta forma, você pode ficar a vontade para dizer o que quiser. Além disso, a sua participação é voluntária. A qualquer momento da entrevista você poderá solicitar a interrupção da mesma, caso você se sinta incomodado ou constrangido com as questões ou não deseje continuar contribuindo com a pesquisa.

Eixos temáticos:

- História individual
 - Onde nasceu
 - Experiência com trabalhos
 - Experiência com esportes
 - Escolarização
 - Organização da rotina diária

- Projeto individual
 - Objetivo de vida
 - Relações interpessoais
 - Estratégias de ação
 - Expectativas

- Futebol

- Rotina de treinamento
- Competições
- Alimentação
- Preparação do corpo
- Expectativas

- Escola

- Rotina de estudos
- Relações com os atores da escola
- Experiências vividas e representadas na escola
- Expectativas

- Família e rede social

- As questões familiares e da rede de sociabilidade permeiam todos os demais eixos temáticos

ANEXO III – NOVO SURVEY

DADOS GERAIS

Data de Nasc: _____ Clube: _____ Sexo: _____

Modalidade: _____ Categoria: _____

Bairro onde mora: _____ CEP: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

1 – Você mora:

1 () Na casa de seus pais ou parentes 2 () Em quarto alugado, pensão ou hotel

3 () No alojamento do clube 4 () Outro: _____

2 – Com que idade você começou a treinar em um clube vinculado a federação? (federado)

3 – Onde você nasceu?

Estado: _____ Cidade: _____ Bairro: _____

ESCOLA:

4 – Você estuda atualmente?

1 () Sim 2 () Não Obs: _____

5 - Em que turno você estuda?

Manhã	Tarde	Noite	Manhã e Tarde
1 ()	2 ()	3 ()	4 ()

6 - Em qual modalidade estuda?

1 () Regular 2 () Supletivo/EJA/PEJA 3 () Outros

7 – No último mês de aula, deixou de comparecer pelo menos 1 dia a escola?

1 () Sim 2 () Não

8 – Quantos dias deixou de comparecer a escola nesse mês?

9 – Em que série você está ou completou?

Primário (1ª à 5ª ano)	1 () 1º série/2º ano 3 () 3º série/4º ano	2 () 2º série/3º ano 4 () 4º série/5º ano
Ginásio (6ª à 9ª ano)	5 () 5º série/6º ano 7 () 7º série/8º ano	6 () 6º série/7º ano 8 () 8º série/9º ano
2º Grau (1ª à 3ª ano do ensino médio)	9 () 1º ano 10 () 2º ano 11 () 3º ano 12 () Completo	
Faculdade (Superior)	13 () Completo 14 () Incompleto	

10 - Em que TIPO de escola estuda?

1 () Federal 2 () Estadual 3 () Municipal 4 () Particular 5 () Outros

11 – Me diga qual é seu horário de entrada e de saída da escola:

	2º feira	3º feira	4º feira	5º feira	6º feira	Sábado	Domingo
HORÁRIO DA ESCOLA							

11 – Desde a quinta série/sexta ano, você somente estudou em escola pública?

1 () Sim 2 () Não

12 – Em algum momento você precisou trocar de escola?

1 () Sim 2 () Não

13 – Por causa do esporte?

1 () Sim 2 () Não

14 – Você já repetiu algum ano na escola?

() Sim () Não Quantas vezes: _____

16 - Seu clube oferece escola?

1 () Sim 2 () Não

17 - Em caso de positivo na questão anterior, você estuda na escola oferecida pelo clube?

1 () Sim 2 () Não

18 – Você já abandonou a escola durante o período de aulas e ficou fora da escola o resto do ano?

1 () Sim 2 () Não

19 – Por causa do esporte?

1 () Sim 2 () Não

20 – Você faz algum curso fora da escola?

1 () Sim 2 () Não

21 – Quantas horas por semana?

22 – Você pretende continuar estudando depois do Ensino Médio?

1 () Sim 2 () Não

23 – Você pretende cursar a faculdade?

1 () Sim 2 () Não Qual: _____

24 – Quando pretende tentar a faculdade?

1 () Antes de acabar a carreira no esporte 2 () Depois de acabar a carreira esportiva

25 – Alguém na família com quem você tem contato regularmente tem formação universitária?

1 () Sim 2 () Não

26 – Você pretende seguir a mesma carreira na faculdade que seu familiar?

1 () Sim 2 () Não

ESPORTE:

27 – Você treina em qual turno?

Manhã	Tarde	Noite	Manhã e Tarde
1 ()	2 ()	3 ()	4 ()

28 – Me diga qual é seu horário de entrada e de saída dos treinos:

	2º feira	3º feira	4º feira	5º feira	6º feira	Sábado	Domingo
HORÁRIO DO TREINO/JOGO							

29 – Você faz algum tipo de treinamento específico, na academia ou em outros lugares, além do horário regular de treinamento?

1 () Sim 2 () Não Quantas horas por semana? _____

30 – No último mês de treinamento, você faltou algum dia?

1 () Sim 2 () Não Quantos: _____

31 – Motivo:

() Lesão/doença () Outros compromissos com o esporte () Folga

32 – Na semana dos jogos ou competições, a carga de treinamento aumenta?

1 () Sim 2 () Não Quantas horas por semana? _____

33 – Você viaja para competir?

1 () Sim 2 () Não Quantas vezes por ano? _____

34 – Você tem familiares ou amigos próximos que tentaram a carreira no mesmo esporte que você?

1 () Sim 2 () Não

35 – Foi esse familiar ou amigo quem lhe incentivou a começar a praticar esse esporte?

1 () Sim 2 () Não

36- Você tem algum tipo de empresário ou agente que cuida da sua carreira no esporte?

1 () Sim 2 () Não

37 – Você possui algum tipo de contrato com o clube?

1 () Sim 2 () Não

38 – Esse contrato é do tipo contrato profissional?

1 () Sim 2 () Não

39 – Você recebe alguma quantia em dinheiro a partir desse contrato?

1 () Sim 2 () Não

40 – Você possui algum tipo de contrato com o agente ou empresário?

1 () Sim 2 () Não

41 – Você recebe alguma quantia em dinheiro a partir desse contrato?

1 () Sim 2 () Não

42 – Você pretende se tornar um profissional do esporte que pratica?

1 () Sim 2 () Não

43 – Você pretende usar o esporte como ferramenta para entrar na faculdade?

1 () Sim 2 () Não

44 – Você pretende apenas continuar no esporte após a sua profissionalização?

1 () Sim 2 () Não

45 – Após a carreira como atleta, você pretende:

1 () Continuar trabalhando com o esporte 2 () Trabalhar em outra carreira fora do esporte

ESPORTE E ESCOLA

46 – O rotina no esporte atrapalha a rotina na escola?

1 () Sim 2 () Não Como? _____

47 – A concorrência para a profissionalização no esporte afeta a concentração na escola?

1 () Sim 2 () Não

48 – Você precisou fazer alguma mudança na escola por causa da rotina no esporte?

1 () Sim 2 () Não

49 – A escola:

a) abona as suas faltas causadas pelas rotinas no esporte? 1 () Sim 2 () Não

b) remarca provas? 1 () Sim 2 () Não

c) marca aula extra? 1 () Sim 2 () Não

50 – Os funcionários da escola (direção e professores) lhe tratam de forma diferente por você ser esportista?

1 () Sim 2 () Não

51 – Algum professor (a) ou diretor (a) já o questionou sobre seu salário ou outra referência relacionada ao esporte?

1 () Sim 2 () Não

52 – Você já foi constrangido publicamente por professores ou diretores por causa do seu envolvimento com o esporte?

1 () Sim 2 () Não

DADOS SOCIOECONÔMICOS

53 - Como você se CONSIDERA?

1 () Branco

2 () Negro

3 () Mulato/Pardo

4 () Amarela

5 () Indígena

6 () Não desejo declarar

7 () Outro _____

54 – Na sua casa, você e sua família possuem:

	Quantidade				
	0	1	2	3	4 ou mais
Banheiro	()	()	()	()	()
Empregados domésticos	()	()	()	()	()
Automóveis	()	()	()	()	()
Microcomputador	()	()	()	()	()
Lava Louça	()	()	()	()	()
Geladeira	()	()	()	()	()
Freezer	()	()	()	()	()
Lava Roupa	()	()	()	()	()
DVD	()	()	()	()	()
Micro-ondas	()	()	()	()	()
Motocicleta	()	()	()	()	()
Secadora de Roupas	()	()	()	()	()

55- Até que ano sua mãe e seu pai estudaram?

Escolaridade da Pessoa de Referência		
Analfabeto/Fundamental I Incompleto	Mãe	Pai
Fundamental I Completo/Fundamental II Incompleto	()	()
Fundamental II Completo/Ensino Médio Incompleto	()	()
Ensino Médio Completo/Ensino Superior Incompleto	()	()
Superior Completo	()	()
Não Sei	()	()

56 – Na sua casa tem:

Serviços Públicos		
	Sim	Não
Água Encanada	()	()
Rua Pavimentada	()	()

Fonte: ABEP/Critério Brasil (<http://www.abep.org/criterio-brasil>)